

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico

PERNAMBUCANO

VOLUME XV

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

Anno Social de 1912 a 1913



PREZIDENTE HONORARIO

Dezembargador Adelino de Luna Freire

PREZIDENTE

Dezembargador Francisco Luis Corrêa de Andrade

1.º VICE-PREZIDENTE

Dr. João Baptista Regueira Costa

2.º VICE-PREZIDENTE

Dr. Victalino Cordêiro Lins

3.º VICE-PREZIDENTE

General Apolinario Florentino de Albuquerque Maranhão

1.º SECRETARIO

Dr. Mario Carneiro do Rego Melo

2.º SECRETARIO

Dr. Enéas Pereira de Lucena

SUPPLENTES DE SECRETARIOS

Antonio Mendes Martins

Coronel Manuel de Carvalho Soares Brandão

ORADORES

Dr. Augusto Coelho Leite

Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti

THEZOUREIRO

João Walfrido de Medeiros

COMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. João Baptista Regueira Costa

Dr. Henrique Capitulino Pereira de Mello

Dr. Mario Carneiro do Rego Melo

COMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTOS

Commendador Antonio Joaquim Barboza Vianna

Antonio da Cruz Ribeiro

Dr. José Maria da Rocha Carvalho

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico
PERNAMBUCANO

COMISSÃO DE REDACÇÃO

*Drs. João Baptista Regueira Costa, Henrique Capitulino
Pereira de Mello e Mário Carneiro do Rego Melo.*

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria,
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosopopéa—*Bento Teixeira Pinto.*



Imprensa Industrial
I. NERY DA FONSECA
Rua Visconde de Itaparica ns. 49 e 51
RECIFE—1912



Summario do n. 79

	PAGINAS
<i>Mário Melo.</i> — A maçonaria e a revolução republicana de 1817 (com 5 estampas)	1
<i>Dr. Souto Maior.</i> — Uma assemblea de indios em Pernambuco.	61
<i>J. B. Regueira Costa.</i> — Recifes de pedra do Estado de Pernambuco (tradução).	78
Commemoração ao 1.º centenario do nascimento de Nunes Machado	90
<i>Henry Koster.</i> — Viagens no Brazil (trad. de A. Pimentel— Em continuação)	103
Declaração.	110



REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XV

Março de 1910

N. 79

A Maçonaria e a Revolução republicana de 1817

A idéa do govêrno republicano no Brazil, depois do exemplo que a França nos deu, foi sempre inspiração da maçonaria.

Não falamos no grito de Bernardo Vieira de Melo, com princípios republicanos é verdade, mas uma simples aspiração de momento para conter as lutas e separar os olindenses do jugo dos portuguezes que, dominantes no Recife, ameaçavam aniquilar o sentimento nativista em formação. Nem citamos tambem a inconfidência mineira, cujas idéas morreram como sonhos, tendo todos os conspiradores palavras de arrependimento, prova de que não estava doutrinação a revolução. Em Pernambuco, porem, no século que expirou, a liberdade partiu do seio das sociedades secretas, dos lábios dos adéptos da maçonaria para os ouvidos da multidão.

Desde 1800 que se doutrinava o povo, inoculando-se-lhe sentimentos puros, as idéas mais adian-



tadas, e inculcando-se-lhe no espirito que «o nosso pai que está nos céos, creou livres todos os homens», na expressão de Bernardo Luis Ferreira Portugal. (1)

Quantas tentativas fizeram os pernambucanos para gitar a todos os povos livres: somos irmãos? Quanto sangue derramaram nossos avós na conquista da liberdade? A revolução que explodiu a 6 de Março de 1817 vinha doutrinada desde o alvorecer do século dezanove. E não o foi somente no Recife; antes os ensinamentos vinham das vilas mais remotas, somente depois conseguindo aqui ter maior propagação.

O primeiro estabelecimento fundado, o primeiro centro que começou a estudar ás idéas adiantadas foi o Areópago de Itambé, onde pontificava o sábio botânico dr. Manoel de Arruda Câmara.

Talvez o nome de Areópago, aliás na maçonaria significativo de reunião de maçons de graus elevados, ocultasse os dezígnios maçónicos das reuniões dos sócios, porque era crime de pena última o cidadão professar ou se mostrar simpático á poderosa sociedade que ainda hoje é a mola da civilização e tem rezolvido todos os problemas sociais. Talvez fosse simplesmente secreto o douto grémio, mas tudo nos leva a crer que esse Areópago, de que a história guarda tradições, era uma loja maçónica, pois, tendo vindo o dr. Arruda Câmara da Europa, onde se iniciara nos *grandes e delicados mistérios da democracia*, trazendo o exemplo vivo da queda da Bastilha, fundara uma associação semelhante á em que fôra iniciado no Velho Mundo.

Além d'isso, «a maçonaria naquele tempo, como a

(1) DEÃO BERNARDO FERREIRA PORTUGAL. Discurso para entrega da nova bandeira aos revolucionários de 1817, no qual se lê este período que define o valor do eminente patriota:

«Patriotas, escudados por estas bandeiras, não tenhais medo nem dos escravos do norte, nem dos sevandijas do sul; eu mesmo, se vos faltar chefe, eu serei á vossa frente, tendo-me por mais feliz morrer com homens livres, do que viver com vis escravos.»

encontrámos na independência do Brazil, era mais uma associação política com o juramento dos irmãos fazerem a pátria livre, do que uma sociedade quaze caritativa, como hoje». (2)

Este juízo cresce tanto quanto é certo—e o próprio padre Martins (3) o afirma—que do Areópago de Itambé nasceram as duas «academias», que outras couzas não eram senão duas lojas maçónicas. Ainda mais veremos que tratando o autor de que falamos de Domingos Jozé Martins, um dos chefes da revolução, sócio de ambas academias, diz que «Martins se associara ao jeneral Miranda, chefe escolhido para emancipador da América espanhola; que pretendia introduzir no Brazil o plano de Washington, que o futuro mostrou pelo fato lamentavel de Gomes Freire (grão-mestre da maçonaria portugueza, assassinado pela inquisição) que a missão de Martins tinha portentozos efeitos; que finalmente, depois da revolução dos Estados Unidos, os princípios democráticos se espalharam pelo Brazil e muito singularmente desde que foram adotados pela revolução franceza, aumentando o governo portuguez o rigôr e vijilância, para que a doutrina democrática não tivesse publicidade; mas os adéptos disfarçaram-se, convertendo-a num grande segrêdo, unicamente conhecido e revelado a pessoas de confiança». (4)

Claro está portanto—e quem lêr todo o capítulo referente ao patriota Domingos Jozé Martins não duvidará—que estas sociedades secretas, quer se chamassem areópagos, academias, lojas, oficinas, universidades ou couzas semelhantes, eram lojas maçónicas para aqui transplantadas pelos espíritos adiantados que se iniciaram na Europa ou nos Estados Unidos, diferindo de nome justamente para fazer

(2) MÁRIO MELO. *A maçonaria no Brazil* (Prioridade de Pernambuco) Recife 1909—(Paj. 9).

(3) PADRE JOAQUIM DIAS MARTINS. *Os mártires pernambucanos*, vítimas da liberdade nas duas revoluções ensaiadas em 1710 e 1817. (Recife 1856)

(4) PADRE MARTINS. *Obra citada*.

confusão, desnortear o governo portuguez, não levantar suspeitas e melhor propagar as idéas da democracia, disfarçadamente.

Quem conhecer a história da maçonaria e a vir separada da lenda, não nascida na margem do Eufrates nem no templo de Salomão, mas transformada de confraria de York, donde só tinham assento os artistas, para franco-maçonaria onde as ideas liberais começaram a imperar, espalhando-se por toda a civilização, para cojitar do desenvolvimento politico de toda a Europa, derrubando dinastias, pondo fim á inquisição, acabando a tirania dos reis e proclamando a liberdade dos povos; quem conhecer a história dessa poderosa sociedade que tanto medo cauza aos déspotas e aos tiranos e tanto tem corrido para a independência dos povos, verá pela descrição que do Areópago faz o dr. Maximiano Machado, que a associação de Itambé era um dos templos maçônicos semelhantes aos da Europa e o primeiro que se instituiu no Brazil, como já uma vez tivemos ocasião de o demonstrar. (5)

(5) MÁRIO MELO. *A maçonaria no Brazil*. «Foi Pernambuco a província que, a par das liberdades políticas primeiro implantou o rejime da igualdade e fraternidade, com a instalação desse Areópago, de onde como satélites surjiram as academias do Paraizo e Suassuna.» Ao passo que o Areópago é anterior a 1800, as primeiras lojas que surjiram no Brazil foram a *Virtude e Razão*, na Baía, a 5 de Julho de 1802 e *Reunião, Constância e Filantropia* no Rio de Janeiro, em 1803.

O conhecido cronolojista dr. F. A. PEREIRA DA COSTA, em artigo publicado no *Arquivo Maçonico* de Dezembro de 1910, dá a introdução da maçonaria em Pernambuco no ano de 1801, reforçando assim com o seu conhecido valor a nossa téze de prioridade deste Estado, mas em seu luminoso trabalho não se refere ao Areópago, nem tão pouco cita as lojas levantadas nesse ano para documentação de sua afirmativa.

Eis o período a que nos referimos:

«No Brazil, é Pernambuco, positivamente o ponto de partida da introdução e propaganda da maçonaria no paiz, porquanto erijiram-se em 1801 algumas lojas no Recife, das quais saíram os elementos de criação de varias outras

«Era o Areópago uma sociedade política, secreta, intencionalmente colocada na raia das províncias de Pernambuco e Paraíba, frequentada por pessoas salientes de uma e outra parte e donde saíam, como de um centro para a periferia, sem ressaltos nem arroidos, as doutrinas ensinadas.

«Tinha por fim tornar conhecido o estado jeral da Europa, os estremecimentos e destroços dos governos absolutos, sob o influxo das idéas democráticas.

«Era uma espécie de majistério que instrua e despertava entusiasmo pela república, mas em harmonia com a natureza e dignidade do homem e ao mesmo tempo inspirava ódio á tirania dos reis.

«Era, finalmente, a revolução doutrinada, que traria a independência e o governo republicano á Pernambuco » (6)

A primeira tentativa do Areópago foi tornar Pernambuco independente, sob a proteção de Napoleão Bonaparte. Não um simples pensamento, mas uma idéa, que não teve execução devido a um malogro inesperado.

Já Jozé Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque se achava em Lisbôa, como agente acreditado e Francisco de Paula de Albuquerque Montenegro tivera poderes de seguir para o Rio da Prata e Nova-York, no mesmo caráter, ambos filiados ao Areópago, quando uma denúncia fez o primeiro ser prezo e mais tarde sôlto á falta de provas, por as ter abafado o escrivão Fonsêca, mediante rios de dinheiro que fez correr o frade Jozé Laboreiro. (7)

nas principais povoações do interior, constituindo essas oficinas um centro de ação na capital da Baía, com a instituição de um grande oriente ou governo supremo, onde rezidiam vários associados, iniciados e elevados a altos gráus na Europa, fato este que sem dúvida teve lugar em 1802, quando já se havia instalado naquela capital uma loja com o titulo *Virtude e Razão*, do rito moderno e de cuja agremiação saíram outras oficinas.»

(6) M. L. MACHADO. *Introdução á história da revolução de 1817* (Recife 1884.)

(7) PADRE MARTINS. *Obra citada.*

E, quando Napoleão expiava em Santa Helena as culpas de conquistador, momentos após a revolução de 6 de Março de 1817, ainda Pernambuco fez uma tentativa, por intermédio de seu emissário nos Estados Unidos, para arrancar dos penhascos o grande prisioneiro que anteriormente lhe prometera independência, dando-lhe pouzo seguro em Fernando de Noronha, até que os seus melhores oficiais o collocassem novamente no trono de França, que ele tanto engrandeceu. (8)

Ocorre-nos ainda outro argumento para corroborar o juizo que temos feito relativamente a ser o Areópago uma sociedade maçónica. E' que a cauza da revolução de 1801 abortar foi uma denúncia levada ao governo portuguez, fazendo sobre ella o seguinte comentário o dr. M. L. Machado (9). «Não podendo os governos da Europa corromper as sociedades maçónicas, nem embaraçar os seus progressos, introduziram nelas espiões, no intuito de persegui-las, com receio da invazão das novas idéas.»

Ainda mais reforça a nossa proposição o seguinte trecho da carta dirigida pelo desembargador João Ozório de Castro Souza Falcão, escrivão da alçada para conhecer do movimento de 1817, ao ministro do reino e transcrita na *Introdução* do dr. Maximiano Machado:

«As idéas revolucionárias foram transmitidas em 1801 por Francisco de Paula Cavalcante e Luis Francisco de Paula (10) de que houve denúncia e

(8) J. A. FERREIRA DA COSTA. *Napoleão I no Brazil*. (Tentativa de evazão do prisioneiro de Santa Helena, concertada entre emigrados francezes nos Estados Unidos e os agentes da revolução pernambucana de 1817) *Rev. do Inst. Archeológico*—Vol. X, n.º 57 (Março de 1903).

(9) M. L. MACHADO. *Obra citada*.

(10) PADRE MARTINS. *Obra citada*—«Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque fôra prezo em 1800 com seu illustre irmão Luis Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, como autor de uma conspiração que tinha por objeto formar de Pernambuco uma república, sob a pro-

estes dois foram presos, e depois soltos por falta de provas, porque no exame dos papeis (como dessa devassa se sabe) uma das cartas foi abafada pelo escrivo Fonsêca, que em prémio recebeu 400\$000. As idéas começadas pelos dois Arrudas (11) médicos em Goiana, pelos vigários de Santo António e Recife, cresceram e propagaram-se pelos estabelecimentos das lojas maçónicas, nas quais excluidos das suas sessões particulares os maçons europeus, a maior parte dos quais eram filhos do paiz, seduzidos desde 1814 pela chegada de Domingos Jozé Martins, se fizeram conspiradores.» (12)

Até aqui temos procurado demonstrar que o Areópago de Itambé, sendo uma sociedade secreto-política era, em verdade, uma loja maçónica, fundada para cojitar da liberdade do povo pernambucano, de acordo com o que sucedera na França, nos Estados-Unidos e estava combinado realizar-se em toda a América latina. Expressamo-nos desta maneira porque de um estudo mais ou menos profundo que já fizemos, foi esse Areópago a primeira columna de um templo maçónico, levantada em sólo brasileiro e sobre o qual, a par de estudos científicos, de combinações políticas para a independência da pátria, se rendeu sincero culto ao supremo architecto do universo. (13)

teção de Napoleão. Seu terceiro irmão Jozé Francisco de Paula, então em Lisboa, figurava na conjuração como agente acreditado junto ao protetor e escapou de ser preso, fujindo para a Inglaterra. O público jamais penetrou os escondrijos deste mistério, porque molas reais e secretas fizeram correr sobre elles cortinas impenetraveis. Foi certo, com tudo, que rios de dinheiro correram pelas relijozas mãos de frei Jozé Laboreiro, tirando-se por fruto, serem os acuzados restituídos á liberdade, á posse dos seus bens sequestrados, á estima e prémios do soberano!» Paj. 12.

(11) Manuel de Arruda Câmara, habilissimo médico e naturalista e Francisco de Arruda Câmara, doutor em medicina, ambos rezidentes em Goiana e de grande preponderância no Areópago.

(12) J. C. FERNANDES PINHEIRO. *Estudos históricos.*

(13) MÁRIO MELO. *Trab. citado.*

II

Morta a conspiração tramada por promessas de Bonaparte e presos alguns dos conspiradores, foi o Areópago dissolvido, seguindo para Lisbôa o seu grande mestre, dr. Arruda Câmara.

Déla, além dos Arrudas e dos tres irmãos Cavalcante de Albuquerque, faziam mais parte os reverendos António Felix Velho Cardozo, Jozé Pereira Tinôco, António de Albuquerque Montenegro e João Ribeiro Pessôa. Vamos encontra-los, quaze todos, na jornada glorioza de 6 de Março de 1817.

E' preciso notar que «os sacerdotes formavam a classe mais instruida do paiz e por este próprio fato se aninhava entre êles o mais veemente amor á liberdade», segundo observa Oliveira Lima. (14).

Do Areópago, dos que beberam as primeiras lições de patriotismo, dos que ouviram pela primeira vêz o hino da liberdade, dos que sonharam uma pátria independente da metrópole, vamos encontrar na revolução de 1817, com o mesmo ardor da conspiração de 1801: Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, elevado a jeneral de divizão pelo governo revolucionário; seu irmão Luis Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, figura preeminente na conquista da liberdade; dr. Francisco de Arruda Câmara, médico em Goianna, «oráculo nos conselhos daquela vila, onde o seu voto foi sempre respeitado, procurado e seguido durante o império da liberdade», na opinião do padre Martins; António Felix Velho Cardozo, ardente propagandista da liberdade na Paraíba, sua terra natal e o padre João Ribeiro Pessôa, membro do governo provizório, a cabeça pensante da revolução, e por quem, no juizo de Koster, (15) o povo professava profunda veneração.

(14) M. OLIVEIRA LIMA. *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*. (Leipzig 1895)

(15) HENRY KOSTER. *Voyages dans la partie septentrionale du Bresil*. (Paris 1818).

Dois discípulos do dr. Arruda Câmara adoravam a liberdade, mas com o fôgo sagrado que queima os corações patriotas. De classes diferentes—militar um e eclesiástico outro—havia entre ambos tantos pontos de contacto que muitas vezes a negra batina deste se confundia com os botões dourados daquele. Eram o capitão-mor de Olinda Francisco Cavalcante de Albuquerque e o padre João Ribeiro. Francisco Cavalcante de Albuquerque, cavalleiro do hábito de Cristo, nas vésperas da revolução, apenas se viu desgarrado das mãos inclementes da justiça, como conspirador em 1801, graças aos rios de dinheiro que correram pelas relígiozas mãos de frei Jozé Laboreiro, internou-se em seu enjenho Suassuna, de onde lhe veio o apelido por que era popularmente conhecido e o converteu «numa brilhante academia, onde os adeptos e aprendizes, não só da provincia e nacionais mas ainda estrangeiros achavam luz, agasalho e subsídios.» (16)

João Ribeiro Pessôa, natural de Goiana, filho de pais sem fortuna mas espírito perspicaz, seria condemnado ao esquecimento da história se o não procurasse o dr. Arruda Câmara que o instruiu nas ciências naturais e nos grandes e delicados mistérios da democracia, recomendando-o ao bispo Azerêdo Coutinho que o aproveitou como lente de desenho da universidade de Olinda.

Iniciado no Areópago de Itambé pelo seu protetor, sócio da Academia de Suassuna, João Ribeiro pretextou uma viagem á Europa onde, segundo o padre Martins, apertou os laços suassunais. (17)

(16) PADRE MARTINS. *Obra citada.*

(17) PADRE MARTINS. *Obra citada.*

PEREIRA DA COSTA--*A maçonaria em Pernambuco.* «O que há entretanto de positivo, por constatação histórica sobre a introdução da maçonaria no Brazil é que em 1800 se creara uma loja maçónica em Pernambuco, com intuitos puramente políticos, como núcleo para a instalação de outras e da qual faziam parte nomeadamente, os padres Miguel Joaquim de Almeida Castro, João Ribeiro Pessôa de Melo Montenegro e Luis Jozé Cavalcante Lins, os

Uma reflexão entre parênteses : Se as academias não eram filiadas á maçonaria, associação que não tem pátria nem religião, como explicar o fato de Cavalcante dar agasalho e subsídios não só aos da *provincia e nacionais como a estrangeiros* ? E de João Ribeiro apertar os laços suassunais em Lisbôa, contra cujo domínio conjurava, ensinando nas academias daqui que se devia ser livre do jugo portuguez ?

Como perceber Domingos Jozé Martins partindo para Londres, Teotónio Jorje para Rio e Baía e Suassuna para Ceará, Paraiba e Rio Grande do Norte ?

De que caráter eram então essas academias que se relacionavam no exterior, até com Portugal, o inimigo que se tinha á frente ?

A sociedade, diz ainda o padre Martins relativamente á Academia de Suassuna « pôz em movimento as suas mais possantes mólãs para se transferir de Olinda para o Recife a cadeira de dezenho com o seu professor e tudo se conseguiu, dando-lhe a administração do hospital do Paraizo. »

Sob a inspiração e o ardor do patriota Francisco Pais Barreto, foi fundada a Academia do Paraizo, cuja administração, a título de aula de dezenho, foi concedida ao padre João Ribeiro, que ninguem igualava em talento e patriotismo. Fundados esses dois centros de irradiações democráticas, um no Cabo, no enjenho *Suassuna*, sob a direção de Francisco de Páula Cavalcante de Albuquerque e outro no Recife, sob o zêlo do padre João Ribeiro, os sentimentos de liberdade começaram a ser ensinados aos que se faziam sócios e pouco a pouco a revolução começou a ser doutrinada para primeiro se inocular e amadurecer no coração do povo, antes dos fatos consumados.

Qual semente fecunda que se propaga e frutifica em terreno adrede preparado, o amor á li-

dois primeiros lentes do seminário de Olinda e o terceiro vigário de Santo António do Recife, iniciados maçons em Lisbôa, no ano de 1807. »

« *Arquivo maçónico* », n.º 52, ano V, (Dezembro de 1910).

berdade em pouco estava infiltrado no coração dos patriotas, vindo mesmo alguns cidadãos de outras províncias beber em Pernambuco as luzes de que careciam para as espalhar com os seus amigos.

Francisco Xavier de Novais Cavalcante, capitão mór de Iguarassú, cavalheiro da ordem de Cristo, associou-se ás duas academias e fundou uma em sua residência, filiada ás que existiam, á qual deu o nome de «oficina», tal qual a maçonaria domina os seus grémios.

Dessa nova academia, da Oficina de Iguarassú onde cerimoniava e instruía os adeptos António Carlos Ribeiro de Andrada, deveria sair a revolução, num levante contra impostos, tendo havido num momento de entusiasmo durante uma reunião, o grito sediciôzo de «morram os marinheiros!» (18)

António Carlos Ribeiro de Andrada, irmão de Jozé Bonifacio de Andrada, o patriarca da Independência e primeiro grão-mestre da maçonaria brasileira, tendo sido aquele quem elaborou o primeiro projeto de constituição maçónica, homem extraordinário, «herói muito superior á sua fama», na linguagem do padre Martins, aqui chegou como ouvidor da comarca de Olinda em 1815, associando-se logo ás duas academias.

Foi tão fervorozo adépto da idéa republicana que, á semelhança de Pais Barrêto, fundou em sua caza uma «universidade» democrática, filiada ás academias e teve ainda poderes especiais, tanto assim que o padre Martins lhe chama, «academia ambulante» o que denota ter António Carlos competência não só para iniciar os neófitos em sua universidade, como em qualquer lugar onde se achasse.

António Gonçalves da Cruz Cabugá, já iniciado na Europa, associou-se aqui chegando ás idéas cor-

(18) PADRE MARTINS. *Obra citada.*

«...Tambem foi certo que nesta «oficina» se pronunciou em plena assembléa ou banquete o grito deszacautelado e que tanto mal tinha de fazer á cauza:—morram os marinheiros!» (Paj. 158).

rentes, com o maior entusiasmo, reunindo e banqueteando os revolucionários em sua caza no Recife e no Manguinho e pontificando na loja conhecida por *PERNAMBUCO DO ORIENTE*. (19)

Domingos Jozé Martins, o negociador da aproximação da república com as potências estrangeiras, o maçom de grande prestígio não só em outras províncias do sul como no estrangeiro, abraçando ou antes, fazendo-se chefes das sociedades secretas que o ouviam como mestre, (20) fundou em sua própria caza uma loja maçónica a que deu o nome de *PERNAMBUCO DO OCIDENTE*. (21)

Jozé Luis de Mendonça, o maior advogado da época e literato de nomeada, filiados ás duas academias, das quais era oráculo, tinha poderes de iniciar em sua caza novos catecúmenos, tanto que o padre Martins ouviu d'ele uma vêz em que voltava de seu gabinete rodeado de capitães do interior aos quais recebera como juramentados, estas frases de dezánimo:

«O' maldita liberdade! Eu morra de repente se em quarenta anos esta jente souber compreender esta palavra!» (22)

(19) CAETANO PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO. *Officio ao Conde dos Arcos*;

«Nos 16 dias de viagem, alem dos fatos já referidos, deram-me mais o mestre e piloto, e principalmente este, as noticias seguintes: Que no Recife havia duas lojas de pedreiros livres, denominadas *Pernambuco do Oriente* e *Pernambuco do Occidente*, uma em caza de Antonio Gonçalves da Cruz e outra em caza de Domingos Jozé Martins, o que eu nunca soube nem me foi denunciado»...

(20) Vide nota antecedente.

(21) PADRE MARTINS. *Obra citada*. «Chegado a Pernambuco o idolatrado dos consócios, tratou logo de fazer prozélitos, pondo em prática dádivas, banquetes, fianças, empréstimos pecuniários, toda a sorte de jenerozidade; o enjenho que comprou no Cabo e a caza que habitava no Recife eram hospedarias jerais, assim para Pernambuco como para o Ceará, Rio Grande e Paraíba, donde todos saiam contentes e eletrizados.»

(22) PADRE MARTINS. *Obra citada*.

Vicente Ferreira dos Guimarães Peixôto, cirurgião, talvez um dos maçons mais graduados de Pernambuco, filiado ás duas academias era conhecido por *aliciador público de prozélitos*. Tinha uma «escola» secreta em sua casa e, segundo documento pelo próprio publicado em 1838, foi êle o reinstalador ou fundador de uma loja maçônica em 1821, seu 1.º veneravel, e á qual, em honra da revolução de que fizera parte ou para lembrar aos presentes os atos passados, lhe dera o nome de «Seis Março de 1817», loja que ainda hoje subsiste. (23)

E' de crêr também que em todas as vilas principais, cujos capitães-mores eram iniciados e adeptos da revolução, houvesse uma oficina filiada ás duas academias. A história nol-o não diz mas facilmente, dos fatos que apontamos, isso se deduz.

Ainda mais; descrevendo os prenúncios da revolução, monsenhor Muniz Tavares, que foi secretário de Academia do Paraizo, diz que em 1816 existia em Pernambuco uma *Grande Loja Provincial*, á qual eram filiadas quatro oficinas maçônicas. (24).

Não sabemos se nesse meio estavam incluídas as academias e suas filiais, porém, além das lojas maçônicas de que temos falado no decorrer desta exposição, funcionavam no Recife a *Guatimozim* que foi o nome de guerra escolhido depois por d. Pedro 1.º, o nosso 2.º grão-mestre, e RESTAURAÇÃO e PATRIOTISMO, ambas em tal grau de prosperidade que em 48 horas foi coberta uma quota de 10 contos fortes em favor dos naufragos da galera *Balsemão*, capitaneada por Estevam Jozé Alves, membro da RES-

(23) V. F. DOS G. P. gr. 32. Projeto de regulamento interno para a loja *Vigilância e Segredo*—(Recife 1838).

(24) MONSENHOR MUNIZ TAVARES. *História da Revolução de Pernambuco de 1817*.

«O temor do comprometimento e a crassa ignorância restringia a aquisição de adéptos em todas as províncias, fóra a de Pernambuco que já em 1816 contava debaixo da direção de uma grande *Loja Provincial*, quatro lojas regulares, compostas de pessoas distintas por ciência e virtude

TAURAÇÃO, sendo digno de nota ainda, que cada loja assinou apenas 400\$000! (25)

As sociedades secretas portanto tinham ramificações extraordinárias em Pernambuco. (26)

III

A maçonaria estava espalhada em quase todas as províncias do Brazil.

Na Baía, então capital, teve ingresso a 5 de Julho de 1802, no mesmo tempo da fundação da Academia de Suassuna, e tres anos depois da do Arcéopago de Itambé.

Portuguezes ali rezidentes instalaram a loja VIRTUDE E RAZÃO, do rito francez, subdividindo-a depois em tres outras, para que fosse instituido o Grande Oriente do Brazil, (27), centro e fóco de toda a maçonaria regular de nossa pátria e ao qual era, segundo Muniz Tavares, (28) filiada a nossa grande

(25) *Manifesto da Loja Constituição.* (Rio 1835)

(26) Em uma de suas *Cartas a Damão* compiladas por Antonio Joaquim de Melo, frei JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA tambem revolucionário de 1817 e chefe da Confederação do Equador em 1824, dá a entender que a maçonaria estava muito ramificada no interior da Província. Do mesmo modo pensa PEREIRA DA COSTA (vide nota n.º 5) Ao menos no Cabo, em Olinda e Iguarassú havia filiais das academias, não sendo de estranhar a existência de alguma em Pau d'Alho, vila muito frequentada por António Carlos Ribeiro de Andrade, porquanto este tinha uma *universidade* em sua caza e, como José Luis de Mendonça, gozava poderes de iniciar prozélitos nos segrêdos da liberdade, que era então o fim da maçonaria. Uma das lojas recifenses *Restauração*, ou *Patriotismo*, segundo refere Armitage foi instalada com o fim expresso de instaurar o governo republicano.

«Foram todas essas associações,—diz PEREIRA DA COSTA referindo-se ás lojas e academias—que impulsionaram o movimento emancipacionista que irrompeu a 6 de março de 1817, e que prematuramente explodindo, deu cazo ao seu malogro, e que tantos mártires e tantas vidas custou!»

(27) ASTRÉA, *A maçonaria na Província da Baía* (Rio de janeiro 1847)

(28) MUNIZ TAVARES—*História da Revolução de 1817.*

loja provincial—poder supremo da maçonaria pernambucana.

No Rio de Janeiro éla assentou suas bases no ano immediato, em 1803, com a fundação das tres lojas REUNIÃO, CONSTANCIA e FILANTROPIA, por autorização do Grande Oriente Luzitano, a que estavam filiadas. Prosperaram bastante, mas foram obrigadas a abater suas colunas, devido á intolerância do conde dos Arcos que, tendo recebido denúncia, moveu as maiores perseguições aos filiados, obrigando-os a lançarem os arquivos ao fogo (29)

Não abandonando os crédos, os obreiros faziam secretamente suas reuniões, ora em caza de um ora em caza de outro confrade, não obstante as suspeitas e as prizões, até que em 1815 foi instalada a loja COMÉRCIO e ARTES, ainda hoje existente, subdividida mais tarde, 1821, em tres—COMÉRCIO E ARTES, UNIÃO E TRANQUILIDADE E ESPERANÇA DE NITEROI, para a organização do Grande Oriente do Brazil, supremo árbitro de toda a maçonaria. (30)

Em Minas, a pátria da Inconfidência, não sabemos se havia lojas maçónicas porque ninguem se deu ainda ao trabalho de bem estudar a história da maçonaria em nosso paiz, mas é certo que o dr. Jozé Alves Maciel era iniciado em seus mistérios e as relações entre os inconfidentes—chefes espirituais do levantamento—e Jefferson,—o grande espirito independente dos Estados Unidos,—nos levam a crêr que os nossos patrícios do sul aprenderam a ser republicanos no fundo de uma officina maçónica.

No Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagôas havia lojas maçónicas não só nas capitais como em cidades do interior, tanto assim, que, em quanto Domingos Jozé Martins, antes de 6 de Março de 1817, partia para a Europa afim de pôr em campo a revolução e Domingos Teotónio Jorje, seguia para o

(29) ASTRÉA—*A maçonaria no Brazil* (Rio de Janeiro 1847).

(30) MANOEL JOAQUIM DE MENEZES—*Exposição histórica da maçonaria no Brazil*.

sul com a mesma idéa, Suassuna embarcava com destino ás províncias do norte.

Nos principais centros do Brazil frutificava essa instituição que o cónego Januário da Cunha Barboza, fundador do Instituto Histórico Brasileiro (31) chamava «filha da ciência e mãe da caridade».

De 1809 por deante cada maçon—diz Muniz Tavares, (32) começou a organizar, nas cidades de seus domicílios lojas ou oficinas, subordinadas ao Grande Oriente da Baía. As de Pernambuco estavam então

(31) JANUÁRIO BARBOZA—*Discurso*—«filha da ciência e mãe da caridade, fossem as sociedades como tú, ó santa maçonaria, e os povos viveriam eternamente numa idade de ouro. Satanaz não teria mais o que fazer na terra e Deus teria em cada homem um eleito.»

Vem a propósito salientar a divergência reinante hoje entre a Igreja católica e a maçonaria, ferida por várias bulas de papas que lançaram excomunhão sobre os seus adeptos, como outr'ora, ao tempo da confraria de York, lançaram bênçãos.

Não obstante isso, especialmente no Brazil, temos a maçonaria julgada pelos padres e frades com os conceitos mais honrosos e imagináveis.

Entre outros, não é inoportuno transcrever os seguintes:

«Nenhuma verdade resplende mais do que aquela que dá á maçonaria o seu lugar como a melhor benfeitora da humanidade. Onde há uma dôr, ela consola; onde há uma lagrima, ela enxuga; onde há um orfão, ela ampara; onde há um ignorante, ela ensina; onde há um criminoso, ela aconselha; onde há um virtuozo, ela dele se apropria; onde há um bem, ela o pratica. E' digna do divino filho de Maria.»—PADRE JOÃO DE SANTA BÁRBARA.

«A Maçonaria é a virtude personificada.»

PADRE MANOEL INÁCIO DE CARVALHO,

Não tem um só símbolo que não seja a aplicação de alguma verdade transcendente. Não possui um só mistério que não o cubra a pratica de alguma virtude.»—IDEM.

«A maçonaria tem para mim a grande virtude de esconder-se para fazer o bem. E' o contrario de todas as outras sociedades que só se escondem para fazer o mal. Enquanto não fui maçon, eu cria como um cego; depois que entrei na maçonaria, creio como quem vê.»—VIGARIO ALBINO DE CARVALHO LESSA.

«A maçonaria guia o povo para a conquista da verdade, que é Deus, como a coluna de fogo que guiava o povo

no seu auge de vivacidade ligadas ás de outras capitâneas e ás do Velho Mundo por laços de irmandade e filiação, propozitalmente avivados pelas vias de alguns consócios, na afirmativa de Oliveira Lima. (33)

A corrente que dominava todos os revolucionários, o espírito de liberdade, igualdade e fraternidade em todos inculcado; o desejo ardente de ver a pátria livre, todo esse cortejo de aspirações sagradas que

de Moisés á conquista da terra da promessa. A maçonaria é para os homens de ação o que a estrêla do oriente foi para os reis magos: um guia fiel.»

CÓNEGO JULIANO DE FARIAS LOBATO.

« Os fins da maçonaria em nada são opostos aos dogmas da religião de Jezus Cristo e se o fôsem eu seria indigno ministro, não occuparia lugar no meio desses homens. A moral maçónica é toda santa e o divino mestre foi o mais fiel de seus adeptos »

PADRE MANUEL BERNARDES.

« Jezus Cristo criou a igreja dando-lhe por base a moral mais sublime. A maçonaria parece que parafraseou a divina instituição; fez da moral de Jezus Cristo o seu código.»

PADRE JERALDO LEITE BASTOS.

« A maçonaria é uma escola de sublimes virtudes, que por meio de sublimes mistérios toca o coração humano e o conduz ao exercício de todas as virtudes »

PADRE ANTÓNIO MIRANDA.

« A maçonaria teve o poder de fundar a mais sã filozofia fazendo jerminal as doutrinas de São Vicente de Paula, Tomás de Aquino e mais tarde, Boussuet, Fenelon e Chateaubriand que inundam de pura luz o orbe inteiro.»

PADRE NASCIMENTO FARIA.

« Os papas temem-se temido da maçonaria porque ela não admite sofismas relijiosos, crê em Deus e segue todas as máximas do Evangelho. Não crê na infalibilidade do papa nem nas especulações do dinheiro por indulgência.»

PADRE ANICETO GOMES DE ARAUJO.

« Jezus Cristo instituiu a caridade. A maçonaria apoderou-se dela e constituiu-a sua mestra. E' sob os seus auspícios que não morre a sua esperança e se robustece a sua fé. Bendita seja esta irmã da igreja na virtude.»

BISPO SEBASTIÃO PINHO DO RÊGO.

(32)—MNS. MUNIZ TAVARES. *Obra citada.*

(33)—OLIVEIRA LIMA. *Obra citada.*

constitue o crêdo da relijião do patriotismo, fôra aprendido no seio da maçonaria, difundira-se entre os confrades como a electricidade se espalha entre corpos metálicos ao simples contacto e do interior dos templos maçônicos partira para a opinião pública, pela voz de João Pessôa, padre Miguelinho e deão Portugal, verdadeiros ídolos de todas as classes. Aos novos catecismos que tinham como dogma a idéa de liberdade, da conquista dos direitos do povo, atiravam-se com fome os pernambucanos e com sofreguidão os devoravam.

Pelo que acabamos de expôr, está evidentemente demonstrada parte da nossa teze: A revolução de 6 de Março de 1817 foi influenciada e inspirada pela maçonaria.

IV

Qual a orijem e o caráter dessa associação que tem o dom de inflamar os corações, doutrinar os povos, quebrar os grilhões do cativo, derrubar tronos, proclamar a liberdade de consciência e instituir o réjime da liberdade em todo o Universo?

A sua orijem é quaze desconhecida. Velha como o próprio desenvolvimento da humanidade, a lenda penetrou na sua história e difficilmente hoje se póde dizer quem foi o seu instituidor. Oliver (34) e Anderson, (35) historiadores inglezes, querem ou procuram achar o primeiro templo maçônico no paraizo terrestre, dizendo que Adão iniciou os filhos, fazendo-os mestre das artes, como se as artes já existissem naquele tempo!

E daí por diante lá vem a maçonaria, ora derivada por Abraão no Ejipto com a descoberta das sete ciências livres; ora por Jabal e Tubalcain com os princípios de todas as ciências; ora por Misraim,

(34) OLIVER. *Antiguidades da Maçonaria.*

(35) ANDERSON. *O livro das constituições.*

o povoador do Egipto, ensinando os homens a servirem-se de sinais e símbolos na falta de palavras pela confusão de raças e línguas diferentes; ora nas antigas iniciações de que hoje é um arremêdo, bebendo um pouco dos mistérios persas, inspirando-se nos Brackmanes, imitando Isis, compilando os grêgos e finalmente abeirando-se do Judaísmo, até chegar à construção do templo de Salomão, cerca de 4.000 anos antes de Cristo "fazendo ressurgir 40.000 operários de Hirão, ligados entre si pela solidariedade do officio e pelo nobre fim que os reunia no cimo da sagrada Salem, talhando o cedro do Líbano, modelando o granito e o pórfiro da Líbia, esculpindo as pedrarias da India e as pérolas do Eriten, na faina indefessa de elevarem um hino a Jeová». (36)

Abandonando porém as supozições e entrando no domínio da história, então vemos da Confraria de York, fundada em 926, partir a maçonaria como architectónica, dividindo os operários em mestres, companheiros e aprendizes.

Ligados por um laço misteriozo e possuindo o segredo das construções, eles se ramificaram na Lombardia, entraram pela França, atravessaram a Alemanha e pouzaram na Inglaterra, deixando em toda a parte sinais de sua passagem com a construção das bazílicas da idade média, ainda hoje admiradas.

Do seculo XIV por diante mudou de caráter, admitindo pessoas estranhas ás artes e pouco a pouco se foi transformando, até que em 1717 tomou a denominação de franco-maçonaria, iniciando soberanos, príncipes e sábios que confundiam os veludos e as sedas de suas vestes com o algodão da bluzas dos artistas

"O trabalho da arte foi trocado pelo da inteligência, o escopro pela palavra e pela pena, a pedra pelo papel e pelos tipos, o edificio pela discussão, pelo livro e pelo jornalismo, difundindo-se de paiz

(36) LEOPOLDO FIRES. *Discurso na Loja Conciliação.*

a paiz. (37) Daí por diante, ela se adaptou a todas as civilizações, partindo de Londres e York para todas as províncias da Grã-Bretanha, da América e da África

Na Europa penetrou primeiro na França, depois na Alemanha e daí se irradiou de norte a sul do Velho Mundo.

Proclamadora dos direitos dos povos em França, o acontecimento que fêz um ciclo na história da humanidade; libertadora dos Estados Unidos da América ingleza, pela cabeça de Washington, da América espanhola pelo braço de Bolívar, e da América portugueza pelo grito de Pedro 1.º e pela doutrina de Jozé Bonifácio; destruidora da Inquição; fatôra da liberdade de cultos e da igualdade das raças, perseguida pelos inimigos do progresso, a maçonaria cada vez discortina novos horizontes e estende mais os seus domínios sobre todo o universo, sem relijião mas respeitando todos os credos, contanto que não flajelem a humanidade.

O seu idéal é a ordem, a civilização, o progresso e o bem estar dos povos, para que entre todos haja igualdade de direitos.

“Nenhuma instituição apresentando melhores trabalhos á rejeneração nacional,” na opinião de Muniz Tavares, (38) a maçonaria “esta sociedade secreta—ainda na sua fraze—instituída com o louvavel fim de confraternizar os homens e excita-los á prática das virtudes morais, concedendo aos seus membros plena garantia de pensar, oferecendo mútua comunicação de idéas e socórros, facilitando a correspondência por todos os lugares e exigindo inviolavel segredo do seu procedimento”, animada pelo exemplo dos Estados Unidos da América, tomou a ombros o gloriozo projeto de libertar o Brazil dando-lhe o rejime republicano, doutrinou os mais sá-

(37) MÁRIO MELO, *Orijem da Maçonaria. Arquivo Maçonico*, (Recife 1907.)

(38) MONS. MUNIZ TAVARES. *Obra citada*.

bios e mais influentes para que estes ditassem o mesmo catecismo ao povo, confraternizou o mesmo pensamento em todas as lojas brasileiras e sonhou, por momentos, o que já era uma aspiração nacional em todo o Brazil e secular em Pernambuco.

Conhecedor de tudo isso, Caetano Pinto Montenegro, governador da província, fingindo ignorar a força desta associação e o valor e patriotismo de seus filiados, ao ter denúncia dos planos da conspiração de 1817, porque a catequeze já tinha saído do interior dos templos para as praças públicas, porque o *grande secreto se tornou quaze vulgar*, (39) exclamou tranquilamente: *Os maçons se divertem; nada farão...*

V

Puro engano.

Os maçons eram em jeral pernambucanos e desde os remotos tempos da restauração, quando os filhos da antiga capitania de Duarte Coelho por esforço próprio lançaram, após uma guerra cruenta de vinte e quatro anos, o jugo holandez, deixaram bem patente que mais cedo ou mais tarde os portuguezes perderiam a autonomia sobre Pernambuco.

Se por um lado ainda ressoavam os écos da revolução franceza de 1789 em que foram assegurados os direitos do homem; se o feito brilhante de Washington tinha nos brasileiros os maiores admiradores, desde a inconfidência mineira; se os exemplos da República Arjentina e de Venezuela estavam ainda vivos, o quadro da metrópole para com a opulenta província que se estendia do rio S. Francisco ao Maranhão não era animador. Antes instigava seus habitantes á luta pela liberdade.

A côrte que D. João VI—antíteze do duque de Borgonha,—trouxera para o Brazil em 1808, no momento de cobardia em que fujira do reino deixando

(39) PADRE DIAS MARTINS. *Obra citada.*

os subditos entregues ao exército conquistador de Napoleão Bonaparte, era composta de indolentes, em cujo benefício, para as devassidões do Paço, era absorvida toda a indústria de Pernambuco com as contribuições onerosas que por sua vez sufocavam a agricultura, fonte principal, ainda hoje, de nossa riqueza. (40)

Empréstimos foram criados sobrecarregando também o comércio e nenhum benefício material trouxeram para a província, cuja capital era uma negação aos preceitos da higiene.

Daí partiram os ensinamentos ao pòvo, pelos mais inteligentes que disso tiravam o maior proveito.

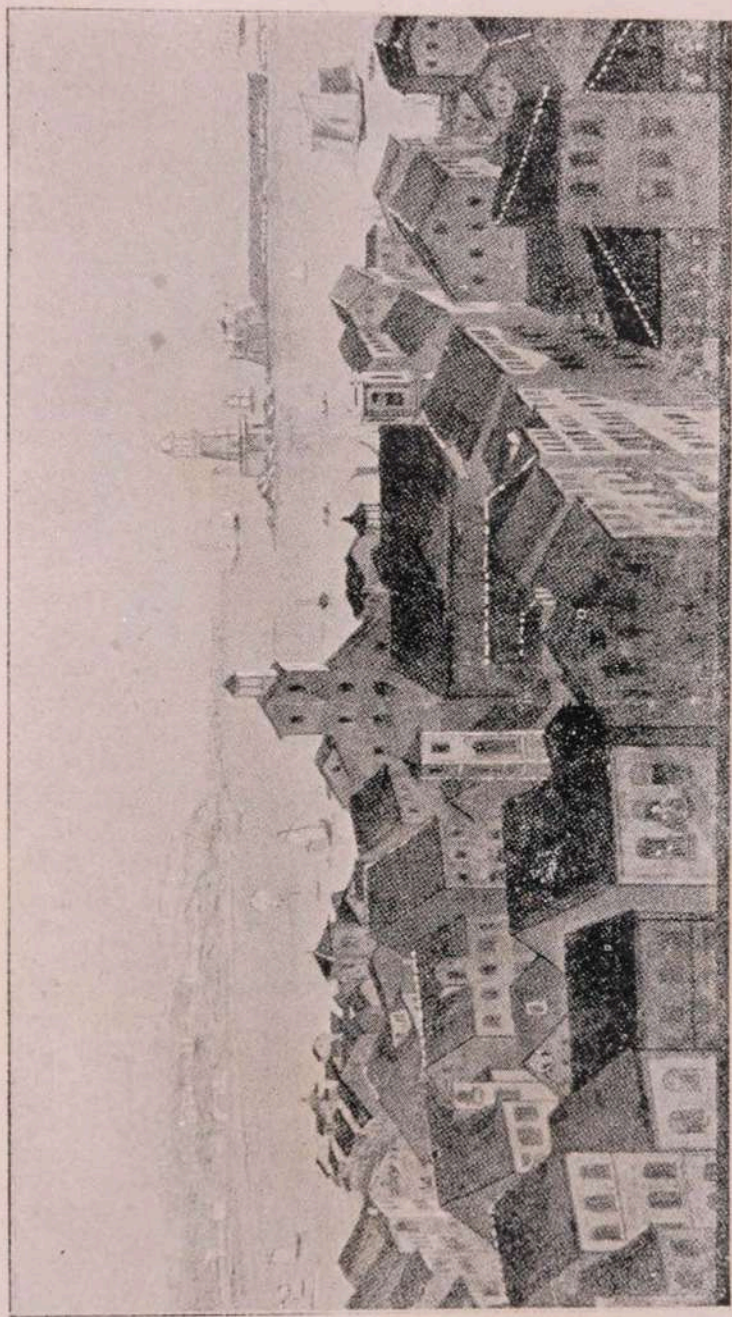
Por cauza de impostos, já não havia Bekman levantado a população maranhense, num grito de revolta?

Porque se insurjiu contra tributos asfixiantes e injustos, não foi Felício dos Santos, em 1720, cabeça de um motim que lhe valeu o esquartejamento?

Quando uma população se levanta em sinal de protesto, por uma exigência do fisco, paizes mais adelantados não se têm sentido em maiores dificuldades?

A par da devassidão de uma còrte mendicante; de uma indústria florescente, condenada a dezapare-

(40) Ha verdadeira dezarmonia entre escritores nacionais sobre o caráter de d. João VI e os benefícios que ao Brazil trouxe a sua fuga. Entre os admiradores do Bragança, encontramos na primeira fila o dr. Oliveira Lima que descobre neste príncipe «o único rei conquistador que jamais teve o Brazil», discípulo da teoria de Bonaparte de terem os paizes fronteiras naturais, pelo que imitando a França que se estendeu até os Alpes e até o Rêno, dilatou o Brazil ao norte até Caiena e ao sul até Montevidéo. Quanto á fuga com a aproximação de Junot, explica o nosso eminente patriócio que «fujir a um combate dezigual não é prova de cobardia.» Ainda por motivo de uma conferência na *Sar-bonne*, pronunciada pelo não menos distinto litterato pernambucano Medeiros e Albuquerque, que apontou aos francezes d. João VI como um cômilão, cujas magnas questões se rezumiam em «comer ou não comer» na opinião de seu patriócio Guerra Junqueiro, o assunto foi discutido e o apreciado jornalista teve oportunidade de, em defeza de seus princípios, dizer de sua majestade os seguintes períodos :



Panorama do Recife



cer; de uma agricultura ameaçada de ruínas; de um comércio jugulado pelos impostos, surtiu a propaganda intelijente dos patriotas de então, demócratas exaltados que por todos os meios e especialmente por intermédio das sociedades secretas pretendiam melhorar a situação de sua terra, terminando de vez o domínio de Portugal.

Que este sentimento nativista, tão bem explorado pelos patriotas, foi sazonado fructo da maçonaria e essa benéfica propaganda não nasceu de outra fonte, vimos documentando de momento a mo-

« O cazo da fuga é curiozo.

« O pôsto de rei tem suas vantajens e desvantajens profissionais. Vantajem a de nascer no pináculo das glórias, ocupando sem esforço, immediatamente, o mais alto lugar da hierarquia social. Desvantajem—o não poder fugir.

« O que ele quiz foi pôr-se a salvo, raspar-se, desaparecer... Não lhe bastou,—o que a rigor se poderia aceitar—ficar bordejando nas costas de Portugal em algum vaso de guerra inglez, até que lhe fosse dado assumir o comando das forças de resistência. O que lhe pareceu necessário foi pôr de permeio entre ele e o exército de Napoleão todo o oceano Atlântico. Vê-se que se pudesse, ele teria ido para Júpiter ou Saturno...»

(Do *Estado* de São Paulo, 16 de Julho de 1912.)

Medeiros não se opõe á verdade da fuga ter trazido alguns benefícios para o Brazil; muitos mesmo. Mas põe esses benefícios como conseqüências naturais.

O mundo não podia parar. A nova côrte tinha talvez homens de valor que poderiam trazer boas idéas. Aceitando-as, d. João VI já teria um mérito, mas na qualidade de dirigente do povo, não lhe bastava aceitar idéas. De seu cérebro é que deviam partir os atos bons, merecedores de elojios.

Júlio da Silveira Lôbo, em seus *Apontamentos para a história do segundo reinado*, chama d. João VI «um rei tórpe, imbecil, cobarde e hipócrita, emigrado para o Brazil com a sua política tacanha» (p. 4) e condena-o com esta apóstrofe: «o miseravel que não soube morrer á frente de seus soldados na invazão franceza, como se fez em Saragoza»... (p. 125) Para este escritor republicano, o autor do decreto abrindo os portos brasileiros ás nações civilizadas não tem salvação. «A sua política tacanha acabara de aniquilar o resto das esperanças dos brasileiros.» (p. 4).

Martim Francisco Ribeiro de Andrada, descendente de Jozé Bonifácio—o patriarca de nossa independência—e An-

mento e ainda em nosso apôio apelamos para a opinião do competente crítico dr. Franklin Távora: (41)

«E' de notar que a revolução vem de data muito anterior.

«Um acontecimento inopinado precipitou-a, antecipou o seu rompimento, mas não a jerou. Ela tivera uma longa e lenta jestação. O Grande Oriente do Rio de Janeiro, tomando a dianteira da revolução de 1821 e aclamando d. Pedro I *Defensor Perpétuo e Imperador*, e não *rei* do Brazil, não fez si não imitar as lojas maçónicas de Pernambuco, onde desde 1801 a maioria desses homens se reunia periodicamente, e, sem outra paixão que o amor da pátria, tratava, com perigo de vida, dos meios de fundar e transmitir-nos o precioso legado a que devemos a nossa emancipação política.

«Nem o sr Pereira da Silva, nem Varnhajem dizem uma palavra sobre esses beneméritos ajuntamentos secretos, molas principais do movimento de

tónio Carlos—um dos heróis da revolução de 1817—na sua conferência histórica *Em Guararapes*, salienta os benefícios advindos da fuga de d. João VI, entre os quais a fundação da Escola Militar, da Escola de Marinha, de Cirurgia, de Belas-Artes e do Muzeu; criação do Desembargo do Paço, do Conselho da Fazenda, Junta do Comércio, Arsenal de Guerra, Fábrica de Pólvora, jardim Botânico, Passeio Público etc. mas assim se refere á hejira do Bragança:

« Em 1809 no Rio de Janeiro, fujindo ao inimigo que lizonjeara, tentando-o enganar até a última hora, desembarcou um homem menos que alto, gordo, semi-obezo, olhar suino, queixo destendido e falar embaraçado. Era d. João VI; JOÃO BURRO na indelicadeza acintoza dos mexericos da época. Vinha acovardado, Via francezes e maçons em toda a parte. Carregava para a colonia todos os haveres que, no momento da partida, lhe haviam ficado ao alcance da mão. Pretendia ficar definitivamente no Brazil. Para o seu medo, o espetro do bonapartismo tinha, na Europa, a perenidade das moléstias incuraveis.»

«Os treze anos de seu governo no Brazil suprem cinquenta de atividade útil, de administração legal, invejavel, criterioza» (*Revista do Inst. Arq. n.º 77—1909*)

(41) FRANKLIN TÁVORA. *Os patriotas de 1817*. (*Revista do Instituto Archeológico Pernambucano*. N.º 60. ano 1903).

onde saiu, não maduro, mas no todo concebido, o pensamento da separação.

«As sociedades secretas que prepararam a infeliz conspiração do puríssimo Gomes Frêire e posteriormente a revolução de 1820 em Portugal, entraram nesse trabalho de 1812 em diante. Os que prepararam a revolução que prematuramente fez explôzão em Pernambuco, occupavam-se com este grave empenho desde o começo do século.

“Foi tão importante o seu papel na formação da nossa nacionalidade política, tão relevantes os seus serviços, que não fazer menção deles fôra cometer uma injustiça.»

Estava tudo preparado. Nos conciliábulos diurnos e noturnos, diz Oliveira Lima (42) «destacavam-se

(42) OLIVEIRA LIMA. *Obra citada.*

«Formavam os sacerdotes a classe mais instruida do paiz e por este próprio fato aminhava-se entre eles o mais veemente amor á liberdade.»

Este conceito é do notavel historiador e diplomata que mais adiante afirma:

«O movimento rebentou por si em Itabaiana á chegada das novas do Recife; iniciado por alguns jovens *educados no Seminário de Olinda, escola brasileira de boas maneiras* e adeantamento político.»

Aliás a maçonaria no século passado, ao menos no Brazil, teve no clero o seu maior sustentáculo, sendo muitas lojas de Pernambuco fundadas por padres e frades, conforme verificamos de seus arquivos existentes.

Não ha muito foi publicada a seguinte lista incompleta de padres-maçons brasileiros, em um jornal de Pernambuco, lista que aqui transcrevemos para perpetuação da memória dos que se não julgaram indignos com os vilipêndios que ainda hoje lhes são atirados:

Bispo conde de Irajá, 33.º. (O sagrador, coroador e celebrante do casamento de d. Pedro II.)

Bispo Azeredo Coutinho, 33.º. (Célebre escritor portuguez prelado de Pernambuco.)

Frei Norberto da Purificação Paiva, 33.º.

Padre Auliciano Pereira de Lira, 33.º.

» José Luis Gomes de Menezes, 33.º.

» Joaquim Ferreira da Cruz Belmonte, 33.º.

» Vicente Ferreira Alves do Rozário, 33.º.

Vigário Eutíquio Pereira da Costa, 33.º.

com nitidez no fundo nêgro formado pelas batinas dos clérigos, as dragonas de vários officiaes.»

Padre d. Jozé Caetano, 33.º. (1.º Presidente da Constituinte do Brazil).

Padre Diogo Feijó, 33.º. (Rejente do Brazil, na menoridade de d. Pedro II.)

Frei Francisco de São Carlos, 33.º.

» Francisco do Monte Alverne, 33.º. (O maior pregador brasileiro do século XIX.)

Monsenhor Pinto de Campos, 33.º. (Distinto escritor pernambucano.)

Padre Jozé da Silva Figueiredo Caramuru, 32.º.

» Jozé Capistrano de Mendonça, 30.º.

» Bartolomeu da Rocha Fagundes, 30.º.

Frei Cândido de Santa Izabel Cunha, 18.º.

Cónego Ismael de Sena Ribeiro Neri, 18.º.

Frei António do Monte Carmelo, 18.º.

Padre Francisco Jozé de Azevedo, 18.º. (Inventor da primeira máquina de escrever.)

Padre António Alvares Guedes Vaz, 18.º.

» António João Lessa, 7.º.

Frei Francisco de Santa Terêza Sampaio, 7.º. (Grande polemista.)

Padre João Jozé Rodrigues de Carvalho Celeste, 7.º.

» Januário da Cunha Barboza, 7.º. (Orador sacro, fundador do Instituto Histórico Brasileiro.)

Frei Carlos das Mercês Michelli, 7.º.

Padre Manoel Teles Ferreira Pita, 7.º.

Frei Joaquim de Amor Divino Canéca, 7.º.

Padre Ernesto Ferreira da Cunha, 17.º.

Padre Francisco Peixoto Levante, 15.º.

» Tomaz dos Santos Mariano Marques, 3.º.

» Albino de Carvalho Lessa, 3.º.

» Lourenço de Albuquerque Lóiola, 3.º.

Cónego Francisco L. de Brito Medeiros Campos, 3.º.

Padre Manuel Cavalcante de Assis Bezerra de Menezes, 3.º.

» Francisco João de Arruda, 3.º.

» Jozé Roberto da Silva, 3.º.

» Cândido Ferreira da Cunha, 3.º.

» Guilherme Cipriano Ribeiro, 3.º.

» Torquato António de Souza, 3.º.

» João da Costa Pereira, 3.º.

» Francisco Marcondes do Amaral, 3.º.

» António da Imaculada Conceição, 3.º.

Cónego dr. João Carlos Monteiro, 3.º.

Padre Jozé Sebastião Moreira Maia, 3.º.

» Paulo de Maia, 3.º.

» Antonio Arêas, 3.º.

Esperavam apenas pelo avizo "dos seus mestres do sul, como estes dos da Europa". (43)

(Garantimos a autenticidade dos presentes nomes, pois, se acham rejistados na Grande Secretaria Jeral da Ordem no Rio de Janeiro—Do *Popular*, (Vitória) de 16 de Maio de 1908).

Conforme recente discurso do deputado coronel Jozé Maria Moreira Guimarães, o padre Jozé Mendes Leite de Almeida foi um dos fundadores, em 1870, da loja *Amor ao Trabalho* do Rio de Janeiro.

Somente em 1831 se formaram os primeiros bachareis de Olinda, em virtude da criação dos cursos jurídicos do Brazil, em 11 de Agôsto de 1827. Constituíam assim os sacerdotes a classe mais instruida da sociedade pernambucana. E foi numerozíssimo e admiravel o número de párocos, coadjutores e regulares que aderiram espontaneamente á revolução de 1817, servindo-a com entúziasmo, não só por palavras como por obras, em comandos, guerrilhas, escritos e outros assuntos. O com. A. J. de Melo, tratando dos feitos de frei Caneca na *Confederação do Equador*, apresenta a seguinte lista de relijiozos que tomaram parte no movimento republicano de 1817 :

Deão doutor Bernardo Luis Ferreira Portugal, cónegos Manoel Vieira de Lemos Sampaio e João Rodrigues Mariz, governadores do bispado.

Vigários : padres João Cavalcante de Albuquerque, António de Almeida Azevedo, António jácome Bezerra, Virjínio Rodrigues Campêlo, Jozé Gomes Chacon, João Barboza Cordeiro, Manuel Gonçalves Fontes, Veríssimo Machado Freire, Luis Jozé de Albuquerque Cavalcante Lins, Francisco da Costa Medeiros, cónego Inácio Alves Monteiro, José Ferreira Nobre, Miguel Carlos da Silva Saldanha, Francisco de Sales Coêlho da Silva e Pedro de Souza Tenório.

Coadjutores e outros clérigos : João Ribeiro Pessoa de Melo Montenêgro, António Pereira, Jozé Martiniano de Alencar, Manuel Jozé de Assunção, Francisco Manuel de Barros, Francisco Muniz Tavares, Jozé Inácio de Brito, António Felix Velho, Miguel Joaquim de Almeida Castro, Jozé da Costa Cirne. João Batista da Fonsêca, Inácio de Almeida Fortuna, Francisco Xavier Garcia, José Felipe de Gusmão, João Gomes Lima, Jozé Inácio Ribeiro de Abreu e Lima, António Jozé Cavalcante Lins, Francisco Dias de Oliveira, Venâncio Henrique de Rezende, Luis Jozé Corrêa de Sá, Carlos Jozé dos Santos, Inácio Bento, Luis Carlos Coêlho da Silva e Gonçalo Inácio de Loiola.

Regulares : frei Joaquim do Amor Divino Canéca, frei

O sentimento nativista estava em seu auge e a revolução ameaçava rebentar de momento a momento. Para que de portuguez nada existisse nos banquetes maçónicos—fóco de idéas democráticas de cujas lojas faziam parte os officiaes pernambucanos, na afirmativa do dr. Souto Maior—(44) até o vinho fôra substituído pela aguardente.

Os *marinheiros* eram tratados de resto e como um houve, official de linha, que tentasse molestar um prêto do terço dos Henriques, na festa da Estância, cuja igrejinha está quaze em abandono, foi por este batido, com aplúzos dos brazileiros.

Então o governador começou a ver que os ma-

João Loureiro, frei Francisco de Santa Mariana, frei Francisco de São Pedro, frei Mercês, frei João da Cruz, frei Francisco de Santana Brito, frei Jozé Maria do Sacramento Bráiner, frei João de Santa Miquilina e o Donato Jacinto Luis de Melo.

De todos estes,—continua o illustre cronista—dois suicidaram-se, quatro perderam as vidas em patíbulo por sentenças de comissões militares e grande parte dos mais soffreram quatro anos de prisão na cadeia da cidade da Baía. Convem ainda saber-se que houve, alem dos referidos, outros que, sendo prêzos, foram depois sôltos, por se não julgarem graves e provadas as imputações criminozas contra eles, ou por lhes ser por algum motivo mais favoravel a sorte.

Para ainda mais provar a solidariedade da igreja com os princípios republicanos daquela época, o dezembargador Adelino de Luna Freire (*Revolução de 1824*) diz que o governador do bispado deão Manuel Vieira de Lemos Sampaio publicara uma pastoral em que reconhecia não ser a revolução de 1817 contrária ao evangelho, porquanto a posse e direito da caza de Bragança eram fundados em um contrato bilateral e, havendo sido ella quem faltou primeiro ás suas obrigações, estavam os povos dezobrigados da lealdade jurada. Tendo o padre Pascoal Pires provocado a contra revolução em Paudalho e Santo Antão, a mesma autoridade ecclesiástica pediu ao jeneral Jozé Mariano de Albuquerque, remetido pelo govêrno provizório para abafar o movimento, que trouxesse *vivo ou morto o infame padre*, porque queria mostrar á posteridade como seriam castigados os ecclesiásticos traidores á pátria!

(43) M. L. MACHADO. *Trab. cit.*

(44) DR. SOUTO MAIOR. *A revolução republicana de 6 de Março de 1817. Jornal do Comércio, do Rio.*

çons não se divertiam somente; doutrinavam ao povo a revolução, iustruindo-o nos dogmas da liberdade.

Nova denúncia lhe chegou aos ouvidos por intermédio de Manoel Carvalho de Medeiros, amigo do ouvidor dr. Cruz Ferreira, citando então o nome dos conspiradores, que como vemos, eram os chefes das lojas maçônicas (45):

Padre João Ribeiro Pessôa, da Academia do Paraizo; Domingos Jozé Martins e António da Cruz Cabugá, veneráveis das lojas *Pernambuco do Oriente* e *Pernambuco do Ocidente*, além de membros das academias, e alguns oficiais dos regimentos de 1.^a linha, os quais se soube mais tarde que eram os capitães Domingos Teotónio Jorje,—o emissário das lojas de Pernambuco para tratar da revolução com as lojas do sul, (46)—Jozé de Barros Lima—o causador do rompimento de 6 de Março e membro das academias e Pedro da Silva Pedrozo, iniciado não só nas duas academias como em todas as escolas secretas—(47); tenente Jozé Mariano de Albuquerque,—“profundo adépto dos mistérios democráticos e sócio efetivo das duas academias” e o ajudante Manoel de Souza Teixeira,—“altamente iniciado nos mistérios preparatórios para o dia 6 de Março,” segundo o autor dos *Mártires Pernambucanos* (48).

Expondo ligeiramente os fatos, estamos estudando-os sob outro prisma, para provar evidente-

(45) «Falava-se de conciliábulos feitos sob as formas maçônicas; tinha havido banquetes brasileiros dos quais se excluía o pão e o vinho da Europa; servia-se com ostentação a farinha de mandioca e a ruim aguardente nacionais; enfim, tinham sido erguidos brindes á independência contra a tirania real e contra os portuguezes da Europa.» *Notas dominicais* de L. F. DE TOLLENARE. (Tradução de Alfredo de Carvalho)

Refére o mesmo *Tollenare* que no dia 6 de Março o próprio padre João Ribeiro Pessoa foi a sua caza e para fazer um brinde á liberdade do Brazil, recuzou vinho do Pôrto e pediu aguardente.

(46) PADRE DIAS MARTINS. *Obra cit.*

(47) *Idem.*

(48) *Idem.*

mente que á maçonaria, instituição hoje vilipendiada pelos que se ofuscam com a luz do seu progresso, se deve o levantamento dos brios pernambucanos e o amor á patria que "não só é uma sincera afeição á terra que nos viu nascer, mas a aplicação de nossos recursos ao serviço e engrandecimento dela, por qualquer fórma e em qualquer manifestação." (49)

Os denunciados tiveram ordem de prisão, sendo os brigadeiros encarregados de executar as dos officiais de seus corpos. Ao marechal Jozé Roberto foi dada a inglória tarefa de encarcerar os tres civis denunciados.

VI

Raiou a manhã de 6 de Março de 1817, cujo sol propozitalmente colocado na bandeira da revolução, iluminará para sempre a história do Brazil.

Os militares procuraram dar dezempenho ás suas ingratas missões.

Apenas dos civis foi traiçoeiramente prêzo Domingos Jozé Martins e ainda á traição detido o official Samuel Teixeira.

Manoel Joaquim Barboza, portuguez grosseiro, comandante do rejimento de artilharia, para melhor se dezempenhar de sua missão, ordenou que os officiais se reunissem á determinada hora no quartel e em presença de todos, disse insolentemente que os traidores se achavam no seu rejimento. Domingos Teotónio protestou e teve ordem de prisão, não opondo relutância. No caminho porem, do quartel para o forte de Cinco Pontas, como que convencionalmente, foi exclamando — traição ! traição !...

Jozé de Barros Lima, a quem se não amesquinhassemos o seu espirito e a sua memória chamariamos o Tiradentes pernambucano, (50) por alcunha o *Leão*

(49) ALFREDO CAMPOS. *Deveres do homem*.

(50) AMÉRICO WERNEK em sua obra a *Heroína da Inconfidência* diz que Tiradentes era a dedicação alucinada e por



Brigadeiro Barboza

Coroado, devido ao seu valor e coragem, estava enfurecido com o procedimento de seu jeneral que os censurara em público.

O assassinio do brigadeiro entrara nos planos da revolta.

Ainda mais arrogante com a reclusão de Teotónio Jorje, Barboza deu ordem de prisão a Barros Lima.

—Pois morre, miseravel! E de um ímpeto *Leão Coroado* arrancou da bainha a gloriosa espada que fez rebentar a revolução de 1817 e que o Instituto guarda como reliquia, embebendo-a no peito do brigadeiro. Seu camarada e denunciado Jozé Mariano completou a obra, tirando a vida do comandante e sôgro!

Estava proclamada a revolução.

Leão coroado e os dois companheiros assumiram o commando das forças, prepararam os soldados, soltaram os camaradas e abriram as portas ás prisões.

Enquanto fugia o governador, a revolução ganhava terreno e azeções e as armas e insígnias reais eram atiradas ao solo com desdem.

No dia sete o exército nomeou os eleitores e estes reunidos no Erário elegeram o governo provisório. Diz tambem Muniz Tavares (51) que Domin-

isto mesmo inconveniente, levando a conjuração ao malôgro. Montado no seu *rostilho*, de Vila Rica para o Rio, ele vinha pela estrada fóra, imprudentemente a apregoar a revolução.

Da sua imprudência, diz JOAQUIM NORBERTO na *História da Conjuração Mineira*, queixavam-se os próprios conjurados! Chegaram a toma-lo por um louco.

Alem disso era inculto, sem o menor conhecimento dos grandes problemas que estavam em cauza, com o êxito da Independência.

Comparado com o talento e valor de Alvarenga Peixoto, de Cláudio e Gonzaga, ele só levava para o movimento a sua contribuição pessoal.

Soube porem morrer e como os historiadores republicanos, no advento do novo rejime, procuravam apenas um mártir para bandeira da propaganda, não precisou mais do que o seu nome.

(51) MUNIZ TAVARES. *Obra cit.*

gos Martins, á porta do Erário, armado, annunciou ao pòvo eleição, mas só deixou entrar pessoas por êle reconhecidas e que lhe conviam.

Foram eleitos: Domingos Jozé Martins, comércio; Domingos Teotónio Jorje, guerra; padre João Ribeiro, ecclesiástico; Jozé Luis de Mendonça, justiça e Manoel Corrêa de Araujo, agricultura; todos maçons, excéto o último, que era realista e aderiu na tarde de seis de Março, tornando-se pouco tempo depois traidor aos patriotas.

O padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, "oráculo das academias", foi nomeado secretário e o padre Pedro de Sousa Tenório "um dos mais profundos adeptos dos mistérios democráticos" (52) seu ajudante, tendo Jozé Carlos Marink o grande mérito de, como secretário da administração decaída, ser confirmado no mesmo pòsto pela revolução triunfante! Tambem foram nomeados conselheiros os doutores António Carlos Ribeiro de Andrada, Manoel Jozé Pereira Caldas, Jervázio Pires Ferreira, António de Morais e Silva e Bernardo Luis Ferreira Portugal.

Havia tanto influxo das doutrinas secretas professadas nas academias que Tollenare assim se expressa:

"Os estrangeiros são bem acolhidos; quando os negócios conduzem algum de nós a palácio é sufocado por abraços e saudado por sinais maçónicos" (53)

Os princípios do governo eram os mais adiantados: república federativa, tolerância de todos os cultos e emancipação dos escravos.

Bastavam estes credos, suprema aspiração que o Brazil pòde sómente realizar setenta anos depois, para mostrar os sentimentos jenerozos dos patriotas e que a revolução foi doutrinada excelentemente.

Tambem vale a pena rezumir os conceitos de Tollenare — estrangeiro que estava no Recife ao tempo da revolução, — emitidos em suas *Cartas dominicais* sòbre os membros do govêrno:

(52) PADRE DIAS MARTINS. *Obra cit.*

(53) L. F. DE TOLLENARE. *Obra cit.*



José Luiz de Mendonça

“O padre João Ribeiro, nutrido com a leitura dos filózofos antigos e modernos, só respirava pela liberdade, mais por amor dela do que por ambição. Indignava-se de obedecer a vontades arbitrárias, sem manifestar o dezejo do mando. Arrastado pela leitura das obras de Cordocet, testemunhava a mais alta confiança no progresso do espírito humano; a sua imaginação ia mais depressa do que o seu século e sobretudo adeantava-se muito á índole de seus compatriotas. Hoje, orgulha-se menos da honra de ser o primeiro majistrado de seu paiz, do que da glória de ser o seu rejenerador. Quizera morrer, diz êle, agora que meu paiz está livre. E' um exaltado desvairado.

“ José Luis de Mendonça é um jurisconsulto que goza de consideração e bela fortuna. Os seus hábitos são simples, o seu caráter é brando e fraco, tem grande reputação e probidade. A sua prezença no govêrno atrairá ao partido muita jente de pêzo.

“ Domingos José Martins tem corrido por muito tempo no encalço da fortuna sem a atinjr. A sua estada na Europa, os conhecimentos que pretende ter adquirido de política e da administração ingleza lhe emprestam certo verniz de habilidade que, junto a um tom doutoral e rezoluto, o impõe a alguns dos seus companheiros. Tem audácia, é hipócrita, simula enerjia, altivez, afabilidade protetora, afeta uma certa eloquência e com isto conseguiu iludir. (Tollenare diz que tem aversão a Martins devido a negócios comerciais). Considero-o um dos principais autores da revolução.

“ Conheço pouco os dois outros membros do govêrno; ambos são militares e se ocupam com o que diz respeito á organização do exército.

“ O padre Tenório tem o espírito vivaz, facilidade de expressão e propõe providências no mesmo instante em que se manifesta necessidade de toma-las. Apenas vê ou lê, logo forma e enuncia o seu juizo.

“ O padre Miguel é um homenzinho, cujo espí-

rito mais lento, não é menos vasto nem menos penetrante; os seus juizos são críticos e muito próprios á contrabalançar o ardor dos do seu coléga. » (54)

Na vida efêmera de 74 dias, decurso do rejime republicano em 1817, a revolução espalhou-se rapidamente não só na província como ao norte e sul, graças ás credenciais de Suassuna preparando o espírito dos irmãos ao norte em repetidas viágens, de Teotónio Jorje fazendo o mesmo ao sul e de José Luis de Mendonça iniciando em sua caza os capitães do interior. Para o provar, citamos as palavras de Oliveira Lima (55) referindo-se á jeneralização no centro da província e na Paraíba, onde não foi preciso inflamar a propaganda :

“Os proprietários rurais, os militares e os populares que marchavam para a capital da capitania, onde as lojas maçônicas havia anos se nutriam de novos ideais, foram ali recebidos com efusão, sendo proclamado o novo rejime no dia 13 de Março e organizada uma junta temporária, a exemplo da de Pernambuco”.

Sobre esta junta, diz Muniz Tavares, (56) houve grande seleção de eleitores, somente votando um limitado número.

A exclusão muito dezagradou; murmurando o povo e examinando a razão do fato, descobriu *que eram pedreiros livres os indicados eleitores*. “Perniciosa descoberta—afirma o illustre sacerdote—quando estupidamente se acreditava ser essa classe de jente o frajelo de Cristo!” (57)

(54) L. F. TOLLENARE. *Obra cit.*

(55) OLIVEIRA LIMA. *Obra cit.*

(56) MUNIZ TAVARES. *Obra cit.*

(57) Os inimigos retrógrados da maçonaria, estupidamente, como bem acentúa um padre illustre que foi prelado doméstico do papa, político de valor e notavel patriota, para incutir ódio no ânimo da classe baixa em sua maioria supersticiosa, ainda hoje fazem acreditar que para se ser maçom necessário se torna apunhalar a imagem de Cristo!

VII

Propagada no Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagôas, a revolução não se poudo extender até o Ceará, não obstante o oferecimento do diácano Jozé

Ainda há poucos anos, do púlpito da igreja matriz de Limoeiro do Norte, um sacerdote ignorante, descrevendo pateticamente a iniciação de um maçom, exclamava:

« Vendam-lhe os olhos; dão-lhe um punhal e ordenam que desça o golpe. O miseravel vibra a arma nos ares e fere um corpo sólido. Restituem-lhe a vista. O neófito vê então que apunhalou a própria imagem de Cristo !...»

Fazem crêr aos beócios que os maçons são atêus e conversam á noite com o diabo.

Se hoje, no espírito do século actual ainda revigoram crenças semelhantes, quanto mais na época em que éramos colónia e a maçonaria vinha timidamente implantar-se no novo mundo !

E tanto isso era certo, tanto os maçons ocultavam sua qualidade, que o próprio António Gonçalves da Cruz Cabugá, veneravel de uma das lojas, sendo acuzado pelo populacho de fazer de sua caza capela de batizados maçônicos, negava terminantemente, chegando a, sobre o assunto, assim externar-se ao padre Joaquim Dias Martins: « Injúria, nos disse ele, de que tanto se magoava que ia mudar-se para os Estados Unidos » (*Mártires pernambucanos* páj. 107).

Concorria talvez para esse ódio do povo á maçonaria, num paiz onde tentativas de qualquer relijião que não a católica não puderam fructificar, as bulas dos papas Clemente XII e Benedito XIV, em 1751, condenando a seita e excomungando os sectários por motivos que, para a própria defeza da maçonaria, bastam ser enunciados :

1.º Porque nas reuniões maçónicas ha ajuntamentos de pessoas de várias relijiões, o que é mau aos católicos :

2.º Porque ha um segredo :

3.º Porque seus membros se obrigam por juramento a guardar esse segredo, o que é contra as leis da relijião e do Estado ;

4.º Porque as sociedades secretas vão de encontro ao direito canónico e civil ;

5.º Porque essa sociedade já foi prohibida por alguns príncipes ;

6.º Porque ella é julgada má pelos homens de bem.

Por isso, para o povo paraibano foi pernicioza a descoberta de todos os eleitores do novo govêrno serem maçons, dos que apunhalam a imagem de Cristo e conversam á noite com Belzebut...

Martiniano de Alencar, de cujo tronco ramificou o maior romancista brasileiro do século XIX.

Jozé Martiniano, membro da Academia do Paraizo, era tão apaixonado pelas idéas democráticas que "parecia concebido e parido pela liberdade", na linguagem do autor dos *Mártires Pernambucanos*. (58).

Internou-se pelo sertão de sua província e foi prêzo na vila de seu nascimento, atual cidade do Crato, antes da centelha patriótica se inflamar por toda a terra que hoje chamamos da luz.

Tambem o desenvolvimento não se fez na Baía porque o emissário da revolução, Jozé Inácio de Abreu e Lima, conhecido por padre Roma, frade apóstata do Carmo depois secularizado, membro das sociedades secretas que doutrinavam a república, ao desembarcar numa jangada com as credenciais para os *irmãos do sul* foi subitamente prêzo, por denúncia levada ao conde dos Arcos, a 27 de Março e dois dias depois fuzilado no Campo da Pólvora.

Embarcado para o Rio de Janeiro o ex-governador Caetano Pinto de Mirauda Montenêgro, homem de virtudes e vícios, na última faze abominado pelos pernambucanos que dividiram a sua jestão em tres períodos—"nos primeiros quatro anos modelado sobre Marco Aurélio; nos segundos quatro sobre Heliogáballo, e nos últimos sobre Sardanápalos", (59) tambem o govêrno provizório fez embarcar para os Estados-Unidos como plenipotenciário António Gonçalves da Cruz Cabugá, e para Fernando de Noronha, com o fim de obter a catequeze das tropas, o capitão Jozé de Barros Falcão, sócio das duas academias.

Tomadas algumas medidas de economia interna, a república deizgnou o dia 21 de Março para a adoção da nova bandeira, cuja cópia relijiozamente guarda o Instituto Archeológico, sendo decretadas como nacionais as côres azul e branca.

Ainda o govêrno provizório melhorou algumas

(58) PADRE DIAS MARTINS. *Obra cit.* (paj. 20)

(59) IDEM. (Paj. 292)

fortificações e criou uma pequena frota, cujo comando foi entregue a um cultivador dos campos!

O conde dos Arcos, a quem a história estigmatiza com o epíteto de monstro, pelas suas crueldades, (60) com o fim de debelar a revolução, enviou por terra forças sob o comando do marechal Leite Cogominho (61) As tropas deste oficial foram-se avolumando em sua passagem, até que chegaram a Pernambuco, cuja capital fôra bloqueada pela esquadra de Rodrigo Lôbo.

Começou o empaledecimento da estrêla dos revolucionários.

Apenas Jozé Peregrino, herói de renome paraibano, afastara-se com as forças revolucionárias do

(60) Eis tópicos de sua proclamação sôbre a revolta de 1817: «Habitantes de Pernambuco! Marcham para a comarca das Alagôas bandeiras portuguezas e soldados baianos para as içarem em toda a extensão dessa capitania. Todo o habitante de Pernambuco que as não seguir rapidamente e não marchar junto a elas, será fuzilado. As forças navais ora á vista em bloqueio do porto têm ordem para arrazar a cidade e *passar tudo a espada*, se immediatamente não forem instauradas as leis de sua majestade fidelíssima, El-Rei Nosso Senhor. Nenhuma negociação será atendida, sem que preceda como preliminar a entrega dos chefes da revolta a bordo, ou a certeza de sua morte, ficando na inteliência de que a *todos é licito atirar-lhe a espingarda como bandidos*. Conde dos Arcos. (MUNIZ TAVARES. *À Revolução de 1817*. Paj. 154)

(61) Joaquim de Melo Cogominho de Lacerda, marechal de Campo, natural de Portugal. Pertencia ao *Grande Oriente Maçónico* da Baía (MUNIZ TAVARES, paj. 149) e sabia provavelmente a disposição liberal da massa dos brazileiros.

Parece que também era filiado ao movimento pernambucano, tanto que se julgou perdido com a prizão de Abreu e Lima. « Sendo ele um dos que recuaram á vista do perigo a *que se julgaram* expostos com a prizão do desgraçado Roma, obrigado a obedecer ao déspota, que réjia a Baía, tratava de comportar-se de maneira a não desgostar um ou outro partido. » (MUNIZ TAVARES. paj. 149)

Isto vem reforçar a argumentação do plano revolucionário estar concertado nas lojas maçónicas, que então obedeciam ao *Grande Oriente Maçónico* da Baía, a que pertencia Cogominho, que, como membro, se julgou perdido com o malogro da missão do padre Roma.

Rio Grande do Norte, o povo restabeleceu ali o rejime monárquico, trucidando André de Albuquerque Maranhão.

Nem ao menos poud frutificar o novo govêrno provizório que erijiram na Serra do Martins, com o fito de não dezaparecer do Rio Grande do Norte a idéa republicana.

Já Alagôas havia restaurado o govêrno monárquico com a passagem das forças de Cogominho, de nada valendo o socorro que os revolucionários expediram.

A Paraíba seguiu o exemplo das outras comarcas que haviam aderido á idéa republicana e o capitão Barros Falcão, quando voltava triunfante da Ilha de Fernando de Noronha, com as forças que apoiavam o govêrno provizório, caiu em poder dos inimigos.

Cabugá não foi reconhecido como plenipotenciário pelo govêrno dos Estados-Unidos. E' certo que ali concertou com officiaes francezes a fuga de Bonaparte da Ilha de Santa Helena, tanto que, com algum armamento que mandou para o govêrno provizório e caiu em mãos dos realistas, vieram tres officiaes da pátria do conquistador da Europa.

Neste angustiozo estado foi que se lembraram de dar uma constituição á nova república. O projeto foi apresentado e trouxe extraordinária grita, porque havia reformas que ainda em nossos dias são mal comprehendidas!

Tres pontos principalmente mereceram formal recusa: a libertação da escravatura, que vinha arruinar o capital dos agricultores; a igualdade de direitos dos cidadãos e sobretudo a liberdade de culto. A lei — suprema aspiração realizada muitos anos depois e pela qual tanto se bateu em nossos dias Saldanha Marinho — diz Muniz Tavares, padre romano, a lei não autorizava a abjuração da fé católica; prevenia os horrores do fanatismo com o principio salutar da tolerância relijioza.

Para mais enfraquecer ainda a cauza republi-

cana, Pedro da Silva Pedrozo, homem de maus instintos, promovido a coronel do regimento de artilharia; o mesmo que ordenava aos seus soldados matar indistintamente os marinheiros; que fêz soltar todos os prêzos da detenção; que matou o alferes Diôgo e o tenente Jozé Hipólito quando davam vivas a d. João VI, encontrando um dezertor, disse-lhe bruscamente: «*Prepare-se para morrer*». E sem provas, sem processo, sem interrogatório, fuzilou imediatamente o pobre soldado que recebeu tres descargas, indo ainda agonizante falecer no quartel.

Não obstante a grita que este fato provocou, ele o repetiu dias depois mandando fuzilar mais tres dezertores, sem defeza, fazendo que um se golpeasse a navalha, morrendo antes das balas lhe chegarem ao coração. Paudalho, Tracunhãem, Santantão e outras localidades, em fim todas as vilas de Pernambuco a excepção de Cabo, Iguarassú, Itamaracá e Goiana, abraçaram novamente a cauza real, sem que a nova república podesse providenciar em sentido contrário.

Não era este ainda o golpe mortal da revolução.

Para dar combate ás forças do marechal Cogominho fôra destacado o coronel Francisco de Páula Cavalcante, aliás vencedor do combate de Utinga.

Sedento de glórias, Domingos Jozé Martins que de negociante nunca passara a militar, membro preeminente do govêrno provizório, entendeu dever tambem tomar parte na luta de armas na mão e foi auxiliar as tropas de Cavalcante, que se sentiu em dificuldades diante de um ajente da administração a quem devia obedecer.

Para dissipar as rivalidades, as forças se dividiram em duas colunas, uma para o litoral sob o comando de Domingos e outra para o interior sob a direção de Cavalcante.

Aquele facilmente caiu prizioneiro, após a fuga em que ficou desbaratada toda a sua guerrilha, e este, deante de um insucesso das armas pelo valor numérico do inimigo, não sendo obedecido pelos seus

soldados que fujião, seguiu tambem a sorte dos seus dirigidos.

Neste eclípse da democracia pernambucana houve um rasgo tão extraordinário, que não deve ser olvidado no lijeiro estudo que estamos fazendo sôbre a pájina brilhante da história de nossa emancipação, cujos caracteres foram todos traçados com o sangue de nossos avós.

Antônio Jozé Vitoriano Borjes de Almeida, tão magnânimo e prudente como bravo, elevado de capitão de artilharia a coronel do exército republicano, tomou parte com 100 homens apenas, no combate de Utinga, tão fatal á cauza dos libertadores. E a vitória ser-lhe-ia infalivel se pendesse somente de seu valor e ciência militar. O jeneral Suassuna, comandante em chefe, porem, tocou retirada, e Vitoriano foi obrigado a abandonar o campo com os seus bravos, quando a sorte das armas se inclinava para as suas baterias, com a fuga dos realistas.

Novamente dias depois, em Ipojuca, enfrentou o inimigo ás cinco horas da tarde com o seu reduzido número de combatentes. Debalde suas peças vomitaram fôgo. Tudo se perdêra. Martins caíra prizioneiro e Suassuna fôra obrigado a salvar a vida, por não poder salvar a liberdade.

Quando todos abandonaram o campo da honra, revestido da mesma bravura com que Múcio Scœvola deante do rei de Roma atirou a mão a uma fogueira depois de se haver tornado herói contra os etruscos, Antônio Jozé Vitoriano Borjes de Almeida, rezolvido a não sobreviver a tanto infortúnio, sentou-se fleugmaticamente sôbre uma peça de artilharia, tapou os olhos com um lenço e deante do inimigo que dizimara, esperou seu fim.

O marechal Mélo, vendo o campo abandonado, aproximou-se dos destroços e ao único subsistente indagou, espantado de tanta corajem:

—Quem sois?

—Um pernambucano livre que comandou estas peças em nome da pátria independente.



Monsenhor Muniz Tavares

O vencedor tratou o corajoso vencido como um herói, cuja bravura teve de arrefecer com quatro anos de reclusão na Baía, até ser anistiado em 1821.

VIII

Estava agonizante a república. O governo provizório reduzido a dois membros—Domingos Teotónio e padre João Ribeiro Pessôa—entendeu que o único remédio era a capitulação. Foi recuzada.

Robrigo Lôbo, soberbo, arrogante, respondeu ao parlamentar, aliás o mesmo que denunciara a revolução a Caetano Pinto: *Submissão sem condições*.

Domingos Teotónio, governador das armas, arvorou-se em ditador. Replicou mandando *um ultimatum* ao comandante do bloqueio e, sem esperar resposta, partiu do Palácio da Soledade, séde do govêrno, com as tropas que lhe eram fiéis, a 19 de Maio.

Não nos furtamos ao desejo de mostrar como Muniz Tavares, testemunha ocular, colore essa página de um ocazo:

“A's quatro horas da tarde dêsse mesmo dia 19, começaram a desfilar os soldados para a cidade de Olinda, precedidos pela escolta que protejia os carros já indicados.

“Divizava-se por toda parte o silêncio da morte; a paixão violenta torna o homem estúpido: marchavam todos incertos, nenhum ponto determinado tinha sido escolhido para fortificação e defeza; caminhava-se para o norte da província talvez pela consideração de fidelidade das duas principais vilas de Iguarassú e de Goiana, na primeira das quais se achava ainda Jozé Mariano com a sua pouca jente. «O ditador marchava a cavallo em frente das tropas com dois ajudantes de campo; dos membros do dissolvido govêrno provizório, via-se somente o padre João Ribeiro Pessôa, que caminhava a pé, com um saco ás costas e uma espingarda ao ombro; de perto com o mesmo trem o seguia o padre Pedro de Souza Tenório. Dos conselheiros, o dezem-

bargador António Carlos foi o único que se resolveu acompanhar os que se retiravam, determinado a expôr a vida pela cauza, que com predileção abraçara. Os demais tinham-se occultado em suas cazas, uns esperando com estoicismo as afrontas e a morte, outros meditando enjenhozo subterfúgio para evitá-la. Ao escurecer da noite chegaram todos no enjenho Paulista, não muito distante de Olinda e ali se aquartelaram." (*Paj. 196 e 197*).

No dia 20 de Maio, estando a cidade do Recife em abandono, foi proclamada sem opposição a autoridade portugueza. Cogominho occupou a capital com sua tropa de terra e Robrigo Lobo, desembarcando no meio de salvas de artilharia, tomou posse do govêrno da província.

A nova tentativa do govêrno republicano desapareceu ainda uma vez assim para os domínios da história pernambucana ou para as páginas brilhantes dos feitos do Brazil, pois, segundo Oliveira Lima (prefácio ao livro de Alfredo de Carvalho *Notas dominicais*, de Tollenare). «quem diz história pernambucana diz história brazileira, porque as guerras e revoluções de Pernambuco interessaram e agitaram todo o Brazil que por umas deixou de ficar metade holandez e por outras deixou de ficar nacionalmente esartejado».

IX

Ao insucesso da revolução, seguiram-se o morticínio cruel dos patriotas e as barbaridades contra os que escaparam das balas e da fôrca.

A primeira vítima, como vimos, foi o padre Jozé Inácio Ribeiro de Abreu e Lima, denominado PADRE ROMA, emissário da revolução para propagá-la na Baía.

Prêzo a 27 de Março, foi julgado no dia 28 por uma comissão militar e nada alegando em sua defeza, condemnado á pena última, que seria executada no dia seguinte no Campo da Pólvora,

Preparou-se para morrer como herói, procurando antes reconciliar-se com a igreja de que parecia andar afastado, chegando a afirmar custar-lhe compreender como a misericórdia divina poderia salva-lo.

No dia determinado, 29 de Março, véspera do domingo de Ramos, marchou austeramente entre o fúnebre acompanhamento e chegando ao campo da Pólvora dispensou a venda. Olhou para os circunstantes e, voltando-se para os granadeiros, disse-lhes: *Camaradas! Eu vos perdôo a minha morte. Lembrai-vos na pontaria que aqui (pondo a mão sobre o coração) é a fonte da vida. Atirai!...*

Uma única descarga tirou a vida do intrépido revolucionário.

A segunda vítima foi o padre João Ribeiro Pessôa de Melo Montenegro. Responsavel talvez da desgraça a que arrastara tantos infelizes pela sua grande popularidade; cansado pela penosa viagem que fizera a pé, do Recife a Paulista tendo ás costas um saco e uma espingarda, desesperado da vida e avaliando o suplício que o aguardava, o grande republicano resolveu desaparecer do mundo no mesmo dia em que fenecia a idéa democrática.

Bebeu veneno e nada sofreu. Procurou uma corda, fêz um laço e nele meteu o pescoço, enforcando-se. (62)

(62) E' esta a versão mais corrente de todos os cronistas do levantamento de 1817. Entretanto o, comendador Antonio Joaquim de Melo dirigiu ao coronel José Maria Ildefonso Jácome da Veiga Pessôa de Melo, patriota de 1817 e 1824, um questionário sobre fatos das duas revoluções republicanas e uma das respostas do coronel foi a seguinte:

« O padre João Ribeiro morreu em 1817 no enjenho Paulista e não em 1824; todavia respondo que tomando ele veneno e não morrendo logo, rasgou a côxa, onde introduziu nova doze do mesmo veneno. Depois subiu a uma cadeira ao pé do Altar e morreu de joelhos; foi assim que o encontramos na capela » (*Revista do Instituto Archeológico*, n. 47—ano 1895).

Alias João Ribeiro tinha essa morte premeditada. No dia 19 mandou comunicar ao seu amigo Tollenare que o

«Como Brutos, não quiz sobreviver á morte da liberdade.» (63) Suicidou-se no mesmo dia em que os realistas arvoravam no Recife a bandeira portugueza.

Com o seu desaparecimento morreu a última esperança dos revolucionários. Seu côrpo foi sepultado na capela do enjenho Paulista e tres dias depois dezenterrado por ordem do marechal Cogo-minho, que pedira a cabeça do mártir.

Já pôdres, separadas do tronco, foram as mãos cortadas e expostas em Goiana, pátria de seu nascimento e a cabeça espetada num poste, levantado junto do pelourinho, onde por dois anos o tempo a reduziu a caveira.

Furtada por mãos piedozas e ficando incognita durante muito tempo, foi por morte de quem a conservava entregue pela família ao Sr. Luis da Costa Porto Carreiro que a confiou ao Instituto Archeológico, onde ainda está conservada. (64)

governo estava dissolvido; ele seguiria o exército a pé, descalço, afim de dar o exemplo das privações ás quais cumpria prepañar-se. Acrescentou que «lamentava não me poder dizer adeus, mas que eu podia ficar certo de que ele saberia morrer como homem livre» — TOLLENARE *Obr. cit.*

(63) SOUTO MAIOR. *Obr. cit.*

(64) «Pelo ano de 1819 desapareceu do pelourinho a cabeça, ja caveira, do mártir voluntário da capela de Paulista.

«Várias foram as supozições. A mais aceita porem pelos dominadores da época foi: que os cúmplices ocultos do padre *insurgente* a tinham subtraído.

«Decorreram anos sem que houvesse noticia do destino da inapreciavel relíquia.

«A abertura dos portos do Brazil, então colonia portugueza, ao commercio estrangeiro em 1803 e a segunda queda de Napoleão o Grande em 1815, trouxeram á nossas plagas vários estrangeiros, entre os quais Felix Naudin, subdito francez, moço de variada instrução, jénio investigador, entuziasta das idéas de liberdade e de grande pureza de costumes.

«Estabeleceu-se comerciante nesta cidade, onde fixou a sua rezidência e cazou com uma senhora de uma família distinta desta província.

Com a vitória dos realistas as prizões foram pequenas para conter os perseguidos do crime de leza-majestade.

A corveta «Carrasco» conduziu a primeira leva

« Deixando depois a vida comercial foi até o seu falecimento o consul da França, em Pernambuco.

Sectário como ja disse das idéas liberaes, fez sérias indagações dos homens e dos fatos da revolução de 1817 e ouvindo de todas as partes unânimes encómios ao padre João Ribeiro Pessôa, votou á sua memória respeito e admiração.

« Tendo alargado as suas relações sociais, já por sua longa rezidência entre nós, já por seu trato, amor e excellência de caráter, contava numerosos amigos e entre eles o finado Francisco Cavalcante de Melo, que por muitos anos foi juiz de paz da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves desta cidade, o qual em converção íntima com Felix Naudin acerca da revolução de 1817, lhe declarou que o padre João Ribeiro Pessôa, era seu parente.

« Ouvida esta declaração, disse-lhe Naudin: que muito estimava semelhante circunstância, porque possuindo uma importante relíquia daquele herói, e julgando-se no fim da existência, pela progressiva agravação de seus males, era uma felicidade encontrar um parente do illustre suicida, seu apreciador, para legar-lhe a precioza cabeça.

« Revelou então Naudin que fôra ele quem subtraira do pelourinho o crâneo do padre João Ribeiro Pessôa; que ainda o possuira em perfeito estado de conservação e assim o dava a Cavalcante, visto não ter filhos a quem legasse aquele tezouro histórico.

« Comovido e reconhecido, recebeu Cavalcante o sagrado presente.

« Ufano de seu tezouro, comunicou-me e a alguns outros amigos, a surpreendente revelação de Naudin e convidou-nos a vizitar o seu caro presente.

« Destes vizitantes so existimos, o nosso digno secretário perpétuo o dr. Jozé Soares de Azevêdo, o dr. tenente-coronel Francisco Camelo Pessôa de Lacerda e eu em Pernambuco e o sr. comendador Bento Jozé Fernandes Barros no Rio de Janeiro.

« Ciente deste importante fato, e sendo falecido Francisco Cavalcante de Melo, indaguei de sua familia se ainda existia o venerando crâneo; e tendo resposta afirmativa, solicitei e obtive a sua transferência para meu poder, no intuito de recolhe-lo a este Instituto, natural repozitório de riqueza desta ordem

« Assim, pois, venho hoje fazer solene entrega do pre-

de patriotas para a Baía. O brigue «Mercúrio» transportou a segunda (65)

Encheram os cárceres daquela capital.

A 11 de Junho de 1817 eram condenados á morte o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, Domingos Jozé Martins e Jozé Luis de Mendonça.

O padre Miguelinho, a quem Carlos D. Fernandes chama «o arcanjo São Miguel das nossas estóicas aspirações de autonomia e liberdade,» natural do Rio Grande do Norte porem rezidente em Pernambuco desde os 16 anos de idade, a princípio frade carmelita e depois secularizado «devido a alguma couza secreta que lhe fez perder a primeira vocação, associado á Academia de Suassuna que deveu á sua prudência ter durado 15 anos (66) e fundador da do Paraizo», embarcado com 70 companheiros no navio «Carrasco», chegou á Baía a 9 de Junho, sendo interrogado a 10. Mostrou-se sempre silenciozo, não articulando a menor defeza.

A comissão quiz salva-lo: *Fale; diga alguma couza em sua defeza. O padre não tem inimigos? Não seria possivel que eles lhe falsificassem a firma e com ela subscrevessem todos ou parte dos papeis que estão presentes?*

—*Não senhor!* respondeu o padre. *As minhas firmas nesses papeis são todas autênticas e por sinal*

ciozo crâneo de um dos mais distintos apóstolos das liberdades pátrias, de um pernambucano célebre que illustrou a sua terra natal por suas virtúdes, por sua ciência e por sua glorioza morte ».

.....

LUIS DA COSTA PORTO CARREIRO. *Discurso.* (Revista do Instituto Archeológico e Jeográfico Pernambucano, VI ano n.º 23, 1869—)

(65) « Foram todos encerradas no fundo do porão: grilhões aos pés substituíam as cordas que traziam; uma gralheria atando estreitamente o pescôço de cada um, com as duas pontas cravadas no pavimento, obrigava a todos a permanecerem deitados, sem outro leito fora das alcatroadas táboas do mesmo porão. » (MUNIZ TAVARES—paj. 210)

(66) PADRE DIAS MARTINS—*Obr. cit.* (pajs. 126 e 129).



Domingos José Martins

que num deles o—o—do meu último sobrenome—CASTRO—ficou metade por acabar, porque faltou papel!

Foi condenado a morrer morte natural cruelmente, sendo-lhe confiscados todos os bens.

Ouviu a sentença em silêncio, sem a menor impaciência e orou diante do cruxifixo até o Campo da Pólvora, onde foi arcabuzado como um herói.

Domingos Jozé Martins, «o grande imortal e malfadado herói a quem a fortuna pôde, sim, pôde roubar-lhe tudo menos a glória de ocupar um altar no Panteon dos benfeitores do jênero humano,» (67) natural do Espírito Santo, venerável da loja maçônica *Pernambuco do Ocidente* e sócio das academias, foi condenado pela mesma sentença que levou ao Campo da Pólvora o padre Miguelinho. Ao sair da cadeia, disse para os soldados: «*Vinde executar as ordens de vosso sultão; eu môrro pela liberd...*

A mão de um frade, não deixou concluir a frase.

Jozé Luis de Mendonça, pernambucano, literato, tão bom advogado que todos davam por segura a cauza de que se encarregava, chefe da democracia «em cujos mistérios ocupava gráus subidos, oráculo e autor das duas academias,» (68) entregou-se á prizão dizendo perante Rodrigo Lôbo e seus soldados: «*Camaradas! Eu sou o proscrito Jozé Luis de Mendonça. Atirai se quereis e matai-me.*»

Prêzo, foi conduzido a bordo do «Carrasco» para a Baía e condenado com o padre Miguelinho e Domingos Martins.

No momento em que era interrogado, articulou sua defeza. Não foi ouvido

Exclamou então indignado: «*Juizes malvados! Cegos e vis instrumentos da tirania, eu vos emprazo para os infernos. Sessenta réus de pena última tenho*

(67) *Idem [Poj. 257].*

(68) *Idem [Poj. 281].*

livrado da força sem alegar um só fato, que tivesse meio pêzo dos muitos dos meus embargos. Juizes...

O padre Miguelinho não o deixou concluir. Disse-lhe enternecidamente:—*Querido amigo. Façamos e digamos apenas aquilo para que temos tempo.*

Deu o exemplo e rezaram — o *mizerete mei Deus*—até que as balas dos executores do conde dos Arcos fizeram cessar as pulsações dos amigos da liberdade.

Nesse ínterim chegou a Pernambuco como governador o capitão-jeneral Luis do Rego Barrêto, para restabelecer a autoridade real, com o poder de fazer tudo o que entendesse.

Homem perverso por natureza, (69) quiz disputar ao conde dos Arcos a glória de ser assassino dos patriotas pernambucanos e fez logo instalar a comissão militar para julga-los, sendo ele o presidente.

Foram sem defeza condenados á força Domingos Teotônio Jorje, Joze de Barros Lima, Pedro de Souza Tenório, António Henrique Rabêlo, António Pereira de Albuquerque, Jozé Peregrino Xavier de Carvalho, Amaro Gomes da Silva Coutinho, Inácio Leopoldo de Albuquerque Maranhão e Francisco Jozé da Silveira.

António Henrique Rabêlo, cearense, tenente do

(69) « Logo no começo deste governo foi tambem criada uma policia militar que praticou a maior sorte de barbaridades. Homens livres eram surrados á grade da cadeia e apanhavam de palmatória na praça pública, inclusive mulheres.

« O pôvo era violentado a trabalhar nas estradas e obras públicas.

A matança e incêndio da serra do Rodeador, o saque da povoação de Afogados, prizões de homens respeitaveis, a honra das famílias enxovalhada, os conventos violados, o recrutamento rigoroso, grande número de homens privados de meios honestos de vida, perversidades sem conta, infâmias inumeraveis, tudo isso segundo os cronistas, caracterizou vivamente o governo de Luis do Rêgo Barreto. »—

SEBASTIÃO GALVÃO—*Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco* (Paj.—215 e 216).

rejimento de artilharia, "tão fervoroso ou imprudente associado dos segrêdos democráticos" (70) comandante da fortaleza de Cinco Pontas no efêmero rejime republicano, foi a primeira vítima do sanhudo Luis do Rêgo.

Perante a junta militar, Rabêlo, em vez de procurar defeza, confessou de frente erguida os seus feitos como padrão de glórias.

A 15 de Julho foi conduzido para o campo do Erário, hoje praça da República, onde se achava armada a fôrca.

Subiu corajosamente ao patíbulo e bradou para a multidão: *Viva a pátria*. Enforcado, cortaram do cadáver a cabeça e as mãos, sendo estas espetadas na ponte do Recife e aquela ao pé da fôrca. O resto do cõrpo foi arrastado na cáuda de um cavalo para o cemitério da matriz de Santo António.

Domingos Teotónio Jorje Martins Pessõa, pernambucano, capitão do rejimento de artilharia, membro do govêrno provizório e mais tarde ditador, «adepto profundíssimo dos mistérios democráticos e membro respeitavel das academias do Cabo e Paraizo» (71) foi executado a 10 de Julho, no mesmo lugar do seu infeliz companheiro António Henrique.

Chegando vestido de alva, com as formalidades do costume (72) subiu ao patíbulo e disse:

(70) PADRE MARTINS. *Obr. cit.* (paj. 533).

(71) PADRE MARTINS. *Obr. cit.* (paj. 219).

(72) Os condenados com o baraço ao pescoço, largo tempo aguardam que se reuna a comitiva que deve acompanhá-los. Os soldados que fazem parte da referida comitiva marcham como nos funerais. Segundo os antigos uzos, as confrarias chegam a passo lento, umas após outras, levando pendões que ante os padecentes sucessivamente apresentam.

O carcereiro caminha por entre o pòvo e vai abrir as portas. Os guardas dezembainham espadas e o juiz, o escrivão, o pregoeiro, frades, meirinhos e carrasco entram.

O juiz aparece vestido de capa, precedido de um alcaide vestido de encarnado, com uma vara amarela.

O escrivão dá um passo e lê a sentença. O pregoeiro,

«Peço perdão aos meus patricios e a todos os circunstantes dos escândalos e males que lhes tenho cauzado; e particularmente aos camaradas presentes, de tudo quanto sofrem por minha culpa. Tenho um filho por nome Domingos, a quem só deixo a bençã de Deus, e lhe rogo, que de hora em diante se chame Domingos da Providência a quem o entrego.» (73)

Depois de enforcado, a cabeça e o tronco tiveram a mesma sorte de Rabelo, indo esta para a Soledade e as mãos para o quartel.

Jozé de Barros Lima, pernambucano, capitão de artilharia, membro das duas academias, autor de fato da revolução de 1817 por ter rebentado com estocada no comandante Barboza de seu regimento, conhecido por *Leão Coroado* devido á sua corajem,

precedendo o préstito, apregôa a mesma sentença de distância em distância.

Os sinos dobram pedindo sufrájos.

O cortêjo segue. Os borbotões de povo surjem, de cada canto, engrossando o séquito.

A escolta fecha o préstito fúnebre, fazendo lampejar ao sol as espadas reluzentes.

O cortêjo chega. Os juizes e padres guarnecem o reu. Este sobe as escadas do patíbulo, diz a sua última resolução, atira o pescôço ao laço e deixa que o carrasco, em nome da lei, dê fim á vida...

MELO MORAES FILHO—*Ractelif* (Procuramos reduzir o mais possível a descrição do autor sobre a morte do glorioso republicano de 1824).

(73) Ainda existe na cidade de Paudalho uma respeitavel anciã,—d. Roza de Castro—que guarda tradições do movimento revolucionário de 1817, ouvidas de sua veneranda jenitora que foi intima da familia do ditador Domingos Teotónio.

Ela nos disse que esse filho do patriota, por ele entregue á providência no momento em que subia ao patíbulo e todo prêzo do amor paternal se desprendia desta vida, rezidia com sua mãe naquela cidade, á rua hoje crismada com o nome de outro benemérito democrata: deputado Jozé Mariano.

A infeliz companheira de Domingos Teotónio, enfêrma, teve a felicidade de pouco tempo sobreviver, falecendo sem saber da sorte de seu marido e que ela e seu filho tinham sido declarados infames.

subiu ao patíbulo depois de Domingos e exclamou para a multidão :

«Meus patricios, a morte não me aterra; aterra-me a incerteza do juizo da posteridade! Eu deixo um filho em tenra idade; ele é vosso. Não o abandonéis; ensinai-lhe o caminho da virtude e da honra.»

Foi asfixiado. A cabeça decepada do corpo foi espetada em Olinda, indo suas mãos fazer companhia ás de Domingos Teotónio, no quartel e sendo seu corpo arrastado á cáuda de um cavalo até o cemitério.

O padre Pedro de Souza Tenório, pernambucano, vigário de Itamaracá, «um dos mais profundos adeptos dos segredos democráticos, segredo que sempre nos ocultou tenacissimamente» (74), ajudante do secretário do governo provizório, quiz acompanhar na sorte o padre João Ribeiro Pessôa suicidando-se. Foi-lhe impossível, á falta de meios seguros. Recuzou alimentos para enfraquecer o espírito e o corpo cada vez mais até a ocasião do suplício. Defendeu-se brilhantemente.

Seu maior crime fôra ser ajudante do secretário. O secretário estava sôlto e o ajudante ia para o patíbulo! (75).

No momento da execução estava debilitado. Não podia falar. Um frade beneditino disse por ele :

«Com a vida satisfaz a dívida que contraiu para com a sociedade. Alem da morte vêde nele um irmão.»

Quando seu corpo tombou da fôrca, a cabeça e as mãos foram cortadas e conduzidas para Goiana, sendo estas ali enterradas depois de apodrecidas e

(74) PADRE MARTINS—*Obr. cit.* (Paj. 581.)

(75) « O governo tem como secretário o mesmo que era do Sr. Caetano Pinto Montenêgro. Chama-se Jozé Carlos; vinha ver-me algumas vezes antes da revolução; apreciava as suas vistas moderadas e o seu bom senso.

E' um homem bem habil; achou meio de voltar a ser, secretário do novo governador real, depois da restauração». TOLLENARE. *Obr. cit.*

aquela transportada como troféo para Itamaracá ; o resto do cadáver foi arrastado na cáuda de um cavalo até o cemitério da matriz de Santo António.

X

A Paraíba participou das glórias de Pernambuco, inflamando-se com o mesmo fôgo sagrado da liberdade, cujos ensinamentos partiam das escolas secretas e se ramificavam pelo interior da província e das províncias vizinhas. Era natural também que no momento de aflicção participasse das dôres.

Têve portanto os seus mártires. Contribuiu com grande semente para o fruto jerminado a 15 de Novembro de 1889.

Alem dos paraibanos de nascimento que aqui eram domiciliados, ela remeteu para as iras de Luis do Rêgo os patriotas Amaro Gomes Coutinho, Francisco Jozé da Silveira, Inácio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, Padre António Peres de Albuquerque e Jozé Peregrino de Carvalho.

No mesmo campo do Erário em que hoje se ostenta o jardim da Praça da República e onde rolaram as cabeças de Domingos Teotónio, padre Tenório e outros, a 21 de Agôsto eram enforcados Amaro Gomes da Silva Coutinho «que em 1816 veio a Olinda convidado pelo seu amigo Domingos Teotónio, sendo por ele iniciado nos santos mistérios da doutrina democrática e recebido nas duas academias do Cabo e do Paraizo» (76), cujas cabeça e mãos foram levadas á Paraíba e colocadas num poste de sua propriedade denominada Zumbi ; Francisco Jozé da Silveira, mineiro, estabelecido na Paraíba, catequizado nos últimos dias e adezista tão firme que fez parte do govêrno provizório ; Inácio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, «suficientemente instruido nos mistérios da democracia,» (77)

(76) PADRE JOAQUIM DIAS MARTINS. *Obr. cit. paj. 158.*

(77) *Idem. (Paj. 252).*

padre António Pereira de Albuquerque, parente e condiscípulo do padre João Ribeiro e por ele «associado muito tempo antes nos mistérios democráticos e na Academia do Paraizo,» (78) e Jozé Peregrino de Carvalho, ajudante do batalhão de linha, que «magicamente se despoizou com a liberdade» (79).

Todos passaram pela mesma pena. Depois de enforcados, as cabeças e as mãos foram decepadas e remetidas para o local do *crime* e os troncos arrastados em cáuda de cavalos.

Releva notar que Jozé Peregrino era um jovem de vinte anos e de tanto valor que, tendo os realistas enviado seu pai, o cidadão Augusto Xavier de Carvalho, para induzi-lo a abraçar a monarquia, com promessas de perdão, Peregrino replicou:

«E' possível, senhor, que com a experiência dos anos não tenhais adquirido o conhecimento dos homens?

«Vós que deverieis ser o primeiro em guiar meus passos na estrada da honra e confortar-me na espinhoza carreira, em que me acho, vós que deverieis alçar a vossa respeitavel voz para dezenganar nossos iludidos compatriotas, sois vós que vindes propor-me a minha própria infâmia?

«O' meu bom pai, retrocedei á vossa caza, ide anunciar aos vossos comitentes, declarai-lhes francamente que o vosso filho é digno de vós, que não sabe tranzijir com os seus deveres; que ele e os seus camaradas perecerão com a pátria, se o fado adverso tem decretado que ele pareça».

As execuções foram suspensas por ordem do govêrno real e mais tarde veio em 1818 a anistia plena, somente efetivada verdadeiramente em 1821, depois da queda do absolutismo em Portugal. Luis do Rêgo, porem, pagou aos pernambucanos tanta barbaridade, sendo vítima de um tiro por uma conspiração que tinha por chefe Vicente Ferreira dos Gui-

(78) *Idem.* [Paj. 4].

(79) *Idem.* (Paj. 124).

marães Peixôto, fundador e venerável da loja maçónica seis de Março de 1817, ainda hoje existente para glorificar a memória dos seus irmãos que tanto se distinguiram na santa cruzada da liberdade (80).

(80) E' impossivel apresentar uma lista perfeita dos membros das associações secretas que tomaram parte na revolução republicana de 1817, mas, embora penosa, não é difficil empreza recordar para os vindouros os nomes de alguns dos que nela figuraram, valendo-nos dos trabalhos do Padre Martins, Muniz Tavares e M. I. Machado.

Amaro Gomes da Silva Coutinho.
 André de Albuquerque Maranhão.
 André Dias de Figueiredo.
 Padre António de Albuquerque Azevêdo.
 António Carlos Ribeiro de Andrade.
 Padre António Felix Velho Cardozo.
 António Ferreira Cavalcante.
 António Francisco Carneiro Monteiro.
 António Gonçalves da Cruz Cabugá.
 António Henrique Rabêlo.
 Padre António Jácome Bezerra.
 Padre António Jozé Cavalcante Lins.
 António Jozé Vitoriano Borjes de Almeida.
 António Jozé Vitoriano Borjes da Câmara.
 Padre António Pereira de Albuquerque.
 António Tristão de Serpa Brandão.
 Deão Bernardo Luis Ferreira Portugal.
 Domingos Jozé Martins.
 Domingos Jozé Moniz.
 Domingos Teotónio Jorje Martins Pessoa.
 Estevam Jozé Carneiro da Cunha.
 Felipe Mena Calado da Fonsêca.
 Felipe Néri Ferreira.
 Francisco do Espírito Santo Lanoia.
 Francisco António de Sá Barreto.
 Francisco de Carvalho Pais de Andrade.
 Francisco Carneiro do Rozário.
 Francisco Jozé da Silveira.
 Frei Francisco de Santa Mariana.
 Monsenhor Francisco Muniz Tavares.
 Francisco Pais Barreto.
 Francisco de Páula Cavalcante de Albuquerque (Pai e filho)
 Francisco Xavier de Moraes Cavalcante.
 Padre Inácio de Almeida Fortuna.
 Inácio Cavalcante de Albuquerque.
 Inácio Leopoldo de Albuquerque Maranhão.

XI

Assim terminaram os gloriosos feitos de 1817
tão brilhantemente doutrinados.

Terão cometido êrros os que fizeram a revolu-

Jervázio Pires Ferreira.
João Alves Dias Vilela.
João Alves de Souza.
João António Rodrigues de Carvalho.
Padre João Cavalcante de Albuquerque.
Frei João da Conceição Loureiro.
João Damasceno Xavier.
João de Deus Ferreira.
João Nepomuceno Carneiro da Cunha.
Padre João Ribeiro Pessoa.
João do Rego Dantas Monteiro.
Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.
Joaquim Cipriano dos Santos.
Joaquim Jerónimo de Serpa.
Joaquim Manuel Carneiro da Cunha
Joaquim Pires Ferreira
Jozé de Barros Falcão.
Jozé de Barros Lima.
Jozé Camelo Pessoa de Melo.
Jozé Carlos Marink da Silva Ferrão.
Jozé Carneiro Carvalho da Cunha Beringuel.
Jozé da Cruz Gouvêa.
Padre Jozé Felipe de Gusmão.
Padre Jozé Ferreira Nobre.
Jozé Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque.
Padre Jozé Inácio Ribeiro de Abreu e Lima.
Padre Jozé Martiniano de Alencar.
Jozé Luiz de Mendonça.
Jozé Maria Ildefonso Jácome da Veiga Pessoa e Melo.
Frei Jozé Maria do Sacramento Brainer.
Jozé Maria de Vasconcelos Bourbon.
Jozé Mariano de Albuquerque Cavalcante.
Jozé Peregrino Xavier de Carvalho.
Jozé Porfírio de Freitas.
Luis António dos Guimarães Peixoto.
Luis Fortes de Bustamante.
Luis Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque.
Luis Inácio de Abreu e Lima.
Padre Luis Jozé de Albuquerque Lins.
Manuel de Azevedo Nascimento.
Manuel Caetano de Almeida.
Maçoel de Carvalho Pais de Andrade.

ção abortar e os que foram responsaveis pela existência do sonhado governo republicano, mas o despotismo dos realistas foi tamanho que João Ribeiro assim se expressa:

«Se as origens da revolução foram criminosas, no termo déla a ação dos realistas foi tão execravel e hedionda que bastaria para justificar a simpatia que ainda despertam suas gloriosas vítimas» (81).

Um único fato, talvez virjem na história, remiria de todas as culpas os heróis de 1817.

Os governadores não receberam um real de remuneração e tendo sob suas guardas os cofres públicos com eles conduzidos para o enjenho Paulista quando os revolucionários fujiam e a revolução marchava para o ocazo, foram entregues intactos aos vencedores, acuzando a quantia de quinhentos contos!

Que pôvo daria hoje tão nobilitante exemplo?

Qualquer que seja a acuzação que se faça sobre os revoltosos, isso mostrará que o levante não foi para a posse do poder nem para açambarcamento aos cofres públicos.

Que fôsse embora extemporânea a exploração de seis de Março; o martirolójiio dos que se não arrependeram do crime de libertar a pátria e antes mar-

Manuel Clementino Cavalcante.
Padre Manuel Jozé de Assunção.
Manuel Jozé Martins.
Manuel Jozé Pereira Caldas.
Manuel Jozé da Silva.
Manuel Maria Carneiro.
Manuel Souza Teixeira.
Matias Carneiro Leão.
Matias Jozé Pachêco.
Matias Jozé da Silva.
Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro.
Pedro Ivo Jozé Veloza da Silveira.
Pedro da Silva Pedrozo.
Padre Pedro de Souza Tenório.
Venâncio Henriques de Rezende.
Vicente Ferreira Gomes.
Vicente Ferreira dos Guimarães Peixôto.

(81) JOÃO RIBEIRO—*História do Brazil.*

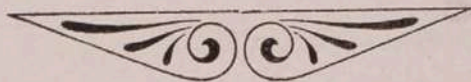
charam para o patíbulo tendo a imagem da república no pensamento e a palavra—liberdade—nos lábios, absolverá todos os crimes.

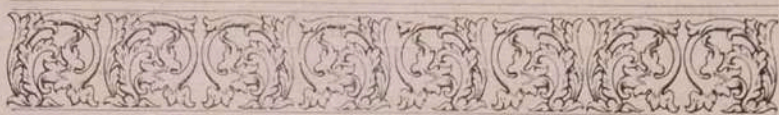
Para que homenageemos a memória dos patriotas que sonharam a república em Pernambuco, antes da independência do Brazil, são bastantes as palavras de Oliveira Lima: (82)

« Bem souberam morrer os que mal souberam conspirar ».

(82) OLIVEIRA LIMA—*Obr. cit.*

Mário Melo.





Bibliografia

Abreu e Lima (jeneral).—*Sinópsis dos fatos mais notaveis da história do Brazil*.—Pernambuco, 1845.

Adelino de Luna Freire (dezebargador).—*Revolução de 1824*.—Recife, 1895.

Afonso de Albuquerque Melo.—*A liberdade no Brazil, seu nascimento, morte e sepultura*.—Recife, 1864.

Alfrêdo Campos.—*Deveres do homem*.—Lisbôa, 1888.

Alfrêdo de Carvalho.—*Notas dominicais de Tollenare*. (Tradução).—Recife, 1904.

Alfrêdo Valadão (doutor)—*Campanha da Princesa*—*Jornal do Comércio*.—Rio, 30-6-1912.

Américo Wernek.—*Heroína da Inconfidência*. cit. pelo dr. Alfredo Valadão.

Antônio Joaquim de Melo.—*Biografia de pernambucanos illustres*.—Recife, 1856-1859.

Arquivo Maçónico.—Orgam de propaganda e informação, fundado em 1906—Diretores dr. Nilo Câmara e tenente Ezequiel Medeiros.—Recife.

Astréa.—*Almanaque maçónico*.—Rio, 1847.

Boletim do Grande Oriente do Brazil.—Orgam oficial da maçonaria.—Rio.

Boulllet.—*Dictionnaire d'histoire et de Geographie*. Dixieme edition.—Paris, 1855.

Claude Augé.—*Larousse pour tous*. Paris.

Francisco de Carvalho Soares Brandão.—*Discurso*.—Recife, 1877.

Francisco Muniz Tavares.—*História de Revolução de Pernambuco em 1817*.—2.^a edição. — Recife, 1884.

Franklin Távora.—*Os patriotas de 1817*.—Recife, 1903.

F. A. Pereira da Costa.—*A maçonaria em Pernambuco*.—(Anais pernambucanos).—Recife, 1910.

Henry Koster.—*Voyages dans la partie septentrionale du Brésil*.—Paris, 1818.

J. A. Ferreira da Costa.—*Napoleão I no Brazil*.—Recife, 1903.

João Armitage.—*História do Brazil de 1808 a 1831*.—cit. por Pereira da Costa.—Rio 1837.

Januário da Cunha Barboza (cónego).—*Discurso no Grande Oriente do Brazil*.—Rio, 1822.

João Ribeiro.—*História do Brazil*.—2.^a edição.—Rio, 1901.

Joaquim Dias Martins (padre).—*Os mártires pernambucanos vítimas da liberdade nas duas revoluções ensaiadas em 1710 e 1817*.—Recife, 1853.

Joaquim do Amor Divino Caneca. (frei)—*Obras políticas e literarias*.—Recife, 1875.

Joaquim Norberto de Souza e Silva.—*História da Conjuração Mineira*.—Rio, 1860.

J. C. Fernandes Pinheiro (cónego).—*Estudos históricos*.—Rio, 1876.

Jozé Bonifácio de Andrada e Silva.—*Manifesto ao povo maçónico*.—Rio, 1831.

Jozé Domingues Codiceira (major).—*A idea republicana no Brazil*.—Recife, 1894.

J. L. Laurens.—*Ensaioes históricos e criticos sobre a maçonaria livre*. Paris, 1805.—Trad. de Augusto Diógo Tavares.—Petrópolis.

Júlio da Silveira Lôbo.—*Apontamentos para a história do segundo reinado*.—S. Paulo, 1895.

Leopoldo Pires—*Discurso*.—Recife, 1907.

Luis de Queiroz Matozo Maia.—*Lições de história do Brazil.*—5.^a edição.—Rio, 1898.

Manuel Joaquim de Menezes. *Exposição histórica da maçonaria no Brazil* (até o ano de 1822).—(Boletim do Grande Oriente).—Rio.

Manifesto do loja Constituição.—Rio, 1835.

M. de Oliveira Lima.—*Pernambuco, seu desenvolvimento histórico.*—Leipzig—1895.

—*Conferencias na Sarbonne*

—*Artigos no Estado de S. Paulo.*—1910—1912.

Mário Melo.—*A maçonaria no Brazil.*—*Prioridade de Pernambuco.*—Recife, 1909.

Artigos no Arquivo maçônico.—Recife, 1907—1908

M. Lopes Machado.—*Introdução á história da revolução de 1817.*—Recife, 1884.

Martim Francisco.—*Em Guararapes.*—Conferência.—Recife, 1904.

Medeiros e Albuquerque.—Conferências, artigos e crônicas, no *Estado de S. Paulo*, 1912.

Melo Moraes Filho.—*Educação Cívica. Ractclif.*—Rio, 1889.

Padre Roma (pseudónimo)—*O libelo brasileiro.*—Rio, 1877.

Revista do Instituto Archeológico e Jeográfico Pernambucano.—Recife.

Sebastião de Vasconcelos Galvão.—*Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco.*—Rio, 1910.

Souto Maior (doutor).—*A revolução republicana de 6 de Março de 1817.*—(*Jornal do Comércio*).—Rio, 1909.

Um maçõn portuguez, fiel a seu rei e á sua pátria.—*Memória da maçonaria.*—Lisbõa.

Um redator do E'co de Roma.—*A maçonaria desmascarada.*—Pôrto, 1872.

V.: F.: dos G.: P.:—*Projeto do regulamento interno para a loja Vigilância e Segrêdo.*—Recife, 1838.



Uma assembléa de indios em Pernambuco no anno de 1645

DOCUMENTO INEDITO

E' realmente de estranhar que num periodo tão curto de existencia, de 1630 a 1654, a colonia holandesa no norte do Brasil apresente assumpto a constantes estudos historicos, surgindo ainda dahi, de vez em quando, uma interessante surpresa.

Pondo de parte noticias historicas de somenos importancia, trouxe commigo de Haya material para varios artigos.

O actual baseia-se sobre um documento de um facto curioso e ignorado pelos nossos historiadores.

E' notorio que a politica empregada pelos holandezes para com os Indios da sua colonia no Brazil foi sempre a mais liberal possivel.

Assim usaram em todos os tempos e noutros paizes.

Quando resolveram fundar uma colonia na Ilha de Manhattan, á qual chamaram Nova Amsterdam (hoje Nova York), adquiriram o terreno por compra aos naturaes, cuja escriptura se encontra no «Rijks Archief» em Haya.

Os nossos indigenas eram chamados por elles brasileiros, sendo estes considerados como proprietarios do paiz e os europeus como invasores.

Para com esses brasileiros tiveram todas as at-tenções, dando-lhes a maxima autonomia.

Mauricio de Nassau, especialmente, sempre pro-cedeu para com elles com a maior brandura, dis-pensando-lhes igualmente toda a protecção.

Temos uma prova do seu desvelo para com aquella raça, quando, ao regressar á Hollanda, apre-sentou aos Estados Geraes um relatorio sobre as cousas do Brazil, recommendando num «post-scrip-tum o emprego de uma politica sã e justa para com ella.

Eis o que disse Mauricio :

«Omitti fazer uma observação a VV. Exc. e é—que a tranquillidade e conservação do Brasil de-pendem, em parte, das relações de amizade com os indios, sendo preciso para isso deixal-os em sua na-tural liberdade, mesmo os que pertencerem por di-reito de successão ou compra á Corôa de Hespanha, ou por qualquer outro modo foram submittidos á escravidão.

Libertei a muitos, tomando providencias para que os commandantes não abusassem delles e pro-hibi que fossem contratados por arrendamento ou a dinheiro, ou constrangidos a trabalhar contra a von-tade nos engenhos, devendo, outrosim, cada um vi-ver ao seu modo e empregar a sua actividade onde bem lhe aprouver, em pé de igualdade com o nosso povo.

Por esse meio poderão Vv. Exc. tirar grande proveito delles em tempo de guerra, pôr em campo cerca de 1.200 homens e livrar o paiz dos bandidos, incendiarios e outros que taes malfeitores.

Se, pelo contrario, forem tratados pouco conve-nientemente, ou como escravos, é de recear que si-gam o exemplo dos do Ceará e das Salinas, atacan-do os moradores dos campos, interrompendo por toda a parte a segurança dos caminhos, sem que possam

ser impedidos, e lançando-se, por fim, nos braços do inimigo.

Haya, 20 de Setembro de 1614.—*Mauricio, Conde de Nassau.*»

Mancel Calado e Bariceus haviam mencionado nas suas obras uma assembléa dos moradores portuguezes e de seus descendentes, convocada por Mauricio.

Essa, a primeira na America do Sul, se reuniu no *palacio das Torres*, ou Vryburg, sito na cidade Mauricia, e os seus trabalhos se prolongaram de 27 de Agosto a 4 de Setembro de 1640, tomando parte nelles 55 membros, todos portuguezes dentre os mais nobres e graves, segundo a expressão do *Valeoso Lucideno*.

Esse successo teve logar pouco depois da victoria da esquadra organizada por Mauricio e sob o commando de Huyghens contra a do Conde da Torre.

O principe, julgando-se livre de qualquer futura velleidade de levantamento por parte dos portuguezes, e com o fim de congraçar a raça vencida, julgou a occasião azada para formar côrtes, reunindo os representantes daquelle povo em torno de si e do Supremo Conselho afim de deliberarem em commum sobre os negocios publicos.

O Dr. José Hygino trouxe uma copia das actas daquellas sessões existentes no Archivo de Haya e publicou-a neste jornal.

A minha descoberta consta de um notulo (acta de uma sessão diaria do Supremo Conselho) encontrado por mim no mesmo archivo, referente a uma assembléa de indios, realizada em 1645 na aldeia Tappisserica no districto de Goyanna, da qual fizeram parte 144 individuos dos mais notaveis daquella raça. Contam-se entre elles alguns que foram educados ou estiveram na Hollanda, por exemplo: Pedro Poty e Antonio Paranaba.

Vimos os motivos da convocação da primeira as-

sembléa por Mauricio, vamos indagar dos que deram logar á segunda.

A Companhia das Indias Occidentaes percebera que, com a retirada do Principe Mauricio do Brasil não podia contar muito com a fidelidade dos seus subditos portuguezes, sendo precizo, agora mais que nunca, ter ao seu lado os indios, tão inimigos dos outros invasores.

Movida por esse intuito, mandou-lhe uma provisão, na qual lhes garantia o direito de cidadãos livres e fazia promessas de escolas e ministros protestantes, que, aliás, já possuíam em pequeno numero, etc.

De posse desse decreto, elles quizeram entrar logo no gozo de um governo representativo com as suas camaras de escabinos (vereadores) e esculteto (prefeito) e para esse fim se reuniram em assembléa na aldeia de Tapisserica (talvez Itapecerica), districto de Goyanna, onde estiveram cinco dias em sessão.

Póde-se dizer que realizaram a sua constituinte, pois organizaram naquella occasião o seu governo democratico.

Os projectos de lei foram nove, todos approvados ou sancionados pelo Supremo Conselho.

Elles fizeram de cada capitania onde existiam indios uma camara e essas eram tres: Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte. Os Tapuyas do Ceará, subditos de Jandovy, eram um povo independente, e apenas aliado dos hollandezes.

Elegeram depois um chefe dos mais notaveis e capazes para o governo de cada uma das camaras.

Completaram a eleição, apresentando uma lista triplice, afim de serem dahi escolhidos pelo Supremo Conselho os escabinos a que cada aldeia tinha direito, sendo o numero total de 36.

Assim, tiveram nessa eleição mais vantagens que os moradores brancos, pois elegeram directamente os presidentes de cada camara, emquanto que os dos outros eram nomeados pelo Supremo Conselho.

E' verdade que os escultetos presidiam camaras de escabinos portuguezes e hollandezes, precizando o governo contrabalançar a minoria dos ultimos com a nomeação de um compatriota. Emquanto que os indios tinham a sua assembléa privativa, não havendo conveniencia na intervenção do Governo na escolha daquelles.

Os chefes das tres camaras de indios foram denominados «regedores» e exerceram esse cargo durante toda a revolta dos Pernambucanos, prestando grandes serviços aos hollandezes.

Passemos agora á leitura da acta dessa curiosissima assembléa de indios, que foi talvez a primeira e a unica em toda a America.

EXTRAHIDO DOS NOTULOS DO BRASIL

«Terça-feira, 11 de Abril de 1645.—Presentes os Srs. Hamel e Bullestrate.

Compareceram á sessão do Conselho um grande numero de indios de todas as aldeias desta Conquista e entregaram umas propostas escriptas, solicitando a nossa sanção para as mesmas, o que effectivamente fizemos hoje, postillando-a á margem.»

Nomes das pessoas reunidas em Assembléa na aldeia de Tapisserica

1—Domingos Fernandes, capitão na aldeia Tapisserica; Joannes Goacaranis Canha, adjunto.

2—Matheus Monteiro, capitão na aldeia Tapisserica; Jorge Taguacutibe, adjunto.

3—Vicente Rodrigues, capitão na aldeia Tabucurama; Manoel Goarajuba, adjunto.

4—Antonio Paraupaba, capitão na aldeia Miavosy; Antonio.

5—Francisco Vieira, capitão na aldeia S. Miguel; Martin Vaz, adjunto e o antigo capitão Francisco Barbosa.

6—Thomé Camello, capitão na aldeia Nassau ;
Domingos da Costa, adjunto.

7—André de Souza, capitão na aldeia Carace ;
André Dias, adjunto.

8—Henrique Fernandes, capitão na aldeia Uru-
taguay ; Bastião Lopes, adjunto.

9—Jorge Camello, capitão na aldeia Mauritia ;
Balthazar Gucarihi, adjunto.

10—Diogo Botelho, capitão na aldeia Matituba ;
Henrique Petapiras, adjunto.

11—Miguel Nicoláo, capitão na aldeia Mauritia,
Fernando Apicaba, adjunto.

12—Pedro Poty, capitão na aldeia Myageriba ;
Gaspar Maranse, adjunto.

13—Bastião de Andrade, capitão na aldeia Mipi-
bú ; Rodrigues Jagnapisy ; adjunto.

14—Diogo Paes Buto, capitão na aldeia Aura-
nium ; Manuel Itarema, adjunto.

15—Jeronymo Coelho, capitão na aldeia Aura-
num ; Jeronymo Caragoatogaara, adjunto.

16—Francisco Pelpy, capitão na aldeia Jaragia ;
Antonio Agapehoba, adjunto.

17—Antonio Pacheco, capitão na aldeia Zaragoa ;
Antonio Agapehola, adjunto.

18—Symão Garapepotinga, capitão na aldeia
Pontado.

19—Jorge Caldeiro, capitão na aldeia Tapua.

20—João de Albuquerque, tenente na aldeia
Igoragam.

Os supra mencionados são os capitães de todas
as aldeias do Brasil. Feito em 30 de Março de 1645.
Seguem-se os nomes de seus tenentes e alferes.

1.—Paulo Bernardo, Tenente na aldeia Tapes-
serica ; Diogo Taxame, adjunto.

2.—Alvaro Correia, Tenente na aldeia Tapesse-
rica ; Gaspar Francisco, Alferes.

3.—Domingos Rodrigues, Tenente da aldeia Ta-
perica ; André Gonçalves, Alferes, Lourenço da Silva,
Alferes.

4.—Domingos Ferreira, Tenente na aldeia Tabucurama; Antonio da Costa, Alferes.

5.—José Brito, Tenente; Vicente da Silva, Alferes.

6.—Gaspar Soler, Tenente na aldeia S. Miguel; Martinho Rodrigues, Alferes.

7.—Joannes Micaciara, Tenente na aldeia Nassau; Fernando Mameluco, Alferes.

8.—João Tigi, Tenente na aldeia Carace; Jorge Facam, Alferes.

9.—Belchior Pereira, Tenente na aldeia Mauritia; Fernando Panamá, Alferes.

10.—João Tagoata Faguatajuba, Tenente na aldeia Mauritia; Pantaleão Parasuama, Alferes.

11.—Marcol Setimapirange, Tenente na aldeia Rugntay; André Dias, Alferes.

12.—Balthazar Lopes, Tenente na aldeia Mia-geriba; Cosmo da Silva e Pedro Caracanha, Alferes.

13.—Alexander Jacycoby, Tenente na aldeia Monpibu; Domingos Guiratioba, Alferes.

14.—Francisco Monteiro, Tenente na aldeia Auranium; Francisco Migaogoara, Alferes.

15.—Antonio Cunhatam, Tenente na aldeia Jauga; José Jaraguá, Alferes.

Feito em 30 de Março de 1645.

Seguem-se os nomes de Juizes e adjuntos:

1.—André da Rocha, Juiz da aldeia Tapessericca; Joannes Goacaramacanha, Luiz Mojoycy, Joannes Tibiuna, Vicente Abatique, Santiago Gagoacupotima, Diogo Garagetuba e Vicente Paranaoby adjuntos.

2.—Jorge Itagoacutiba na aldeia Tapessericca; Miguel Maragapa, Paulo Coacaparema, Francisco Vrusa, Damião Jaques, Manoel Ibaauma e Francisco Guraparaigma, adjuntos.

3.—Manoel Goarajuba na aldeia Tapicurama; João Gregorio Pedro Teixeira Martin Tapiyruca, Francisco Acaraguira, João Murucuyaoba, Symão Paragoayara, Matheus Tabiraboa, Gaspar Sariba e Domingos Yegoacaba, adjuntos.

4.—Antonio Ytacuruba, na aldeia Miogia, Pedro

Paraná, Francisco Agoape, Symão Tajatiba e Francisco Meira, adjuntos.

5.—Martinho Vaz, na aldeia S. Miguel, Marcial do Barco e Paulo Tinga, adjuntos.

6.—Domingos da Costa, na aldeia Nassau, Cosmo Supuca Pacuya e Marcial Manica, adjuntos.

7.—André Dias, na aldeia Carace, João Dias, Apolão Joragocugaya, Vicente de Araujo, Francisco Camandaroba, Paulo Bojuapara, Jorge Sacamby, João Icuparana, Francisco Sacoatara, Alvaro Juranuna, o Balthazar Gueraiba, adjuntos.

8.—Bastião Lopes, na aldeia Mauritia, Felipe Teixeira, Henrique Pitapiranga, Fernando Apicaba e Miguel Nucunaoba, adjunto.

6.—Bastião Lopes, na aldeia Urutagmy, Symão Amanarepe, adjuntos.

10.—Gaspar Cararu, na aldeia Miageriba, Domingos Piritagoary, Simão Gurapepotinga, Paulo Misape, João Baptista, Pedro Valterius, Marcial Hunbanhaoby, Thomé Abatiguira, Francisco Canhanima, Luis a Cajuaiuba e João de Albuquerque, adjuntos.

11.—Rodrigues Jaguapacu, na aldeia Monpebu, Simão Piraroba, Domingos, Goaruru, adjuntos.

12.—Manoel Ibarema, na aldeia Aranium e Mercurus Peris, adjuntos.

13.—Jeronymo Caragoatagou, na aldeia Araauni e Felipe Muquytyra, adjuntos.

14.—Antonio Agoapelhoba, na aldeia Garagua, e Francisco Yegoacaba, adjuntos.

Feito em 30 de Março de 1645.

Seguem-se as *propostas* apresentadas aos Nobres Membros do Supremo Conselho, com as postilhas juntas, á margem.

Em primeiro logar exhibimos a provisão que nos foi enviada pela Assembléa dos XIX, na Hollanda, datada de Ams-

terdam, em 24 de Novembro de 1644, referente á liberdade concedida a nós, assim como aos demais habitantes do Brasil.

1.^a Proposta

Todos os indios sob a nossa jurisdicção, sem excepção, são considerados homens livres, e quem quer que conserve consigo algum contra a sua vontade, deve immediatamente soltal-o, e se não o fizer, deve-se dar queixa contra elle a este Conselho, para que o obrigue a cumprir a lei.

O Conselho approva a fusão destas aldeias.

Que V.^{as} E.^{as} se dignem mandar pôr em execução esta lei e qualquer da nossa raça, que por acaso ainda esteja mantido como escravo, seja logo concedida a liberdade.

Os capitães e adjunctos das Aldeias no Rio Grande concordaram que o Capitão Antonio Pacheco e Francisco Peypy, também capitão na aldeia Jaragoa, se reunam com a gente sob o seu commando na Aldeia Mompebu, obedecendo ambos alli ao capitão Sebastião d'Andrade e governando cada um a sua gente.

3.^a

Egualmente a junção das Aldeias Pontado e Agoaragoary.

As Aldeias Pontado e Goaragoay, na Parahyba, devem-se juntar, governando, entretanto, cada um dos capitães a sua gente.

4.^a

Tambem approvamos esta proposta.

Martinho Vaz, Francisco Barbosa e outros adjuntos da aldeia S. Miguel combinaram unir-se á Aldeia Nassau e conservar-se alli seis mezes para nesse interim poderem beneficiar as suas raças.

5.^a

Tomaremos sob o nosso cuidado logo que se effectue a junção das aldeias e tanto quanto possível prover quanto a falta de pastores e mestres de escola, confiando que sejam tratados e mantidos com o maximo respeito no seu cargo.

Rogamos humildemente a V.^{as} E.^{as} se dignarem de nos prover dos necessarios pastores (ministros protestantes) e mestres de escola, como nos foi promettido pelos Nobres Membros da Assembléa dos XIX na dita provisão, e quanto a nós, garantimos não deixar de cumprir os nossos deveres sem a minima falta.

6.^a

Consentimos que se formem as tres camaras solicitadas nas Aldeias Tapeçirica, Mauricia e Orange, e que as aldeias indicadas nessa relação lhes fiquem subordinadas.

Para melhor commodidade da nossa nação e do Governo solicitamos humildemente a V.^{as} E.^{as} para fundar tres camaras, a saber:

Que nesta capitania seja a Aldeia Tapeçirica séde de uma, sob cuja jurisdicção ficarão Tapeçi-

rica, Tapucurama, Carace, Miagoay, Urutaquaram, S. Miguel e Nassau.

A segunda camara, a da capitania da Parahyba terá a sua séde na Aldeia Mauricia, tendo, sob sua jurisdição as Aldeias Mauricia, Mirigiriba, Pontado Goaragoasu e Tapua.

A terceira camara, a da capitania do Rio Grande terá a sua séde na Aldeia Orange tendo sob sua jurisdição as Aldeias de Pirari, Jaragoa e Bopeba.

7.º

No governode cada uma dessas camaras é muito necessario e conveniente que seja collocada uma pessôa da nossa nação, a saber :

1.º Na capitania de Goyana e seu districto:
Domingos Fernandes Carapoba.

2.º Na capitania da Parahyba :
Pedro Poty.

3.º Na capitania do Rio Grande :
Antonio Paraupaba.

Escolhemos essas pessôas de entre as mais

Approvamos e igualmente a eleição das tres pessôas declaradas para governarem os da sua raça nas tres respectivas capitancias.

honradas e mais competentes e intelligentes de todas as aldeias, esperando que V.^{as} Ex.^{as} se dignem confirmar a nossa eleição.

Seguem-se os nomes dos eleitos pelo Supremo Conselho para Escabinos, da lista apresentada.

Para a primeira Camara em Goyana.

Aldeia Tapeçerica.

— Eleição —

André da Rocha, Paulo Bernardo, Joannes Juaiara, André Cahapara Santiago Jagoancú.

André da Rocha.
Paulo Bernardo.
Lourenço da Silva e
Balthazar Morim.

Lourenço da Silva.

Jeronimo Zui.

André Gonsalvo.

Damião Jaco.

Damião Rodrigues.

Balthazar Morim.

Tapucurama

Domingos Ferreira.

Domingos Ferreira.

João Gregorio.

João Gregorio.

Manuel Guarajuba.

Martinho Tapuruci.

Francisco Acaraquirá.

Pedro Texeira.

Carace

Alvaro Fragoso,

Francisco Sacataca.
Alvaro Jacob.
Vicente d'Araujo.
Francisco Comandaro-
ba.
Manuel Grayumy.

S. Miguel

Marcos do Barco.
Paulo Tinga.
Damião da Costa.
Pedro Parama.
Francisco Agoape.
Domingos da Costa.
Bastião Lopes.
Symão Amanariapa.
Marcial Setimampiranga.
André Dias.
Antonio Abotioba.
Antonio Moxirabira.

Miagoay

Antonio Soares.
Jorge da Silva.
Manoel Metaragua.
Antonio Barboza.
Simão Tayatiba.
Francisco Araroby.
Para a segunda Cama-
ra na Parahyba :

Aldeia Mauritia

Henrique Pitapiranga.
Miguel Mucunabo.
Pantalião Pirapuama.
Fernandes Gonsalves.
Vicente Rodrigues.
Antonio Repeta.

Francisco Sacataca.
Alvaro Jacob.

Marcos do Barco.
Domingos da Costa.

Antonio Abotioba.
Antonio Moxirabira.

Jorge da Silva.
Antonio Barbosa.

Henrique Pirapirange.
Fernandes Gonsalves.



Mauricia

Balthazar Gueraiba.
Pantaleão Pindova.
André Dias.
Bento Tomanomeri.
Lourenço Mosso.
Gaspar Suaruba.

Balthazar Gueraiba.
André Dias.

Aldeia Miajerib

Balthazar Lopes.
Pedro Yedag.
João Tavares.
Pedro Valerino
Domingos Pirituguay.
Cosmo da Silva.

Balthazar Lopes.
Cosmo da Silva.

Goaragoam

Antonio Gurabacigua.
Antonio Guiraparoby.
Antonio Samigraoare.
Miguel Yacuma.
João Inibortinga.
Miguel Mandiosa.

Antonio Samigraoare.
Miguel Mandioca.

Pontado

Francisco Canhanima.
Antonio Jacaregicaru.
Matheus Papacura.
Francisco Tapecoaba.
Mathias Comandaroba.
Francisco Poty.

Francisco Canhanima.
Francisco Poty.

Tapua

Fernando Gonsalves.
Pedro Soares.
Vicente Pindobuca.

Fernando Gonsalves.
Gabriel Taraguay.

Christovão Isipotiba.
Gabriel Taraguay.

Para a terceira Camara
no Rio Grande :

Aldeia Araunum

Gaspar Ajacui.
Francisco Mulato.
Francisco Urupema.
Antonio Ogedaba.
João Apyn.
João Guiratigoanga.
Miguel Jaguaracauva.
João Sembopira.
Paulo Ybirajoba.
Antonio Guyseruba.
Francisco Vaz
Diogo Nhaetinga.

Gaspar Ajacui.
Francisco Urupema.

Francisco Vaz.
Diogo Nhaetinga.

Monpebù

João Inabú.
Pedro Maixa.
Antonio Guiratinga.
Domingos Urutyba.
João Vinagre.
Pedro Itahae.

João Inabú.
Domingos Urutyba.

Itaype

Francisco Aguacai.
Antonio Maracapu.
Pedro Ferobeb.
Balthazar Coybatinga.
Mathias Sabyn.

Balthazar Coybatinga.
Mathias Sabyn.

Aldeia Jhapua

Symão Pacamo.
 Balthazar Tapicura.
 Manuel Sagrapuba.
 André Duruca.
 Symon Tiucra.
 Antonio d'Almeida.

Symão Pacamo.
 Balthazar Tapicura.

Thomé Camelo e outros chefes da Aldeia Nassau expuzeram que ella está acephala, visto ter sido abandonada pelo capitão Luiz Pereira, podendo, por conseguinte, ser nomeado para capitão da mesma Francisco Vieira, morador na Aldeia de S. Miguel achando de bom conselho este alvitre, pedimos para o mesmo a approvação de V.^a Ex.^a.

Fias.

Como os moradores das Aldeias, sem permissão dos seus capitães, corram de uma para outra aldeia, e se estabeleçam noutros logares, abandonando assim as familias e roças, com grande prejuizo das plantações das aldeias.

Fias.

Resolvemos que todas as pessôas que mudem de aldeia sem permissão sejam presas e postas em tronco e assim conduzidas as suas aldeias, afim

de ahí soffrerem pena a que forem condemnados pelos juizes das Camaras.

Rogamos ao Sr. Com-mendeur Johannes Listry para expôr à V.^a Ex.^a as rezoluções da nossa Assembléa, afim de serem sancionadas.

Assim feito e resolvido na nossa Assembléa, das pessôas subscriptas em presença do Sr. Com-mandeur Listry, em 3 de Abril de 1645. (Estava assignado): Domingos Fernandes, Vicente Rodrigues, Antonio Paraupaba, Pedro Poty, Diogo Botelho, Francisco Vieira, Jorge Caldeiro, João d'Albuquerque, Francisco Peypy, Thomé Camelo, Matheus Monteiro, Jorge Camelo, Simão Vaz, Antonio Pacheco, Henrique Fernandes, Guarapepotinga, Bastião d'Andrada, Diogo Jeronymo Coelho, André de Souza e Miguel Nicoláo. E abaixo, o Escrivão, Clemente da Silva.

DR. PEDRO SOUTO MAIOR.

(Do Instituto Historico)

Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1912.

(Do *Jornal do Commercio* do Rio).





Recifes de pedra do Estado de Pernambuco (1)

Recife da pedra de Galé ou de Goyanna

O recife ou recifes de pedra de Goyanna demoram ao largo da foz do rio Goyanna, Estado de Pernambuco, ficando uma parte d'elle ao norte e outra ao sul da barra d'aquelle nome. Desse recife só o trecho do norte foi examinado.

O recife do norte é conhecido dos navegantes da costa e dos habitantes do lugar pela denominação de *Pedra de Galé* ou *Recife de Galé* (2).

(1) Traduzido do capitulo da obra—*The stone reefs of Brazil, their geological and geographical relations with a Chapter on the coral reefs.*

(2) Estes recifes não estão assignalados com exactidão na carta hydrographica da costa. O do norte é alli representado como estando a nove milhas ao norte da barra; porém, procedendo eu a uma medição, verifiquei que elle se acha a cerca de um terço de milha. O do sul é figurado como tendo sete milhas de comprimento. Este trecho não foi medido por mim; porém, com a carta na mão e da barçaça em que me achava, pareceu-me que nem approximadamente elle tinha essa extensão, mesmo incluindo os seus fragmentos externos. A direcção do eixo do recife, com relação a

Ao occidente, a região é cheia de outeiros (de formação terciaria) quer ao norte, quer ao sul do Rio de Goyanna, o qual desemboca no mar, atravessando um campo todo raso.

O ponto extremo entre os outeiros é uma planície baixa e arenosa, plantada de coqueiros, porém, mais para o oeste, é coberta de mangues, que se estendem através do valle. A parte de dentro do recife é de pouco fundo. Ali a draga só poudé apanhar areia e alguns fragmentos de conchas.

O recife é pouco extenso, inteiramente isolado, destaca-se perfeitamente da praia e finda abruptamente, sem nenhum indício de continuar submergido, como é commum aos recifes de pedra.

Tem elle de extensão poucas centenas de metros, variando na largura de 15 a 25. A sua superficie, em geral, é plana, apresentando, porém, um suave declive para o lado do mar. A rocha é muito dura e só pode ser facilmente quebrada nos pontos salientes, deixados pela erosão. A superficie é desigualmente escavada, mas a rocha em nenhuma parte é lisa. Ha lugares, em que esta se acha fendida e grandes blocos, medindo dez ou quinze metros de lado a lado, têm pendido, ficando como si tivessem sido minados e depositados exactamente no corpo do recife.

Quer do lado exterior cu do mar, quer do lado de dentro, blocos de face quadrada têm se desprendido, conservando-se em varios angulos.

A superficie do recife é muito coberta de bernaculas; e nas pôças, que sobre ella forma a maré, raras vezes crescem *Porytes* e *Favias*; sendo, porém, abundantes os caranguejos, os ouriços do mar e os pequenos peixes. No remanso da maré, do lado do recife, se observam grandes trechos de polypos escuros e algumas cabecinhas de *Porytes*. Do lado de

terra, tambem está incorrecta: todo recife está em linha com a terra baixa e plana, um quarto de milha a oeste de Ponta de Pedras. A sua orientação magnetica é norte 27° leste, (Junho 17-1899).

fóra ou do mar, o recife é coberto de polypos, coral-linas e outras Algas.

Recife de pedra do rio Doce

O Rio Doce é um pequeno curso d'agua que desemboca no mar, 7,4 kilometros ao norte do pharol de Olinda.

De Olinda para o norte, os outeiros terciarios se recurvam para o interior, e, conservando-se mais ou menos parallellos á costa, só se approximam novamente do mar, ao lado norte do Rio Maria Farinha (3).

O Rio Doce corre de um dos valles, que se rasgam através desse planalto terciario e da superficie plana, que se lhe interpõe. Ao longo da praia, quer ao norte quer ao sul da foz do rio, ha um extenso e estreito banco de areia solta, de dous a quatro metros de altura. Atrás desse banco, a terra é mais baixa e plana, enquanto que, perto do rio, é coberta de mangues.

Começando a um kilometro ao sul da foz deste rio, ha um recife de pedra, que se estende em direcção ao sul, parte sobre a praia, parte afastado della, tendo uma extensão total de 3,3 kilometros. Neste computo estão incluídos tambem os fragmentos, que existem sobre a praia, no seu extremo meridional. O recife está, por toda parte, mais ou menos fracturado, tendo o seu lança maior apenas cincoenta e tres metros de comprido.

Na sua maxima largura acima d'agua, elle mede quinze metros; porem, como se inclina suavemente

(3) A carta hydrographica resente-se de uma falta, qual a de não assignalar, em Maria Farinha, os outeiros que existem ao norte o rio. Alem disto não ha, como aliás menciona a carta de 1853, nenhuma estrada de ferro de Goyanna até perto de Olinda.

para o lado do mar, a sua largura total é consideravelmente maior. E' opinião do sr. Gilman (4) que os trechos maiores do recife têm uma largura para leste, de cem metros mais do que a que está assignalada no mappa.

A superficie inteira desse recife se acha densamente coberta de corallinas e bernaclas.

No extremo meridional se observa sobre a praia um affloramento de rochas, similares á do recife e, como elle, contendo muitas conchas e alguns seixinhos, em camadas muito irregulares. Esses fragmentos da praia estão bastante corroidos.

Em outro lugar, em frente ao povoado e cerca de meio kilometro ao sul da extremidade do recife, ha, sobre a praia e subjacente ao solo arenoso, um affloramento de arenito similar, de tres decimetros acima d'agua.

Sobre a praia de areias calcareas ha muitas conchas do recife de pedra.

Recife de Pernambuco (5)

A posição do recife de Pernambuco é em frente a uma região baixa e plana.

(4) As notas sobre o recife do Rio Doce foram obsequiosamente tomadas pelo ajudante sr. C. E. Gilman. Eu mesmo, ha muitos annos, vi este recife, por diversas vezes. porém perdi os primeiros apontamentos que tomei.

(5) O nome Pernambuco é escripto de varios modos pelos antigos autores, que se occuparam do Brasil: Fernambouc, Fernambuquo, Paranambuquo, Pernambuc. Hans Staden escreve «Pranenbuk» Fernandes Gama dá esta explicação «Os indigenas chamam a barra *Pera Nambuco*, que quer dizer Pedra furada ou buraco, em allusão á abertura pela qual entram os navios...» (Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco, por José Bernardes Fernandes Gama, 1844. I pag. 97) Macedo dá a mesma explicação mas escreve a palavra primitiva *Pera-nabuco* (Noções de Corographia do Brazil, por Joaquim Manoel de Macedo, pag.

Em Olinda, cerca de cinco kilometros ao norte da cidade do Recife, as terras montanhosas alcançam o mar. Altos outeiros se recurvam para o interior, desde este ponto até Caxangá, e de novo se approximam da costa perto da cidade do Cabo, ao norte do de Santo Agostinho. A planície, ao occidente do Recife, é de recente alluvião e, comparando-se os mappas, organisados durante a occupação hollandeza, na primeira metade do seculo dezesete (1630-1644) com os lineamentos actuaes, verifica-se que continúa ainda o processo do aterro dos pantanos e estuarios antigos. Dous rios, o Beberibe e o Capibaribe, correm através dessa planície baixa e entram no mar por detraz do recife de pedra. Estes rios só podem ser navegados em canôas ou outros

101, Rio de Janeiro, 1873). O sr. Ricardo Burton diz que a etymologia é *Paraná mbok* ou *mbo*, significando braço de mar. (Hans Staden of Hesse, Hakluyt soc. 1874 pag. 20).

As explicações phantasticas, dadas por Johan Nieuhof, Arnoldus Montanus e Rolt estão inteiramente fora de questão. O primeiro deriva a palavra de *Inferno embokko* que elle pensa significar bocca do inferno e referir-se á entrada do porto (Gedenkwaardige Brasiliaense Zee-en Lant Reise, Amsterdam, 1682, pag. 13), Montanus diz que a palavra significa «bocca do inferno» Rolt acceita uma explicação similar do portuguez *Infernoboco*. (A new and accurate history of South America by mr. Rolt, Londres, 1856, pag. 546).

Para a explicação correctá da palavra, vêde o que, a proposito de Rolt, diz o autor á pag. 221 e 222 da presente obra, (*).

Recife é a denominação da parte mais antiga da cidade e está situada a leste do Capibaribe. E' simplesmente a palavra portugueza «recife» e se deriva originariamente do arabe e não do latim *recipere*, como assevera Barlcæus pag. 66.)

(*) Eis o que diz o sabio geologo a respeito:

«Convém notar que esta explicação (a de Montanus e Rolt) da palavra Pernambuco não é correctá. O primitivo nome Tupi parece ter sido *Paraná-buc*, significando *mar que quebra*, para alludir á resaca que quebra sobre o recife». Vide O Tupi, na geographia nacional, por Theodoro Sampaio pag. 52 e 146. S. Paulo, 1911.

pequenos barcos. A maré no Capibaribe sobe a doze kilometros. A partir dos altos de Olinda e por uma distancia de quatro e meio kilometros até a foz do Capibaribe, estende se para o sul uma lingua de areia, formando a praia e separando o oceano e o rio Beberibe. O bairro do Recife assenta no extremo austral dessa lingua de terra.

O canal, entre o isthmo e o recife de arenito, tem duzentos metros na sua menor largura, emquanto que mais para o sul, elle se dilata até cerca de um kilometro. O estreito canal, entre o pharol e a foz do Capibaribe, é muito profundo e forma o porto de Pernambuco. Nos pontos de sua maior largura elle é consideravelmente de menos fundo. Cinco kilometros, ao sul do pharol, construido no extremo norte do recife, o continente, em frente á ilha do Nogueira, dista apenas trescentos metros do recife. Este, desde a extremidade norte até a meridional, e, numa distancia de seis kilometros, é quasi recto e não apresenta solução alguma de continuidade, salvo em um ponto na Barreta, onde existe uma abertura bastante larga, que permite a passagem de jangadas e outras pequenas embarcações. No seu extremo norte, o recife parece continuar, na mesma direcção, submergido numa extensão de perto de seiscentos metros. O seu seguimento, além desse ponto, não é distinctamente assignalado por baixios. Na extremidade austral, elle vai em depressão gradual e a sua extensão para o sul só é percebida pelo quebrar das vagas em alguns cachopos isolados e submergidos, que jazem no eixo do recife principal.

Apparentemente não ha differença entre o aspecto do recife de hoje e o da epocha da occupação hollandeza, como se verifica dos mappas antigos desenhados em 1645.

Visto do mar, parece uma obra artificial, um molhe extenso e baixo de superficie plana e com u'a margem exterior recta, porém escabrosa. Esta é coberta de corallinas e outras algas, serpulæ, polypos, bernaclas, etc., e se acha tambem perfurada

pelos ouriços do mar. Na vasante, o recife fica todo descoberto, semelhando uma baixa muralha negra.

No maximo da preamar e quando o vento sopra rijo (as marés mortas em Pernambuco são de menos de um metro; as aguas vivas de 2,2 metros) a resaca quebra sobre a parte superior do recife, em quasi toda sua extensão, ainda que sem a força precisa para perturbar os navios ancorados no estreito porto, que fica entre elle e a terra. A sua superficie superior é quasi plana, porem alguma cousa anfractuosa, devido á dureza variavel da rocha e ao modo por que esta se vai desgastando. Para protegê-lo e evitar que a resaca attingisse as embarcações, fundeadas no ancoradouro, u'a muralha artificial, de largura variavel, entre vinte e sessenta metros, foi construida, durante a occupação hollandeza, ao longo da extremidade norte do recife. (6)

A face interior deste, ou do lado de dentro, é um pouco irregular.

A correnteza da maré, em vasante, varre, arrastando para o mar, toda lama, trazida de terra, de sorte que essa face do recife é abrupta e a agua ali é ordinariamente profunda.

A rocha do recife é composta, em sua maior parte, de grãos de areia silicosa, cimentados por carbonato de cal. Alem disso, contem muitas conchas de molluscos, dos que vivem no mar, ao longo da costa e um material, mais ou menos calcareo, proveniente de tubos de serpulæ, fracturados, molluscos, gorgonias e producções semelhantes. As conchas conservam as suas brillhantes cores primitivas.

A estructura dos recifes de pedra nunca foi conhecida, com certeza, até o anno de 1874, em que o sr. John Hawshshaw, engenheiro inglez, encarregado pelo governo do Brasil de apresentar um relatório sobre os portos do paiz, procedeu a uma serie de sondagens no recife de Pernambuco e na lingua de areia, onde está situado o bairro mais antigo

(6) jornal de uma viagem ao Brasil, por Maria Graham, Londres, 1825, pag. 101.

da cidade. O resultado dessas sondagens veio provar que a rocha dura do recife tem tres ou quatro metros de espessura e que abaixo della existem camadas de areia, argilla, margas e conchas.

A sondagem mais profunda foi feita quasi em frente ao lugar do desembarque e na profundidade de dezeseite metros.

Eis o seu resultado :

Sondagens dos recifes de Pernambuco.

	Metros
Rocha dura do Recife.....	2,95
Areia branca.....	1,22
Conchas.....	1,10
Areia cinzenta.....	0,65
Rocha fragmentada.....	1,22
Areia escura.....	2,10
Argilla de varias côres.....	1,80
Argilla amarella.....	0,70
Areia cinzenta.....	3,00
Areia branca.....	2,20

As duas outras sondagens, realizadas no recife, uma logo abaixo do arsenal e outra defronte da alfandega e perto da foz do rio, mostram uma successão de areias, conchas e argillas, porém apparentemente não ha nenhuma sequencia na ordem dessas camadas.

Conforme já tive occasião de assignalar, considero as argillas encontradas nas mais baixas porções do recife, como uma prova evidente de haver a praia actual se formado de encontro ou depositado sobre a que primitivamente existiu, mais terra a dentro. As proprias argillas não são depositos de areias de praia, mas seus equivalentes marinhos.

E' para notar que estes recifes de pedra tenham resistido á força das vagas, que quebram sobre elles, especialmente durante as ventanias de sueste, sobretudo quando nos lembramos que só a parte su-

perior do recife está consolidada. E' digno tambem de menção que, quando o recife se fracciona, a fractura pareça ser devida, em grande parte, antes ao facto de ser elle mais atacado do lado de terra do que á força das vagas, que se lhe quebram do lado do mar.

Em certo lugar, a força da correnteza, que descarrega no porto, de encontro á sua face inferior, ajudada provavelmente pela natureza d'agua, tem solapado consideravelmente o recife. Este característico é commum a todos os recifes de pedra, ao longo da costa do Brasil, e em parte devido ao facto de só a porção superior do recife de Pernambuco estar completamente consolidada.

Em alguns pontos, essa especie de solapamento tem produzido a destruição do recife, dando lugar a se verem os blocos da superficie espalhados no fundo ou confusamente amontoados em torno d'elle.

O facto de não ser a face exterior do Recife atacada mais fortemente pelas vagas, é devido á protecção que lhe offerece a grande quantidade de serpulæ, bernaclas e outras producções semelhantes, que lhe cobrem a superficie exterior.

Recife da Praia da Piedade

Seguindo pela beiramar, em direcção ao sul e ao longo da praia, desde o extremo meridional do recife de Pernambuco, descobrem-se, do lado de terra, monticulos de areia, de uns quatro metros de altura—continuação dos da Boa Viagem, e atrás destes, os alagados d'agua doce e as Curcuranas. A topographia dos arredores é, por consequinte, quasi a mesma das proximidades do extremo sul do recife de Pernambuco.

Os primeiros signaes de um recife de pedra, nessa direcção, apparecem em frente á igreja da Piedade, menos de uma milha ao sul da Boa Viagem.

Neste lugar ha sobre a praia um pequeno recife, de cerca de cem metros de extensão. A rocha é inteiramente dura, mas não da dureza do silex, e da mesma côr amarellada das areias de praia. A sua superficie está esfuracada e coberta de uma fina camada de algas verdes.

A inclinação dessas rochas para o mar se manifesta claramente: foram observados os seguintes angulos: 4 1/2, 5.º, 6.º, 6 1/2 e, com relação ás areias que se lhes aggregam, os angulos de sua inclinação são de 4.º 1/2, 5.º.

Recife de Venda Grande

A dezeseis kilometros, ao sul do pharol da capital, e em um povoado conhecido pelo nome de Venda Grande, ha um pequeno, porém interessante recife de pedra. Este recife está unido á praia e enterrado na areia, em sua extremidade meridional, quatrocentos metros ao norte de Venda Grande. Para o norte, elle se aparta gradualmente da praia, de sorte que o seu extremo, nessa direcção, fica ao largo delle duzentos metros.

A extensão total do recife é de 1,6 kilometros, incluindo os fragmentos existentes sobre a praia; differente da maior parte dos recifes da mesma especie, este acaba abruptamente; nada indica que elle continúe submergido, alem da sua extremidade norte, que aliás fica a descoberto na baixamar. O prolongamento do seu eixo attingiria o pharol da capital.

A parte superior do recife está bastante coberta de bernaclas e tubos de *Serpulæ* carcomidos. Estas bernaclas e *Serpulæ* parecem brotar mais rapidamente e medrar sobre as lascas de pedra ou pontas agudas, deixadas pela erosão das rochas do recife. As pôças, que se formam na sua superficie, contêm cabeças de *Porites*.

A rocha é um arenito amarellado, algum tanto grosseiro e cheio de conchas de molluscos fosseis. Conchas da mesma especie se encontram nas areias das fendas e sobre a praia atrás do recife. A rocha tem a dureza que se observa em quaesquer outros recifes—de fractura completamente quartzítica.

Ainda permanecem sobre este recife os esteios de um antigo curral de peixes, parecendo terem sido elles fincados na rocha dura. Informando-me a respeito, soube que essas estacas não foram enterradas na areia, que subseqüentemente endureceu, porém que os furos, para fincal-as, haviam sido abertos na rocha.

Segundo as observações que fiz sobre o declive da areia humida, atrás deste recife, verifiquei ser de 24.º o angulo mais agudo em que ellas se acham. Entretanto, esta não é a face verdadeira do aleitamento, mas sim a falsa.

Recife de Gaibú

Gaibú é a enseada que fica logo ao norte do Cabo de S. Agostinho. No seu extremo austral se elevam os outeiros de granito do cabo, revestidos aqui e alli de sedimentos terciarios. Na extremidade norte demoram as *Pedras Pretas*, ponta rochosa de negros outeiros porphyricos, os quaes não são assignalados na carta hydrographica. Os rochedos de porphyro surgem desnúdos do oceano; para o interior, elles são cobertos de sedimentos terciarios: mais perto do mar, esses sedimentos têm sido removidos por denudação e, sobre a superficie do porphyro, só têm ficado espalhados o quartzo e outros seixos.

Entre esses dous pontos proeminentes, corre uma linha de outeiros terciarios, de cumes mais ou menos denteados, porém recurvando-se para o interior, de modo a formar o contorno semicircular da enseada de Gaibú. Entre esta e os outeiros ha uma faixa

de terra plana, parte coberta de mangues, alagados d'agua doce, e proxima á praia, areias enchutas e algumas dunas.

Tres pequenos cursos d'agua derivam dessa planicie: um que desemboca na extremidade meridional da enseada, em frente ao povoado de Gaibú, outro a cerca de um terço e o ultimo a dous terços do caminho, que vão de Gaibú a Pedras Pretas.

Ao longo da praia de Gaibú, porém aqui e alli, um pouco fóra della, ha um recife de arenito que se estende quasi ininterruptamente desde Pedras Pretas até a extremidade do povoado de Gaibú.

Este recife tem tres ou mais kilometros de extensão, variando na largura de quarenta e cinco a duzentos e quarenta metros—largura esta notavel para um recife de pedra. Na baixamar, elle fica descoberto, dous metros acima d'agua, nos seus pontos mais altos, e apresenta uma suave inclinação para o mar. A rocha é de arenito, de côr de assucar mascavado e contem grande quantidade de conchas marinhas já fossilizadas. A sua superficie tem um aspecto corroido, tão caracteristico dos recifes de pedra.

Do meio desse recife para o sul ha uma pequena abertura, por onde as vagas conseguiram corroer a praia e formar uma pequena enseada, protegida pela extremidade do recife de pedra.

Neste ponto se encontram muitas pedras de edificação, já lavradas e quasi promptas, que estão enterradas nas areias da praia, em torno da extremidade sul deste recife. Crê-se terem sido os holandezes que ahi as deixaram, visto não se saber em que epocha foram ellas arrancadas do seu lugar proprio. Suppunha-se igualmente que as pedras empregadas nos misteres da edificação, quer na capital quer em Olinda, provinham todos do recife de Pernambuco. Parece, porém, que algumas e talvez a maior parte dellas eram tiradas do recife de Gaibú. Este recife não protege nenhum porto e, não só por estar proximo da capital como em uma enseada, em que promptamente se póde carregar qualquer barco,

offerecia um ponto excellente para se fazer uma boa provisão desse material, sem estragar o recife de Pernambuco, que tinha maior valor, porque protegia o porto.

A seguir

J. B. REGUEIRA COSTA.





Nunes Machado

Commemoração do 1.º anniversario de seu nascimento

O *Instituto Archeologico* teve a feliz idéa de reviver mais uma vez os feitos do grande liberal que, de armas na mão, na praça publica, tombou varado por uma balla, quando defendia os direitos do pòvo e os principios com que se irmanára.

Em sessão ordinaria de 5 de Agosto de 1909, sob a presidencia do dr. J. B. Regueira Costa, ficou deliberada a commemoração civica do 1.º centenario do nascimento do eminente patriota, solenidade que, por ser a data 15 de Agosto um domingo, ficou transferida para o día immediato.

Pedimos venia ao brilhante matutino *Pernambuco* para transcrever de sua edição de 17 de Agosto do mesmo anno a noticia referente á solemnidade, justificando essa preferênciã a outro qualquer organ da imprensa recifense a minúcia com que descreveu as festas realizadas:

« Promovidos pelo *Instituto archeologico e geographico pernambucano*, realisaram-se, hontem, os

actos commemorativos da passagem do primeiro centenario do nascimento do desembargador Joaquim Nunes Machado, chefe da revolução pernambucana de 1848.

« A's 9 horas da manhã, de accordo com o programma da commemoração, o eminente sr. bispo d. Luiz, celebrou missa na igreja de S. Francisco, em suffragio á alma do inolvidavel cidadão.

« A vasta e bella nave do citado templo encheuse de assistentes, entre os quaes dr. Herculano Bandedeira, governador do estado, tenente Rodrigues da Silva, coronel J. Galhardo, dr. Feliciano Gomes e Pedro Ivo da Silveira, pelo *Club Popular*, capitão Alberto C. da Cunha, capitão-tenente Carlos Pereira Guimarães, Alfredo do Carmo e dr. Turiano Campello, do *Correio do Recife*, dr. João José da Silva, dr. Gervasio Fioravanti, desembargador Francisco Luiz, Raymundo Seixas, Samuel Chaves e Renato Phaelante, pelo *Centro Academico*, Alfredo Monteiro, Manoel Bastos, Rocha Pereira, Manoel J. de Santa Anna Araujo, dr. Philemon de Albuquerque, do *Jornal do Recife*, Luiz M. Franco, Joaquim Quintino Gonçalves, dr. João B. Regueira Costa, Manoel Ribeiro de Carvalho Junior, Elias da Cruz Ribeiro, major Manoel Carvalheira, da *Liga Maritima*, Manoel T. de Araujo Saldanha, Alfredo Rodrigues, Pedro Epiphanio de Souza, Benjamin de Albuquerque, Eduardo V. Correia, Alfredo Mesquita, Lino Quental, José G. Thaumaturgo de Oliveira e Manoel Duarte por esta folha.

« A's quatro horas da tarde, chegavamos nós ao *Instituto Archeologico*, onde já encontramos o dr. Arthur Muniz, coronel J. Galhardo, dr. Aprigio Castro, dr. Guedes Alcoforado, dr. João Coimbra, desembargador Francisco Luiz, dr. Gervasio Fioravanti, dr. Mario Mello, dr. Feliciano André Gomes, tenente Rodrigues da Silva e mais pessoas cujos nomes nos escaparam.

« Alguns minutos depois, chegava o dr. Regueira Costa, presidente do *Instituto archeologico*.

« A essa hora, já a banda de musica do primeiro corpo de policia, postada em frente do edificio do *Archeologico*, executava bonitas peças do seu repertorio.

« Dando entrada no salão, o dr. Regueira Costa dirigiu-se para a meza da directoria, occupando a presidencia, ladeado dos srs. desembargador Francisco Luiz, dr. João Coimbra, dr. Gervasio Fioravanti, dr. Arthur Muniz, dr. Aprigio Castro, dr. Feliciano Gomes, coronel J. Galharido e Manoel Duarte.

« A esse tempo, dava entrada tambem no salão o illustre sr. dr. Candido Duarte, director do conceituado *Instituto pernambucano*, acompanhado da fanfarrá do seu acreditado collegio e muitos dos seus alumnos, o mesmo fazendo, minutos após, o *Instituto Ayres Gama*, com a respectiva bandeira conduzida pelo alumno Romeu Medeiros.

« Em meio do mais profundo silencio e depois de estar quasi totalmente cheio o vasto salão do *Instituto*, notando-se a presença de academicos e pessoas gradas, commissões diversas, etc., etc., o dr. Regueira Costa declarou aberta a sessão, lendo, em seguida, e seu discurso, explicando o motiva daquella solenne assembléa e referindo-se, em phrases vibrantes, á personalidade do desembargador Nunes Machado, de cuja vida e acção politicas fez um rapido historico, destacando-lhe o patriotismo e a coragem.

« O discurso do presidente do *Instituto* foi muito applaudido e nós pretendemos publical-o amanhã, si, como nos prometteu o dr. Regueira, nos for elle entregue.

« Depois de ter fallado o dr. Regueira, usou da palavra o desembargador Francisco Luiz, parente do heróe e filho da terra em que nasceu Nunes Machado.

« S. s. leu uma biographia do martyr de 1849, registrando episodios de sua vida publica, feitos de seu patriotismo, o seu papel saliente na revolução,

suas tendencias liberaes, tudo isso documentando com factos e datas de modo preciso e claro.

« A exposição do venerando desembargador, que daremos amanhã na integra, foi tambem muito applaudida.

« Pediu, em seguida, a palavra o dr. João Coimbra.

« O substituto do procurador geral do Estado leu de pé, e com voz eloquente, o seu bellissimo discurso, ouvido attentosamente.

« Depois de referir-se a Nunes Machado, de quem traçou, com tintas seguras, a biographia, referindo-se ao seu character e ao seu espirito liberal, o dr. J. Coimbra fez, tambem, um resumo historico da revolução praieira, cujos fins liberaes deixou patentes, como patente deixou o papel que nella desempenhou o heróe, cujo centenario do nascimento se estava commemorando

« Fimdo o historico da revolução de 48, das causas que a motivaram, o dr. João Coimbra disse ter sido Nunes Machado um juiz de toga immaculada, de uma rectidão de character inegualavel, nunca se dispondo a vender a consciencia, como agora, em que a justiça andava ludibriada e nas mãos dos dominadores.

« S. s. foi muito applaudido ao terminar essa parte do seu discurso.

« Terminando, disse o orador que o fazia com um protesto contra o que publicou o *Diario de Pernambuco*, em a sua edição de hontem, a respeito de Nunes Machado.

« A revolução de 1848, disse o dr. Coimbra, não se fez com trabucos, como affirmou o escriptor do *Diario*.

« Naquelle epocha, o governo tinha organizado a guarda nacional e as armas usadas pelos revolucionarios eram as melhores daquelle tempo e não trabucos.

« Depois, concluiu o orador, Nunes Machado foi ferido na cabeça e não no peito.

« Muitos applausos cobriram as suas ultimas palavras.

« S. s. prometteu-nos dar seu excellente discurso para publicarmol-o, depois de lhe ter feito algumas correções porque o traçara *currente calamo*. (1)

« Depois do dr. João Coimbra, falou, em arrebatador improviso, o dr. Gervasio Fioravanti, que terminou convidando o povo a ir em romaria ao Campo Santo, sendo levantada a sessão logo depois.

« Dahi a breves minutos, formava-se o cortejo, precedido pela banda de musica do primeiro corpo de policia, a que se seguiam a harmoniosa fanfarra do *Instituto Gymnasial Pernambucano*, os alumnos do *Gymnasio Ayres Gama* e a musica da *Escola correcional*.

« Grande numero de pessoas incorporou-se ao prestito civico, que seguiu pela ponte da Bôa-Vista, ruas da Imperatriz, Hospicio, até ao cemiterio de Santo Amaro.

« Eram 5 e 10 minutos da tarde.

« Um pouco distanciado do grosso da multidão, o dr. Arthnr Muniz, acompanhado do dr. Turiano Campello, dr. Albuquerque Maranhão e mais amigos, quando chegou junto ao tumulo de Nunes Machado, encontrou a multidão prompta para ouvir-lhe a palavra arrebatadora.

« O tumulo do martyr pernambucano estava ornamentado com simplicidade.

« Um grande retrato do heróe descansava na base da columna de marmore, da qual algumas flores ornavam o capitel.

« O *Instituto gymnasial pernambucano*, com a sua fanfarra, formou em frente do pequeno, porém bonito monumento erguido em 1898, do chefe da revolução praieira.

« Alguns instantes mais e o dr. Arthur Muniz dava começo a sua oração.

« O discurso do talentoso homem de lettras foi

(1) Não o reproduzimos por já ter sido publicado no n.º 77 desta revista.

breve, porém eloquentissimo; tão bello na forma como na essencia.

« Começou o dr. Muniz por dizer que aquella romagem se fizera para reviver o nome de Nunes Machado no coração dos pernambucanos, para accender o patriotismo e não deixar no esquecimento o papel do grande revolucionario.

« O dr. Muniz estudou, em synthese, a personalidade do notavel pernambucano, no triplice aspecto de poeta, de politico e magistrado, arrancando applausos dos que o ouviam.

« A oração do illustre orador terminou por uma commovedora evocação ao espirito do grande patricio.

« Os pernambucanos, disse mais ou menos o dr. Muniz, honrarão sempre a tua memoria e saberão cultivar o civismo de que foste um dos maiores exemplos.

« Em conclusão, o discurso do digno orador mereceu os applausos unanimes da multidão ali estacionada e reverente.

« Fallaram depois os academicos Renato Phaelante pelo *Centro academico* e José Campello pelo corpo discente da academia.

« Em ultimo logar e ás primeiras badaladas do sino dando signal de fechar o cemiterio, o talentoso moço Leovigildo Samuel Junior, alumno do *Instituto gymnasial pernambucano*, recitou o seguinte bellissimo soneto de sua lavra :

SURSUM CORDA

*Honrar os heróes é
engrandecer a patria.*

A. G.

Desperta luctador ! Vem vêr a Mocidade,
Como num sacro altar, repleta de respeito,
A consagrar-te, assim, o mais sincero preito
Ao civico valor, á tua heroicidade !...

Deixa que aqui se faça, agora em cada peito
Uma pura oblação com toda a magestade,
Como um echo talvez, da sã posteridade,
Rendendo-te á memoria o culto mais perfeito.

Vimos todos trazer ouvindo a voz da Historia,
Que eternisa no mundo o exemplo de uma gloria,
Do nosso grande apreço a pallida linguagem.

E ao ler aqui teu nome illuminado e santo,
Fazemos d'elle n'alma o mais solemne canto!
Patriota denodado! Aceita esta homenagem!..

LEOVIGILDO JUNIOR.

Do Instituto pernambucano.

« Estes versos foram profusamente espalhados em avulsos.

« E assim terminou a ultima parte da solemni-
dade commemorativa do centenario do nascimento
do inolvidavel patriota desembargador Joaquim
Nunes Machado.»

Completamos a noticia do *Pernambuco*, acima transcripta, estampando os discursos escriptos a que o mesmo se refere, menos o que já foi publicado em numero anterior da revista, para evitar a duplicata, lamentando não terem sido stenographados os brilhantes improvisos das pessoas, que na festividade se occuparam da personalidade masculina do grande patriota.

Allocução do Presidente do Instituto

Illustres Concidadãos,

Reveste-se de grande imponencia a solemnidade, que o Instituto Archeologico leva hoje a effeito, em honra a Nunes Machado, o mallogrado tribuno, que se immolou em holocausto á idéa de uma falsa liberdade, cahindo victima de um sentimento de lealdade para com seus amigos politicos, na revolta que, por dous annos, enlutou a familia pernambucana, condemnando-a a todos os horrores de uma guerra civil.

Muito embora, á luz da critica historica, não se possa considerar esse movimento um dos factores do 15 de Novembro, como o foram as revoluções de 1710, 1817 e 1824, muito embora, em apoio da opinião em contrario, se tenha até invocado a futil coincidência de que a somma total de 17, 24 e 48 é 89, data da proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil, muito embora, só mais tarde, a convocação de uma constituinte fosse a bandeira hasteada pelos revoltosos, para justificar a lucta fraticida em que se empenharam, comtudo Nunes Machado, prophetisando, no dizer de João Francisco Lisboa, a sorte que aguardava Pernambuco, como si as approximações da morte lhe dessem a visão do futuro, Nunes Machado, com essa intuição de vidente —reprovando a revolta em Alagoas e, ao chegar ao Recife, só se arremessando a ella para dar arrhas de sua fé e lealdade para com os que o accusavam de traição, Nunes Machado, meus Senhores, é um desses vultos, que se tornou entre nós legendario e cuja estatura moral assume proporções gigantescas, impondo-se, cada vez mais, á veneração dos Pernambucanos.

Eis porque o Instituto Archeologico, que, ha dez annos, tomou por missão exhumar do esquecimento a sua memoria, já appondo uma lapida commemo-

rativa no sobrado, em que tombou o grande cidadão, já conduzindo, em marcha civica, os seus depoços mortaes, para encerral-os no mausoleu que mandara construir, resolveu transportar-se hoje ao Campo Santo, para, diante de seu tumulo, como diante de um altar, glorificar, em verdadeira apothese, a passagem do seu primeiro centenario natalicio.

Que importa que seja na mansão da morte que se commemore o nascimento do abnegado tribuno?

Através da noite de seu tumulo, dir-se-ia brilharem raios de luz, que lhe reflectem a vida gloriosa.

E é ao esplendor dessa especie de aurora boreal que o orador do Instituto, com as fulgurações de seu privilegiado talento, enaltecerá no Campo Santo as virtudes civicas e moraes do magistrado honestissimo, do politico de vistas largas, do intemerato patriota que se chamou Nunes Machado.

Ahi, sob aquelle docel azulado dos ceus, illuminado pelos fulgores amortecidos do sol em declinio; ahi, no meio daquelle silencio, interrompido unicamente pelo saudoso turturinar da jurity; ahi, por entre o esguio daquelles cyprestes, levantados como braços, para o Senhor, no dizer de um poeta; ahi, em presença daquellas lousas sepulchraes, onde vai se quebrar a vaga das paixões que ferverem cá fóra... ahi a consagração do centenario natalicio do benemerito democrata symbolizará o culto de uma religião, a religião do amor da patria, essa patria que elle tanto amou, esse amor que o arrastou ao sacrificio de si mesmo, na ingloria jornada de 2 de Fevereiro de 1849.

E, como a alma pernambucana, sempre vibratil de entusiasmo patriotico, não possa ser indifferente ás festas civicas, em homenagem a seus filhos distinctos, identifiquemo-nos, illustres concidadãos, no sublime pensamento que anima o Instituto Archeologico, no dia de hoje; e, em imponente romaria, sigamos caminho do Campo Santo, para dar a guarda de honra á cerimonia, glorificadora do centenario natalicio de Nunes Machado.—J. B. REGUEIRA COSTA.

Discurso do Desembargador Francisco Luiz

Senhores.

Em 1849, aos 14 annos de idade, eu estudava latim na cidade Goyanna, onde nasci a 3 de janeiro de 1835 e onde tambem nasceu o Desembargador Joaquim Nunes Machado, a 15 de agosto de 1809.

Lembro-me que pelas 6 horas da tarde, mais ou menos, do dia 2 de fevereiro de 1849, foi affixado na porta da matriz d'aquella cidade um edital annunciando a morte do Desembargador Nunes Machado e no qual convidava o governo os rebeldes a deporem as armas.

Fiz parte do numeroso grupo que affluio para ler o edital.

Houve uma commoção contristadora em toda cidade.

Sua velha e virtuosa mãe—D. Margarida de Jesus Nunes Machado, ao saber de tão lugubre noticia, correu allucinada pela rua Direita da mencionada cidade, onde morava, sendo segurada e conduzida por outras senhoras para sua casa, onde, por muito tempo esteve de cama e á morte.

Em uma carta do proprio punho de seu venerando pae Bernardo José Fernandes de Sá, que por muito tempo advogou em dita cidade, encontrada entre os papeis do general Abreu e Lima pelo Dr. Elpidio de Figueiredo e offerecida a este Instituto, declara elle:

«O meu pranteado filho, Desembargador Nunes Machado, nasceu na cidade de Goyanna, então villa, a 15 de agosto de 1809. Nasceu quasi morto, sendo por isso baptisado ás pressas, logo depois de nascido.

Na idade de 7 annos, botei-o na escola de primeiras lettras; na idade de 10 para 11 annos, co-

meçou a estudar latim, concluindo no Seminario de Olinda os preparatorios. Em 1827, inaugurando-se o curso de direito, matriculou-se nelle e em 1832 recebeu o gráo de bacharel.

Em 1833 casou-se com D. Maria Joanna, de importante familia do Rio de Janeiro e no mesmo anno foi despachado juiz de crime e civil de sua cidade natal, donde foi removido no mesmo cargo para o Recife, accumulando o de chefe de policia; no anno seguinte, foi nomeado Dezembargador da Relação de Pernambuco; e foi deputado provincial e geral em 3 legislaturas.

Neste Instituto, eu tive occasião de ouvir o prestimoso major José Domingues Codeceira, contemporaneo da revolução de 1848 declarar: No dia 2 de Fevereiro de 1849, por occasião da entrada das forças rebeldes na cidade do Recife, no logar Solledade, cahiu fulminado por uma bala da descarga feita do respectivo quartel, o distincto pernambucano Dezembargador Nunes Machado, victima de sua dedicação ao partido liberal, a que pertencia, sendo daquelle logar conduzido para a capella de Belem e d'alli para o convento de S. Francisco, onde foi sepultado.

Sei que por iniciativa e deligencia deste Instituto, em 1898, foram os seus despojos mortaes collocados em modesto mausoleo, no cemiterio de Santo Amaro, onde vamos em romaria commemorar o primeiro centenario do seu nascimento.

E' sabido que o Dezembargador Nunes Machado, quando ainda estudante do curso de direito em Olinda, foi um dos que, com diversos collegas, ajudaram a defender esta capital em 1831, por occasião da revolta conhecida pelo nome de setembrisada; no anno seguinte, prestou importante serviço na revolta denominada a brilada, vindo tambem de Olinda com outros companheiros; e mais tarde, como chefe de policia, muito fez para abafar a sedição, que se chamou carneirada.

Achando-se como deputado no Rio de Janeiro,

em novembro de 1848, quando rebentou a revolução denominada—Praeira—, partiu para esta cidade, no intuito de fazer abortar dita revolução; mas para dar solemne desmentido á calúnnia, de se haver vendido ao governo, declarou aos correligionarios que os acompanharia em defeza de sua honra e de seu partido.

Como magistrado, o Dezembargador Nunes Machado era o prototypo da justiça; na Assembléa Geral, sua voz sempre se fez ouvir em defeza dos interesses da patria; fallava constantemente em favor da ordem e da liberdade, das idéas que desde 10 de novembro de 1710, 6 de março de 1817 e 24 de julho de 1824 evoluindo, se realizarão á 15 de novembro de 1889.

Já li algures: Ha homens dos quaes basta pronunciar o nome para fazer-se o seu elogio; embalde se lança mão de engenhosas idéas de eloquencia para em bello e bem tecido panegerico mostrar-se o que elles forão e o que fizerão; é quaze sem fructo que se adopta o plano de fazer chegar ao conhecimento dos contemporaneos, descrevendo-se com imagens brilhantes, o resultado de suas acções e o esplendor de suas virtudes; seu retrato, pode-se em verdade débuchar, mas difficilmente terminal-o, porque não se encontram na palheta tintas próprias para apresentar em primoroso relevo a belleza do quadro; entretanto que, pronunciando o nome do personagem que se preconisa, tem-se feito o seu elogio, porque o seu nome é a sua maior recommendação ou antes o espelho em que se reflectem todos os seus feitos, todas as suas virtudes civicas, todos os predicados que os ornão.

Assim, meus senhores, concluo este breve panegyrico pronunciando o nome do brioso e valoroso pernambucano Joaquim Nunes Machado.





Viagens no Brazil

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba, Maranhão, etc

Usos e costumes dos habitantes desse paiz

POR HENRY KOSTER

Traduzidas para o francez por M. A. Jay e do francez para o portuguez por Antonio C. de A. Pimentel, amanuense do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

Publicado em Paris em 1846 (Continuação do n. 65)

CAPITULO X

O autor faz-se á vela de Gravesede e chega a Pernambuco—Estado do Recife—Viagem á Bom Jardim com um capitão-mór e volta ao Recife.

No principio do inverno recommendaram-me ainda os meus amigos que voltasse a um clima mais temperado do que o da Inglaterra, e sabendo eu que o navio portuguez *Serra Pequeno* ia partir, tomei passagem á seu bordo. Estava elle ancorado em Gravesede, e a 4 de Outubro de 1811 embarquei para Pernambuco.

Ventos contrarios retiveram o navio em Portsmouth durante seis semanas. A 20 de Novembro o vento saltou para nordeste e os tiros de canhão de signaes dos navios de guerra incumbidos de escoltar-nos despertaram-nos e dentro em pouco era tudo agitação em Cowes, onde se achava grande numero de pessoas nas mesmas condições que nós. Os navios pozeram-se logo á velas e antes de anoitecer já haviam dobrado as *Agulhas*. O *Serra Pequeno* e os outros navios portuguezes, juntaram-se a uma fragata que se dirigia ao Mediterraneo, tencionando ir de conserva com ella, tanto quanto o destino de todos os obrigasse a seguir a mesma derrota; mas demanhã vimos que estavam com uma fragata que navegava para Lisbôa. Logo a deixamos indo acompanhados de dous outros navios portuguezes.

Na noite de 22 encontramos a corveta *Rangarvo* com direcção á costa d'Africa e comboiando alguns navios. A 24 de Março nos separamos delles e a 26 iamos com um só navio portuguez. A nossa viagem foi feliz; nem tivemos máo tempo, nem soffremos muitas calmarias. Em 3 de Dezembro, á vista das ilhas Canarias, encontramos tambem a fragata *Arethusa* e o commandante do *Serra* foi obrigado a ir á bordo apresentar-lhe os seus papeis. Os regulamentos relativos ao commercio de escravos pelos portuguezes occasionaram mais pesquisas do que se tivessem julgado convenienté fazel-a de outro modo. A 22 cortamos a linha e na tarde de 26 governamos para terra na persuasão de havermos attingido a latitude do porto, que todavia nos ficava muito a leste; entretanto, ao romper da aurora, descobrimos a terra muito mais cedo do que o pensavam os officiaes do navio. Esse erro da-se com frequencia á bordo dos navios que não levam chronometro, pois sem elle a exactidão do calculo da longitude falla sempre. Ao amanhecer achavamo-nos um pouco ao norte de Olinda e entramos no porto as nove horas, indo ancorar na enseada inferior chamada *Pôço*.

O *Serra Pequeno* é um desses grandes navios do Brasil que exigem numerosa equipagem para manobral-os. Quasi tudo a bordo era feito como nos navios inglezes, com a differença de haver mais barulho e menos limpeza.

O segundo official, que no serviço mercante inglez chama-se *mate* (corresponde a *immediato*), tem nos navios portuguezes o titulo de pilôto, e o regulamento de sua marinha determina-lhe as obrigações na conducção do navio, confiando a um official subalterno o cuidado da carga e descarga e finalmente todo o detalhe, quer no mar, quer no porto.

Fui acolhido por todas as pessoas que precedentemente tivera o prazer de conhecer com a mesma amizade que me haviam outr'ora testemunhado. Diversos inglezes offereceram-me aposentos em suas casas, até que eu arranjasse uma; aceitei o offerecimento d'aquelle á cujos desvelados cuidados devia eu tanta gratidão desde o forte ataque de febres que me acommetera no anno anterior. As primeiras semanas, passei-as em visitas aos amigos e conhecidos. Alguns delles viviam retirados nos arrabaldes da cidade, que, como já tive occasião de dizer, naquella estação está quasi deserta.

Notei grande differença no aspecto do Recife e dos seus moradores, ainda que estivesse ausente bem pouco tempo. Varias casas tinham sido reparadas e as pesadas e sombrias gelosias, quasi geralmente, substituidas por postigos, envidraçados e por varandas de ferro. Haviam chegado algumas familias de Lisbôa e tres da Inglaterra. As mulheres das primeiras davam o exemplo indo a pé á missa de dia, as outras costumavam á tarde sahir á passeio. Estas innovações uma vez introduzidas e praticadas por algumas pessoas, foram logo adoptadas por certo individuos que até então receiaram a censura da singularidade e aceitas tambem por outros que as achavam boas. As fazendas de sêda e o setim, tornando-se enfeites menos communs para os dias de festa, eram em grande parte substituidos

por musselinas e outros tecidos de algodão. Os homens, que precedentemente appareciam todos os dias de preto, com fivelas de ouro e chapéus de tres bicos, não escrupulisaram mais de usar de chapéus redondos, calças de ganga e borzeguins. A propria alta e pesada sella, já não estava tanto em moda e com frequencia viam-se outras de forma mais moderna. Os palanquins, de que as senhoras se serviam para ir as igrejas ou visitar as amigas, tinham maior elegancia e os conductores vestiam com mais luxo. Estes não podem deixar de attrahir a attenção dos estrangeiros pela oppulencia de seu traje, pelos seus bonets suas plumas e pelas pernas nuas.

Numerosas casas de campo haviam sido ha pouco edificadas. O valor das terras nas visinhanças do Recife augmentara; o fabrico de tijollos tornara-se officio lucrativo; os operarios eram procurados, e sem fallar em muitos outros terrenos, o espaço comprehendido entre o povoado do *Poço da Pannella* e o *Monteiro*, de quasi uma milha de extensão, em 1810, achava-se coberto de quitandeiros; tinham-no limpado e nelle construíam casas e o adornavam com jardins. A grande igreja do Corpo Santo, situada na parte da cidade chamada propriamente Recife, estava acabada e projectavam varios outros aformoseamentos. O tempo das reparações chegara (1); homens que durante tantos annos nunca pensaram em fazer a menor alteração no exterior ou no interior de suas moradas, hoje buscam os commodos e até os adornos do luxo. Tudo n'aquelle paiz toma ares de modernismo.

O espirito de innovação produziu algumas con-

(1) Antes da minha partida, em 1815, tinha-se alteado grande extensão de terreno (coberto pela maré e pelo alto mar) e nella edificavam casas. A rua principal de Santo Antonio estava calçada. Haviam reconstruido de madeira a ponte da Boa-Vista e tratavam de concertar a que liga Santo Antonio ao Recife. Os hospitaes iam tambem ser melhorados; e, como depois de minha volta á Inglaterra soube ter sido escolhido para director um homem recomendavel, espero que a intenção se tenha realisado.

sequencias bastantemente irrisorias: uma senhora, de extraordinaria corpulencia, resolveo seguir rigorosamente as novas modas. O contorno de sua cintura equalava-lhe a altura; a despeito porem de tão desgraçada rotundidade, teve a phantasia de vestir-se á ingleza e trazia na cabeça um chapeosinho á bohemia atado por baixo do queixo. Os casacos só a pouco tinham sido introduzidos, e ella ainda os não adoptara. Entretanto, era-lhe indispensavel um vestido da moda e este foi tallado e chanfrado de maneira a pôr em relevo certas protuberancias que de ordinario se occultam ás vistas. O vestido era de musselina, pintado de diferentes côres, em torno da cintura. A tal senhora calçava sapatos pequenos, mas a sua funesta gordura estendendo-se tambem ás cavilhas e aos pés, tornava a compressão necessaria de maneira que depois de bem enfeitada, era-lhe impossivel mover-se e dar um passo.

Ligara-me muito intimamente com o capitão-mor de um districto visinho, que vinha com frequencia n'uma casa da cidade onde eu passava as tardes; devia elle, dentro de poucos dias ir até o seu districto e convidou-nos, a mim e a um meu amigo, para acompanhal-o naquella inspecção, ou antes visita que ia fazer aos seus officiaes; accetamos o convite e convencionamos que elle nos avisaria do dia designado para a viagem, afim de que podessemos ir reunirmos em sua casa, de onde deveriamos partir com elle e a sua comitiva para o interior do paiz.

Os *capitães-mores* são officiaes investidos de grandes poderes, tendo a cumprir obrigações tanto civis como militares e de entre os agricultores de maior fortuna e importancia nos seus respectivos districtos, e que deviam ser tirados. Mas por consideração á familias ou a parentes acreditados na côrte, essa regra tem sido posta de parte; pelo que, em lugar d'aquelles succede serem nomeados para taes cargos individuos sem capacidade para prehenchel-os. O governo do Brasil parece inteiramente

militar. Todos os homens de dezeseis a sessenta annos, são alistados como soldados na linha, ou como milicianos, ou ainda como pertencentes aos corpos *ordenanças*. N'outro lugar fallei de tropas regulares. Quanto á segunda classe, cada cidade possui um regimento, cujos individuos, com excepção do major, ajudantes e, as vezes do coronel, não recebem soldo, mas são considerados encorporados e convocados em certas epochas, no correr do anno, afim de serem passados em revista. As despesas occasionadas por taes deslocamentos impedem muita gente de pertencer á essa classe e debalde pretendeu o governo augmentar os regimentos de milicias. Os soldados prestam obediencia aos capitães, ao coronel e ao governador da provincia. Os coroneis ou são ricos agricultores, ou majores ou lugar tenentes coroneis das tropas de linha, escolhidos para commandar aquelles regimentos e só neste caso recebem soldo. Seria conveniente que possuíssem propriedades no districto, porque fora desta regra é abuso. A este respeito ignoro as disposições da lei. Os majores e os ajudantes são tambem algumas vezes officiaes de linha, promovidos á esses postos. Mas quer sejam ou não militares de profissão, são soldados, porque a distribuição das ordens e os demais negocios do regimento lhes dão immenso trabalho.

A terceira composta na maioria de brancos e pardos de todas as condições, reconhece por seus immediatos aos *capitães-mores*, que não ganham soldo; todos os que servem nas *ordenanças* são, da mesma forma, obrigados a isso sem retribuição nenhuma. Cada districto tem um *capitão-mor*, que deve possuir ao menos uma propriedade territorial no lugar de sua jurisdicção, e é assistido por um major ou capitão de *alfercs*, que são lugar-tenentes ou portabandeiras, e por sargentos e cabos de esquadra. Cabe ao *capitão-mor* velar para que cada individuo sob o seu commando, ande munido de uma arma, seja qual for, espingarda, espada ou lança; é igual-

mente o encarregado de notificar as ordens do governador, tem o direito de punir um delinquente com vinte quatro horas de prisão e o dever de remetter escoltado ao juizo superior do seu districto qualquer criminoso.

Os abusos do cargo de capitão-mor são innumeros e as classes baixas das pessoas livres se acham sujeitas a oppressão desses officiaes e de seus subordinados até os cabos de esquadra. Constantemente obrigam um pobre homem, paisano, a levar mensagens que nenhuma relação tem com o serviço publico, forçando assim os infelizes a abandonar o seu trabalho e as suas familias para irem levar cartas particulares dos chefes, dos capitães ou lugar tenentes, e isso sem a menor recompensa. Raramente lembram-se aquelles individuos de se utilizarem dos seus escravos em taes occasiões ou de pagarem aos que assim empregam. Fui cem vezes testemunha de semelhantes veixações e por toda parte ouvi queixas a respeito; é um abuso inqualificavel. Nada revolta tanto um brasileiro como a certeza de perder tempo e trabalho forçado que lhe não é exigido pelo seu governo. Muitas vezes e durante dias consecutivos, por qualquer bagatella, põe-se no pelourinho individuos que nem ao menos são citados perante o tribunal civil ou sequer ouvidos, e depois soltam. Entretanto, é com satisfação que declaro conhecer homens de conducta bem diferente da que acabo de mencionar; o poder porem conferido aquelles homens é grande demais e a probabilidade de serem chamados a contas pelos excessos de autoridade que praticam, está bem longe para que possa ser exercida de modo conveniente.

Os mulatos e os pretos livres, cujos nomes figuram na lista dos regimentos milicianos, commandados por officiaes brancos ou por homens de côr e da condição delles mesmos, não estão, propriamente fallando, sujeitos aos *capitães-mores*, que, como os coroneis, recebem suas patentes do governo ge-

ral, ao passo que os officiaes subalternos as recebem dos governos provinciaes.

Julguei necessarias estas explicações sobre o estado do governo interno, para pôr o leitor em condições de comprehender os motivos que me determinaram a tentar a viagem, cuja narração vou fazer.

(Continua),



Declaração (*)

A directoria do Instituto Archeológico e a redacção de sua *Revista* não são solidárias com os têrmos discortezes de um artigo assignado pelos Srs. Aprígio e Rodolpho Garcia, publicado no *Diário de Pernambuco*, então organ político partidário e por inadvertência transcripto no n. 78 desta *Revista*.

Certo, o extraordinário mérito do *Diccionario Corographico, Histórico e Estatístico de Pernambuco* do nosso benemérito consócio dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão não desmerecia de seu valor em ter procurado a interpretação das palavras indígenas na *Gramática y Diccionario de la lengua tupi ó guarani* do PADRE ANTÓNIO LUIZ DE MONTOYA, de preferéncia a outros autores, em se tratando de uma língua não escripta, de modo tão diverso interpretada e cujos têrmos vão ficando na geographia corrompidos e alterados pela nossa linguagem. O autor receberia mesmo com agrado qualquer adverténcia que lhe fosse suggerida por uma crítica imparcial e sobretudo educada. Os termos do artigo escripto

(*) Redigida e lida pelo 1.º secretário e approvada por unanimidade, em sessão de assembléa geral de 14 de Dezembro de 1912.

por ódio político partidário, a indelicadeza com que é tratado um sócio benemérito deste Instituto e o ridículo a que procuram arrastar um trabalho que nos honra, é que não estão nos moldes de uma revista científica, onde as discussões devem pairar muito acima do ódio e do despeito.

Esta declaração é um desaggravo do Instituto a um sócio benemérito por muitos títulos, que não se deverá sentir magoado com os conceitos injuriosos de dezafectos, insertos na sua *Revista*, mas no período em que a anarchia assim como conseguiu demolir o seu edifício, tentou demolir a estabilidade do crédito desta instituição útil e patriótica.

Igual dezagravo já foi feito em acta de nossos trabalhos.

Valha esta declaração por um incentivo ao illustre autor de tão importante obra, para que continue a legar ao seu Estado natal estudos de igual mérito.





REVISTA

DO

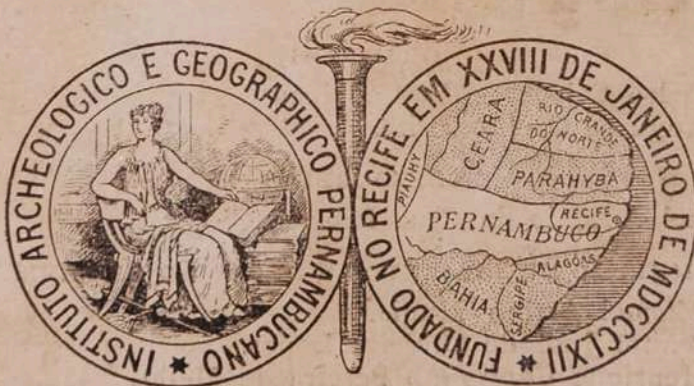
Instituto Archeologico e Geographico PERNAMBUCANO

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. Arthur Muñiz, Monsenhor José de Oliveira Lopes
e Dr. Henrique Capitolino Pereira de Mello.

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria,

Prosopopéa—Bento Teixeira Pinto



PERNAMBUCO - BRAZIL

IMPRESA INDUSTRIAL

49-51—Rua Visconde de Itaparica—49-51.

RECIFE—1913

4499
Voss

DIRECTORIA DO INSTITUTO

Anno social de 1913 a 1914



PRESIDENTE DE HONRA

Dr. João Baptista Regueira Costa

PRESIDENTE EFFECTIVO

Arcebispo D. Luiz Raymundo da Silva Brito.

1.º VICE-PRESIDENTE

Dr. José de Moraes Guedes Alcoforado.

2.º VICE-PRESIDENTE

Desembargador Primitivo de Miranda Souza Gomes.

3.º VICE-PRESIDENTE

Dr. Pedro Francisco Correia de Oliveira.

1.º SECRETARIO

Dr. Octaviano de Paiva Mendonça.

2.º SECRETARIO

Dr. Mario Carneiro do Rego Melo.

SUPPLENTES DE SECRETARIOS

Antonio Mendes Martins.

Dr. José de Barros Lima.

ORADORES

Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

Dr. Augusto Coelho Leite.

THESOUREIRO

Coronel Antonio da Cruz Ribeiro.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Manoel Arthur Muniz.

Monsenhor José de Oliveira Lopes.

Dr. Henrique Capitolino Pereira de Mello.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTOS

Dr. Victalino Cordeiro Lins.

Commendador Antonio Joaquim Barbosa Vianna.

Manoel Eugenio da Rocha Samico.





Dr. Aprigio Guimarães

(Socio installador do Instituto e seu orador por muitos annos)

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XV

Junho de 1910

N.º 80

João de Souto Maior

ou

O Delirio do Patriota

DRAMA HISTORICO-NACIONAL

(OBRA POSTHUMA)

PELO

DR. APRIGIO GUIMARÃES

Natural de Pernambuco

O passado, precipicio lugubre, que o proprio Dante quem sabe si desceria... As idolatrias da etiqueta casadas com os apuros dos supplicios, a doutrina—tudo é do rei, as immoralidades, as vergonhas, as baixezas, as mutilações de todas as virilidades, os confiscos e perseguições, tudo se foi amontoando em silencio, até que um dia o povo deu o traço e sommou: 1789.—Victor Hugo.



N'

Saudosa Memoria

dos

Meus amigos do coração

Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira

Minervino Augusto de Souza Leão

Dr. Misael da Silveira Amaral

Demetrio Acacio d'Albuquerque Mello

Dr. José Soares d'Azevedo.

ADVERTENCIA

Recife, Dezembro 1877.

O discurso que li na *Sessão Academica* de 11 de Agosto de 1877, como eu president: (trabalho impresso por meus discipulos), e a memoria *Luiz do Rego e a Posteridade* (publicada em Sergipe por meu amigo o Sr. Bricio Cardoso, e reimpressa na *Provincia*), dispensam-me de muitas linhas, que deviam avolumar os preliminares d'este livro.

Offerecendo estas peçã: ao juizo do leitor, entrarei aqui em considerações de origem diferente.

Desde *Nunes Machado*, sei a quanto me arrisquei escrevendo um drama.

Uma folha ingleza, *Manchester Guardian*, escreveu aos 12 de Abril de 1875: — «E' uma das mais estranhas singularidades dos francezes, jámais admittirem a competencia da mesma pessoa em dous ramos differentes das artes ou das sciencias. Todos proclamam V. Hugo um poeta sublime; poucos, porém, admittem que elle possa escrever boa prosa. Convém todos que Thiers é um admiravel orador politico; razão porque geralmente lhe negan: merecimento como orador. Para a lista completa dos exemplos vivos de victimas d'esta idiosyncracia nacional não chegariam as columnas do *Guardian*.»

E comprehende desde logo o leitor, o que com a citação quero dizer.

Si o redactor da folha ingleza conhecesse o Brazil, saberia que por cá, mais do que pela França, reina o supersticioso respeito ao *Ne sutor ultra crepidam*. E ainda cousa peor. Na França negam a segunda, quando reconhecem a primeira superioridade; e no Brazil só se reconhece superioridade, por via de regra, em quem nunca mostrou superioridade em cousa alguma *impresa*: tudo cifra-se no jogo *boccal*, que entre si fazem algumas dezenas de exploradores politicos.

Ninguem estranhe, pois, quando me vir, como agora, deixando a uma meia-revelia a minha causa: com o meu desaso congenito, e com a minha falta de capitaes para accionista da companhia de seguros mutuos contra o juizo da posteridade (pobre companhia!), quem me salvará?

Do litterato faça o leitor o que lhe parecer. Além de tudo, sei, que me ensinou o muito judicioso La Bruyère, que não ha obra tão perfeita, que não se derreta por inteiro no cadinho da critica, a querer o autor contentar todos os criticos; pois cada um vê por seu prisma, e ataca por seu lado. Que façam melhor: em certos casos não ha outra sahida para um pobre autor, principalmente si é brasileiro.

O cidadão, porém, esse tem muito zelo de si: deve-o indeclinavelmente aos seus filhos e aos seus concidadãos.

O drama tem intuitos politicos: não o nego, e antes o affirmo com ufania.

E para que se veja, que obedeço a um plano meditado, que não construo razões e desculpas *depois do facto*, resumirei proposições mi-

nhas, que são anteriores ás minhas tentativas dramaticas.

«Tudo entre nós está centralizado, mesmo a historia... O nosso passado politico de Pernambuco e de suas irmãs do norte, essa historia tão nossa, e de tanta honra e proveito para o imperio todo, não existe, ou só existe com falsas côres, para os historiadores cortezãos... Já que tanto é preciso, vá té á historia o nosso trabalho de descentralisação...»

Veja-se a *Provincia* n. 8, do 1.º de Outubro de 1872: a idéa de *Nunes Machado* e de *Souto-Maior* conta como precursores muitos artigos politicos e muitas peças litterarias.

Os meus personagens fallam, *como fallaram ou deveriam ter fallado*. Por isto, ou não sei pelo que, têm dito muitos, que sou republicano; e até o disse com todas as lettras o meu amigo Sr. Bricio Cardoso, nas linhas que escreveu á frente do *Luiz do Rego*.

Entendamo-nos. Não vou balbuciar escusas, nem bater nos peitos. Si isto não fiz em outros tempos, quanto mais hoje que estou quasi a abdicar todas as aspirações da *politica activa*? Vou apenas restabelecer a verdade, e habilitar o leitor a julgar-me pelo que sou.

Serão ainda peças velhas: passo a resumir, de varios numeros da *Provincia* de 1872, alguns periodos, que serão outras tantas peças de convicção para os meus juizes. (Em nome dos liberaes-monarchistas respondia eu á *Republica* e ao *Nacional*, do Rio de Janeiro. (*))

(*) Transcrevendo, faço ligeiras modificações na forma, sempre fiel á substancia.

«Bons estadistas são aquelles que estendem suas vistas pelo futuro da patria, aproveitando as lições do passado, e tirando todo o partido do presente, qualquer que este seja. Si o contrario é criminosa inepecia, ainda quando o presente é bonança, porque pode vir a tempestade, e não serão nunca de louvar os capitães que não cuidaram... o que será quando o ponto negro ja cresce no horisonte?... O apostolado da imprensa liberal não se limita, nem pode limitar-se, a declinar tristemente os males do presente, e com timidez as aspirações do futuro: o ponto é trabalhar serio no como e no quando da transição; o ponto é que o remedio, fóra de tempo, não prolongue a enfermidade, ou não venha a matar o doente.

«Em certo sentido, nós os liberaes do Brazil não devemos arrepende-nos das condescendencias do principio monarchico. Por seculos sob a monarchia divina, e ha mais de meio sob a monarchia pessoal, como passariamos subitamente á republica, tão fóra dos nossos habitos, e com um partido de hontem? Respeitamos as alheias convicções; mas, hão de consentir-nos a coragem das nossas.

«Foi uma desgraça a monarchia divina, foi; ninguém tem hoje a triste audacia de nega-lo. Hemos sido mal succedidos na chamada monarchia representativa, porque chegámos ao poder pessoal, absolutismo peor do que o antigo, porque usa da mascara: confessamo-lo. Mas, a consequencia deverá ser—de subito passar a um novo regimen para o qual não estamos preparados, pois só uma monarchia democratica pode preparar-nos para a republica?... Não e não—

respondemos com toda a decisão: a transição seria brusca, matar-nos-hia talvez, no sentido em que se diz que um povo pode morrer.

«No mundo moral tudo tem as suas gradações, ha tambem um *transformismo* como no mundo physico.

«Si em futuro remoto o mundo inteiro ha de ser governado pela forma republicana (e assim ha de ser), d'aqui até então ha de ser sempre certo, que os povos devem levar em conta o seu estado evolutivo, as suas condições actuaes de vida.

«Como do Capitolio á Tarpéa, do idéal á utopia só ha um passo. Librado nas regiões lucidas da theoria o ideal seduz, encanta. Deixemo-lo onde está, que esse *desejado das nações* ha de baixar no seu dia e na sua hora: deshonorá-lo-hemos querendo precipitar o momento; e si o fizermos, quando da sua montanha de luz celestial elle tiver chegado ao valle apenas illuminado pelos fogos fatuos das nossas precoces aspirações, o idéal estará convertido em utopia. E, por castigo d'esse crime de Prometheo, passaremos a andar como certos peregrinos d'uma lenda da meia-idade, dous passos para diante e um para trás, teremos perturbado a marcha segura e grave do progresso.

«A lição do passado está impondo a acção do presente, e dictando a verdade do futuro.

«Si do grande passo de 1822 só temos colhido mais de meio seculo de amargas desilusões, somos todos criminosos: o rei não tem sabido cumprir o seu dever, o povo não tem sabido chama-lo a seu dever.

«Politica franca e verdadeira, em que tudo se diga ao rei e ao povo, que todos somos réos.

«Si temos um rei semelhante a Carlos I, como dizemos tantos, — *com talentos notaveis, quasi sem vicios, mas com repentes d' menino malcriado* — no conceito de lord John Russell; ou aliás como diz o profundo historiador Macaulay, — *com excellente gosto em litteratura e artes, maneiras dignas si bem que não graciosas, sem defeitos na vida domestica, mas carecendo de boa fé na vida publica, e propenso irresistivelmente aos meios tortuosos...* si temos um rei assim, tanto melhor, que acabará descobrindo-se de todo.

«Si temos um povo, como todos repetimos, que recebe nas brisas da sua terra os effluvios magicos da Liberdade, e não tem sabido até agora assentar a deusa no throno, tanto melhor, que os seus anhelos hão de ir sendo sempre alimentados, e no sacrario de seu peito hão de ferver mais e mais os desejos por um bem longamente desejado e jámais gozado.

«Mas, que tarefa delicada para os verdadeiros liberaes!

«Si a procissão vergonhosa do poder pessoal desfila com esgares cynicos aos olhos do paiz aviltado, devemos desesperar e ajoelhar tambem, ou precipitadamente atirar a luva para um duello de morte? — Nem uma, nem outra cousa.

«Doutrina, doutrina séria e verdadeira, doutrina rude e severa; e depois do dia da doutrina, o dia da acção chegará por si mesmo.

«Quando uma dessas centelhas que ninguém sabe d'onde partem, vier tocar os rastilhos das minas da indignação popular, ai dos Bal-

thazares que tiverem profanado os vasos sagrados da Liberdade!...

O que têm sido e hão de ser sempre as revoluções dos povos, sinão explosões de uma idéa longamente doutrinação?.....

Disse a *Republica* emphaticamente:— *Com a monarchia todo o trabalho é perdido. Provaremos esta these para refutar os graves doutores que andam por ahi a affirmar que ainda é cedo para a republica, e que apenas concedem, com ridiculas pretenções de amestrada prudencia, que devemos ir preparando-nos para ella... Seria o mesmo que o medico aconselhando ao doente, que esperasse por forças necessarias para poder tolerar a medicação.»*

Era forte!... Respondeu a *Provincia*:—«Si é verdade, que com a monarchia todo o trabalho será perdido, o que fazem na imprensa os liberaes-republicanos?

Pretendem *desarmar prelos e afiar punhaes*, na phrase do *Nacional*? Si não pretendem, si não conspiram, si não preparam os meios materiaes da revolução, si estão na imprensa simplesmente a declinar aspirações e a doutrinar, é que no seu proprio conceito a republica precisa de antecedentes. Nós os liberaes-monarchistas ao menos queremos alguma cousa de mais pratico, de mais proximamente realisavel. Não cabendo em nossa comprehensão, que uma monarchia de hoje, e uma monarchia americana, possa oppor serios embaraços á marcha da Liberdade, desde que os cidadãos queiram e saibam querer ser livres, pretendemos com a monarchia, e apesar da monarchia, ir conquistando o terreno palmo a palmo, ir preparando a transição de uma monar-

chia pessoal para uma monarchia democratica; e depois, melhor para os republicanos, que poderão fazer o resto, si algum Leopoldo não embargar os seus passos. Será esta a *amestrada prudencia*, que o collega ridicularisa? Será... mas, a lição dá-nos o proprio collega, que limita-se a escrever, elle que em seu tribunal já condemnou sem appellação a monarchia. Que respondam medicos e cirurgiões, si em alguns casos não tratam de fortalecer o doente para as agras energias da medicação ou do ferro; e no entanto, si a monarchia é o cancro, porque não abrem os republicanos as suas caixas chirurgicas? porque não dão a voz de *prelos abaixo e punhaes fóra*? Pois deixam o seu doente a esperar!?. . . »

Ergueu-se imponente e magestoso o *Nacional*, e a *Provincia* escreveu:

«O *Nacional* lembrou-nos as palavras do festim de Balthasar, e o seu venerando redactor afigurou-se-nos o Daniel biblico, annunciando á nossa Babylonia, que não tarda o castigo pela profanação dos vasos sagrados da Liberdade.

«Mas, Daniel foi explicito: *Foram contados os dias do teu reinado; foste pesado na balança; o teu reino foi dividido e dado aos Medas e Persas.*

«E o *Nacional*?... »

O *Nacional* declarava-se republicano em politica, conservador em religião, e nacional em questões inter-nacionaes (tudo isto vagamente, entendesse quem pudesse); e fazia protestos de que os republicanos evitavam a revolução, porque a *Republica havia de vir com os seus pés*. E a *Provincia* dizia:

«Quando o mais grave crime da epocha é o indifferentismo politico, a abdicação de dire-

tos e brios nas mãos do poder, comprehende-se a inercia de republicanos que vêem tudo tão negro?

«Pois a Republica, essa deusa tão radiante e summamente esquiva por isso mesmo que diademada pela belleza e pela virtude, ha de vir assim de improviso para quem não a requesta prostrado uma e mil vezes? Si requestada muito e muito, ella se tem retirado da esclarecida e cavalheirosa França, porque as auras sociaes não acariciavam-na devidamente, o que será a nosso respeito, quando nem ao menos os republicanos lhe preparam condigna recepção? Pois o grande factó ha de dar-se da noite para o dia, sem antecedentes custosamente elaborados por um patriotismo severo e paciente?

«Si tem razão o *Nacional*, ai da idéa republicana, ai das suas excellencias que tão barato custam!

«Si temos razão, ai do *Nacional* que tanto podia em prol da idéa, e limita-se a apparecer com arreganhos de leão, para desaparecer com branduras de cordeiro, apenas fazendo ingenua ameaça de asylar-se em breve *nos dominios serenos da historia*, deixando a sua idéa *à pura acção do tempo*; e isto numa epoca tão pouco serena, como o proprio *Nacional* reconhece...

«E' mais do que uma utopia é um crime!

«A tempestade ameaça submergir tudo, e o navio faz agoa por todos os lados?—Todos ás bombas!...

«Acceitais *por dever* a monarchia, não combatareis, estareis até o fim de braços cruzados...

«Dá o que pensar, ouvir isto da bocca de um velho tão illustrado...

«Da idéa se pode dizer, o que da terra já se disse. A terra é mãe carinhosa, dá até mais do que se lhe pede, contanto que seja affagada e honrada, que se ponha ao seu serviço a cabeça e o braço. Assim a idéa: si a deixais á pura acção do tempo, ou nada vos dará, ou apenas vos dará fructos pecos e nocivos...

«Demonstrou ou ao menos procurou demonstrar o *Nacional*, que entre os aulicos que *fazem tudo* pelo poder pessoal, e os republicanos que *nada fazem nem querem fazer* pela Liberdade, não nos podemos levantar, nós os liberaes que ainda cremos na possibilidade dos Leopoldos e das Victorias?—Não; apenas disse e ficou dito.

«Mantemos o nosso posto, que o reputamos de um corajoso e proveitoso patriotismo.»

N'este comenos levantaram na Côrte uma estatua a José Bonifacio, e a *Provincia* escreveu longo artigo, cujos principaes periodos são os seguintes:

«Mais uma festa da monarchia !

«Sim, que a 7 de Setembro, no largo de S. Francisco de Paula, não foi o rei o convidado do povo, foi o povo o convidado do rei.

«Não foi o povo, com os enthusiasmos calorosos de seu grande coração, pagando uma divida nacional, e tomando por testemunha o primeiro magistrado da nação: não foi uma festa de sublimes espanções da magestosa franqueza popular.

«Foi o rei convidando o povo para uma solemnidade de intuitos regios, com esse convite calculado por entre os gelos de uns habitos monarchicos do tempo dos reis de direito divino, com esse convite frio que acanha e avilta o con-

vidado, prendendo-o nas malhas de uma etiqueta sem tom nem som n'esta terra americana.

«José Bonifacio foi um cidadão esclarecido e probo; foi um cidadão á quem a patria deve muito, é certo, pela pausa reflectida dos seus passos n'esse grande facto da nossa emancipação: grande em si, grande em suas consequencias, mas um facto sobre o qual a historia ainda tem muito o que dizer...

«José Bonifac'io, proclamamo-lo com todo o paiz, foi um cidadão illustre por muitos titulos; mas, no facto da independencia foi por ventura um homem *demasiadamente do seu tempo*.

«Longe de nós pretender amesquinhar o grande cidadão, o qual, si não foi Washington, é que não podia haver Washington na terra em que se tinha beijado, havia pouco, o pé de D. João VI.

«A nossa mira é um ligeiro estudo sobre o facto de 7 de Setembro, as suas origens e os seus intuitos.

«Em 1862 levantou-se uma estatua a D. Pedro I. Ergueu-se então um grande tribuno herdeiro das inspirações dos martyres da Liberdade brasileira, e burilou nas folhas de aço do evangelho liberal um protesto eterno, assignado TIRADENTES.

«Este nome foi gravar-se em todos os corações verdadeiramente brasileiros, e ao brado do tribuno mineiro o echo foi respondendo por estas plagas do norte—1710! 1817! 1821! 1824!

A phalange dos 55 martyres! Theotonio! Martins! Nicolau! Caneca! Agostinho!

«Desde então, desde que o mar da democracia agitou-se (e hoje, mais do que nunca, as

suas ondas fazem medo aos reis) desde então a monarchia do Brazil devia ter planeado alguma medida de cautela...

—«Erga-se uma estatua a José Bonifacio, e não se diga que o bronze epico tocou somente ao rei.

«Desde muito o Brazil chamava a José Bonifacio *patriarcha da independencia*, e só agora despertou o patriotismo cortezão...

«José Bonifacio conteve os impetos desordenados de um principe, que no facto da independencia tudo poderia comprometter pelo seu genio desabrido, e porque instigava-o o despeito contra as côrtes portuguezas, que não o amor ao que elle chamava sua *segunda patria*, como si um verdadeiro patriota pudesse ter mais de uma patria... O facto consummava-se debaixo de formas um tanto serias, embora no intimo houvesse muita cousa inconfessavel, que os *ficis* historiadores cortezãos ainda procuram encobrir.

Mas, José Bonifacio apenas encaminhou um facto, que ou então ou mais tarde tinha de ser; e fê-lo pisando em rosas, sem sacrificio de commodos e posição pessoal, antes por entre as graças do principe.

«E porém, os heróes que os povos commemoram nas praças com estatuas, são os que gastam a vida ao sol da idéa, ao fumo das batalhas, ou nas duras lageas dos carceres.....

.....

«Patriarcha!... Patriarcha de uma idéa é quem plantou e regou essa idéa.

«Ora, de volta ao seu paiz natal, José Bonifacio achou viçosa a arvore da dignidade na-

cional, que vinha regada de tantos annos pelo sangue de tantos patriotas.....

«No grande facto da independencia collaboraram em anteriores éras tantos nomes illustres, e com os Andradas concorreram tantas nobres dedicações, que hoje o monumento da independencia, para ser justo, deveria ser anonymo: só o trabalho depurador da historia poderá habilitar a posteridade a inscrever no pedestal datas e nomes.

«Do que se sabe até hoje, não vemos que se destaque um vulto, comprehendido o primeiro imperador, que mereça uma estatua.

«E o abysmo chamou outro abysmo: mentira de bronze em 1862, mentira de bronze em 1872!

«*Até onde chegar a minha voz, protesto á face da assembléa e do povo, que havemos de organizar uma constituição, NÃO DEMOCRATICA E SIM MONARCHICA.*

«São palavras de José Bonifacio na constituinte. Eis porque o qualificamos de *homem demasiadamente do seu tempo*. Pois quando outros comprehenderam até a republica, José Bonifacio não comprehendeu uma monarchia democratica, uma monarchia americana?.....

«É será arriscar muito ir procurar n'aquellas palavras as origens da segunda estatua?...

«Mentiam ambos os bronzes; mas, tendo vindo a estatua do cidadão apadrinhar a estatua do rei, tenhamos esperanças...

«A onda cresce!»

Vinte dias depois era eu obrigado a voltar ao assumpto: da Côrte me haviam dado uma

tremenda lição, sobre o que sejam homens do seu tempo.

E tive d'escrever o seguinte:

«Para cortejar a monarchia, abafando os brados que se erguem por homenagem á memoria dos martyres da Liberdade, appareceu uma folha da Côrte dizendo em substancia o seguinte:—
Heróes são os homens que vieram a tempo, e levaram ao cabo a empresa : martyres são os desattentos e precipitados, que tentaram apressar a hora da idéa, que não foram homens do seu tempo.

«Traducção fiel:—*Heróes foram Pedro I e José Bonifacio : antes d'elles todos foram estouvados, cujo cadafalso foi apenas o justo castigo da precipitação.*

«Até aqui á idéa de martyrio andou sempre ligada a maxima veneração: a propria Igreja distinguuiu os seus martyres e os seus confessores, entre os que morreram e os que apenas soffreram pela sua crença, dando aos primeiros o lugar de honra.

«Qual o homem de coração, que não seja tomado de maximo respeito por aquelle que morre pela sua idéa, ainda que essa idéa seja um erro? Pois hoje, na Côrte do Rio de Janeiro, heróes são os que dão golpes d'estado *seguros*, contra juramentos escriptos com sangue a seus pais... e os que chegam a tempo de subir os degráos, não do cadafalso, leitor, e sim do ministerio !...

«Aonde estamos, e para onde vamos?

«Segundo os aulices, isso de Tiradentes, Theotônio, Caneca, Roma etc., não passa de um magote de martyres, de uma canalha de estouvados, que ainda pagaram barato o desaforo de virem *fora de tempo*...

«Provoca o riso da indignação!

«Heróes, dizem os nossos dictionarios, são os varões celebres por seus altos feitos: martyres, os que padecem morte pela confissão de sua fé.

«Verdadeiros heróes, diz Fontenelle, são aquelles homens, dos quaes basta um, erguido entre um povo d'escravos, para fazer um povo de livres. Morreriam, si fosse preciso; e a posteridade, n'esta fé, rende-lhes a suprema homenagem de veneração, com que divinisa-os á moda dos gregos.

«Martyres são os que levantaram o pendão da sua crença, lutam e lutam, não recuam nunca, e *morrem si tanto é preciso*; e a posteridade, nesta certeza, apura ainda mais a sua homenagem.

«Isto posto, algumas palavras sobre a theoria cortezan, *ad usum imperatoris*.

«Considerado em si, é sempre um grande acto salvar a vida ao proximo. Será, porém, sempre um heroismo?

«Vejam.

«Um individuo resvala da margem em mansas agoas, e vai a afogar-se: outro que passa, sem risco d'especie alguma, sem perder o váo, estende-lhe um bastão e salva-o. Ninguem diz—um heróe.

«Abre-se um navio sobre rochedos, á vista da terra; e resta agarrado ás arestas um pobre naufrago, com as mãos em sangue, soffrendo mil empuxões do mar em furias. Todos olham, todos quereriam, muitos poderiam, e niuquem partiu ainda... Porque? Porque para as grandes acções não basta o querer, não basta o poder, é preciso a *divindade n'alma*, é preciso esquecer a vida para accender um cirio ao sentimento, á

idéa... Partiu um! Lutou, cançou, feriu-se, afundou-se, emergiu, chegou de volta com o fardo ás costas, depositou-o na praia, e junto cahiu sem sentidos... Morrerá? Não morrerá?... Ao povo pouco se lhe dá d'isto n'aquella grande occasião. Si não morrer, será sempre certo que partiu sabendo que podia morrer; e o povo diz enthusiasmado:--Foi um heróe do amor do proximo!

«Pois assim é, deve ser e será, sempre que as náos dos Estados se abrirem nos cachopos da tyrannia.

«Assim tem sido e assim será, até nos dominios tranquillos da sciencia. Copernico descobre o movimento da terra; mas, tem medo... esconde a sua descoberta até a extrema velhice, e quando apparece com ella, já á beira da sepultura, é apadrinhado com a dedicatória a um papa: segue-se Galileo, que *não espera o tempo*, e vai sagrar a idéa nos carcerees da Inquisição: depois vem Kepler, Newton e outros, que *chegam a tempo*, e alargam os caminhos feitos. Qual o nome que passou de seculo a seculo, sempre na bocca dos povos?—O de Galileo.

«É pois (diz a historia e está no sentimento da humanidade) heróes são os que travam grandes lutas, em que ha risco de soffrer e morrer, e vão ao cabo sem empallidecer.

«Neste sentido foi heróe Tiradentes, e heróes foram todos os que com elle conspiravam, embora não morressem como elle.

«Neste sentido foram heróes os que morreram aqui no nosso Pernambuco em 1817 e 1824, e os que com elles combateram, embora não morressem.

«Fallais em *chegar a tempo*, escriptores de Luiz XIV... Pois de 1817 a 1822 vai distancia na vida de um povo?

«É agora perguntamos:

«Pedro I, José Bonifacio, e os outros que com elles collaboraram em 1822, correram risco de vida, ou mesmo de liberdade e honra?

«Não sejamos ridiculos. Esse negocio da independencia, já assentado entre pai e filho (*Pedro, põe a corôa na tua cabeça, antes que a tome algum aventureiro*) esse negocio da nossa independencia ainda espera um historiador; e a fallada legenda *Independencia ou morte* é puro lance theatral... Não engendremos theorias ridiculas, fazendo mais ridiculas certas cousas que de si já o são. Um povo livre é um povo serio.....

«Protestaremos sempre contra essas ventanias aulicas, que ameaçam varrer as gloriosas tradições do nosso Pernambuco, do nosso Norte...

«Nas lutas da nossa liberdade tivemos Copernicos; sem duvida, muito coração bateu em velhos tempos, principalmente nos fins do passado e começos do presente seculo; mas, as boccas ficaram mudas...

«Vieram por ultimo os Kepler e Newton, Pedro I e os patriotas do seu tempo, que *alargaram os caminhos já feitos*...

«No centro, no lugar de honra, estão os Galileos, os que não consultaram o relógio, por acreditarem que toda a hora é hora da verdade... os Tiradentes, os Rattcliffs, os Theotonios, os Romas, verdadeiros heróes, porque jogaram a vida pela Liberdade!.....

.....
 Agora comprehendam-me, e comprehendam o meu drama.

È por ventura, invertendo a frente, poderão dizer que sou bairrista, ou que sou separatista?

Vá ainda um papel velho, uma transcrição da *Provincia*:

«A idéa de patria tem uma elasticidade mysteriosa: ou se dilate, ou se contraia, é sempre igualmente sublime.

«O sino da aldeia natal, o prado onde collhêmos a primeira flor, as arvores em que os passaros primeiro cantavam para nós, os montes e valles dos nossos brincos de infancia, a capellinha da nossa primeira festa, a casa dos nossos primeiros sonhos, a escola das nossas primeiras lettras—eis a patria de todo homem de sentimento.

«Mas, isto não exclue, que o homem se prenda á circumscripção, onde primeiro se desenhou a sua vida publica, onde a natureza das cousas creou uma historia peculiar, tradições e especiaes aspirações.

«È ainda isto não exclue que o cidadão, que até lá póde levar o seu esforço, directamente collabore pelo bem nacional.

«È finalmente, ainda isto não exclue que o philosopho, abrangendo os plainos da humanidade, faça do mundo a sua patria, de cada homem seu concidadão.

Patria, o municipio—patria, a provincia,—patria, a nação—patria a humanidade.

« Quatro manifestações, sempre coherentes,

sempre sublimes, do mesmo sentimento, da mesma idéa.....

« E agora fallemos do *bairrismo*, palavra que já foi tão repetida, e hoje tão esquecida está..

« Bairrismo como quem dissesse muralha chinesa, isto não é licito nem a uma nação a respeito de outra, quanto mais dentro da mesma nação.

« Bairrismo, porém, no sentido de zelar cada provincia aquillo que é *seu*, pelas evoluções historicas da sua vida, pelos interesses que lhe são peculiares, pela propria natureza das cousas, bairrismo assim é uma das manifestações legítimas do sentimento da patria, é uma idéa sagrada, que serviu de pharol aos legisladores do nosso tão sophismado Acto Addicional.

« ... Esta ausencia completa de bairrismo, este pouco apreço que as provincias dão hoje a si-proprias, esta mansuetude quasi mussulmana com que tudo e todos têm a face voltada para a Côrte, é a mais triste e convincente prova do cesarismo.

« Contra este marasmo aviltante o que fazer?—Erguer o espirito de bairrismo, o espirito de provincialismo...

« E como?...

« Os povos, como os individuos, instruem-se nos erros e glorias dos seus antepassados; aos povos, como aos individuos, será de eterna applicação o *Nosce te ipsum*.

« Quando cada uma das provincias se estudar a si-mesma como provincia, saberá fazer a sua *declaração de direitos*, para contrabalançar o codigo de deveres feito lá na Côrte...

« Si a historia de Pernambucanos offerece tanta animação, tanto estimulo, estudemo-la social e politicamente; e ahi aprenderemos—porque já fomos tanto, e porque somos tão pouco... e o pejo nos fará recobrar os brios de hontem.

« E quando tivermos voltado, nós todos brasileiros, aos dias de pundonor provincial, de justas aspirações energicamente declinadas, terão ganho todas as provincias, e conseguintemente o imperio; pois já não seremos ramos enfezados de um enorme tronco, o qual, si tombar, como tombou o monstruoso segundo imperio francez, nem ao menos poderá fazer um gesto de erguer-se...

« Abra-se, pois, a nossa historia, que já basta de tão criminosa indifferença...

« Essa antiga pujança com que estendiamos a mão ás nossas irmãs do Norte, esse tempo de gloriosa fraternidade; e tornaremos a dizer no antigo sentido, um sentido glorioso — Nós do Norte »...

.....
 E comprehendam-me, e comprehendam o meu drama.

Uma ultima precaução, muito necessária.

O heróe do drama é um assassino... tem-se dito, e ha de ser muito repetido.

Repetirei aqui parte do resumo (impresso na *Provincia*) de um discurso que proferi em publica reunião aos 18 de Julho de 1875; e aliás ha resposta implicita e explicita no *Esboço biographico*, que seguir-se-ha a estas linhas preliminares.

.....

« O orador escolheu para ponto a devisa do Centro Liberal — *Reforma ou Revolução*.

« Que a Reforma é um direito e um dever, não pode offerecer duvida. Mas, a Revolução? Será também um direito e um dever? O que pretenderia dizer o Centro com a sua energica alternativa?

« O orador, adiando a discussão, limitar-se-ha a offerecer alguns elementos para a mesma discussão...

« Na luta, que será eterna, entre reis e povos, muito se falla do sangue derramado pelo povo, porque o povo tem um dia só para tarefa immensa, ergue-se, passa como um furacão, e desaparece; mas, os reis... uma cabeça hoje, outra amanhã, nos intervallos de dois vicios, de duas vaidades, de dois crimes, sempre cobardemente... Abram a historia e façam a conta.

« Luiz XVI, com a cabelleira de lacaio, e mentindo á Barnave em Varennes; Luiz XVIII, conspirando vilmente no estrangeiro; Luiz Philippe, começando pela traição, e passando dezoito annos a criar filhos á custa da França; Napoleão III, assassino de grosso a 2 de Dezembro: eis outros tantos revolucionarios, que dizem defender *o seu direito*.

« E o povo não tem direitos?...

« Os que fazem meias revoluções, dizia Saint Just, cavam a sua propria cova: uma meia revolução matou o valente e generoso partido praeiro. O orador jámais aconselhará tal cousa.

« O dia da revolução chega, quando menos se espera...

« Erasmo (um frade que fez cousas boas) tinha a audacia do espirito, mas não a do cora-

ção: não podia ser Luthero: era um reformador de porta fechada, um liberal de gabinete—diz Bancel. Ora, para fazer uma revolução, para derubar idolos, é preciso valentia: não basta ser pensador, é preciso ser heróe.

« O que devemos fazer, os liberaes?—Avançar?—Cruzar braços e esperar em calculado silencio?... Tudo, menos a marcha de até hoje... Outra questão, que o orador deixa adiada, assentando uma these:—Não ha povo livre sem o seu Aventino, a sua *montanha das tempestades*...

« Brademos alto, bem alto, pelos nossos direitos.

« Victimas do poder pessoal, principalmente nós do Norte, estaremos todos os liberaes no caso dos romanos, quando Nero cantava no circo, que até fingiam-se mortos para escapar á tortura da imperial vaidade?

« Sejamos francos, sejamos dignos, saibamos dizer tudo...

« O povo não pede sapiencias *classicas* a quem o governa: juizo e boa vontade, que são cousas muito independentes de observatorios astronomicos, e titulos *honorificos* de institutos, que aliás contam em seu seio *pedantes effectivos*...

« Isso de rei sabio é uma historia... O pedantismo é praga, que com o mesmo pé calca o regio paço e a pastoril choupana: o imperador Claudio, o imbecil, escreveu obras e obras, só em grego vinte e oito: Nero, tremulo em busca de um asylo, lamentava que a humanidade perdesse nelle tão grande musico...

« Nada d'embaçamentos, de muito alto que venham... D. Pedro I, em seu Manifesto do 1.º de Agosto de 1822, disse que estava passado o

tempo d'enganar os homens. Enganou-se, ou quiz enganar-nos? Outra questão adiada, sobre as traças regias. . .

« O orador tem fé, que a maré de lama ha de vasar.

« Diziam ao astrónomo Copernico, que, a ser verdadeiro o seu systema, Venus deveria ter phases, e no emtanto não as tinha. A objecção era provada, e o astrónomo confessava que nada tinha a responder; mas, insistia na sua doutrina, esperando da graça de Deus, dizia elle, que um dia a resposta havia de ser achada. E achou-se. Morreu Copernico, veio Galileo com o telescópio, foram observadas as phases de Venus, e triumphou a verdade.

« Tambem o orador tem a fé de Copernico. Olhando em torno de si, não acha resposta para os que dizem ser incuravel o mal do Brazil; mas, da graça de Deus espera que o remedio será achado, e que a infeliz politica do Brazil tambem terá o seu Galileo ».



Esboço biographico

Matando Marat, o que esperaveis?
—Dar a paz ao meu paiz.

Carlota Corday.

A abnegação sublime de Carlota está fóra da natureza : só pode ser explicada pela exaltação do fanatismo politico.

Chauveau de La Garde.

A familia de João de Souto-Maior era moradora em Tejucupapo.

Antonio de Souto Maior-Bizerra de Menezes, casado com D. Anna Bizerra de Menezes da Veiga Pessoa, teve quatro filhos e quatro filhas:

O padre Antonio de Souto-Maior, que morreu na cadeia da Bahia em 1817 ;

Manoel Antonio de Souto-Maior Bizerra de Menezes, e José de Souto-Maior da Veiga Pessoa, que tambem estiveram na Cadeia da Bahia ;

João Francisco de Souto-Maior Bizerra de Menezes ;

D. Luzia de Souto-Maior Bizerra de Menezes, mulher heroica, alma verdadeiramente *antiga* : fez-se freira por acompanhar seus irmãos á

Bahia, e foi grande parte em todos os arrojos patrioticos da familia, até o momento de ser devastada a propriedade dos Soutos, em Tejucupapo, a mandado de Luiz do Rego;

D. Mariana de Souto-Maior Albuquerque Montenegro, mulher do major Domingos d'Albuquerque Mello Montenegro (ainda vivo);

D. Maria de Souto-Maior Bizerra de Menezes, mulher de Simeão Barbosa Cavalcanti, senhor do engenho Gramame;

D. Anna de Souto-Maior da Veiga Pessoa, mulher de André Dias de Figueiredo, senhor do engenho Angico-Torto.

Eis a familia de João de Souto-Maior, familia que conta hoje muitos descendentes, nesta e nas provincias da Parahyba e Rio Grande do Norte.

De João de Souto (1) não ha descendencia: os soldados de Luiz do Rego degolaram o innocente Hortensio, filho natural do esforço pernambucano.

João de Souto nunca procurou as lutas: accitava-as sempre como um leão, e como um leão lutava.

Feriu mais de uma vez, é verdade; mas, quantos feriam n'aquelle tempo!... Com grandes differenças, porem...

João de Souto nunca *mandou* ferir: feria de cabeça erguida, sempre a impulsos de uma provocação sanguinolenta, por motivos nobres, si ha nobre motivo para ferir... Nunca foi

(1) Como, por abreviatura, diziam todos n'aquelle tempo; e como dizem ainda hoje os parentes do patriota.

aggressor, que originasse conflictos de sangue: sempre armou o braço para vingar ou desafrontar um terceiro: contas com elle João de Souto, ninguem as abria na sua terra, ou não avultavam, porque elle de momento liquidava-as. . .

A vida inteira de João de Souto-Maior foi por conta de terceiros! Mal de nós, si não sabemos dar preço a tamanha abuegação!

Contava João de Souto quinze para dezeses annos de idade, quando teve de intervir em uma luta de sangue entre dous parentes: seu tio Manoel Bizerra de Menezes, e o senhor do engenho « Megaó » que exercia jurisdicção no lugar.

O caso foi o seguinte:

Manoel Bizerra de Menezes pediu em casamento sua prima Thereza Bizerra de Menezes, menina de quatorze annos, irmã do senhor de Megaó; e este negou o consentimento.

O pretendente raptou a pretendida, e depositou-a na casa do pai de João de Souto.

Na semana do rapto, e em dia de Santo Antonio, Antonio de Souto-Maior foi á missa com sua familia, e mais a depositada e o seu noivo.

Eis que chega o provedor de Megaó (conforme o tratavam), com sua mulher, quarenta escravos armados de fouces, e uma rede apparelhada para viagem: o aparato denunciava o intuito, que era retomar a moça á viva força.

Precavendo-se, Antonio de Souto mandou ordens á sua propriedade, que ficava perto da

matriz: vieram uus vinte escravos, armados como estavam os do provedor.

Acabada a missa, deu-se uma scena horri-vel: o provedor ao passar pelo pretendente á sua irmã, descarregou-lhe uma forte bengallada no alto da cabeça, prostrando-o em um lago de sangue. . .

João de Souto viu o attentado, ouviu a or-dem de ser arrebatada a moça sua prima, e ferveu-lhe o sangue, e turvou-se-lhe a vista. . . que n'aquella alma regia a fibra dos verdadeiros valentes, a fibra dos commettimentos sempre ar-rojados, mas sempre generosos.

Foi como um raio! O menino de deze-seis annos corre ao corpo inanimado de seu tio, mergulha uma das mãos no sangue ainda quen-te, vai ao seu parente de Megaó, pergunta-lhe si conhece aquelle sangue, e acto continuo crava-lhe um faim no peito, e derruba-o!

A mulher do provedor, vendo no chão seu marido, bradou— *Morra tudo!*

E travou-se uma luta de féras! De um lado a mulher do provedor com quarenta escravos, do outro João de Souto com vinte: ninguem podia evitar o combate das duas ondas. . .

O menino fez prodigios de valor: recebeu uma cutilada na testa, que devia deixar-lhe perpetua cicatriz; mas, quasi que extinguiu o se-quito do assassino de seu tio.

Ficou a mulher do provedor, porque D. Lu-zia chegou a tempo de suspender o impeto do irmão contra ella: o jovem leão foi então, como devia ser sempre, um timido cordeiro perante sua heroica irmã.

— *Assassino desde os verdes annos !...*

Parece-me estar ouvindo este brado hypocrita dos aduladores do despotismo, que não sabem chorar o sangue derramado pelos reis...

Lembremo-nos dos costumes d'aquelle tempo, de como eram temperadas as almas d'então á influencia de taes costumes, levemos em conta os preconceitos que passavam de pais a filhos, e julgemos João de Souto.

Matava-se á traição, familias inteiras exterminavam-se reciprocamente... Ainda tempos depois, Badaró cahia em S. Paulo ao ferro do assassino mascarado; e aqui no Recife, Tavares, o altivo Tavares, morria apunhalado por cobarde sicario!

E no entanto, João de Souto descobria o peito e erguia a cabeça, e só avançava quando provocado...

Foi elle o assassino... e os outros, os que pagavam braços de sicarios, são os agaloados, os titulados, os condecorados do rei...

Luiz do Rego recebeu um tiro na ponte da Bôa Vista...

E's um assassino, João de Souto!

Mas, os que assim te insultam, patriota pernambucano, sabem que Tavares foi allí assassinado, e conviveram e convivem com os seus assassinos!...

Felizmente, a historia nunca foi nem será feita por aduladores de poderosos perversos e reis vadios; felizmente, a historia de Pernambuco não ha de ser feita pelo imperial instituto do Rio de Janeiro...

Voltemos, porém, ao nosso heróe, que deixámos dominado pelo verbo de Luzia.

Cessou a luta.

Thereza, a Helena d'esse incendio, offereceu dias depois a sua mão ao seu primo João de Souto.

Haveria, já de antes da catastrophe, entre ella e o jovem Bayardo pernambucano, alguma corrente maguetica do amor, sempre tão forte nos peitos angelicos ou homericos ?

Não se sabe. João de Souto apertou commovido a mão da gentil bahiana, e disse-lhe:— Eras a noiva de meu tio... por ti fiz um rio de sangue... uma voz me falla ao coração, e me diz que não devo ligar ao meu o destino de uma mulher... sê feliz, Thereza !

E a moça respondeu em pranto: — Pois morrerei solteira !

Pouco tempo depois, Thereza embarcou para a Bahia, em companhia da viuva sua cunhada; e na casa do velho Souto-Maior notou-se, que o menino João de Souto andava triste..

Preferindo a filiação dos assumptos á ordem chronologica, tratarei agora de outro facto, pelo qual é João de Souto gratificado com o epitheto de assassino, por homens que acham attenuantes, e até justificativas, para os frios assassinatos de Theotonio, Rattcliff, Caneca, e tantos !

Homens de duas medidas, um dia a posteridade ha de medir-vos! (2)

Era em 1821: João de Souto estava de volta da cadeia da Bahia.

O padre Manoel Alves Calheiros, vigario de Tejucupapo, corcunda de lei, trazia luta accesa com a familia Souto-Maior; e julgava-se bem acobertado por Luiz do Rego.

Certo dia, indo João de Souto e seu irmão Manoel á missa conventual, quando todos esperavam o vigario para o altar, apparece o padre Calheiros, e diz ao povo: — *Não posso celebrar, porque João e Manoel de Souto estão de esporas na igreja... e fazem assim porque são patriotas, inimigos de Deus e do Rei ..*

Então era como hoje: para os jesuitas de todas as capas, o liberal é maçon, o maçon é excommungado, etc.

Mas, o caso que hoje é para rir, então, n'aquelles tempos de santos pundonores politicos, era para chorar, e muito chorar... Bem o sabia o vigario: o seu intuito era ferir na cara.

Com seu irmão ao lado, João de Souto foi tomando a porta, e bradando com aquella voz de trovão que arrastava os povos de Tejucupapo:

(2) N'este momento, horrores se praticam nos centros de Pernambuco e Parahyba, a titulo de suffocar a chamada sedição *quebra-kilos*. Cidadãos espaldeirados, fusilados, metralhados... colletes de couro... pais de familia em procissão, como recrutas, até o throno do Sr. D. Pedro II... esposa, filhas, mãis, violadas á vista dos maridos, dos pais, dos filhos... meninas de dez annos queimadas ao halito de brutal soldadesca... Ora, tudo isto não val uma gotta de sangue do carrasco e bode lascivo, que se chamou Luiz do Rego Barreto!... Que corações, e que cabeças!... Brazil, Brazil! libertavas hontem o Paraguay, e tens um Lopes em cada esbirro policial... Brazil, que geração esta!

Nem tiramos as esporas, nem sahe um homem, nem o vigario deixa de dizer missa...

O vigario *prudenciou* como traiçoeiro lobo, tardamudeou umas razões de conveniencia espiritual dos seus freguezes, e foi celebrar o sacrificio incruento, sem duvida resolvendo na *sacra mente* o plano infernal, que depois realisou em parte.

E vejamos (3)

João e Manoel de Souto, arruinados pelos sacrificios feitos á Liberdade, procuravam a vida cavando a terra...

Um dia, voltando os dois do serviço, Manoel disse a João que ia banhar-se ao rio... e minutos depois ouviu-se um tiro!

Bateu o coração de João de Souto, que foi logo dizendo:—O vigario Calheiros matou Manoel!

Correu á faca e ao bacamarte, e sahiu acompanhado de Montenegro: á beira do rio acharam o cadaver de Manoel; e mais além, escondidos n'uma mouta, os dous assassinos.

Estes miseraveis, subjugados pelo olhar e pela palavra de João de Souto, achegaram-se tremulos, e confessaram que tinham vindo a mandado do vigario para dar cabo dos dois irmãos.

Alli mesmo pagaram com a vida!...

Depois da visita da cova de seu irmão, precisava João de Souto de *encontrar-se* com o vigario. Despediu-se dos parentes; e, com o mesmo

(3) O facto é contado na *Provincia* n. 423, de 23 de Outubro de 1874, pelo octogenario Domingos d'Albuquerque Mello Montenegro, testemunha de vista.

intuito de despedir-se, foi á matriz ver alguns amigos que estavam em trabalhos d'eleição.

O acaso apressou o momento: na matriz estava o padre Calheiros, e passou-se uma scena espantosa!...

—Amigos! bradou João de Souto apontando para o vigario... ninguem me peça por este assassino de meu irmão!...

Todos ficaram pasmos! O vigario, vagando com a vista incerta por sobre os circumstantes, não articulou palavra... João de Souto foi a elle, puchou-o pelo braço até fóra da porta da igreja, e dizendo com uma frieza tragica—*Sei respeitar a casa de Deus*—disparou-lhe a pistola na cabeça! (4)

Os muitos homens presentes viram, quedos

(4) E' horrivel isto, bem vejo, bem sinto!... Mas, tambem vejo e tambem sinto cousas, que outros não vêem e nem sentem. Quando no Campo da Honra, hoje das Princezas, exhalavam o ultimo suspiro, Theotonio e outros, cantava-se e bebia-se perto da forca, depois de se haver correspondido ás convulsões da agonia com vivas a "El-Rei Nosso Senhor... Quando os cadaveres dos patriotas eram mutilados para a exposição publica, ou atados a caudas de cavallos para o passeio triumphal, os vassallos do rei entoavam um hymno de feroz vingança, que dizia assim:

Vamos todos inspirados
Pelo Marte tutelar
Resgatar um povo afflicto,
O melhor dos reis vingar.

A nós deu João o Justo
Porque nosso valor présa,
Esta nobre e illustre empreza,
Que ha de o throno sustentar.

E note-se que o hymno era *official*; pois que tambem o cantavam os soldados da guarnição da forca, acompanhados pela musica militar.

João de Bragança e João de Souto... sangue e sangue!
Pois não ha uma logica e uma justiça na historia?

e mudos, montar e partir esse vulto maravilhoso, como que transfigurado em anjo de vingança!

Assassino! assassino! bradem á vontade... Lá pelo alto, sim, não ha assassinos... João VI com o seu hymno vingador, Pedro I mandando salgar cabeça e mãos de Rattcliff, Tiradentes na forca, Tenorio na cauda de um cavallo, tudo isto não passa de *razão d'estado*... Não querem descer ao passado, descida lugubre ante a qual estacaria o proprio Dante, como diz V. Hugo... Pois não desçam; mas, a historia ha de fazer-se, e a posteridade erigirá um dia tribunal definitivo entre reis e povos... Em 1750 (narra V. Hugo) lembraram-se de compensar umas despesas com o quarto do delphim á custa dos presos: estes levantaram-se agrilhoados pela fome, e os guardas atiraram pelas janellas, e mataram a esmo homens e mulheres... A academia franceza teve em seu seio um curioso medonho, La Condamine, que ia observar no tablado as execuções, quando se tratava do esquartejamento em vida: certo dia o condemnado olhava com terror para o academico; e o carrasco explicou ao paciente — *O Sr. é um amator*... e o caso foi na mesma praça, em que Luiz XV assassinou Damiens... Pois na historia faltam *regios e nobres horrores*?...

.....

Montou e partiu João de Souto: foi em busca dos irmãos de Calheiros, que elle suppunha co-autores do assassinato de Manoel. Encontro-os, e elles disseram — *Tivemos a parte que poderias ter tido*... O valente pernambucano deixou cahir o braço. — *Si não fallais a verdade, voltarei um dia*... E deu de rédea, e deixou-os em paz.

Eis o *assassino* João de Souto : o homem que *em duvida* não feria: o homem nunca provocador, provocado sempre: o homem que nunca deveu a honra a uma mulher (5): o homem cujos escravos eram seus amigos! E tudo isto n'aquelles tempos!

Um traço característico da grande alma do patriota.

Em Abril ou Maio de 1821 soube-se em Tejucupapo, que Luiz do Rego ia á Goyanna *visitar* o convento das recolhidas, e repetir as scenas que se diziam já representadas no recolhimento de Iguarassú.

Não tivesse João de Souto em Goyanna sua irmã D. Luzia, e ainda assim a sua grande alma se arrojaria em defeza das fracas mulheres: é tradicional na familia do patriota o seu cavalherismo, o seu religioso respeito á fraqueza feminina.

Partiu João de Souto com um sequito de noventa homens, e foi acampar á frente do recolhimento de Goyanna.

Diz a tradição, que Luiz do Rego voltou do caminho, depois da noticia de um dialogo havido entre João de Souto e um dos seus officiaes, que era portador do aviso da visita ao recolhimento;

(5) Teve um filho natural, de que já fallámos. A mãe de Hortencio foi uma pobre moça de Goyanna, que João de Souto já encontrou no chão: levantou-a compadecido, pareceu-lhe que era digna de melhor sorte, e deu-lhe o mais que um homem de brios pode dar a uma mulher em tão desgraçada situação. Naquelle tempo ainda não vogava a *rehabilitação pelo amor*, ainda não despontava o reinado das *Traviatas*. A mãe de Hortencio pouco sobreviveu ao nascimento do filho.

e que as freiras, depois de tal dialogo, haviam levantado vivas ao seu defensor.

João de Souto retirou-se depois que viu longe o perigo, sem nunca haver transposto a portaria do recolhimento.

— — —
 A revolução de 1817 fulminou a familia Souto-Maior.

Os quatro irmãos foram parar á cadeia da Bahia, e Luzia fez-se freira para acompanhal-os.

Alli morreu o padre Antonio.

O velho Antonio de Souto-Maior, que havia ficado com as tres filhas, dirigia os grupos que protestavam sempre com factos, e zelavam o fogo sagrado. Não resistiu elle á noticia da morte de seu filho padre: fechou-se em um quarto, rejeitou os alimentos, e em nove dias era cadaver!

João de Souto... para elle, em todos os tempos, nada houve que lhe quebrasse a fibra dos valentes. D'entre tantos presos da Bahia, só elle não pode soffrer os insultos do carcereiro aos pernambucanos: conseguiu por-lhe a mão, e quebrou-lhe a cabeça com os proprios ferros que o opprimiam. Isto valeu-lhe, e aos seus irmãos, o subterraneo onde a agoa invadia até os joelhos. Depois da morte do padre Antonio, voltaram os tres á sala commum; mas, acorrentados, principalmente João de Souto, que mal podia comer pela mão dos companheiros de martyrio!...

— — —
 Voltaram os tres Soutos a Tejucupapo: faltava o padre, o *oraculo* da familia...

O patriota achou em casa a pobreza, e vasia a cadeira de seu pai... Chorou, aquella alma

de ferro! Chorou, ajoelhou-se no oratorio da familia, ergueu-se resignado e decidido...

O lugar do padre, tomou-o a freira: a cadeira do pai, ahi sentou-se João de Souto.

Eram tres para os trabalhos do homem e do patriota. Manoel foi, pouco depois, victima do padre Calheiros; e José dedicou-se exclusivamente á agricultura.

O leão... esse não poudes descançar: foram desperta-lo os assassinos de Manoel.

Já sentenciado adegredo, por haver espaldeirado o commandante Madureira que injuriava os milicianos, tendo apurado os odios de Luiz do Rego com a scena de Goyanna e a morte do vigario de Tejucupapo, o que podia esperar?

Partiu... Ninguem pode impor ao mar, que não si agite... E chegou ao Recife.

Estão na historia pernambucana os nomes dos 42 preso embarcados para Lisbôa no brigade *Intriga*, em consequencia do tiro de 21 de Julho de 1821. Este facto demonstra, pelo menos, que João de Souto foi o braço da geral indignação, reconhecida por Luiz do Rego com a sua infrene reacção.

O patriota de Tejucupapo chegou ao Recife, onde o terreno como que lhe fugia debaixo dos pés. O momento era supremo, e o peregrino tinha pressa de chegar.

Uma vez no Recife, João de Souto abriu conspiração perenne: baldado foi o esforço de muitos para moderar-lhe os impetos.

Certa noite, igrejas e quartéis deram o signal de fogo, ficticiamente como era commum.

Dizia Luiz do Rego, que com esses *improvisos* queria disciplinar a tropa; mas, era outra ficção: o fim era devassar, *sem risco* de maridos ou pais ou irmãos, casadas ou solteiras ou viúvas, como diz unanimemente a tradição.

No dia seguinte correu a noticia, de que o governo se introduzira furtivamente na casa de um official... e como prova dava-se o suicidio d'esse official, pela madrugada, ao recolher-se do *campo* (6), como então se dizia.

Semelhante affronta ao marido, por ventura com violencia á mulher, uma tão insultante cobardia transbordou a medida de João de Souto: o rochedo da reacção desprendeu-se do cabeço d'aquelle monte de patriotismo..

O primeiro impeto foi de cego, de um cego snblime, que se allumia ás faiscas do coração: foi um delirio quasi incrível, d'esses que nunca soffrem as almas vulgares... Deliberou ir só, em pleno dia, arrancar a vida a Luiz do Rego em seu quartel-general; e communicou o seu designio ao padre Venancio, aos dous irmãos Rego Barros, a Manoel José de Serpa, e outros.

E' tradição, que João de Souto, embora

(6) Ao toque de fogo, batalhões de promptidão nos quartéis, piquetes á frente do palacio do governador, e tambem officiaes de linha e milicianos não arregimentados, e os paisanos empregados publicos: tudo alli até segunda ordem do governo. Cada casa devia ser illuminada pelo seu morador com uma luz pelo menos... Muita vez aconteceu, que a aurora rompia, sem que apparecesse uma luz em palacio, nem se soubesse de incendio em parte alguma... Afinal apparecia um ajudante de ordens, e mandava debandar. Isto, bem como o suicidio do marido ultrajado, consta das notas biographicas fornecidas pela familia de João de Souto; e aliás, o mesmo ouvio o autor d'estas linhas, ha trinta annos, em conversações familiares.

impugnação dos amigos, fôra ter uma manhã à mexeriqueira (7) e intentara disparar sobre o governador uma pistola, cuja carga havia sido inutilisada pelo padre Resende; e que retirara-se incolume pela estupefacção de Luiz do Rego ao inopinado do ataque: o Sr. Domingos Montenegro, no já referido artigo, diz:— «O facto foi desmentido pelos concundas por conveniencias politicas, de accordo com Luiz do Rego, por não chegar a noticia ás côrtes de Lisboa: fallou-se de *um louco*, que tinha ido a palacio, etc.»

Como quer que seja, tinha de chegar o momento premeditado desde a cadeia da Bahia, como diz o padre Martins; e a noite de 21 de Julho devia ser a ultima para o patriota pernambucano... Altos juizos de Deus!

O delirio de João de Souto não devia passar.

—Matal-o-hei á noite! bradava elle: é á noite que se faz a espera das onças!...

Dos amigos, uns desesperaram de acalmal-o, outros se lhe associaram.

Diz a tradição, dizem os apontamentos que tenho a vista, que na noite de 21 de Julho de 1821 tres píquetes se emboscaram:

O primeiro no Aterro da Boa-Vista (hoje

(7). Uma especie de terraço, coberto e fechado por vidraças, sustentado por duas colannas, em frente á portaria do antigo collegio dos jesuitas, que até pouco tempo deu entrada para a thesouraria de fazenda. O povo deu o nome, porque acreditava serem feitos ahi os mexericos com Luiz do Rego em damno dos patriotas.

Afinal demoliram a historica peça de uma architectura, não sabemos si despótica, si jesuitica.

rua da Imperatriz), desembocadura para a ponte.—João de Souto, e seu tio e cunhado Domingos de Albuquerque Mello Montenegro.

O segundo á entrada do beco dos Ferreiros (hoje rua Sete de Setembro).—Paschoal da Cunha Souto-Maior, e Antonio d'Albuquerque Mello Montenegro, tios de João de Souto.

O terceiro á entrada da rua do Hospicio.—Embora fallecidos, não declinamos os nomes dos quatro conjurados, porque não pertencem á familia Souto-Maior.

O plano era romper o fogo na espera do centro; pois, si fallhasse o golpe, teria o governador de passar por uma das outras.

João de Souto escolheu muito propositalmente o seu posto para quebrantar o pacto; e elle o confessou a Domingos Montenegro, quando os momentos se approximavam.

Appareceu na ponte Luiz do Rego, a pé: ao lado um ajudante d'ordens, pelo braço um companheiro de festas, meia duzia de officiaes e paisanos, e ordenanças de algarves.

O cavallo de João de Souto estava perto (no Casimiro, por onde é hoje o templo protestante): o corredor destemido, para quem nunca houve cavallo indomavel, confiava em si e no seu alazão, para desaparecer de pistola em punho, como o phantasma da vingança, em carreira vertiginosa.

João de Souto conchegou o capote, deu duas palavras a seu tio para fazer chegar o cavallo, e examinou rapido a escorva do seu clavinote, que ia ser apontado por olho de atirador, que nunca errou veado aos saltos, paca le-

vantando-se da mouta, ou veloz cutia que salta tres vezes antes de pousar no chão...

E no entretanto, foi tudo baldado! Nem a bala bateu no preto do alvo, nem o cavallo recebeu o cavalleiro!

O tiro partiu, Luiz do Rego tombou, e os algarves tomaram o caminho a João de Souto.

Mas, o rio alli estava; e ao patriota pernambucano tão forte lhe era o braço contra a onda como contra o ferro. Atirou-se da ponte, recuando e resistindo aos asseclas de Luiz do Rego... Ninguem teve coragem de segui-lo! Vestido e pesado como se achava, nadou, nadaria a noite inteira... Da ponte gritavam; e o nadador desaparecia e reaparecia, até que teve a desdita de surgir junto a uma canoa que passava. O canoeiro, instigado pelos brados cont a o *assassino*, deu-lhe com a vara, e o nadador não veio mais acima!

Seguiram-se bravos estrepitosos, vivas ao rei e ao governador, estridulas gargalhadas de selvagens...

O patriota havia consummado o sacrificio!

Acharam o cadaver no dia 23; e a 24 fizeram d'elle exposição publica, cevando assim umas iras selvaticas. (8)

(8) Em minha familia havia testemunha presencial da exposição; que tambem leu e ouviu ler o edital do ouvidor Maia, reproduzindo o officio de Luiz do Rego, em que este garantia um conto de réis ao homem livre, e a alforria ao escravo, que revelasse o nome do *assassino*.—O auto de cahada e vistoria do cadaver, perante o supradito ouvidor Ante: o José da Maia e Silva, foi publicado no *Journal do Recife* n. 29 de 20 de Julho de 1875.

...E procedendo-se tambem ao exame nos signaes do mesmo,

O leão, adormecido para sempre, foi exposto no oitão da matriz de Santo Antonio, recostado em uma cadeira, com as suas roupas e armas.

Fazia as honras ao cadaver uma guarda de algarves.

Quem quer que passava, era obrigado a parar, e a dizer si conhecia o morto: ao homem livre offerencia-se um conto de réis; ao escravo a sua alforria.

NINGUEM O CONHECEU!

Tempos d'então e tempos de hoje!

Domingos Montenegro não podia acreditar o que diziam: na familia votavam um respeito supersticioso ao patriota, uma fé sem limites aos recursos de sua destreza e valentia.

Morto por mão de homem, o leão de Tejucupapo!... Era o caso de fazer de S. Thomé, e Montenegro assim fez: desfarçado em pescador do Capibaribe, foi, viu, e tombou fulminado!

Immediatamente puzeram-lhe a mão os algarves.

—Conheces?

—Não conheço.

—E porque desmaiaste?

—Porque tive pena de vêr um per ambucano n'quelle estado.

Seguiram-se apodos e insultos, com as affrontosas ameaças de palmatoria e chibata; e

e fato com que vinha vestido, se achou ser o dito cadaver de um homem ainda moço, de 25 a 30 annos, branco, claro, de altura mais que mediana, refeito de corpo e bem proporcionado, cabello preto de guedelhas á moda, dentes brancos iguaes sem falta alguma, e uma cicatriz na testa acima do nariz, fazendo um angulo para a parte esquerda... tendo pés e mãos mimosas, que mostravam não ser homem de trabalho... A vistoria foi na villa do Recife, e caes do fundo da rua Nova...

Montenegro foi recolhido á cadeia, d'onde poudesahir, graças aos manejos patrioticos do padre Venancio Henrique de Resende.

Desenganado Luiz do Rego de que *ninguem conhecia o cadaver*, mareou em outro rumo.

Do cadaver não houve mais noticia... Dormem ignorados os restos de João de Souto Maior!

— — —
Não pôde ser sinão dos Soutos de Tejucupapo. resmungava Luiz do Rego. Foi uma honra para a familia Souto-Maior, esse *não pode ser*: só d'ella , n'aquelles dias difficeis, podia vir um arrojo, ao mesmo tempo tão desatinado e tão generoso.

Na casa *erma* de Tejucupapo, n'aquelle berço de heróes pernambucanos, estava D. Luzia. sua irmã D. Mariana, alguns parentes e amigos, crianças e escravos.

Aquella freira heroína soube da sorte do irmão, e premuniu-se para salvar os restos da familia. Guardou segredo, e simulou uma carta de João de Souto escripta do Rio S. Francisco para illudir qualquer interrogatorio que não podia tardar muito...

Luiz do Rego expediu para Tejucupapo um instrumento raucoso, o commandante Coutinho, com cincoenta soldados, afim de colher a verdade com ferro e fogo na casa do patriota.

Chegou o commandante Coutinho, e foi de arrebate annunciando ás duas irmãs, que João de Souto desfechára um tiro no governador, e morrera afogado.

— Impossivel! disse tranquillamente a freira ;

tenho carta d'elle, escripta nesse tempo, longe do Recife, no rio S. Francisco.

E mostrava a carta.

E Coutinho insistiu, mostrando as roupas do patriota...

O golpe era forte e certo!

A freira olhou indifferente, mas, D. Mariana desfalleceu e cahiu.

—Foi elle, não ha duvida! bradou Coutinho...

E deu voz de prisão a todos, e ordem para que tudo fosse confiscado.

—Sou uma freira, disse tranquillamente D. Luzia; e devo mandar aviso ao meu convento...

Não a mulher, e sim a freira, impoz silencio ao commandante: o portuguez sempre foi supersticioso, e agora mesmo estamos sentindo o peso do legado...

Coutinho cedeu, adiando por vinte e quatro horas a volta ao Recife; e Luzia foi encaminhando a gente da casa para um subterraneo que sahia na matta do Perú, trabalho de prevenção feito pelo velho Souto em 1817.

Mas, por fatalidade, Hortensio filho de João de Souto, e Belisario filho do padre Antonio, crianças de seis para sete annos, bem como uma escrava de nome Felizarda que devia acompanhal-os, extraviaram-se do grupo fugitivo.

Quando Coutinho se apercebeu da fuga, entrou em furias, e as duas crianças foram feitas em pedaços!

A escrava Felizarda, horrendamente acutilada, deixaram-n'a por morta!

E não havendo mais sangue a derramar, nem saque a fazer, trabalhou o machado nos edificios, e por ultimo o fogo...

Com o incendio despertaram os povos de Tejucupapo; e os assassinos de mulheres e meninos fugiram á vista dos homens, deixando *mal acabada* a tarefa...

— — —
O epilogo foi na matta do Perú.

Erradios como uns ciganos ou criminosos fugidos, viveram por tempos os restos da familia Souto-Maior!

Na matta deu á luz D. Mariana: a freira enfaixou a criança com tiras do seu habito.

Mãi e tia sorriram-se, levantaram olhos ao céo, beijaram o recém-nascido, e disseram a um tempo:—Ha de chamar-se João de Souto

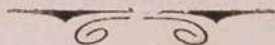
Chamou-se... Mas, o peso d'aquelle nome matou aquella criança!

O seu primeiro sorriso foi para um raio da lua descendo pelos claros da matta...

Sorriu-se, e subiu!

O martyr no berço foi encontrar o martyr na luta...

O João de Souto anjo redimiui as culpas do João de Souto homem!



Breve noticia

de personagens historicos

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

Nasceu no bairro do Recife (Fóra de Portas), não constando o dia do nascimento e do baptismo.

Filho legitimo de Domingos da Silva Rabello e D. Francisca Maria Alexandrina de Siqueira.

Caneca foi alcunha da familia, porque Domingos Rabello era tanoeiro.

Tomou o habito carmelitano aos 8 de Outubro de 1796.

Involveu-se na revolução de 1817, cabendo-lhe a honra da primeira linha dos algemados que transitaram pelas ruas do Recife, a serem embarcados para a Bahia no brigue *Mercurio*.

Comprehendido na amnistia de 1821, e restituído á sua provincia, á qual muitos documentos legou de seu saber e patriotismo, tomou

parte na revolução de 1824, e foi assassinado juridicamente aos 13 de Janeiro de 1825.

Fuzilado, depois de ter subido tres ou mais vezes a forca... depois de uma cruel prolongação de martyrio pela resistencia dos carrascos trazidos para a corda (que alli mesmo foram barbaramente espancados!) fuzilado d'encontro a um dos postes da forca, tombou o patriota pernambucano, varão sabio e forte!

Sua queda foi saudada com vivas a D. Pedro I, como a de tantos outros o havia sido com vivas a D. João VI!

Fatal encadeamento das tradições monarchicas!

Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque

Nascido no Recife, aos 11 de Novembro de 1753.

Filho legitimo do tenente-coronel Francisco Antonio de Almeida e D. Josefa Francisca de Mello e Albuquerque.

Foi capitão do regimento miliciano dos nobres, e succedeu a seu pai no officio d'escrevão da provedoria do Recife.

Contava descendencia numerosa e illustre, quando envolveu-se na revolução de 1817; sendo que na benção das bandeiras republicanas proclamou por sua conta, e espalhou flores do Pin-do (na phrase de A. J. de Mello), como era proprio de seu genio sempre jovial.

Pronunciado pela alçada, foi parar á cadeia da Bahia, e com elle seu filho o capitão Antonio José Victoriano de Almeida e Albuquerque.

Foi na prisão qual vai desenhado no drama: alegria dos companheiros, e ao mesmo tempo exemplo vivo do que pôde a tranquillidade da consciencia em almas fortes.

Amnistiado, voltou ao Recife, onde morreu em velhice abençoada, aos 11 de Janeiro de 1834, sendo sepultado em Santa Thereza da Ordem Terceira do Carmo.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado

Natural de S. Paulo, irmão de José Bonifacio e Martim Francisco.

Formou-se em Coimbra; e logo depois occupou o lugar de Juiz de Fôra em sua provincia, d'onde foi removido como Ouvidor de Olinda, chegando ao Recife em 1815

Fez-se aqui notavel por sua rigidez e sua sciencia: o padre Joaquim Dias Martins, nos seus *Martyres Pernambucanos*, appellidou-o de—academia ambulante.

Si não teve parte directa na explosão de 6 de Março, associou-se ás consequencias, e exerceu o cargo de conselheiro, por não querer acceitar outro: foi a mola real que tudo fazia mover, como disse o infeliz padre João Ribeiro.

Esteve na cadeia da Bahia, onde instituiu academia, de que foi reitor e mestre universal.

Amnistiado em 1821, foi pela sua provincia mandado ás côrtes de Lisbôa, e depois foi *magna pars* em nossa coustituinte.

A sua provincia deu-lhe mais tarde uma cadeira de deputado; e afinal Pernambuco, isto é,



o immortal partido praieiro, pagou-lhe a divida com uma cadeira de senador.

Domingos José Martins

Natural do Espírito Santo, d'onde passou á Bahia, a exercer o commercio

Estabelecendo-se mais tarde em Lisbôa, venceram ali as suas repugnancias pelo regimen avassallador da sua terra, o que fez com que passasse a Londres, a dirigir a casa Dourado Dias & Carvalho. Fundou filiaes em Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia: para estas provincias navegavam quatro navios da casa, a qual augmentava mais e mais, embora sempre atarefado o seu gerente nas associações philantropicas e politicas.

Partiu de Londres em 1815, a visitar as filiaes das provincias do Brazil; e em Pernambuco ajudou a plantar as sementes da revolução.

Na segunda vez que aqui veio, já estabelecidas suas relações particulares e politicas, metteu possantes hombros á patriotica empreza de 1817.

Sacrificando as inebriantes primicias de um casamento por amor, envolveu-se na revolução, e fez parte das ultimas guerrilhas dos trezentos.

Da cadeia da Bahia passou ao Campo de Polvora, onde foi arcabuzado aos 12 de Junho de 1817, com Miguelinho e Mendonça, uma trindade epica!

Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro

Natural do Rio Grande do Norte, domiciliado desde os 16 annos em Pernambuco, onde professou no instituto de Nossa Senhora do Carmo do Recife: no convento fez mui applaudidos estudos.

Depois secularisou-se; e em 1800, como professor de rethorica, fez a oração sapiencial da inauguração do seminario d'Olinda, perante o illustre bispo Azeredo Coutinho.

O sol de 6 de Março viu o padre Miguelinho nas ruas do Recife, a compor os fructos revolucionarios.

Foi secretario do Governo.

Era orador sagrado, de quem dizia o vigario Barreto ao meu fallecido amigo Dr. Torres Bandeira:—O pulpito pernambucano não teve nem terá igual n'este seculo, pois não lhe faltava nem um dos predicados intrinsecos ou extrinsecos.

Vencida a revolução, o patriota não fugiu.

Conta o padre Martins:—« Na invasão dos tyrannos acompanhou os seus collegas e as tropas até Olinda, onde os desamparou, deliderado a morrer como heróe: sobe pela escada de sua casa, abraça estreitissimamente sua amada, sua querida, sua idolatrada irmã, e lhe diz — *Nada de choro, estás orfan, tenho enchido os meus dias, logo me vêm buscar para a morte, entrego-me á vontade de Deus, e nelle te deixo um pai que não morre: aproveitemos a noite, imita-me, e ajuda-me a salvar a vida a milhares de desgraçados.* Entraram em continente na sala, em que estavam os autos e

papeis mais importantes da secretaria do governo, e toda a noite de 20 do Maio apenas bastou para serem consumidos...»

Embarcado no *Carrasco* (apropriado nome!) e da cadeia da Bahia passando ao Campo da Polvora, foi arcabuzado com Martins e Mendonça.

Narra o padre Martins:—«A 10 de Junho foram interrogados os réos; e tendo-se notado que Miguelinho não tinha fallado desde o instante da sua prisão, no interrogatorio fallou de mais, e muito mais do que queria o conde dos Arcos, presidente da feroz commissão; o qual (conde dos Arcos) referiu ao bispo de Pernambuco D. Frei Antonio de S. José Bastos, no Rio de Janeiro, que desejando salvar da morte ambos os clerigos, a saber, o deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal e Miguelinho; e admirado do silencio que este guardava sobre todos os artigos da accusação, lhe disséra em plena sessão—*Padre, não cuide que somos alguns barbaros e selvagens, que somente respiram sangue e vingança: falle, diga alguma cousa em sua defeza.* E porque o silencio continuava ainda mais profundo, pergunta-lhe o conde, como querendo insinuar-lhe a evasiva—*O padre não tem inimigos, e não seria possível que lhe falsificassem a firma nos papeis presentes?*—*Não, Senhor* (fallou então pela primeira vez), *as minhas firmas n'esses papeis são todas authenticas, e por signal que n'uma d'ellas a lettra o do meu ultimo sobre-nome Castro ficou metade por acabar porque acabou-se o papel...* E calou-se, recusando qualquer outra resposta!

O deão (9) preencheu melhor as vistas do conde dos Arcos.»

E agora, reis, aprendei como acabam patriotas!

José Luiz de Mendonça

Pernambucano, mestre dos advogados do Recife.

Involveu-se na revolução com todo o prestigio das suas lettras, e todo o attrativo do seu character ao mesmo tempo energico e ameno.

Foi redactor do *Preciso* revolucionario, que sahiu da primeira typographia pernambucana.

Entregou-se á prisão como um heróe.

No Campo da Polvora entoou o *Miserere* com Miguelinho, e com este e Martins foi assassinado.

Francisco do Rego Barros

Pernambucano, dos quarenta e dois remetidos para Lisbôa no brigue *Intriga* (ainda um nome apropriado), em consequencia do tiro de 21 de Julho.

Presidente d'esta provincia por duas vezes, deputado em varias legislaturas, falleceu senador, com o titulo de conde da Boa Vista, e como brigadeiro reformado no exercicio do commando superior da guarda nacional do Recife.

(9) Foi condemnado, mais não executado, sendo recommendado á clemencia real; e o mesmo a respeito de Manoel José Pereira Caldas, *por ser do Minho*, diz a sentença.

Sebastião do Rego Barros

Irmão do antecedente, e com elle embarcado para Lisbôa.

Falleceu tenente-coronel do estado-maior de primeira classe.

Foi mais d'uma vez deputado por esta provincia, exerceu o cargo de ministro da guerra.

Padre Venancio Henriques de Resende

Era coadjutor da freguezia de Santo Antonio do Cabo, quando rebentou a revolução.

« Foi dos primeiros prisioneiros do general Mello (diz o padre Martins) , e um dos primeiros doze que n'uma sumaca foram remettidos ao conde dos Arcos, como primicias da grande hecatombe que o navio *Carrasco* ficava juntando.»

Solto pela amnistia de 1821, foi de novo preso e remettido para Lisbôa, em razão do tiro de 21 de Julho.

Fez papel importante na revolução de 1831; e foi depois o deputado que propoz o banimento de D. Pedro I.

Presidiu a camara dos deputados por duas legislaturas.

Nos seus ultimos annos recolheu-se da vida politica, e morreu parochiando como vigario collado a freguezia de Santo Antonio do Recife. (10)

(10) Os demais personagens historicos estão delineados no *Esboço Biographico*. Restam apenas tres não-historicos Capitão Portugal, Luiz de Sá e Amelia.

Algumas observações litterarias

Desgraça ás gerações, que nunca tiveram illusões, nem ambiciosas esperanças! Maldição ás raças, que nascem velhas d'espírito e de coração!

EUG. POITOU.

Que admiravel poder! Com que fecundidade a intelligencia humana pode tambem produzir obras litterarias, este apuro do espirito, cuja influencia salutar ou deleteria sobre o moral das populações é tão consideravel!

DR. WOLLEZ.

Quem *faz theatro*, exerce cura d'almas — disse Victor Hugo.

Tambem penso assim; e é por esta razão, que prometto nunca mais peccar *fazendo theatro*: não é para mim ser cura.

« O meio mais activo e mais prompto de armar invencivelmente as forças da razão humana, e espargir de subito sobre um povo grandes ondas de luz, é de certo o *theatro*: é ahi, que uma eloquencia simples e lucida pode acordar de momento uma nação adormecida; é ahi, que o pensamento magestoso de um só homem in-

flamma todas as almas por uma commoção electrica.»

E com effeito,

C'est là que des héros revivent les grands cœurs,
C'est là que l'on apprend à repandre des pleurs.

O autor citado, no intuito de provar com factos que o theatro anda a par da civilisação, diz ainda :

« O maior brilho do theatro foi nos tempos gloriosos das antigas republicas ; e, quando ao bello seculo de Augusto succederam seculos de trevas e barbaria, a arte dramatica foi acompanhando a decadencia do imperio : d'onde se poderia concluir com segurança, que o gosto dos espectaculos em uma nação é signal certo de sua prosperidade. A arte dramatica está de tal sorte ligada á sorte das lettras, que apenas o reinado de Leão X fez reentrar na Italia o gosto das bellas-artes, uma das primeiras produções do tempo foi a *Sophonisba* do celebre Trissino, prelado nuncio do papa ; bem como a primeira comedia da Italia moderna sahiu da penna do cardeal Bibiena. E á maneira que as luzes foram penetrando por toda a Europa, as nações foram sendo illustradas por immortaes primores.»

E' assim, convenio, mas distingo. Não basta o *gosto dos espectaculos*: é preciso distinguir entre espectaculo e espectáculo.

Paris de Offenbach, Rio de Janeiro do Alcazar e das *magicas*, tudo podem provar, menos que florescem lettras e costumes privados ou publicos.

Ha espectaculos dos grandes autores e actores, e espectaculos dos pequenos actores e autores: aos dous generos correspondem dous publicos, um grande e um pequeno publico; sendo que o pequeno é ás vezes, ou antes quasi sempre, maior do que o outro em numero, pois os publicos não se contam, pesam-se . . . Digo quasi sempre, porque *infinitus est numerus* nas quadras decadentes.

É pois, não basta que se queira espectáculo, não basta que se dê espectáculo: entre autor e publico, a dependencia deve ser d'este, pena de *offenbaquismo* universal na moderna civilização franceza e afrancezada; e o actor, que está no meio, ganha moralmente com a supremacia do autor, porque a subserviencia aos pequenos publicos elimina os primores theatraes, e onde não os ha não póde haver grande actor. Em summa, pequenos publicos, pequenos autores e actores. Agora, si a questão é explorar o exercito dos pedantes, uns Hercules platonicos do vicio armados com a clava do binoculo, porque tão pouco vêem com os olhos da cara como com os da alma . . . si a questão de autores e actores é dinheiro, e a do publico é simplesmente de um *ponto de reunião* para matar o tempo viciosa e estupidamente, mas com ares de quem faz cousa innocente e séria, então risco tudo e viro folha.

É o leitor que me entenda, se puder.

M. Jules Claretie, espirituoso folhetinista da *Opinion Nationale*, escreveu em tom sitencioso:

« Com razão se disse, que os povos têm sempre os governos que merecem: com a mesma

justeza pode-se dizer, que o publico tem sempre o theatro que pede.»

Ora, assim como os governos, abusando da sua força, corrompem os povos até fazel-os *ad imaginem suam*, assim autores, abusando de seus talentos, podem corromper os publicos. E depois dizem anchos uns e outros—somos o que povos e publicos querem que sejamos. Sophisma!

Pobres povos e pobres publicos!

Aquillo é uma falsidade em politica e em litteratura: são os fortes cobardemente declinando as culpas nos fracos...

Mas, uns fracos que têm suas horas de valentia.

Um dia ergue-se o povo, e o governo corruptor e corrompido vai-se involto em poeira de sangue, levantada ao tufão de ferosa indignação... e queixam-se.

Um dia o publico vira a cara, volta as costas para a scena, faz do theatro um mero pretexto para tudo, menos para o spectaculo, e autores e actores, que tinham na bocca um insano *nos quoque*, vêem-se involtos em poeira de despreso, levantada ao sopro gelado da indifferença... e queixam-se.

O dilemma é peremptorio. Si o theatro é cousa séria, é preciso que sejamos serios nós todos—autores, actores e publicos; si não é, fechemo-lo.

E, repito, comprehenda-me o leitor, si puder, ligando o que está ao que vai ser dito.

Si eu fosse a dizer tudo, a proposito de *João de Souto-Maior*, quem me perdoaria tão grande cabeça para tão pequeno corpo?

O drama historico, tal como o comprehendo, e disse em um ligeiro prologo ao meu *Nunes Machado*—respeitando os typos e os costumes, sobriissimo de anachronismos, abrindo espaço á imaginação sómente quanto baste para colorir os painéis—é o que vou tentar pela segunda, e provavelmente pela ultima vez, em *João de Souto-Maior*: o meu fim aqui, como foi alli, é—despertar o brio patriotico-liberal.

Alli sorprehenderam-me sollicitações de amigos; aqui impelliram-me sanhas de inimigos, como ficou explicado no alludido discurso de 11 de Agosto de 1877, do qual passo a compendiar umas notas litterarias, onde expliquei e defendi o meu ensaio dramatico.

Em *João de Souto-Maior* foi muito mais o cidadão nos mares encapellados da politica, do que o litterato nos lagos tranquillos da litteratura. Como em *Nunes Machado*, aqui o A e o Z é a Liberdade. Foi mais um nome que tomei á historia, para fazer um brinde ao meu Pernambuco.

Fiz o que devia. O mal que soffremos, não vem dos que não sabem ou não sentem o que dizem, e sim dos que não dizem o que sabem e sentem. Os estouvados de fallas e gestos, os prodigos, esses por si se destróem, que com as proprias mãos cavam as suas covas de miseria; mas, os Curios postiços de que fallava Juvenal, os avarentos cobardes, guardemo-nos d'elles, que são aleijados de cabeça e de coração, e pela acção ou pela omissão fazem a ruina de um povo.

Escrevi o drama com a possível attenção aos documentos e a tradição.

Serão artisticas as suas formas?

Em litteratura, como em tudo, a fórma é subordinada á substancia.

E' de V. Hugo, explicando os seus magestosos *Burgraves*: «A verdadeira lei, eis aqui: toda a obra do espirito deve ter o córte e as divisões especiaes, que logicamente lhe impõe a idéa dominante.»

Ora, não me cabia inventar João de Souto, nem a epoca de Luiz do Rego: o que achei nos elementos historicos, a *vida* da epoca, está no meu drama: os meus personagens fallam *como deveriam ou poderiam ter fallado*, pois mal me sôam os coveiros de Shakespeare fallando philosophia transcendental.

No meu trabalho nada contradiz á historia: digo, *si parva licet*, como do seu *Cinna* disse Corneille, que nada ali é violentado por exigencias do effeito scenico.

O drama historico tem suas normas, sabem e dizem os entendidos. Mas, o drama historico-patriotico, o drama de propaganda politico-social? Confesso que não as conheço; pois que taes não reputo essas transplantações do jornal ou do libello para o theatro, esses aleijões dialogados, onde cada personagem é um pedagogo que sabe tudo o que sabe o autor, pouco faltando que os criados e criadas, d'espandador em punho, citem o latim de Horacio ou o grego de Homero.

Talvez que na antiguidade houvesse muito a aprender de Euripides; mas, a tanto não me foi possível chegar.

Em uma nota ao seu *Cromwell* diz V. Hugo: — «O drama pinta a historia dos povos como *vida*. Deixa ao historiador a exacta serie dos factos geraes, e toma para si o que a historia desenha ou esquece, os detalhes de usos, costumes e *physionomias*, o imo dos acontecimentos »

Com a devida venia, parece-me que n'isto vai alguma confusão com a memoria, tal como nos deixou *immorredora* norma o duque de Saint-Simon; e com certeza o drama assim não é aquelle que me agita o intuito: o interior e o exterior da historia, a alma e o corpo, sem o que não ha vida para as *collectividades* como para os individuos.

Seja embora Corneille aqui Mirabeau, e Shakespeare alli Bossuet, como diz o mesmo V. Hugo, na introdução á sua *Lucrecia*: não me parece de bom aviso forçar os typos, quando se trata do drama historico; nem me encanta essa *igualdade scientifica* das tragedias de outr'ora, como de muitas produções dramaticas de hoje Serão heresias, filhas da minha ignorancia e falta de gosto; mas, quero que me julguem com todo o conhecimento de causa.

Accusavam-me em *Nunes Machado*, e hão de accusar-me em *Souto-Maior*, de pobreza d'entretuchos e peripecias dramaticas; mas, eu seria sempre assim, si continuasse a fazer o drama historico; e quando mesmo o meu genero fosse outro, quando mesmo a minha imaginação tivesse largos, jámais sacrificaria eu a acção, o bom senso, a verosimilhança, a uma pura ociosidade dos olhos e ouvidos de algumas centenas de espectadores. Serão heresias; mas, penso que

os autores devem fazer as platéas, e não estas os autores. O acto segundo de *Romeo e Julieta*, com seis scenas, cada uma em cada lugar, não me parece cousa difficil nem admiravel.

Creio no que diz o Sr. J. Simon: si Plauto ou Moliére nos dessem o seu segredo, veriamos que a mais bella scena damna a perfeição da peça.

Dos meus pobres ensaios, com todos os seus defeitos, ninguem dirá que têm d'essas scenas-enchimentos, a que Voltaire, no exame do *Horacio* de Corneille, chamou defeitos insupportaveis.

Agora, alguns pontos mais precisos das criticas com que fui hourado.

João de Souto-Maior foi um assassino, atirou de emboscada.

Mas, eu sustento, que o tiro de 21 de Julho de 1821 não deslustrou o meu heróe, como a estocada em um velho tremulo não privou o *Cid* de receber applausos das platéas do mundo inteiro.

E digo ainda:

1.º Foi assim, porque não podia ser d'outra sorte, depois de malograda a tentativa de ferir peito a peito;

2.º Foi uma emboscada de gravissimo perigo para o aggressor, como o facto cruelmente provou;

3.º Foi um acto colectivo, em que o mais patriota dos conjurados chegou ao delirio, a essa grandiosa loucura da Liberdade, que é como a loucura da Cruz, e só ataca os grandiosos Paulos;

4.^o Foi o ultimo rugido de um generoso leão, que viu cobardemente ferida mansa ovelha por traiçoeiro lobo ;

5.^o Finalmente, foi um braço armado para a defeza da vida e honra dos pernambucanos... um braço de ferro, que por ultimo gesto devia fazer, como fez, um eterno protesto pela Liberdade da Patria.

O protogonista não tem todas as qualidades do verdadeiro heróe.

Confesso que não sei, quaes sejam *todas* essas qualidades. Onde vejo o desinteresse em summo gráo a favor de uma grande idéa, e o arrojo por essa idéa levando ao sacrificio da vida, ahí vejo um heróe.

Libertar a provincia do jugo infamante de Luiz do Rego, eis o grande movel de João de Souto! A provincia de Pernambuco (diz Eugenio de Monglave, um panegyrista de D. Pedro I) *gemia sob o cruel despotismo de um tyranno subalterno, do mais feroz proconsul que talvez tenha tido o Brazil...*

E contra esse proconsul ergueu-se João de Souto! Armou decisivamente o braço, quando viu forçado um lar, violado um leito conjugal, e morto pelas proprias mãos o infeliz marido ultrajado!...

E é este um simples assassino! Bem dizias tu, Alfieri, no teu livro *Da Tyrannia*: — Em nossos tempos tão illuminados e civilizados, o homem corajoso e magnanimo, que vingasse uma mulher deshonorada pelo tyranno, teria o nome de insano e traidor.»

No drama o assassinato é elevado á altura de virtude patriotica.

Onde isto?... Si João de Souto diz o que diz, é que não podia dizer outra cousa; e as fallas de Caneca e Resende respodem á critica.

Applaudiria eu essa religião da vida humana, esse horror ao sangue, si visse o mesmo horror ás forcas e pelotões fuziladores de D. Pedro I e D. João VI, que *matavam sem risco de morrer...*

Haverá em mim defeito de optica intellectual? Dominar-me-ha a idea de Saint-Just, no seu relatorio sobre os Girondinos, de que nada se parece tanto com a virtude como um grande crime?...

Penso que não. Assim como de Carlota Corday disse L. Blanc, que foi ella o mais illustre discipulo de Marat, posso dizer de João de Souto, que foi elle o mais illustre imitador de Luiz do Rego e D. João VI...

O quarto acto é burlesco.

Será porque figura em scena o cadaver de João de Souto?

Mas, é a historia; e o meu quadro é essencial para o desenho da epoca, e encaminha directamente para a solução dramatica.

É aliás, desde Ignez de Castro que *depois de morta foi rainha*, vemos frequentemente em scena cadaveres estendidos ou arrastados.

É a sombra de Banquo? É o Convidado de Pedra? É a nodoa de sangue na mão de lady Machbeth?

Fui apenas fiel á historia, tendo presente a advertencia do velho Horacio (*De Art. poet.* V, 180)

—que mais nos impressionamos pela vista do que pelo ouvido.

Segnius irritant animos demissa per aures,
Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus.

E tambem attendi ao preceito de Aristoteles—que não è regra o não ensanguentar a scena; e antes, para mover poderosamente, è preciso o soffrimento, a ferida, a morte.

Foi muito demorada a scena do attentado ao pudor.

Aqui a minha resistencia é formal: no drama impresso a demora é muito maior do que no drama lido. E devo tomar todas as precauções, porque tambem a moralidade pessoal do autor tem de comparecer á barra do tribunal da critica.

Antes de tudo, as autoridades no assumpto.

O *Cid* faz duas visitas á sua amante, que foram censuradas até como aviltantes para esta. E Corneille responde com uma autoridade do tempo:— «A conversação dos dous amantes é tão cheia de bellos sentimentos, que muitos nem viram o defeito, e os que viram toleraram.» Ora, a minha *Amelia*, ferida e louca, não surgirá aos olhos do espectador como a estatua viva da Castidade offendida?

Escusa-se Corneille com a viva curiosidade do seu publico; e não risca as visitas do seu *Cid*. E eu, si tiver o meu publico, não será elle vivamente curioso para esse delicado lance dramatico? Conto que sim, a julgar pelos meus ouvintes dos salões.

Si Corneille escudava-se com o preceito de Aristoteles, que se deve deixar nos poemas até

mesmo o absurdo, quando ha boa razão d'esperar que elle seja bem recebido, porque deveria eu riscar um factó historico, que põe em relevo o character do meu heróe, que ás honras de Curio, accrescenta-lhes as de Bayardo?

Encurtando razões, encommendo-me á memoria do leitor, quanto ao que tem lido, e ao que tem visto e ouvido no assumpto; e passo a referir-me a alguns primores de Shakespeare.

E' no quarto de dormir de *Julietta*: ahí está *Romeo*, e o dia vem surgindo: tudo indica a doce desordem de um ninho de amantes: *Romeo* quer partir: *Julietta*, ainda nos languidos bocejos de um voluptuoso despertar, enlaça-o nos amorosos braços, e embarga-lhe a partida, supplicando com a voz arquejante de sensuaes desejos:—«Tão cedo! Não é dia ainda, meu querido *Romeo*... era o rouxinol que canta á noite na romeira em flor...» (Act. III sc. 5.^a)

Veja-se mais. A aia está no quarto de dormir, e contempla *Julietta* adormecida: contava que seria no dia seguinte o casamento com o conde Paris, e diz para a encantadora dormente:—«Dorme por uma semana, que amanhã o conde não te deixará dormir.» (Act. IV sc. 5.^a)

Abramos *Troilo e Cressida*. Diz *Troilo* á sua amante:—«Eu te peço, vai te deitar» E *Cressida*, ainda desgovernada de anceios:—«Estás saciado de mim?... A noite passou tão depressa!... Fica ainda, peço-te eu... Vós homens, não ha meio de prender-vos... Insensata que fui! devera ter prolongado a minha resistencia, e terias ficado mais tempo»... (Act. IV sc. 2.^a)

Já não fallo da comedia, onde, por exemplo,

D. Pedro diz:—«Penso que é vo sa filha»; e *Leonato* responde:—«Sua mãe assim me tem dito mais de uma vez.» (*Muita bulha por nada*). Bastam-me os dramas-primores.

Seja agora *O rei João*. Diz *lady Fauconbridge* a seu filho:—«O rei Ricardo Coração-de-Leão foi teu pai: vencida por suas longas solicitações, recebi-o no leito de meu esposo: queira o céu não pedir-me contas: tu és o fructo d'essa culpa, ainda tão grata para mim, e a que me arrastou uma força irresistivel.» E o *Bastardo* responde á sua mãe:—«Por este sol que nos allumia, si eu ainda estivesse por fazer, não quereria outro pai sinão esse: ha n'este mundo faltas, que trazem consigo a sua justificativa... Não estava em vossas mãos deixar de succumbir... Sim, minha mãe, cordialmente vos agradeço o me haverdes dado um tal pai.» (Act. I sc. 1.^a)

Deixo o *Mercador de Veneza*, onde *Porcia* o menos que diz ao seu amante, é que certo doutor, si elle a deixar sò... e vai até o ponto de mostrar um anel, revelando que por tal preço o doutor...

Deixo muito mais, e pergunto:—O que podem dizer da minha scena do attentado ao pudor, aquelles que constantemente applaudem nos theatros os adulterios e as adúlteras?

O que está no meu drama, está na tradição. Luiz do Rego violou um leito conjugal, o esposo ultrajado suicidou-se, e tamanha affronta, com tamanha desgraça consequente, deu o ultimo impulso á alma já muito revôlta e procellosa do patriota.

Éra quadro para côres mortas?

Demorada a scena!... Pois não é ella um dos traços característicos da epoca? Pois *esses assaltos ás casas honestas, essas duras provas em que eram postos o pudor virginal e a fidelidade conjugal*, como attesta Muniz Tavares, tudo isso poderia ser desenhado a lapis, ou reclama trabalho de buril sobre o mais fino aço?

Appello para as platéas, si um dia as tiver o meu drama. Andei em busca do *bello horrível*, e penso que não andei fóra do citado preceito de Aristoteles: procurei a harmonia dos contrarios—entre a mão grosseira do Lovelacio de quartel, e a mimosa sensitiva que se confrange ao brutal contacto...

E por fim de contas, o que verá e ouvirá o espectador?—O vicio atroz, que passa embuçado; e depois, um grito reparador e vingador, e a esposa casta que reaparece, entoando o hymno mysterioso do seu triumpho nas gargalhadas da louca *Amelia*... (11)

Pois *Lucrecia Borgia*, vagando em busca de um amante, deposita o beijo lascivo na fronte do filho adormecido... pois o *Dr. Fausto* passa á vossa vista, ainda aquecido pelos conchegos do leito de *Margarida*... pois a outra *Margarida*, a *das Camélias*, faz mercados meretricios

(11) Devemos ter mais medo do adulterio espirital, que extingue nos corações a caridade da fé, do que das violencias a que as mulheres podem estar expostas em suas pessoas. Por quanto, nada viola o pudor, uma vez que a alma o guarde; e o pudor não poderia ser violado corporalmente, uma vez que a vontade da victima, longe de prestar vergonhosamente o seu corpo, recusa todo o consentimento á acção estranha. (S. AGOSTINHO—*Epist. a Honorato, bispo de Thabennes.*)

alli no baile, aos olhos de todos... e vem a musica dar prestigio a tudo isso... e vós bateis palmas... e agora fallais de voltar a cara á minha *Amelia*, á louca pela honra!...

Quem póde soffrer uns Gracchos do *offenbaquismo*—*de m ralitate quarentes?*

É ainda uma critica:— *E' inverosimil a loucura de Amelia.*

Santo Deus! esta arguição confundiu-me e entristeceu-me...

Desde quando começou a ser inverosimil a loucura de uma esposa casta, porque se vê subita e brutalmente violada?

Diz *Macduff* a *Malcolm*, no quarto acto de *Machbeth*:— « A intemperança desenfreada dos sentidos é uma tyrannia... Mas, não seja isto parte, para que não tomeis conta do que vos pertence (a corôa). Podereis expandir os vossos desejos em um campo sem limites, e passar por sobrio quando assim vos parecer... Não faltam damas de boa vontade; e, por insaciavel que seja o abutre dos vossos sentidos, não poderá tantas d'ellas, quantas estarão dispostas a offerecerem-se... »

Tenho pejo de perguntar:—Estará aqui o fundamento da critica?

« Hoje (disse Alfieri na citada obra) uma violação pela força não poderia acontecer, porque nenhuma mulher recusar-se-hia aos desejos do tyranno; e a dar-se o facto, duvido que se tomasse vingança. porque não ha pai, irmão ou marido, que se não julgasse honrado com tal deshonra... »

Ainda pergunto envergonhado:—Estará aqui,

a um tempo, a demonstração da inverosimilhança da loucura de Amelia, e a prova da perversidade e insensatez de João de Souto?

Que tempos! e que costumes!

Disseram finalmente: — *E' frio o esposo ultrajado.*

Luiz de Sá não o fiz, achei-o na tradição. Um marido que pela madrugada volta de um dos celebres rebates, que se apercebe da passagem de Luiz do Rego pela sua casa, e immediatamente suicida-se: a tradição não reza, que interpellasse a esposa, que fizesse explosão, e sim que suicidou-se immediatamente. Esse de-
poso ultrajado, assim como o achei, assim o desenhei.

Qual é a regra geral dos suicidas? O silencio, o retrahimento, a placidez apparente, o riso nos labios e a arma escondida na manga... e afinal, a taça envenenada ou o tiro ou a pihhalada, a sós, n'um quarto fechado, no deserto de um campo. Si o caso fosse com homem de outra tempera, si fosse com João de Souto, com certeza o leão rugia, disparava, feria e feria muito, não se feria a si; mas, quando se tem natureza de mulher a contrastar brios de homem, quando se é natureza passiva e candida... O meu Luiz de Sá não podia resistir ao tufão: cambaleou, quiz erguer-se, tombou de uma vez!

E aqui faço ponto, pedindo ao leitor que conceda ao cidadão a ultima palavra.

Com este meu verbo tosco, que muitos dizem de anarchia e de fogo, o meu fim é trabalhar pela ordem, pela justiça, na sociedade brasileira.

Penso com Thiers, que ninguém chamará homem de desordem:—«As verdades que se dizem, abalam os governos; as que se não dizem, derrubam-n'os.»

E acabo de explicar-me com as seguintes palavras de um profundo juriconsulto:—«E' sempre opportuno trabalhar na consolidação da ordem. A ordem é a justiça, é o direito. Pode haver desordem social no meio da mais tranquilla paz. Sem duvida a anarchia descobre a desordem; mas, ás vezes o silencio na rua apenas encobre a mesma desordem.»



Drama

João de Souto-Maior foi o vingador inimitavel dos tormentos de seu irmão... Foi o novo Curio, que pretendeu salvar a patria.

PADRE MARTINS, *Mart. Pern.*

Da commissão militar passavam os juizes á sala do jantar, que lhes offerecia Luiz do Rego....

A noite elles dedicavam ao assalto de casas honestas... Ordenava Luiz do Rego, de quando em quando, que fossem açoitados nas grades da cadeia os miseros patriotas de côr... Tremiam os brancos, que não eram portuguezes de nascimento... No codigo dos selvagens os vencidos são escravos!

MONSENHOR MUNIZ, *Hist. da rev. de 1817.*

Um desesperado, que talvez teria motivo de desafrontar-se de injuria privada, tenta assassinar Luiz do Rego...

MONSENHOR MUNIZ, *Disc. nas Cõrt. Port.*

Em nossos tempos tão illuminados e civilizados, o homem corajoso e magnanimo, que vingasse uma mulher deshourada pelo tyranno, teria o nome de insano e traidor

V. ALFIERI, *Da Tyran.*

PROLOGO

O Rei e o Carrasco

(1817—Cadeia da Bahia)

1.º QUADRO—*Congresso dos Deuses*

2.º QUADRO—*Palavra ao morto*

Acto Primeiro

O Leão Pernambucano

(Abril de 1821—Goyanna)

Acto Segundo

Rebate Falso

(17 de Julho de 1821—Recife)

Acto Terceiro

Dies Irae

(20 e 21 de Julho de 1821—Recife)

1.º QUADRO—*A Rocha do patriotismo*

2.º QUADRO—*Desempenho da palavra*

Acto Quarto

O cedro no chão

(24 de Julho de 1821—Recife)

Acto Quinto

A voz de Deus

Agosto de 1821—Tejucupapo)

Personagens do Prologo

João de Souto.....	20	anos
Padre Antonio de Souto.....	27	»
José de Souto.....	26	»
Manoel de Souto.....	25	»
Frei Caneca.....	37	»
Padre Miguelinho.....	43	»
Antonio Carlos.....	30	»
Domingos José Martins.....	29	»
José Luiz de Mendonça.....	40	»
Manoel Caetano.....	49	»
Carcereiro da cadeia da Bahia.....		
N. N. N.....		

Personagens do Drama

João de Souto.....	24	anos
Luzia de Souto.....	28	»
Mariana de Souto.....	25	»
Thereza de Menezes.....	23	»
Amelia de Sá.....	21	»
Frei Caneca.....	41	»
Francisco do Rego.....	21	»
Sebastião do Rego.....	19	»
Padre Resende.....	28	»
Domingos Montenegro.....	27	»
Alferes Luiz de Sá.....	26	»
Capitão Portugal.....	48	»
Commandante Coutinho.....	45	»
Hortensio.....	6	»
Belisario.....	7	»
Um embuçado (o general Luiz do Rego)		
Povo de Tejucupapo.....		
Soldados algarves.....		
Freiras de Goyanna.....		
1.º, 2.º, 3.º Patriota.....		
1.º, 2.º, 3.º Homem do povo.....		

N. B.—Aproximadamente as idades dos personagens historicos.

PROLOGO

O Rei e o Carrasco

(1817—Cadeia da Bahia)

1.º Quadro—Congresso dos Deuses

Caneca		Mendonça
Antonio Carlos.		Miguelinho
Martins		Manoel Caetano

N. N. N. Presos

Enxovia: salão, porta ao fundo, grade para a rua: luz fumacenta de candieiro pendente, em torno do qual trabalham em obras de chifre alguns velhos condemnados: tarimbas em que dormem muitos presos, tamborettes e livros sobre estes: ao subir o panno vai acabando de sahir uma escolta, seguida pelo carcereiro, que fecha a porta com grande estrepito de chaves e ferrolhos: os seis personagens, ou meditando, ou lendo, ou passeiando: silencio de momentos).

SCENA UNICA

Todos

FREI CANECA

(Depois de fitar a porta, com indignação concentrada, e aos poucos exaltando-se). Todos quatro!,

Que nova tortura hão de inventar, depois d'esta morada immunda, depois d'esses gemidões constantes dos pobres escravos açoitados, depois das pesadas correntes, depois da fome, depois da nudez (12) ?! Que nova tortura hão de inventar, depois dos horribéis carcereiros, que nos deram ?! (13) Pois ainda ha cousa peor, do que a fome e a sêde do brigue *Mercurio*?!..... Todos quatro!.....

(12) «Estava em armas toda a guarnição da Bahia, e parte marchou com tochas accesas para conduzir os desembarcados á cadeia, onde entrando pareceu-lhes entrar no inferno, e que todas as legiões de demonios preparavam-se para recebê-los. A luz opaca de um velho candieiro, que apenas mostrava o ingresso daquella medonha caverna, reflectindo sobre os diversos objectos em roda, prestava-lhes mais lugubre aspecto; o estrondo das portas ferradas, que abriam-se e fechavam-se ao mesmo tempo, o rumor das correntes que preparavam-se, como mais pesadas, para troca das que foram trazidas de bordo da embarcação; os gemidos mandados da enxovia pelos escravos ali detidos, e que todos os dias eram barbaramente açoitados; o empestado fedor da nojenta cloaca, amalgamado com o fumo que exhalavam os cornos em que trabalhavam alguns dos velhos encarceradas mais diligentes, tudo concorria para alterar a imaginação, já assás debilitada pelos actos violentos anteriormente praticados.» MUNIZ, *Hist. da rev. de 1817*.

(13) Quando os presos embarcavam-se em Pernambuco, as suas familias fêmetteram-lhes bahús com roupa. Não se lhes communicou jamais tal remessa. Viam-se tantos respeitaveis cidadãos privados do ordinario alimento, de uma simples camisa para mudar a immunda e esfarrapada... A barba e as unhas cresciam com a poeira, porque faltava a agoa, e tocar em navalha, tesoura, faca ou garfo, era crime imperdoavel. Nojentos vermes devoravam a pelle daquellas mumias viventes... Lamentar-se era indicio de rebellião... Não se permittia a pratica dos actos religiosos, nem aos mesmos muribundos, os quaes, no instante em que exhalavam o ultimo suspiro eram transportados ao cemiterio dos escravos, e ali enterrados. Entre os facinoras remettidos de Portugal aos carceres do Brazil, para passarem depois á costa d'Africa em execução de sentença, o carcereiro escolheu dois dos que se achavam na sua cadeia mais cobertos de crimes, e os postou nas duas salas onde estavam encerrados os patriotas, para que os espiassem, reprimissem e denunciassem... Uma só vez no dia se fazia distribuir aos desgraçados limitada porção de carne, quasi sempre putrefacta, involvida em pouca farinha: traziam este alimento negros escravos

E' sempre assim o despotismo: feroz e cobarde! Procura domar o pai pelos filhos, a mulher pelo marido, o irmão pelos irmãos, o amigo pelos amigos!... Vejam, que miseravel conde dos Areos! Foi João de Souto, foi elle só que castigou o insolente carcereiro, e sahem os quatro irmãos... e vai tambem o heroico e infeliz Padre Antonio, ja quasi cadaver!... vão todos quatro para alguma d'essas engenhosas combinações assassinas, em que é fertil o despotismo... E' horrivel!... é horrivel!...

Querem apagar o nome de Souto-Maior, querem extinguir a raça dos leões de Tejucupapo!... E' horrivel!... E não ha de erguer-se o povo, para esmagar o rei e o carrasco?..... (*Moderando-se*). Perdoai, meus amigos: sou um padre, bem sei; mas, não devo ser escandalo para vós com estas fallas de patriota, que vós sois patriotas meus mestres... (*Pausa e subito exaltando-se*). Oh! não! não! seria até um sacrilegio não bradar!... Oh vós todos, martyres do glorioso Seis de

accorrentados, semi-nús, com o corpo ulcerado, e vertendo ainda sangue por continuados açoites... (Por completar o quadro, o embarque em Pernambuco.) A musica militar acompanha os presos afim de convidar com o seu som todas as classes da povoação a serem testemunhas da lugubre procissão. O pranto das esposas, dos filhos, dos parentes d'esses presos, eram o canto de glorias, que ouviam com deleite os promotores do espectáculo. Depois de percorrerem as principaes ruas da cidade do Recife, chegaram ao brigue *Mercurio* destinado para transporta-los... Foram todos encerrados no fundo do porão: grillhões aos pés substituíram as cordas, que nos braços traziam; uma gargalheira, atando estreitamente o pescoço de cada um, com as duas pontas pregadas no pavimento, obrigava a todos a permanecerem deitados, sem outro leito fóra das alcatroas das taboas do mesmo porão. Tres sentinellas, armadas de baionetas e chibata, velavam continuamente, prohibindo não só a comunicação da palavra como o desafogo dos gemidos. A sêde, augmentada pela qualidade do alimento salgado, não podia ser saciada sinão por uma só medida d'agua em todo o dia... e de hora em hora vinha um inspector, que diligentemente examinava, si os ferros tinham sido limados. O somno, refrigerio dos afflictos, era disputado por aquelles deshumanos algozes. Leitor, aprende como são tratados os vassallos de um rei absoluto!—MUNIZ, *Hist. da rev. de 1817.*

Março, deixai que falle bem alto o frade patriota! Impelle-me uma força irresistivel.... hei de morrer açoitando o despotismo, ainda que seja só com os jorros do meu sangue..... que o sangue dos patriotas ha sido e será sempre o mais forte açoite dos tyrannos!

Sim, hei de açoital-os, que o doce Jesus tambem manejou o chicote.... A patria é um templo, e o frade é um cidadão....

PADRE MIGUELINHO

(*Sempre calmo e resignado*). Mas, quando o cidadão é um padre como nós, arrazoa firme sem fechar os punhos....

FREI CANECA

Razões.... razões.... Isso é quando o templo da patria não está tomado pelos vendilhões do sangue e da honra do homem livre.... E' nosso direito e nosso dever, Miguel: toca-nos empunhar o azorrague, que do templo fazem espelunca.....

(*Cantam e repetem fóra com acompanhamento de violas, guitarras e pandeiros; e no fim erguem estrepitosos vivas ao conde dos Arcos, e morras ao patriota*).

Bahia é cidade,
Pernambuco é grota,
Viva conde d'Areos,
Morra patriota.

MANOEL CAETANO

(*Zombeteiro e voluvel, no accento e no gesto*). Veio a tempo a cantarola, não ha duvida, que no caminho em que iam os dois chegavam já ao *miserere*... Ora vamos, *sursum corda*, meus padres.... e joelho em terra, que vai passando uma procissão de El-Rei, e El-Rei tambem é bispo, que tem docél na capella mór... Palavra, gosto

disto, meus collegas patriotas: é o coice por cima da queda.... é justiça, nada mais e nada menos.... Quem nos mandou? Ora ouve cá, *magister* Antonio Carlos, e desafio-te a que me refutes com toda a tua sabedoria grega, latina, hebraica, et cœtera, et cœtera: em quanto houver povo que se faça jumento, justo é que haja tambem um animal de dois pés e sem pennas, que se faça rei, e vá cavalgando.... Santa estupidez de reis e povos! Cá por mim, de rainha não digo nada: tal fosse ella, que bem poderia fazer de mim seu jumentinho de estimação.

PADRE MIGUELINHO

Má hora para rir, Manoel Caetano...

MANOEL CAETANO

Mais esta! E a dar-lhe!... Pois chorem vocês, que são cidadãos livres..... nas lagrimas... Tem paciência, Miguelinho: comprehendo melhor a guerrilha passada do padre Antonio de Souto, e a guerrilha futura d'este nosso frade Amor Divino (*Apontando para Caneca*), do que essas tuas doçuras de domingo a domingo, com que vais caminho da forca, e toda esta bonita rapaziada, menos eu, embora seja o mais bonito de todos....

PADRE MIGUELINHO

Cada um com a sua natureza, cada combatente com a arma que Deus lhe deu... Si não faço quanto é preciso, faço quanto posso.

ANTONIO CARLOS

(*Em tom de superioridade*)

Insupportaveis gracejos, Manoel, nas occasiões mais serias!.....

MANOEL CAETANO

Isso... já me tardava... (*Contrafeito e ironico*)
Perdão Senr. Ouvidor! Bem sei, que em Vossa Senhoria

começa a ter voga aquelle pedacinho das *Tusculanas* de Cícero, em que passou elle um sabão a Homero por ter humanizado os deuses... bem sei, que em Vossa Senhoria começam os homens a ser divinos... Perdõe-me Vossa Senhoria, si me metto em latinidades e hellenidades... Mas, como ia dizendo, com a devida venia, pensei que não estando presentes os povos de Olinda, o Cesar da Paulicéa....

MARTINS

(*Sério e austero*). Pareces um frívolo, Manoel Caetano: para ti não ha negocio importante.

MANOEL CAETANO

Negocio.... peguei o homem: é sempre o negociante inglezado, vendo em cada proximo um guarda-livros na carteira.... Ora, vão para o diabo vocês todos, ou para o conde dos Arcos, que é a mesma cousa.... Ou querem brincar commigo, ou são uns tolos, com licença da palavra.... Aqui, n'esta gaiola de patriota, ou rir ou chorar... Deixem-me, que eu sei o que faço: assim ou assado, tudo é cachimbar no cachimbo de El-Rei, e a differença é só no geito da boeca.... E' boa! Estão vocês de palmatoria em punho, esquecidos da corda que nos pende ao pescoço de todos.

MENDONÇA

(*Brando e melancolico*). Faltava que te zangasses, Manoel Caetano....

FREI CANECA

Seria um milagre da cadeia da Bahia, pois foi cousa que nunca lhe aconteceu.

MANOEL CAETANO

(*Rindo-se*). Nem ha de acontecer, desafio a todos juntos. Gostem ou não gostem, hei de ir assim até

o fim. No caminho do cadafalso têm andado uns valentes de cabeça erguida e bocca fechada, como Danton.... uns falladores que vão perorando, como o namorado Camillo... e até uns amadores de musica, que morrem por solfa, como os rapazes da Gironda... Cá por mim, quero ser original, quero ver si invento....

ANTONIO CARLOS

(*Rindo-se*). Venha d'isso: temos originalidade na asneira.

MANOEL CAETANO

(*Apontando zombeteiramente para Antonio Carlos*)
 Oh vós todos que passais pela cadeia, parai e vêde, si já houve um Antonio Ouvidor mais mal ouvido, do que este Ouvidor Antonio... Tu, meu sabichão das duzias, si te fizerem presente da forca—e antes a ti do que a mim—sou capaz de apostar, que has de ir caminho da sobredita fallando em Andradas, e fazendo gestos de orador romano..... Louvo-te o gosto, meu Cicero em brochura: bater a bota ainda procurando embaçar a humanidade brasileira, é uma mania como outra qualquer... E' assim, meus irmãos da irmandade da Forca, tudo se ha de ver aqui: *ne nihil agatur*, em quanto o conde dos Arcos não nos manda convidar para o Campo da Polvora, cada um vai disputando a honra de ser o mais tolo, menos eu... Parece uma casa de doudos, por mais que Antonio queira dar a isto uns ares de academia... quando não passamos de uns Sem-camisas, que antes fossemos os Sem-calcões da França.

ANTONIO CARLOS

Pois sê tu o director, e o lente de todas as cadeiras, impagavel escrivão, que estás fiado em que não portamos por fé contra ti...

MANOEL CAETANO

Porque não podem... E quanto a ser eu o mestre universal aqui na cadeia, notem bem, que fortuna para todos! Não andariam com cara de inverno, nem a fazer loucuras e tolices...

ANTONIO CARLOS

Pois faze de conta: vamos a uma lição.

MANOEL CAETANO

Prompto! não me embatucas, meu pedagogo-mór. (*Para Miguelinho*). Começo por ti, que por tua desgraça nunca foste da mão furada... Dize, Miguel, porque rejeitaste a taboa de salvação, que te offerecia o conde dos Arcos? Não era tão claro, que elle queria salvar-te, de companhia com o Caldas e o Bernardo? Com certeza, Miguel, tu n'aquella occasião não tinhas o diabo aos pés, e sim na cabeça. Bom proveito te faça! Sabes o que ha de acontecer? Dona Posteridade, a namorada dos malucos, ha de dizer que é mentira; e com effeito, não entrará facilmente na cachola dos futuros christãos uma toleima como a tua... Que te custava dizer, padre dos meus peccados—as assignaturas não são minhas!? Foi mais uma vez, que o velho Padre Eterno deu uma noz a um desdentado... Si apanho uma taboa, safo-me; e bem entendido que vou armar segunda, mas correcta e augmentada...

PADRE MIGUELINHO

Deus vê e ouve tudo... Eu não podia comprar a vida por uma mentira, e menos por uma mentira que podia comprometter a terceiros... Pense como *Seneca*: "*Homo res sacra homini.*" Si os papeis eram assignados por mim... Qualquer faria o que eu fiz; e tu primeiro que ninguem, Manoel Caetano, que bem te conhecemos a austeridade através d'esse exterior folgazão...

ANTONIO CARLOS

Ora, tome esse anno do nascimento, Senr. escrivão, que no teclado das chufas bem parece uma dizima periodica...

MANOEL CAETANO

Bonito! meu Cicero de sola e vira... (*Apontando para a porta e solememente*) Do alto daquellas pyramides... quero dizer, do buraco d'aquella fechadura o conde dos Arcos te contempla, a ti pachola Antonio Carlos, um mestre-escola como nunca ha de tornar a ver a cadeia da Bahia!

MENDONÇA

Por favor, Manoel Caetano, já basta!.. Provará...

MANOEL CAETANO

(*Insoffrido*). Provará... que temos advogado no caso... Que gente insipida, meu Deus! Aqui mettidos, n'esta bôa figura em que estamos, e todos muito anchos e inteiriços, com ares de Bonapartes ás avessas, como si os contemplassem os quatro seculos de El-Rei Nosso Senhor! Palavra, si continuam assim, eu era capaz de preferir a companhia do conde dos Arcos...

ANTONIO CARLOS

(*Rindo-se*). Não ha remedio, o homem é invencivel: ha de despejar sempre o sacco, pois despeje logo. Vamos lá... Está aberta a sessão, e tem a palavra o Snr. escrivão Manoel Caetano, para apresentar e fundamentar o seu projecto original de melhor caminho para a forea.

MANOEL CAETANO

Até que afinal!... (*Tomando attitude e simulando burlescamente um meditado discurso*). A cousa é sim-

ples, illustres vassallos de El-Rei Nosso Senhor, simples e sublime, com licença da modestia, e do nosso presidente que de modesto nada tem, seja dito de passagem. . . Quero apenas ver si sou original, sempre com licença do nosso illustre Antonio, que é o Santo Antonio dos peixinhos da cadeia da Bahia...

ANTONIO CARLOS

Lembro ao orador, que não estou em discussão, que são horas de dormir, e que deve cingir-se ao assumpto.

MANOEL CAETANO

Obedego, sapientissimo senhor. Continuando, quero ver si sou original.—lembro á assembléa que sou escrivão—digo, sublime e original. Em materia de ir para forca, ou cousa que valha, muitos têm chorado, muitissimos têm tremido, alguns têm gritado, outros emmudeceram, e até houve quem cantasse... Mas, o caso é que ninguem riu-se, que eu saiba, e com effeito a cousa não é lá muito para rir... Eis o ponto, attendei-me, cidadãos livres que estais todos presos: o meu projecto é simplesmente—rir da forca, para forca, na forca e pela forca. Devo parar aqui, porque o segredo é a alma do negocio, e Martins que o diga. Mas, já que estou na tribuna, sempre quero dizer-lhes um segredo. Si vocês não forem primeiro do que eu—e Deus permitta que eu vá cem annos depois—hão de ver-me parar no caminho do campo da Polvora, com certa gamenhice... para que?... Nem o agudo Antonio, com cem dias, seria capaz de adivinhar. . . Mas, segredo, que é negocio de moças, o unico serio para mim. . . hei de parar no caminho para dizer adeus á Custodia e á Delphina.

MARTINS

Pois as moças da Bahia gostam de folhear autos fin-dos?

ANTONIO CARLOS

Desconfio muito, que o futuro enforcado, Senr. Manoel Caetano, não ha de rir-se de ninguem; e peço a Deus,

que as moças da Bahia não se riam do enforcado. Está levantada a sessão.

MANOEL CAETANO

(*Voltando aos seus modos e gestos*). Ainda é pouco, arrumem, arrumem: a inveja matou Caim. Pois eu sustento contra todos, a serenata do sabbado foi só por mim e para mim, tenham paciência. (*Tirando um papel do bolso, e mostrando*). Hei de apresentar-lhes o deferido n'esta petição, assim mesmo consignado como estou ao conde dos Arcos.

MARTINS

As senhoras têm compaixão de todos nós. Não te acho de bom gosto. . . .

MANOEL CAETANO

Que heresia! é como se não achasses bom gosto em Custodia e Delphina. . . Mas, desculpo o Martins, e fallo sério. Foi um dia um jardineiro de duas semanas, que ainda não sabia bem a côr da rosa, quando zás... atiram o Domingos n'este inferno... Mas, nem eu, nem ellas, temos a culpa. Bem vejo, meu grave mercador de Manchester, para ti não ha as mulheres, e sim a mulher... São modos de entender... O que acho, é que não tinhas razão de origar com D. João VI, assim com um principio tão corcunda. . . Eu sim, liberal até aqui! Tres deusas tres pomos, cem deusas cem, e assim até X... Não sou homem de affrontar a divindade.

ANTONIO CARLOS

Vamos lá, Manoel: já agora estou de bom humor a tua custa: vamos a petição.

MANOEL CAETANO

Vamos... Cheguem todos, não dispenso nem os pa-

dres. Silencio, que lá vai verso de lei, como quem dissesse verso de Manoel Caetano (*Lendo*):

Os anjos não cantam sós,
E quando Delphina canta,
Anjo Custodio me encanta,
Tendo compaixão de nos.

Fallei primeiro em Delphina
Como visita de fora,
Mas, conto meu pasmo agora
Só por Custodia divina.

Passo os dias como um réo,
E por bulla sabatina
Levam Custodia e Delphina
Tudo á noite para o céo.

Quem se queixa d'estar preso
Tem nos queixumes mertira,
Que a não vir cá nunca ouvira
Junetos Leo e Pergolezzo.

Eu cá por mim pouco fallo,
E no que affirmo não erro,
Que affronto desterro e ferro,
Tendo a noite um tal regalo.

Em Delphina um seraphim
Escuto, si á noite canta,
Outro em Custodia me encanta
Feliz sou si são por mim (14).

(14) A. J. DE MELLO, *Biog.* de Manoel Caetano:
«Duas senhoras da Bahia, de nomes Delphina e Custodia, foram duas ou tres noites de sabbado toar e cantar fóra da cadeia aos presos de Pernambuco demonstrando assim a sympathia e respeito que lhes tinha... Manoel Caetano fez-lhes as quadrinhas no dia immediato ao primeiro descante.»

Lê-se na *Hist.* de MUNIZ TAVARES:

«De tanta miseria nenhum bahiano mostrou-se campacido, nem ao menos indirectamente; temiam o halito dos infelizes... Mas, para honra da humanidade, veio o fragil sexo confundir o denominado forte: virgens bahianas, segregadas do mundo por amor á perfeição evangelica...»

MENDONÇA

Sem duvida é com essa petição, que tu queres executar a sentença da tua outra quadrinha.....

PADRE MIGUELINHO

E no emtanto, era de joelhos que deviamos fallar das nossas angelicas protectoras.....

MANOEL CAETANO

Mais outra! E fallar em verso não é mais do que fallar de joelhos?... Valha-me Deus com vocês!... Mas, vamos á quadrinha, Mendonça Qual d'ellas? Tenho immortalizado com tantas esta mortal cadeia...

ANTONIO CARLOS

Será esta? (*Recitando*):

Sem grande côrte na côrte
Não se gosa um bem geral,
Que o côrte é quem nos faz bem,
A côrte é quem nos faz mal.

infelizes... Mas, para honra da humanidade, veio o fragil sexo confundir o denominado forte: virgens bahianas, segregadas do mundo por amor á perfeição evangelica... sem outra esperanza de recompensa além da satisfação do bem praticado, apenas ouviram no fundo dos seus venerandos claustros os gemidos dos afflictos, não hesitaram em requerer ao conde dos Arcos a permissão de dividir com os pobres famintos, a porção de pão que lhes tocava. A virtude em supremo gráo fórça ao respeito o homem mais vicioso. O governador não soube resistir-lhes, a obra de misericordia foi executada: d'ella gosaram dois irmãos do defuncto Martins, Joaquim e Francisco, José Alexandre Ferreira, o morgado do cabo Francisco Paes Barretto e seus dois cunhados, e tambem dois religiosos carmelitas, Frei Joaquim do Amor Divino e Frei José Maria Brayner.

Uma freira do convento da Soledade beneficiava os dois primeiros, que lhe eram conjunctos por parentesco; e as senhoras D. Candida e D. Rosa, pertencentes ao convento do Desterro, soccorriam os restantes.»

MENDONÇA

Justamente. E começa o côrte na côrte pela côrte ás pobres moças.

MANOEL CAETANO

Ora, ahí está como vocês são graves pensadores! Não entenderam a quadrinha, e eu bem podia mostrar-lhes, que entre côrte e côrte... Mas, não estou mais para atural-os... Bem digo eu (*Recitando*):

Não ha ventura
Como ser tolo,
Que o ter miolo
E' mal sem cura.

FREI CANECA

Sim, basta, Manoel: são praticas essas, que me soam como gargalhadas em cemiterio... Trabalha a commissão militar, e talvez a esta hora...

MANOEL CAETANO

Já me tardava... Sermão no caso!(*Ouvem-se rufos de tambores*).

FREI CANECA

(*Vivamente*) Ouçam!... é um sermão do inferno! Ouçam!... é a pavorosa eloquencia da morte e da affronta, a eloquencia unica do despotismo! (*Novos rufos*).

PADRE MIGUELINHO

Será, nem mais nem menos, a vontade de Deus. Desde muito que sei:—“A politica dos grandes consiste em opprimir os fracos; e a politica d'estes em arruinar o duro despotismo dos grandes, que sobre elles grava e pesa (15)”

(15) Textual da oração academica, que na abertura do Seminario Episcopal de Olinda recitou o Revdm. Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, natural da cidade do Natal do

Deixaremos o nosso exemplo aos vindouros. (*Rufos mais proximos: todos qucdam-se: repctem fóra o seguinte bando*):

“ Em nome de El-Rei Nosso Senhor.
 “ Sentença da commissão militar, con-
 “ demnando á morte cruelmente, com
 “ infamia, os réus de lesa-magestade de
 “ primeira cabeça: Domingos José Mar-
 “ tins, José Luiz de Mendonça, e padre
 “ Miguel Joaquim de Almeida e Castro.
 “ Passarão immediatamente ao Orato-
 “ rio, e amanhã ás oito horas do dia jus-
 “ tiça será feita no Campo da Polvora,
 “ indo os pacientes de alva, corda ao
 “ peseçoço, algemas aos pulsos, pés des-
 “ calços e cabeça descoberta. Seus bens
 “ confiscados para a Corôa, posto que
 “ tenham filhos ou outros alguns des-
 “ cendentes, havidos antes ou depois do
 “ maleficio. Viva El-Rei Nosso Se-
 “ nhor.”

PADRE MIGUELINHO

O propheta responde:—“Lapis de pariete clamabit: et lignum, quod inter juncturas ædificiorum est, respondebit.” (16) (*D’aqui ao fim do quadro ouvem-se dobres de sinos, rufos, e vivas a El-Rei, ora mais longe, ora mais perto. Os personagens ouvem como estaticos o bando. Acabada a leitura, Antonio Carlos senta-se, Martins vai á grade que deita para a rua, os outros passeiam mais ou menos agitadamente. Os presos que trabalhavam, com outros*

Rio Grande do Norte, professor de Rethorica no mesmo Seminario, anno de 1800.

Parou em minhas mãos um manuscripto do tempo, que offertei ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

(16) Habac. II, 11. A pedra clamará da parede contra ti: e o madeiramento, que serve de travação ao edificio, responderá. (Tradueção do *Padre Antonio Pereira*). Do

que despertaram, chegam-se ao grupo, dando mostras de respeito. Pausa por momentos).

FREI CANECA

(*Estaca, fita seguidamente os tres condemnados, abraça-os um a um em silencio, e ajoelha de subito, faces animadas pelo fogo do patriotismo*). Deus crucificado! Tu, o cidadão de todos os mundos, o libertador de todas as gentes em todos os tempos, ouve, Senhor, attende ao infeliz patriota do Brazil!.. Tambem eu, Senhor, quero ser pendido da tua cruz, a cruz da Liberdade!... mas, não agora... mas, não aqui!... Lá, na terra em que nasci, na terra do meu Pernambuco... Ah! Senhor, eu te peço com toda a alma... que lá se cumpra o meu destino! (*Levanta-se, vai para a grade, e aponta para a rua*) Amigos, vós sabeis... alli, abrem aquellas portas, vem um padre, levanta uma hostia, e a cerimonia é presidida pela imagem de um crucificado... Que d'elle nos venha a todos a coragem e a resignação na hora suprema... Agora ou logo, pouco importa ao philosopho christão, uma vez que o dever seja cumprido!.. (*Erguendo os olhos e apontando como em delirio*). Oh vós que ides morrer amanhã, não vêdes?.. João Ribeiro... Theotonio... Tenorio... Oh Deus! grande Deus! E a tua justiça? !.. (*Senta-se extenuado: todos deixam a grade, e Martins volta a ella*).

PADRE MIGUELINHO

Resignemo-nos. "*Quid quid honestum est utile (17)*"
A justiça de Deus sonda os rins e o coração dos reis e dos povos.

MENDONÇA

E nós, os revolucionarios que pregavamos a fraterni-

texto serviu-se por metade o padre Miguelinho na citada *Oração academica*; e em sentido translato, querendo significar que as paredes do Seminario clamariam as glorias do bispo D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coitinho, fundador do mesmo Seminario, e presente á solemniidade da inauguração.

(17) Cicero.

dade (18), nem poderemos pedir o que pedia o orador romano: “*nihil acerbum, nihil crudele, atque omnia plena clementiæ, mansuetudinis, humanitatis* (19).”

ANTONIO CARLOS

Mas, devemos contar com a posteridade. “*Homines pereunt, humanitas permanet* (20)” Tranquilisemo-nos.... Aos Socrates da Liberdade tambem cumpre philosophar com a taça da morte ao lado!

MARTINS

(*Voltando da grade.*) E ninguem, que lhe pudesse levar a minha ultima lembrança!.. Deus! meu Deus! mais um dia de coragem! (*Recitando como alheio de si:*)

“ Meus ternos pensamentos, que sagrados
 “ Me fostes quasi a par da Liberdade,
 “ Em vós não tem poder a Iniquidade,
 “ A’ esposa voai, narraí meus fados!

“ Dizei-lhe que nos transes apertados,
 “ Ao passar d’esta vida á Eternidade,
 “ Ella d’alma reinava na metade,
 “ E com a patria partia-lhe os cuidados.

“ A Patria foi o meu Numen primeiro,
 “ A esposa depois o mais querido
 Objecto do desvello verdadeiro.

“ E na morte entre ambas repartido,
 ‘ Será d’uma o suspiro derradeiro,
 ‘ E da outra ha de ser final gemido. (21)

(18) No *Preciso*, de que elle Mendonça foi principal redactor.

(19) Cicero.

(20) Seneca.

(21) Soneto de Martins, impresso em Pernambuco, typographia de Cavalcante & C.^a, bem como o de Antonio Carlos, adiante reproduzido.

FREI CANECA

Foi uma oração essa tua, Martins, como as quer o pregador da montanha!... A tua inspiração poetica á beira da sepultura desenha-te o vulto inteiro... Onde uma grande cabeça, animada por um grande coração, que não tenha procurado repousar no peito de uma santa mulher?... Sou frade, e digo-o...

ANTONIO CARLOS

Que cada um levante a sua oração como sabe: Deus entende todas as lingoas e lingoagens. (*Recitando pausado e solenne:*)

Sagrada emanação da divindade,
D'aquí do cadafalso eu te saúdo!
Nem com tormentos, nem com revezes mudo,
Fui teu votario, e sou, oh Liberdade!

Pode a vida feroz Brutalidade
Arrancar-me em tormento o mais agudo,
Mas, zomba do vil despota sanhudo
Da minha alma a nativa dignidade!

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Da paz solenne asylo, asylo austero!

Nem da morte a medonha catadura
Infundir pode horror a um peito fero,
Que aos fracos tão somente a morte é dura!

FREI CANECA

(*Extrema vivacidade*) E eu, Santo Deus! endoudego?... Pois tambem devo morrer agora?...

PADRE MIGUELINHO

"*In lege Domini voluntas* (22).'' Por mim, aceito a hora de Deus, e rogo-lhe que a minha morte aproveite á Liberdade da Patria.

MENDONÇA

"*Non timebo mollia populi circumdantis me* (23).'' Espero em Deus, que saberei honrar a Liberdade nos últimos momentos... E si o meu nome for lembrado pelos futuros brasileiros livres, terei alcançado muito mais do que mereço...

MARTINS

Vejo a sombra de Catão que me anima: tambem não sobreviverei á Liberdade da minha Patria... Estou prompto, não me surpreendem: eu sabia a seis de Marco, que cavava a minha cova... Estou tranquillo... Escolheu-me Deus para honrar a Liberdade, o que mais pode querer um patriota?

FREI CANECA

(*Olhando para todos, e como em phrenetico delirio*). Pois tambem devo morrer agora? Não! Deus ha de ouvir-me, ficarei esperando o meu dia... Chegará, Deus ha de ouvir-me... A mesma viagem, a mesma barca, a mesma bagagem... para o templo da Liberdade, na barca Amor da Patria, com a bagagem do odio a todos os despotismos... Sim, a viagem é a mesma... mas, o dia da partida, não, meu Deus! que ainda não acabei de trabalhar... (*Como em sonho*) O meu porto de partida... alli... erguem uma forca... depois soldados que carregam as armas (24)... Não importa! eu quero, e Deus ha

(23) Ps. III, 7. Não temerei os milhares de povo em torno de mim.

(24) Como que uma visão prophetica do que lhe devia acontecer: não se conseguindo carrasco que o enforcasse, foi fuzilado, em 1824 no Recife.

de ouvir-me... Alli, sim, na terra dos leões da Liberdade brasileira, no meu querido Pernambuco!... (*Sempre os dobres de sino, e os rufos: ouve-se ao longe o final do bando:*)

Amanhã, ás oito horas do dia, justiça será feita no Campo da Polvora, indo os pacientes de alva, corda ao pescoço, algemas aos pulsos, pés descalços e cabeças descobertas. Seus bens confiscados para a Corôa, posto que tenham filhos, ou outros alguns descendentes, havidos antes ou depois do maleficio. Viva El-Rei Nosso Senhor!

MANOEL CAETANO

(*Que por ultimo esteve sentado, descansando a cabeça sobre as mãos, e como indifferente a tudo, levanta se extremamente agitado, e diz para Frei Caneca*) E a mim nada me dizes, padre pregador?... (*Para os outros*) E vós todos? Serei aqui algum morto, algum empestado?... Ah! já sei... tendes medo da minha risada... Pudera não! Dize-me tu, Miguel, o padre mais sério dos que tenho conhecido... dize-me todos vós—o que ha de mais sério do que o riso, n'este carnaval de sangue e de infamias? (*Ri-se desconcertadamente*) E porque não havia de rir-me?... Felizes os que morrem, que não vêem mais tanta miseria!... Felizes os tres, que vão morrer amanhã!.. Deus espera as victimas, e a Historia leva ao fogo o ferro infamante, com que ha de marcar os carrascos na cara!.. Sim, hei de rir-me n'este caminho da forca... não lhes dizias? (*gargalhada de louco*) No meu ultimo espasmo de enforeado, pudeesse a ponta de meu pé bater na cara desse João VI, refalsado e poltrão (25), e eu morreria rindo-me (*Segunda gargalhada*)... Hei de rir-me até o fim, juro!... que tambem Satanás ri-se no inferno, e n'este inferno do

(25) Qualificativos empregados por Salles Torres Homem (*Timandro*) depois visconde de Inhomem.

despotismo hei de morrer lutando ás gargalhadas!... (*Tercceira gargalhada: senta-se arquejante*).

ANTONIO CARLOS E MENDONÇA

Manoel!... (*Vão para elle.*)

FREI CANECA

Deixem... é o patriotismo, que falla ao rei e ao carraseo as fallas de Satanás, que outras não merecem elles! (*Pausa: todos se olham entre si em silencio: dobres frequentes.*)

PADRE MIGUELINHO

A voz de Deus, meus irmãos, falla pelos sinos da Igreja... (*Nova pausa.*)

FREI CANECA

(*Solemne e como transfigurado*) Oremos pela Liberdade da Patria! (*Ajoelham todos, menos Caneca que occupa o centro: aos seus pés ficam os tres condemnados: por sobre elles Caneca estende a dextra*) Coragem, Maccabeos! “Melhor é morrer combatendo, do que ver os males da nossa gente (26)”! Que Deus vos abençõe, Martyres da Liberdade!

2.º Quadro. — *Palavra ao morto*

JOÃO DE SOUTO

PADRE ANTONIO DE SOUTO

||

JOSÉ DE SOUTO

MANOEL DE SOUTO

CARCEREIRO

(*Scena partida: dois carcereiros: porta ao fundo de ca-*

(26) Maccab. III, 59.—Melius est mori in bello, quam videre mala gentis nostræ.

da um, e uma terceira communicando os dois: frestas no alto das paredes.—A' direita João de Souto, semi-nu, carregado de ferros, sentado em um cepo, ao lado uma pouca de palha.—A' esquerda os tres irmãos dormindo sobre palhas, com as roupas dilaceradas, trajando o padre a sua batinha.—Ao subir o panno João de Souto como que desperta de profunda meditação; ergue a cabeça varonil; leva as mãos ao rosto, sem barba e com ligeiro bigode: passa a mão pela testa circumdada de bastos e ondeados cabellos, e marcada com viva cicatriz; levanta-se impaciente, arrastando os ferros.—Um relógio de torre bate cinco pancadas; toque de alvorada por cornetas, e repiques de sinos).

SCENA UNICA

Todos (27)

JOÃO DE SOUTO

(*Amargurado*) Que amanhecer este, meu Deus!... Oh terras do meu Tejucupapo!... (*Pausa, e levantando a voz*) Não! não tenho saudades de nada, quando estou a serviço da Liberdade! Hei de voltar um dia, hei de voltar, espero em Deus... e então... juro!... (*Interrompe-se, dá alguns passos, e diz como quem scisma*) E eu bem podia zombar das iras de Portugal... Allí no meu Tejucupapo, onde me querem tanto, armado e montado no meu alazão que ninguem montou sinão eu... que lá me fossem pôr a mão os taes valentes portuguezes... Podia zombar... deixava que as cousas corressem pelo mundo, e em Tejucupapo eu só, (*Emphaticamente*) eu João de Souto Maior, seria a garantia da familia e de todo o povo de Goyanna... Sim! sim! allí no meu querido Tejucupapo, João de Souto podia ser um rei bemdito, cem vezes maior do que esse rei maldito, que veio de tão longe fazer officio de carrasco!... (*Pausa*) Eu não tenho lido livros... ouvia o padre Antonio, abria as vezes a sua Biblia, attendia muito para os olhos e fallas de meu virtuoso pai... E para que mais? (*Batendo sobre o co-*

(27) Menos o Carcereiro, que entrará a seu tempo.

ração) O meu verdadeiro livro é este... (*Resoluto*) Fiz bem, não me arrependo... Ficar um homem parado, quando junto de si cahe outro homem ao golpe da tyrannia, oh! não é cousa que se fizesse para mim, não! mil vezes não! E' destino, hei de morrer assim... Ninguem dirá de João de Souto: provocou, assassinou, deixou de proteger fraca mulher; mas, ha de ficar escripto: foi sempre amparo de todos os fracos, vingou sempre o sangue pelo sangue, cortou sempre a mão levantada para esbofeteal-o... Foi e será sempre assim. Este que aqui está (*Batendo nos peitos*), morto podem vê-lo; mas, ver indifferente o pernambucano chicoteado, cuspido, algemado... (*Colera concentrada*) descorar perante o despotismo... soffrer affrou-ta de quem quer que seja... não! nunca! nem Deus quer, nem eu quero! Li na Biblia, que Judith cortou a cabeça de um tyranno que dormia, e a Biblia não diz mal de Judith... (*Pausa, modera o tom e aponta para a porta do outro carcere*) E alli os meus pobres irmãos... o padre Antonio já meio morto!... (*Explosão*) Fui eu só, e os miseraveis ferem os innocentes!... Maldito carcereiro, si outra vez te apertasse n'estas mãos..... Hora da vingança! hora da vingança!... (*Senta-se no cepo, e esconde o rosto nas mãos*).

PADRE ANTONIO DE SOUTO

(*Depois de um gemido, acompanhado de branda tosse, suspende-se nas palhas e apoia-se n'um braço: José e Manoel despertam, e vão para elle*). Que sonho! meus irmãos, que sonho!... Sentia-me aqui nas agonias da morte, e via o nosso bom pai, lá no saudoso Tejucupapo, finando-se de angustia a lembrar-se de nós... (*Tosse frequente*) Como estou cansado!... E vi depois uns painéis horrorosos... morto o nosso valente João... e Luzia levando nos braços o meu innocente Belisario assassinado, a fugir de um incendio, a pisar em sangue... Ah meus irmãos! (*Meio suffocado*) que sonho! que sonho!... Quanto custa a Liberdade! (*Os irmãos ajudam-n'o a sentar-se no cepo*.)

MANOEL DE SOUTO

Sonhos e nada mais, padre Antonio... Deus ha de lembrar-se de nós...

JOSÉ DE SOUTO

Havemos de voltar, todos quatro, ao nosso Tejuempapo; e tambem Luzia, que a esta hora anda rezando por nós, a olhar para as paredes d'esta casa maldita.

PADRE ANTONIO DE SOUTO

Pobre Luzia, o que esperava ella acompanhando-nos a esta terra do cadafalso?!... E João... o que será feito d'elle?

MANOEL DE SOUTO

Tão desanimado, padre Antonio!... Havemos de voltar todos...

PADRE ANTONIO DE SOUTO

(*Em profunda tristeza*) Vocês... é possível, e Deus e permita... eu não!... (*Tosse, leva a mão ao peito*). A morte está aqui... (*Enxugando uma lagrima*). Não choro por mim... choro pela nossa casa, pela nossa terra... Ah! eu sinto que não voltarei... E fica o nome de Souto Maior recommendado ás iras do despotismo.. Amparai-os, doce Jesus!... Por mim, falta muito pouco... vou descansar com a consciencia de ter cumprido o meu dever.

JOSÉ DE SOUTO

Que idéas!... Não conheço o padre Antonio...

MANOEL DE SOUTO

(*Obrigando-o docemente a deitar-se*) Durma, descanse, meu irmão, que ha de fazer-lhe bem... as forças

hão de voitar-lhe... (O padre sorri-se tristemente, e fechando os olhos deixa que o deitem: os dois irmãos afastam-se em silencio.)

JOÃO DE SOUTO

(*Ergue-se, como que procurando reunir suas idéas*)
 Quanto contraste na vida do homem! Pobre Thereza!... ainda hontem mandou-me lembranças e protestos... Inocente, que vem procurar noivo nos degrãos da forca!... E eu que era feliz, pensando que a moça tinha transformado a menina!... Pobre Thereza! fôra mil vezes melhor, principalmente para ti... E no entanto eu não sou de ferro, não... (*Ameigando-se*) Era amor, e o menino não sabia... O homem soube, era tarde... Mal tinha os meus quinze annos, e tu eras a noiva de meu tio... Não me incommodei... ficava alli a minha companheira de infancia, eu podia vê-la a todas as horas... (*Exaltando-se*) Quando vieram arrebatat-te, dentro da matriz, depois que te mataram o noivo, foi como si me quizessem arrancar o coração... Saltei como uma onça ferida, fiz um lago de sangue!... (*Levantando a mão á cicatriz*) Ainda aqui tenho o signal... (*Moderando-se*) Depois quizeste ser minha, e eu não quiz... Choraste, e partiste para esta terra... (*Impaciente*) Porque insistes?... Que tentação! Que supplicio!... O dito dito em Tejucupapo; não devo prender ao meu o destino de uma mulher... (*Sorriso triste*) Pois não sabes que eu amo uma deusa, a Liberdade!? Deixa-me á minha sorte... (*Pausa*) E o carcereiro que não vem! (*Senta-se, olha commovido para a porta do carcere dos irmãos.*) Coitados! E o padre Antonio, si morrer... (*Levanta-se em grande exaltação*) Fui eu só, carrascos infames, eu só! não ouvis! eu só! e ainda agora, si apanhasse o maldito carcereiro... (*Em desespero*) Fui eu só! que se vingassem de mim... de mim só! (*Puxando os cabellos*) Si o padre Antonio morre, morre meu pai, eu sei... (*Delirante, em attitude de soberba ameaça*) Miseraveis, nem morro, nem enlouqueço, não, hei de morrer lutando, lá na minha terra... Deus quer, e eu quero! (*Volta ao cepo, e senta-se em prostração.*)

PADRE ANTONIO DE SOUTO

(*Senta-se meio suffocado: seus irmãos correm para elle*) E' para breve, meus irmãos!... Já estou no porto, para a grande viagem... Meu pobre pai!... (*Rufos e dobres: o padre Antonio levanta-se rapidamente, e firme no meio da scena, como petrificado, ouve attento, com o braço estendido, em attitude de quem aponta para um objecto ao longe: o mesmo faz identicamente João de Souto: leem fora o seguinte bando:*)

“Justiça de El-Rei Nosso Senhor.
 “Vão aqui tres réos de lesa magestade
 “de primeira cabeça, Domingos José
 “Martins, Luiz José de Mendonça, e
 “Miguel Joaquim de Almeida e Cas-
 “tro, a serem justicados no Campo da
 “Polvora. Deus tenha compaixão de
 “suas almas. Viva El-Rei Nosso Se-
 “nhor!” (*Vivas da multidão.*)

PADRE ANTONIO DE SOUTO

Que Deus os receba em seu seio!

JOÃO DE SOUTO

Que o inferno consuma os carrascos!

PADRE ANTONIO DE SOUTO

O patriota que morre, triumphapha!

JOÃO DE SOUTO

O patriota que fica, vingá-se!

PADRE ANTONIO DE SOUTO

Grande Deus, ajudai-me a seguil-os!

JOÃO DE SOUTO

Grande Deus, ajudai-me a vingal-os! (*Ouvem-se ao longe as ultimas palavras do bando:*)

“ Deus tenha compaixão de suas almas. Viva El-Rei Nosso Senhor!”

PADRE ANTONIO DE SOUTO

(*Ajoelha-se, e com elle Manoel e José: João de Souto na mesma posição do padre*). Que as almas dos patriotas descancem no Céu, orando pela Liberdade da Patria!

JOÃO DE SOUTO

Que as almas dos patriotas não descancem no Céu, orando pela vingança do Povo! (*Levantam-se; o padre Antonio reclina-se nas palhas, e João de Souto senta-se no cepo: entra o Carcereiro pela porta do carcere de João de Souto; cessam os rufos e dobres.*)

CARCEREIRO

Só agora me foi possível, Snr. João de Souto... Venho cumprir o promettido...

JOÃO DE SOUTO

(*Erguendo-se, com vehemencia mal disfarçada.*) Obrigado... Já começava a duvidar.. Abra quanto antes. (*Aponta para a porta que dá para o outro carcere; o Carcereiro abre-a, e sahe fechando aquella por onde entrou; João de Souto entra arrebatadamente no carcere dos irmãos.*)

MANOEL DE SOUTO

(*Apontando para o padre*) Não o acordes, João... elle está tão fraco!...

JOSÉ DE SOUTO

Não lhe tires o ultimo quarto d' hora... elle vai-se...

JOÃO DE SOUTO

(Em desvario, e mal reprimindo a voz) O que estão vocês a dizer!... Pois o Deus do padre Antonio mata-o e deixa vivos os carrascos!... Impossivel! impossivel!

PADRE ANTONIO DE SOUTO

(Despertando, e forcejando para erguer-se) E' possivel, João! é possivel! Só Deus sabe a sua vara e a sua medida, e a sua santa vontade é sempre adoravel!
(Cae em extrema prostração: d'aqui ao fim do quadro a orchestra toca a surdina uma peça funebre).

JOÃO DE SOUTO

(Ajoelhando-se, e beijando a dextra do irmão) Padre, pois vais morrer!?...

PADRE ANTONIO DE SOUTO

Deus quer, João!...

JOÃO DE SOUTO

Padre! E a nossa familia? e a nossa terra?

PADRE ANTONIO DE SOUTO

Deus quer, João!

JOÃO DE SOUTO

(Accentuando fortemente) E a Liberdade?... padre Antonio de Souto-Maior!

PADRE ANTONIO DE SOUTO

(*Ajoelhando-se de subito, e levantando as mãos para o Céu.*) Também Deus quer, João!... Deus quer que o Brasil seja livre! (*Pausa*) "*Deus meus, ne sileas á me...* *Exaudi Domine, vocem deprecationis meæ.* (28) (*Nova pausa: ergue-se como reanimado e com elle João de Souto*) Quero abençoar-vos! (*Os tres ajoelham-se aos seus pés*) Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, eu vos abenço e a toda a nossa familia, e peço e rogo que o nome de Souto Maior fique na historia da Liberdade da Patria. Amen. (*Cahe morto: José e Manoel amparam a queda.*)

JOÃO DE SOUTO

(*Tem se desviado: olha horrorizado para o cadaver, e depois atira-se loucamente a elle, beija-lhe a mão e a fronte, mira-lhe o rosto, apalpa-lhe o coração: ergue-se de subito, bradando em maximo desespero.*) Morto! morto!... (*Pausa, e como esquecido do logar em que está*) Terra de Pernambuco! terra de Pernambuco! quanto sangue generoso não terá corrido sobre ti!... (*Insoffrido e arracando os cabellos*) Pois o Deus do Padre Antonio não é um Deus justo!... (*Volta ao cadaver, beija-lhe a dextra, ergue-se, dá alguns passos incertos, e diz estendendo a mão sobre o morto*) Dou-te palavra, meu irmão, hei de matar um carrasco de rei, hei de vingar-te! (*A José e Manoel*). Roguemos a Deus pela alma do padre Antonio de Souto-Maior!

(*Ajoelham-se os tres; cahe o panno.*)

(28) Ps. XXVII, 1 e 2.—«Não estejas em silencio comigo, Senhor Deus meu... Ouve a voz da minha deprecação.» (Trad. do padre Antonio Pereira).

Acto Primeiro

O Leão Pernambucano

(Abril de 1821—Goyanna)

JOÃO DE SOUTO
LÚZIA DE SOUTO
THEREZA
AMELIA

LUIZ DE SÁ
CAPITÃO PORTUGAL
SEQUITO DE JOÃO DE SOUTO
DITO DE LUIZ DO REGO

FREIRAS DO RECOLHIMENTO DE GOYANNA

(O convento das freiras: fechadas as janellas e aberta a portaria: sete para oito horas da manhã, repicam os sinos. Proximo á portaria, João de Souto e Luiz de Sá: mais longe, homens armados. João de Souto com uma blusa do tempo, chapeo de palha, botas Joelheiras, esporas de prata com as correntes de uso, pistola e faca á cinta, na mão um chicote de couro crú: sem barba, e com espesso bigode. Luiz de Sá, com fardamento de miliciano.)

SCENA PRIMEIRA

JOÃO DE SOUTO —LUIZ DE SÁ

JOÃO DE SOUTO

(Passeiando agitado) Já me cança esta vida, Luiz... Pois eu pensava, que não havia de cançar nunca... Sempre de sentinella, á espreita dos escravos do rei, carrascos do povo... sempre alerta, mal passando pelo somno, e mesmo assim com o bacamarte na mão... E ha de ser isto até o fim, diz-me uma cousa cá dentro... (Batendo no peito) e o meu coração é fiel... Hei de morrer, ou como o novillo que curte a fome e a sêde, sempre á escuta, sempre fugindo—livre-me Deus de morrer no ferrão dos vaqueiros de Portugal!—ou como o touro em deses-

pero, saltando das capoeiras, levantando nuvens de pó em campo raso, e estripando com as pontas a onça do despotismo, ainda que fique alli por uma vez... (*Transportado*) Oh padre Antonio! pede a Deus que eu não morra sem cumprir a palavra que te dei!... que eu não morra sem dar uma lição a Luiz do Rego!... que eu não morra sem mostrar a esses portuguezes, como o leão pernambucano sabe lutar até morrer... até morrer? não!... até vencer... que um povo só é vencido, quando abre a mão, e deixa cahir a arma... (*Quasi delirio*) E' impossivel, sim! é impossivel, que Pernambuco fique assim deshoñrado, e não vingue a affronta pela affronta, o sangue pelo sangue! Soffra quem quizer, eu não soffro! eu não!... Si ficar eu só, tenho o remedio em minha mão... morro disparando o bacamarte com a minha ultima bala!... (*Pausa e como entrando em si*) Meu pai e o padre Antonio contavam-me umas historias de hollandezes e choravam d'enthusiasmo, porque os nossos avós tinham brigado para entregar isto outra vez aos reis de Portugal... Pobres avós do tempo dos hollandezes! que viessem ver hoje o bom proveito!...

LUIZ

Não é assim, João de Souto: foi uma grande luta essa, em que a idéa de independencia andou sempre na cabeça dos pernambucanos (29)...

JOÃO DE SOUTO

Dos pernambucanos, não duvido; mas, punha e dispunha Fernandes Vieira, um portuguez ás direitas, o homem da *guerra da liberdade divina*, para negar á consciencia dos outros o que o hollandez não tinha negado nem ao judeu... Em summa, Luiz, eu de livros nada sei; mas, quando os meus olhos vêem, nenhum livro me serve contra o que vejo... O portuguez, começando por El-Rei Nosso Senhor, uma cousa que arrepiava os cabellos... chegou ás enxovias, á chibata e á palmatoria

(29) Veja-se A. J. de Mello, *Biog.* tom. I pag. 192.

do Merme, ao descaramento de Luiz do Rego, a todos os vícios e crimes de um governo desgraçado, em que um homem é tudo, e o resto nada... O hollandez, esse não especulava com a ignorancia do povo, não se firmava na violencia, respeitava a religião dos outros... procurava enriquecer, sim, mas trabalhando, instruindo, civilisando... Ninguem me tira d'isto, que está escripto até em pedra e cal...

LUIZ

Talvez, até certo ponto, seja certo o que dizes; mas, a religião dos nossos pais...

JOÃO DE SOUTO

Era o argumento do padre Antonio... Meu pai, que me acompanhava no odio ao portuguez, estacava, e mudava de assumpto... Cá por mim, entendo que Portugal fez da religião uma cousa para uso da politica dos reis e dos padres... O Deus dos portuguezes não é c da Biblia, nem o do Evangelho: não tem força para punir os Moysés de carregação, e não applica o azorrague nem sahe do templo convertido em espelunca de ladrões... Não se dão comigo essas cousas... O Deus do hollandez era senhor e juiz de todos... o Deus do portuguez parece um collega de D. João VI... Não me tiram d'isto: padres e frades de Portugal são lacaios de capas de asperges, e nada mais... (*Repicam os sinos do convento* (30), e *ouve-se o orgão: João de Souto e Luiz descobrem-se*) Faço como fazia meu pai: mudo de assumpto. Vamos ver a nossa gente, Luiz... (*Desapparecem e reapparecem, como fallando entre si, em quanto as freiras cantam, acompanhadas pelo orgão:*)

Salve, dos céos rainha,
Mãe Virgem, mãe de ternura,
Vigor, esperança minha,
Misericórdia e doçura!

(30) Aliás, recolhimento. Digo convento e freiras, por fallar a linguagem do tempo.

Salve! a ti brada mesquinha
Prole d'Eva em amargura,
N'este valle em que definha,
Suspirando em noite escura!

Lá nos céos, rogando a Deus,
Mal de nós, si ella não fosse!
Volve a nós os olhos teus,
Clemente, Piedosa e Doce! (31)

LUIZ

(*Voltando com João de Souto*) Não posso erer...

JOÃO DE SOUTO

Pois é como te digo: cantam as rolas, e o gavião faz
a partida...

LUIZ

Será capaz de tanto!?!...

JOÃO DE SOUTO

(*Com raiva concentrada*) Si será!... Si elle pensa,
esse aventureiro, terror das mulheres e dos homens que
deviam ser mulheres... si Luiz do Rego pensa, que n'esta
terra não ha um homem!... Ha de vir... com certeza
ha de vir... Porque não quereria fazer aqui, o que fez
em Iguarassú? Dizem os marinheiros, que elle é heróe
de sete batalhas... Que heróe! veio dar a oitava ás viu-
vas sem irmão, ás esposas sem marido, ás solteiras sem
pai... (*Riso ironico*) Oh! que bravos heróes são os de El-
Rei Nosso Senhor! (*Arrebatado*) Terra desgraçada esta!
Quando as mulheres são brutalmente violadas, e não appa-
rece um pai, um marido, um irmão, um noivo, que

(31) Imitados por mim, da *Paraphrase* do Vigario Barreto. Achei que podia "passar o anachronismo aqui, como em outros versos adiante.

acerte um tiro ou uma facada... n'essa terra não ha vergonha! Hei de dar uma lição!... (*Acalmando-se*) Pareço-te um doudo, não é, Luiz? Mal de ti, mal de todos, si não fossem os doudos como eu...

LUIZ

Mas, si vens a faltar á tua família, ao teu filhinho...

JOÃO DE SOUTO

(*Impaciente*) Nem que estivesse comprado por Luiz do Rego!... Queres que fraqueje?... (*Enternecendo-se*) O meu filhinho, o meu Hortensio!... (*Resoluto*) Não! Deus não gratifica um homem com um filho, para que por esse filho esse homem se torne um vil, um cobarde... Tem filhos o patriota? E' mais uma razão para que morra, quando é preciso morrer: a morte e a affronta do pai é a vida e a honra do filho... João de Souto-Maior ha de cumprir a palavra dada ao padre Antonio morto!

LUIZ

Não quiz affligir-te... quiz apenas lembrar-te, que a prudencia impõe muita cousa...

JOÃO DE SOUTO

(*Impaciente*) A que todos attendem, menos um estouvado como eu...

LUIZ

Não me deixas fallar...

JOÃO DE SOUTO

(*Mais impaciente*) Pois eu posso ouvir disparates?... Prudencia! prudencia! um capote esfarrapado, com que se cobre o infinito numero dos fracos e dos sem vergonha...

LUIZ

(*Sorrindo-se*) Em que fila estou eu?

JOÃO DE SOUTO

(*Moderando-se*) Sou teu amigo, bem sabes... Mas, tu és d'esses amigos que peccam, porque tudo acham bom, com tanto que poupem um perigo ao amigo... Eu tenho razão, Luiz, ouve lá. Os prudentes, os que tudo esperam do tempo, os degenerados da raça de S. Thomé, que tudo querem ver para nada crer, isto é, para nada fazer... são uns desgraçados, porque vêem e tornam a ver, e fingem que não vêem... são os peiores cegos... (*Exaltando-se*) Com esses juro-te, Luiz, não quer parecer-se João de Souto! E' com essa poeira de fracos e egoistas, que especulam os despotas de todos os tempos... Mil vezes não! não é para mim!... juro pelas almas do padre Antonio e de meu pai... (*Com expressão de dor*) Meu pai, que morreu chorando o padre Antonio!... o padre Antonio, que vi morrer na Bahia quando morriam Miguel, Martins e Mendonça! (*Transportado*) Mil vezes não! Luiz do Rego ha de encontrar um homem! Jurei... hei de cumprir!... (*Passeiando agitado*) Ha de vir, não duvides, Luiz... Manda seis homens bem montados, que deverão voltar logo que o avistem...

LUIZ

Queira Deus, que d'esta vez tenhas farejado em falso o inimigo... (*Sahe.*)

SCENA II

JOÃO DE SOUTO, só

JOÃO DE SOUTO

Pobre Luiz! E' por ella, é pela sua Amelia, pela mimosa esposa do seu coração, que o malvado aqui vem... e o infeliz nem suspeita, e ainda bem!... O que faria o

pobre Luiz?... elle que tem os brios do pernambucano em uma alma de mulher... elle que no grande momento prefereria morrer a matar... Não comprehendo homens assim, não posso!... O meu homem é Sansão morrendo com os philisteus: expliquem lá os padres como quizerem: o que eu leio é que Sansão vingou-se... (*Scismando*) Ah! que nunca o suspeite o pobre Luiz... (*Exaltando-se*) Mas, por elle aqui estou eu João de Souto, que hei de responder sempre ao ferro com o ferro, ao insulto com o sangue! O bacamarte do guerrilheiro padre Antonio (32) é a minha herança!... E' destino! diz-me o coração: ou João de Souto, ou Luiz do Rego! Pois seja!...

SCENA III

JOÃO DE SOUTO—LUZIA — THEREZA—AMELIA

LUZIA

(*Sahindo do convento com as duas*) Bom dia, João... Continuas a pensar que Luiz do Rego virá abrir luta com as filhas do Senhor?

(32) Martins partiu do Recife com a guerrilha do padre Antonio de Souto, composta de boa gente, mas pouca. Com a sua presença a tropa de Paula electricisou-se... O marechal Cogominho, que estava em Serinhaem, soube por uma de suas espias, que não longe caminhava pelo littoral um corpo insignificante de republicanos: era o de Martins. O capitão Antonio dos Santos teve ordem de atacar e perseguir... Por veredas occultas encontrou-os desprevenidos e separados n'uma e n'outra margem do rio Merepe... Assaltar e vencer foi para elle negocio de um momento... O padre Souto que a ninguem cedía em valor, e não tinha deixado as suas armas, deu ainda alguns tiros, que não se perderam... Continuando a caçada, os pardos de Penedo descobriram em uma cabana o infeliz Martins, o padre Souto, e dois cunhados do morgado do Cabo, fizeram-lhes mercê da vida, mas não dos tormentos: garroteados e escarnecidos, foram levados á presença do marechal Cogominho. MUNIZ. *Hist. da rev. de 1817.*

JOÃO DE SOUTO

(*Beijando-lhe a mão e descoberto*) Acho-o capaz de tudo, irmã Luzia... (*Para as duas*) Bom dia, Thereza... D. Amélia... Que lhes fiz eu, que nem me dizem Deus te salve!?

THEREZA E AMELIA

(*Meio enleizadas*) Bom dia...

JOÃO DE SOUTO

(*Folgazão*) Virgem Maria!... Quanto susto vai por aqui!... Confessem, que não é lá uma grande honra para mim...

AMELIA

(*Mal disfarçando a emoção*) Ah! Sr. João de Souto, parece que a desgraça veio comigo para este convento!... Salve-nos a todos, salve o meu Luiz!... (*Chora*)

JOÃO DE SOUTO

Esteja socegada, D. Amélia, em quanto soubér que estou vivo...

LUZIA

(*Abraçando Amélia*) A esposa casta nunca foi de mais entre as virgens do Senhor!

THEREZA

Eu nada temo, tenho toda a fé em você, meu primo... (*João de Souto vai tomar a mão de Thereza: Luzia e Amélia sobem a scena, como praticando e observando o sequito.*)

JOÃO DE SOUTO

(*Amorosamente*) Que paixão a tua! que desgraça a nossa! Thereza...

THEREZA

(*Humilde e tímida*) Estou resignada, meu primo: a minha felicidade é obedecer-lhe...

JOÃO DE SOUTO

(*Triste e irónico*) Vejo, sim... resignada... obedecendo... como o coqueiro que se balança, obedecendo ao vento... como a rola que se resigna, gemendo na mangueira... (*Com decisão*) Ah! Thereza... não queiras saber, como também estou tranquillo, sentindo a trovoadá que vai rolando por aqui!... (*Leva a mão ao coração.*)

THEREZA

(*Timorata*) Não se zangue, primo João de Souto... Si soubésse o que eu daria para vê-lo feliz?!...

JOÃO DE SOUTO

(*Arrebatado*) És uma Dalila, bem vejo... mandada por Deus ou pelo demonio!... (*Thereza chora, cobrindo o rosto com as mãos*) Que cabeça! que coração o meu!... (*Commovido, tomando a mão de Thereza*) Ouve, Thereza... amo-te, quizerá ser teu, e não posso!... Acima de ti... acima do meu Hortensio... (*Com a voz meio embargada*) Pois não sabes, Thereza, que eu tenho um filho, e que o meu Hortensio perdeu sua mãe, uma mulher infeliz, e não uma mulher criminoso!?!...

THEREZA

Serei a mãe... serei a criada de Hortensio...

JOÃO DE SOUTO

És um anjo... e eu!... nem sei o que sou!...
(*Abaixando a voz*) Escuta... serás minha, no dia em
que eu vir a patria livre... mas, d'aqui até lá, não quero
enganar-te... d'aqui até lá não me pertenco, sou escravo
de um juramento!...

THEREZA

(*Entre o choro e o riso*) Pois seja... estou conten-
te com o que você quizer... a minha felicidade é não ter
vontade sinão a sua... (*João de Souto beija-lhe a mão:
Luzia e Amelia, que por momentos têm desaparecido,
entram precipitadamente.*)

LUZIA

João... uma nuvem de pó, e uns cavalleiros que
vôam...

AMELIA

E Luiz, Sr. João de Souto?...

JOÃO DE SOUTO

E' gente nossa, não tenham medo... Vejamos, que
novas trazem... Não tenham medo...

SCENA IV

OS MESMOS—LUIZ SÁ

LUIZ

(*Fatigado*) E' verdade, João de Souto, o monstro
vai chegar...



JOÃO DE SOUTO

(*Sorrindo-se*) E tu com medo do monstro, do lobis-homem... Que bom exemplo dás a estas moças!... (*Imperioso para o sequito*) O meu cavallo pela rédea, e a postos: sigam alguns a espera-los, e mandem fazer alto, dizendo que são ordens do commandante d'uma força, que está acampada á frente do convento: não fallem em meu nome. (*A Luiz*) Vai quanto antes, faze as minhas vezes, e cuidado que não te veja a gente de Luiz do Rego. (*Prasenteiro, para Amelia*) Vê que tenho cuidado no seu Luiz, D. Amelia...

AMELIA

(*Entre risonha e afflictta*) Sei... pois não sei, Sr. João de Souto?... (*A Luiz*) Não esqueças as ordens do teu amigo, meu Luiz...

LUIZ

(*Beija a mão de Amelia*) Até já. (*Sahe.*)

SCENA V

OS MESMOS, MENOS LUIZ DE SÁ

LUZIA

(*Pensativa e sombria*) Que fatalidade, meu irmão! Que destino da nossa familia!...

JOÃO DE SOUTO

(*Severo*) Digo o que me dizia o padre Antonio na hora de morrer—Deus quer!...

THEREZA

(*A modo*) Mas, o primo João de Souto zanga-se tanto...

AMELIA

(*Com volubildade affectada*) Eu digo o mesmo, Sr. João de Souto... Deve conter-se, por si, por todos nós... Ouça, Sr. João de Souto, ouça sua irmã Amelia... eu sou sua irmã, porque sou mulher do seu amigo... ouça, Sr. João de Souto: pois, porque ha um homem vil que se chama Luiz do Rego, ha-de Hortensio ficar sem pai, Luiz sem amigo, Luzia e eu sem irmão, e Thereza sem...

THEREZA

(*Enleuada, e levando a mão á bocca de Amelia*) Ora isto, Amelia!...

AMELIA

(*Rindo-se*) Sem primo, Thereza... Quem é que falla aqui em noivo?...

JOÃO DE SOUTO

(*Jovial*) E decida-se um homem no meio de mulheres... Nem que o philisteu Luiz do Rego as tivesse mandado, cada uma com duas tesouras... Com certeza, si continuo a ouvi-las, adeus Sansão de Tejucupapo!

AMELIA

(*Em grande afflicção*) Eu não sei fingir, Sr. João de Souto... Esse homem!... esse homem!... Que cousas horriveis me adivinha o coração!... (*Em soluços.*)

JOÃO DE SOUTO

Já que Deus não lhe deu o coração de Judith, descanse em mim, D. Amelia...

AMELIA

Ah! Sr. João de Souto, eu vejo em Luiz do Rego a desgraça de nós todos, que aqui estamos!... (*Ajoelhan-*

do-se, com vivacidade) Virgem Santissima! eu só... seja eu só... levai-me para vós, e amparai a todos!

JOÃO DE SOUTO

(Para Thereza e Luzia, que levantam Amelia quasi desfallecida) Vão, levem-n'a, descancem na justiça de Deus! *(Descobre-se, e beija a mão de Luzia: as tres entram, e fecha-se a portaria: no fundo um alazão arreiado, seguro por um guerrilheiro que traz no braço o capote de João de Souto.)*

SCENA VI

JOÃO DE SOUTO, só

JOÃO DE SOUTO

O que sahirá d'isto?... A que vem Luiz do Rego?... Quem lhe disse, que Amelia estava aqui?... *(Cantam no convento ao som do orgão.—Durante o monologo, João de Souto passeia agitado, gesticula, tudo conforme os sentimentos que expressa, ficando em silencio e pensativo cada vez que as freiras cantam.)*

Salve, cristal puro,
Horto clausurado,
Gemebunda rola,
Cipreste elevado.

Quatro annos, de 1817 para cá, é tempo de sobra... O povo é como qualquer de nós... Quando um homem, em occasião difficil, pensa e torna a pensar, espera e torna a esperar, vai, volta, deixa para amanhã... esse homem afinal não faz nada... O que esperas, Pernambuco?... Desde aquelle maldito carcereiro (33), por cuja

(33) Os miseros pernambucanos volviam os olhos, procurando encontrar um semblante que desse ligeiro signal de compaixão, e não descobriam sinão serpentes revestidas de carne humana: o carcereiro Antonio José Corrêa, com o seu ajudante, e dois negros exercitados nas funcões de

causa morreu o padre Antonio (34), esse grande coração, que foi deixando de bater logo que foi desesperando da Liberdade... desde esse tempo que uma nuvem negra de odio não deixa a vista... odio aos despotas!... Maldito o homem-mulher, que não responde ao ferro com o ferro!... Malditos os fracos, que não se armam contra os assassinos em nome da lei, assassinos das almas quando não matam os corpos...

Salve, branca nuvem,
 Incenso abrasado,
 Lacrimante aurora,
 Oleo derramado.

(*Meio delirante*) O padre Roma... Quem com a frente mais altiva soube encarar a morte (35)!?...

algoz, os recebia vomitando, com os licores de que sempre se embriagava, injurias que o mais vil arrieiro envergonharia de repetir. Entre outras sandices dizia; *Sou governador d'este castello, e quero ser o carrasco para enforcar hoje mesmo os infames rebeldes.* E dizia isto exgrimindo uma espada nua. MUNIZ, *Hist. da rev. de 1817.*

(34) Rompendo a revolução de 1817, o discípulo de João Ribeiro e Miguelinho, o inseparavel de Tenorio, não se fez esperar. Com este planejou e executou a illustre façanha da conquista da fortaleza de Itamaracá. Organizou uma guerrilha, e levou-a sob seu commando á campanha de Pindoba, onde fez medo ao proprio general Mello, como este confessou em seu relatório da batalha de 25 de Maio. Batido o padre Antonio, e tendo perdido a esperança de liberdade, ficou insensível a todo o resto da má fortuna: insensível foi tomado prisioneiro, mettido em duros grilhões, embarcado n'uma sumaca, com os primeiros doze que partiram para a Bahia: insensível entrou nas enxovias; e, ou fosse dor ou insensibilidade, deixou-se morrer em pouco tempo. MARTINS, *Mart. pern.*

(35) O Roma ouviu a sentença sem mudar de côr; encarando com frente altiva os ferozes algozes, pareceu annunciar-lhes em tom prophético, que bem cedo seria vingado. Transferido ao Oratorio da cadeia, recebeu com edificação exemplar os soccorros da religião. Tres dias não eram passados depois da sua fatal chegada, e elle já não existia! Com seguro passo, sem pronunciar queixa contra pessoa alguma, communicando familiarmente com os ecclesiasticos que o rodeavam, caminhou para o Campo de Sta. Anna, onde chegando rogou aos soldados, apontando-lhes o peito, que lhe poupassem as agonias da morte. Os bahia-

Deixou lição eterna no Campo de Santa Anna, onde os bahianos aprenderam, e o mundo inteiro podia aprender, como sabe morrer um pernambucano livre!... O padre João Ribeiro, o Catão pernambucano, que suicidou-se para não ver a patria escrava... um martyr, que nem na sepultura achou abrigo (36)!... Antonio Henriques, que morreu bradando Viva a Patria!... é alli, (*Apontando*) na ponte do Recife, vejo a sua nobre cabeça espetada para apodrecer... (*Levando as mãos á cabeça*) E' horrivel! Santo Deus, estarei louco?... (*Fica extatico.*)

Salve fonte viva,
Honra de Israel,
Véo cheio de orvalho,
Afflicta Rachel.

(*Extrema agitação, passos incertos, completo delirio*) Estarei louco?... Horror! Cabeças cortadas... rio de sangue... corpos sem cabeça... cabeças sem corpo... uma multidão bradando Viva El-Rei... um rei assassino que offerece o pé aos beijos de uns vis...

nos viram como morre o homem livre : a lição devia ficar-lhes impressa. MUNIZ, *Historia da revolução de 1817.*

(36) O proprietario do engenho Paulista, logo que a tropa republicana ausentou-se, fez sepultar o corpo do infeliz padre João Ribeiro na capella do mesmo engenho. N'este sacrosanto asylo da morte não foi respeitado o morto : aquelles esfaimados tigres, não podendo beber-lhe o sangue já exaustado, lançaram-se sobre o cadaver para devorar-lhe a carne, e carne pôdre ; o desenterraram, o mutilaram, separaram a cabeça do tronco, e com ella entraram exultantes no Recife. Depois de passarem pelas ruas mostrando-a com escarneo, a depositaram no Pelourinho por ordem de Rodrigo Lobo. Tanto odio contra um cidadão, que em todo o decurso da vida não havia cessado de dar clarissimo exemplo de moderação, tanta barbaridade contra um ecclesiastico, que, si não possuía as virtudes do estado monacal, distinguia-se pela rigorosa observancia dos deveres religiosos e civis, e que, constituido em um posto onde podia fazer grande mal, não fez sinão bem que a sua consciencia lhe dictava, sem differençar partido ou raça, é inexplicavel, e confirma a triste verdade : que os homens mais virtuosos são ordinariamente os mais maltratados nesta vida. MUNIZ, *Hist. da rev. de 1817.*

(*Fitando*) Sim... falla, Theotonio... estou ouvindo...
 (*Muda a voz como fallando por outrem*)—Meus patri-
 cios, a morte não me aterra, aterra-me o juizo da poste-
 ridade: deixo um filho, ensinai-lhe o caminho da virtude
 e da honra (37)... (*Pausa*) Espera... carraseo mal-
 dito, que lhe apertas a corda!... (*Avança, estaca e fal-
 la em outra direcção*) Bom dia, Leão Coroado (38)...
 Quantos!... coronel Amaro Gomes... Ignacio Leopoldo...
 padre Antonio Pereira... e tambem tu, Peregrino,
 um menino!... (*Gargalhada*) Todos com as cabe-
 ças e as mãos debaixo do braço!... (*Outra gargalhada*)
 Olá, meus amigos, boa occasião... tirai-me uma duvida...
 lá no céu tambem ha El-Rei Nosso Senhor?... si ha, juro!
 estais ouvindo?... juro! quero ir para o inferno!...
 (*Pausa e acompanhando com a vista*) Pois dão-me as
 costas, e vão-se?... (*Voltando-se*) Ainda bem que che-
 gas, padre Tenorio... Que novas me dás do teu insepa-
 ravel padre Antonio?... (*Gargalhada, e como fitando a
 visão*) Mesmo assim, não estás mal arranjado, para quem
 foi puxado a rabo de cavallo pelas ruas do Recife...
 Achaste a cabeça em Itamaracá?... Guarda segredo,
 escuta... quem sabe si não é hoje o dia da tua vingança?...
 Segredo... Segredo... (*Extatico.*)

Pura Mãi de Deus,
 Mãi dos peccadores,
 Valei-nos, Maria,
 Pelas vossas dores!

(*Repicam os sinos, e João de Souto como que acorda
 em sobresalto*) Estou acreditando o que me dizem...
 Eu sonho em pé, não ha duvida... (*Passando a mão pela
 testa*) e que sonhos horriveis!... (*Passeando e como desa-
 fogando-se.*) E ainda não voltou a gente... O diabo
 ajudará Luiz do Rego?...

(37) Veja-se a obr. cit. de mons. Muniz.

(38) Alcinha do patriota José de Barros Lima.

SCENA VII

O MESMO—LUIZ DE SÁ

LUIZ

Está perto um official de algarves, que muito pasmou de lhe tomarmos o caminho: diz que é ajudante d'ordens de Luiz do Rego, e que vem adiante para annunciar a visita do governador ao convento...

JOÃO DE SOUTO

Traz muita gente comsigo?

LUIZ

De seis a oito homens.

JOÃO DE SOUTO

Deixem passar... quero ver o tal ajudante... Nada de fallar em meu nome...

LUIZ

Assim não o digas tu... (*Sabc.*)

Salve, cinamomo
Brando, derretido,
Orvalhada concha,
Balsamo espremido.

Salve, Virgem pura,
Pomba saudosa,
Lyrio entristecido,
Vide lacrimosa (39).

(39) Do vigario Barreto, bem como os da scena antecedente, e os da penultima d'este acto.

JOÃO DE SOUTO

(*Durante a cantoria tem examinado o seu cavallo, arreios e armas*) Momento perigoso este... Si o marinheiro teima em vir... Só ha uma cousa certa, porque Deus quer e eu quero: pé n'aquelle convento, só depois de morto João de Souto!...

SCENA VIII

JOÃO DE SOUTO, E HOMENS DO SEU SEQUITO—CAPITÃO PORTUGAL, E ALGARVES.

PORTUGAL

(*Sobranceiro e ironico*) Quem é aqui um Sr. capitão de jaqueta de couro, que faz estado em conventos, e a quem as freiras dão serenatas ao divino?

JOÃO DE SOUTO

Eu!... prompto sempre a castigar os cobardes que insultam fracas mulheres...

PORTUGAL

Insolente! (*Levando a mão á espada.*)

JOÃO DE SOUTO

(*Sardonico*) Alto lá, Sr. ajudante, entendamo-nos... O Sr. chega zombando de mim, insultando as pernambucanas que alli estão, e afinal sou eu o insolente... E' bôa!... Lá na sua terra, Sr. ajudante, falla-se ás aves-sas?

PORTUGAL

Lingoa de cabras é que por lá não temos, e por cá sabemos cortar...

JOÃO DE SOUTO

(*Impetuoso*) Marinheiro!... (*Reprimindo-se, indo tomar o capote com que envolve o braço esquerdo, e empunhando a pêa*) Tire lá a sua espada, Sr. Capitão Portugal...

PORTUGAL

Um official portuguez não se bate com cabras da tua laia...

JOÃO DE SOUTO

(*Riso contrafeito*) Tenho notado a prudencia dos marinheiros, quando têm medo...

PORTUGAL

Si queres dinheiro para ti e para a tua quadrilha de ladrões...

JOÃO DE SOUTO

(*Reprimindo-se a custo*) Encha a sua medida, Sr. ajudante d'ordens, encha... A minha obrigação de homem de bem não me deixa ouvir as suas insolencias de laçoião... (*Imperioso*) Safe-se, quanto antes... Vá dizer ao seu patrão, que elle não fará aqui o que fez em Igua-rassú, porque eu não quero... Safe-se... nem quero mais vê-lo...

PORTUGAL

Que petulancia!... Terás a resposta...

JOÃO DE SOUTO

(*Affectada cortezia*) Boa viagem, Sr. Capitão... (*Sahem Portugal e os seus, bem como a gente de João de Souto.*)

SCENA IX

JOÃO DE SOUTO—LUIZ DE SÁ

LUIZ

Nunca te vi tão calmo...

JOÃO DE SOUTO

(*Com vivacidade*) Vamos ao que importa... Manda que o sigam, que espreitem si Luiz do Rego vem, e que chegue morto o cavallo de quem me trazer aviso... (*Luiz sahe*) Não! a affronta não se fará, n'este chão em que pisa João de Souto!...

SCENA X

JOÃO DE SOUTO—LUZIA—THEREZA—AMELIA

LUZIA

Ouvi tudo, João...

THEREZA

Sempre em risco a sua vida, meu primo...

AMELIA

E Luiz, Sr. João de Souto?...

JOÃO DE SOUTO

Que as duas tenham medo... mas você, Luzia!...

LUZIA

A menina encarava tudo, a moça acompanhou os irmãos á Bahia... mas, agora... Pois antes de trinta annos já se pode ser uma velha?...

JOÃO DE SOUTO

O que eu não posso, é crer n'esse seu medo... A coragem é um mysterio, principalmente a coragem das mulheres... Está ahi quasi a tremer, porque não ha perigo... appareça o perigo, e resuscitará a freira de 1817...

LUZIA

Deus te ouça...

JOÃO DE SOUTO

Estejam socegadas... (*A' Thereza*) Nem me zango com as suas reprehensões... (*A' Amelia*) nem estranho, que só me falle no seu Luiz...

AMELIA

Pois não é tão natural em mim e em Thereza...

JOÃO DE SOUTO

Não desconfiem... E' natural, tambem acho... é natural que o homem seja homem, e a mulher seja mulher, embora nem sempre sejam as cousas, como é natural que sejam... Soceguem... eu tenho certeza, que não ha perigo algum...

SCENA XI

OS MESMOS—LUIZ DE SÁ

LUIZ

(*Entrando agitado*) O governador vinha... encontrou-se com o capitão, fallaram-se, e tomaram outro caminho...

JOÃO DE SOUTO

(*Alegre, para as tres.*) Não lhes dizia, que não havia perigo?... (*Mudando de tom*) Sempre assim cobardes os salteadores agaloados... e então n'estas matas, santos asylos dos homens de vergonha!... Posso ir-me embora, Luzia: vou continuar a minha vida de cavar a terra e correr a cavallo... esperando... nem sei o que!... Fiquem desenganadas, deixo espias por todo o caminho. Adeus! (*Abraça as tres, beijando a mão de Luzia.*)

LUIZ

(*Beija a mão de Luzia, aperta a mão de Thereza, e diz á Amelia estreitando-a nos braços*) Tem paciência, minha Amelia, até breve...

JOÃO DE SOUTO

Um dia ou dois, D. Amelia...

AMELIA

Si acha, que assim é preciso, Sr. João de Souto...

LUZIA

Que Deus os abençõe, e a Virgem os acompanhe!
(*Entram as tres, e fecha-se a portaria: Luiz sahe, e com elle os do sequito: João de Souto vai para o seu cavallo, e sahe o homem que o segurava: na occasião de montar cantam no convento: João de Souto retira o pé do estribo e descobre-se.*)

Salve, lua cheia,
Estrella luzente,
Terebinto umbroso,
Palma paciente!

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Maria,
Pelas vossas dores!

SCENA ULTIMA

JOÃO DE SOUTO — DEPOIS LUZIA — THEREZA — AMELIA —
FREIRAS — HOMENS DO SEQUITO

JOÃO DE SOUTO

(Pensativo) As mulheres rezam, os homens combatem... O Deus d'aquellas fracas mulheres que rezam pelos homens, é o mesmo Deus dos homens fortes que combatem pela Liberdade.. Combatem os todos, nós e ellas, no altar e no campo, e havemos de vencer!.. *(Repicam os sinos, abrem-se as janellas do convento, apparecem Luzia, Thereza, Amelia, e Freiras: chegam homens do sequito.)*

TODAS

Viva João de Souto!

JOÃO DE SOUTO

A Virgem seja comvoseo!

TODAS

Deus defenda João de Souto!

JOÃO DE SOUTO

Deus defenda a Liberdade!

TODOS E TODAS

Viva João de Souto!

JOÃO DE SOUTO

Viva a Liberdade! *(Os sinos repicam por todo este final: João de Souto, depois do ultimo brado, acena com o chapéo em despedida, cobre-se, e na acção de montar cahe o panno.)*

Acto Segundo

Rebate Falso

(17 de Julho de 1821—Recife)

JOÃO DE SOUTO
PORTUGAL
LUIZ DE SÁ
AMELIA

||| THEREZA
LUZIA
UM EMBUÇADO
ALGARVES

(Modesta sala: nove horas da noite: ao subir o panno Luzia lê, Thereza e Amelia cosem, á luz de um apetrechado candieiro de latão chamado de donzella.—Cantam na rua as seguintes quadrinhas populares, ao som de violas e guitarras:)

Aqui estou na vossa porta,
Feito um feixinho de lenha,
Pela resposta esperando,
Que da vossa bocca venha.

O pobre tambem é gente,
Tambem ama e firme adora,
Tambem logra gente fina,
Por elle tambem se chora.

Atirei com um limãosinho
Na menina da janella,
Ella me chama tolinho,
Mas, tolinho ando eu por ella.

Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapéo na mão,
Não achei quem me dissesse
Cobre-te, meu coração.

Todo captivo procura
Ter a sua liberdade,
Eu procurei captiveiro
Por minha propria vontade.

Na galera dos amores
Todos se embarcam cantando,
Porém no fim da viagem
Todos se apartam chorando (40).

SCENA PRIMEIRA

LUZIA—AMELIA—THEREZA

AMELIA

Fico triste, não sei porque, com estas cantigas...

LUZIA

E' o que deixam aos pobres pernambucanos: tomam o commercio, os empregos publicos, os postos no exercito... e para os filhos do paiz fica ser soldado, cavar a terra, e cantar modinhas...

THEREZA

E mesmo as modinhas, quando o Merme quer... Por mais de uma vez tem quebrado violas e guitarras, e levado os donos a chicote.

LUZIA

Si o povo desespera um dia... nem quero pensar!

THEREZA

Agora que elle não nos ouve... não é de balde toda a raiva do primo João de Souto.

(40) A. J. de Mello, *Biogr.*—Na representação talvez baste cantar duas ou tres.

AMELIA

(*Assustada*) Fallam tão alto!...

THEREZA

(*Serrindo-se*) Tens medo, que o Merme entre pela porta a dentro?

AMELIA

(*A' parte*) Fosse o Merme só... (*Irresoluta*) Confesso... ha dias em que tudo me faz medo... Luiz está dormindo, anda muito cansado, não o acordemos...

LUZIA

Maldita mania militar de Luiz do Rego!...

AMELIA

Vou lá dentro fechar a casa... Conversem baixinho... o povo diz, que as paredes têm ouvidos... (*Achegando-se a Luzia*) Irmã Luzia, não sei o que tenho hoje... tenho tanto medo!...

LUZIA

Ora vamos, Amelia, com o assombramento do costume...

AMELIA

Do costume não... hoje é como nunca!... mas, não diga nada a Luiz... (*Sahe.*)

SCENA II

LUZIA—THEREZA

LUZIA

(*Pensativa*) E nada de noticias de João!... Porque mandou elle, assim de repente, que viessemos para aqui...

THEREZA

Só elle quando chegar... Aposto que não tardará muito....

LUZIA

Sempre segredos e sustos!... Pobre João, uma luta de todos os dias desde 1817!... Agora o que será?...

THEREZA

Grande motivo foi, que a mão lhe tremia quando escreveu... e quando a mão lhe treme!...

LUZIA

Foi mais uma tempestade, foi... Coitado! quem o vê fôra de casa, duro como uma rocha, assustador como um trovão, mal sabe... (*Commovendo-se*) mal sabe como elle é bom!... Eu o tenho surprehendido a chorar, da rede de Hortensio para a de Belisario, angustiado, repassado de ternuras paternaes por seu filhinho e pelo orphão do martyr... E como elle falla de nosso pai, e do padre Antonio!... (*Reprimindo-se e decidida*) Deus é pai de todos! Não será por mim que elle deixe a estrada do bom patriota...

THEREZA

Mas, si é bom pai e bom irmão...

LUZIA

(*Exaltada*) Deve sacrificar todos os outros sentimentos de homem! deve dar a face ás bofetadas! deve resignar-se á vida d'escravo para si, e para seus filhos, e para todos! deve deshonnar-se a sangue frio, e morrer vendo á roda de si deshonnada a familia!... Não! para elle, na ultima hora, não ha de apparecer a imagem da Patria, com uma mão cobrindo a face envergonhada, e com a outra lançando-lhe a maldição!...

THEREZA

Perdôe, irmã Luzia... E' que Deus não me deu uma alma como a sua...

LUZIA

(*Moderando-se*) João cumpre o seu dever... Nem todos podem comprehender a grandeza do seu sacrificio... Já agora, comecei, hei de acompanhá-lo até o fim... Luzia ha de morrer como tem vivido até hoje, digna do nome de Souto-Maior!... (*Toque de rebate: sinos, tambores, cornetas.—Carreiras na rua, e gritos: Fogo! Fogo! —O rebate continúa até o fim da scena oitava, ora mais, ora menos estrepitoso.*)

SCENA III

AS MESMAS—AMELIA—DEPOIS LUIZ DE SÁ

AMELIA

(*Sobresaltada*) Eu estava adivinhando... Não me acostumo com este maldito rebate... cada vez tenho mais medo!...

LUZIA

Pois é moda... Já devias estar acostumada.

AMELIA

(*Alvorçada*) Pois não sabem?... Contam umas cousas tão feias... chegam a dizer, que estes rebates são para affastar um pai; um irmão, um marido... (*Chorando e cobrindo a cara com as mãos*) Meu Deus! eu fico douda, si Luiz não me tira d'esta terra...

THEREZA

Ora, Amelia! são cousas que contam...

LUZIA

(*A' parte*) E eu, é como si estivesse vendo...

AMELIA

(*Meio desvairada*) Não é verdade, irmã Luzia?... não ha mulheres, que têm endoudecido?... O que eu não posso entender, é como ainda não appareceu um homem que se vingasse... Não posso entender...

LUIZ

(*Entrando, fardado á miliciana*). Era cousa certa, que Amelia havia de estar com medo... Já vejo, que não se acostuma...

AMELIA

Não posso, é verdade, não posso... Pois tu não podes ficar, meu Luiz?... (*Segurando-lhe as mãos*) Porque não ficas, meu Luiz!... Hoje é como nunca... Não sei o que me adivinha o coração... Luiz! Luiz!

LUIZ

Socega, Amelia... bem vês, que o rebate de hoje não é novidade... Si eu faltar ao campo, depois do que tem havido, pode o governador desconfiar, (*Abaixando a voz*) elle que desde Goyanna deve andar procurando...

AMELIA

(*Com decisão affectada*) Vai, Luiz, vai... Que estou eu a affligir-te por nada!?... Vai, Luiz, vai descansado... eu vou dormir, até que venhas me acordar...

LUIZ

Sim, Amelia... pois não ficas com a nossa irmã Luzia?...

LUZIA

Comnosco fica a Virgem Maria!

AMELIA

Vai, Luiz, vai... *(Um tanto alheia)* Pois não vês,
que o tempo está passando?

LUIZ

(Como vencendo se, e abraçando Amelia) Adeus,
até já. *(Para as duas)* Boa noite. *(Sahe: Luzia fecha
a porta: Thereza vai para o interior da casa.)*

SCENA IV

LUZIA—AMELIA

LUZIA

Conta-me tudo, Amelia...

AMELIA

Sim, irmã Luzia... eu mesmo queria... não lhe con-
tei tudo quanto se passou no ultimo baile do governador,
antes da minha viagem á Goyanna...

LUZIA

Eu bem sabia, que faltava alguma cousa...

AMELIA

O meu Luiz, sempre na mente de evitar suspeitas,
quiz levar-me, e levou-me, por mais que eu não quizesse...
O meu coração adivinhava!... O governador não per-
seguiu-me só com os olhos... disse a Luiz, que desejava

dançar comigo. Meu marido... ah! si os homens adivinhassem os outros homens como nós!... meu marido pediu-me, instou, e dancei... (*Indignada*) Nunca pensei, irmã Luzia, que havia homem assim!... E porque fiz o que devia... por bem do meu Luiz evitei o escandalo!... porque calei e virei a cara, Luiz do Rego estava irado e ameaçador, e disse que eu havia de arrepender-me... Não lhe posso contar as infames propostas que me fez... (*Com altivez*) O que é verdade, é que deixei-o esmagado pelo meu desprezo! (*Abatendo-se*) Mas, tenho tanto medo, irmã Luzia... e então hoje!...

LUZIA

Ha de ter passado... O homem anda pela grande roda dos portuguezes, e dos brazileiros aportuguezados... ahí não faltam Amelias, que não virem a cara... Nem se lembra mais de ti...

AMELIA

Permitta Deus!... (*Batem*)

SCENA V

AS MESMAS—THEREZA—JOÃO DE SOUTO.

THEREZA

(*Entrando*) Estão batendo, irmã Luzia...

AMELIA

Jesus! Quem será?!... (*Tornam a bater.*)

LUZIA

(*Indo á porta*) Quem é?

JOÃO DE SOUTO

(*De fóra*) Abra, Luzia, sou eu...

LUZIA

A esta hora!... (*Dá entrada, e torna a fechar a porta.*)

JOÃO DE SOUTO

(*Capote de barregana, blusa, chapéo de palha, botas de montaria, chicote na mão: tira da cinta uma pistola, e deposita-a na meza*) A paz seja n'esta casa... (*Beija a mão de Luzia*) Boa noite, D. Amelia... Thereza... Como vai isto por cá? Sempre é mais alegre, do que o convento de Goyanna, não é?... .

THEREZA

E o primo está bom?

AMELIA

Eu, Sr. João de Souto, sempre tão assustada!...

LUZIA

O que te trouxe por cá, João? Que novidade foi?...

JOÃO DE SOUTO

(*Desencalmado e jovial*) Nada, nada... vontade de passear ao Recife... Chego n'este momento; mal deixei o cavallo no portão do padre Resende, e aqui estou... Não tenha mais medo, D. Amelia, que João de Souto está na terra... Veja Thereza... bem mostra, que é da familia... E Luiz? Pensei apanha-lo ainda em casa...

AMELIA

Qual, Sr. João de Souto!... acode logo e logo ao maldito rebate...

JOÃO DE SOUTO

E então?... faz muito bem! Com Luiz do Rego toda a cautelia é pouca...

LUZIA

(*Affastando-se com João de Souto, e praticando os dous á meia voz: as duas entretém-se na mesa de costura*)
A tua calma é fingida, bem conheço, João... o que fizeste?

JOÃO DE SOUTO

(*Com raiva concentrada*) Matei-o, e tornaria a mata-lo!...

LUZIA

Jesus! santo nome de Jesus! A quem, João?... a quem?

JOÃO DE SOUTO

O vigario Calheiros devia morrer!...

LUZIA

E vens para o Recife?

JOÃO DE SOUTO

E' justamente aqui, que não me procuram...

LUZIA

(*Em grande afflicção*) João! João! que sorte a tua! que sorte a nossa!

JOÃO DE SOUTO

(*Severo*) Desconheço-a, Luzia! E' da Biblia: Olho

por olho, mão por mão, ferida por ferida (41)... Mandou matar o nosso irmão Manoel, matei-o, e tornaria a mata-lo!... (*Contrafazendo-se, e dirigindo-se ás duas*) Agora que já dei á Luzia boas novas do meu Tejucupapo, deixo-a por pouco tempo...

LUZIA

Não deves sahir pelo meio d'esse barulho...

JOÃO DE SOUTO

(*Jovial*) Pois é mesmo no barulho, que estou mais seguro... ninguem dá por um capote de mais ou de menos... Voltarei breve, que preciso de fallar a Luiz... (*Tem tomado o capote, o chapéo e o chicote: deixa a pistola*) Até breve... não tenham medo. (*Sahc: Luzia fecha a porta: as duas vão para o interior da casa.*)

SCENA VI

LUZIA, só

LUZIA

Vai lugubre esta noite! (*Senta-se, abre um livro, e fecha-o logo*) Não posso ler, que tambem em rebate me anda a cabeça... Quantas imagens tristes, desde o que vi com os olhos e com a imaginação na cadeia da Bahia, e no Campo da Polvora!... Quantas scenas pavorosas a passarem-me pelos olhos!... (*Levanta-se*) Eu não creio em agouros... mas, estou seriamente assustada com os sustos de Amelia... (*Scismando, e de pausa em pausa*) O que será de João, agora que ha de assanhar-se a raiva do governador... Pobre Manoel, que noticias leva ao padre Antonio!... Maldito rebate, que não cessa!... Luiz não pode voltar... Si aquelles presentimentos de Amelia... (*Transportada*) Virgem Santis-

(41) Exod. XXI, 24 e 25.

sima! Será possível, que os meus olhos vejam o que se conta!?!... Pois a infamia de um homem pode descer tanto!?!... (*Alliva*) Luiz do Rego! Luiz do Rego! Si não achares um homem na terra, has de achar um Deus no céu! (*Batem violentamente á porta, bradando—*AERAM DE ORDEM DO GOVERNADOR! *Ouvem-se dous gritos coloridos de Amelia—*LUIZ! LUIZ!.. *Thereza entra com as roupas e os cabellos em desordem.*)

SCENA VII

LUZIA—THEREZA—PORTUGAL—ALGARVES—UM EMBUÇADO.

THEREZA

(*Tremula*) E nós aqui sósinhas, irmã Luzia!...

LUZIA

Não falles... Esconde aquella pistola... (*Thereza sahe, e volta logo: repetem a intimação, e batem a couces d'espingardas*).

THEREZA

Virão prender o primo João de Souto!...

LUZIA

E Amelia?...

THEREZA

Que não está aqui, é que desmaiou com o susto...

LUZIA

Que lance este, Virgem Maria! (*Novas pancadas: Luzia abre resolutamente a porta: entram Portugal e Algarves.*)

PORTUGAL

(*Sem tirar a barretina: modos insolentes*) Bem se vê, que não são apressadas... Pois não são velhas... Ora digam-me cá: o alferes Luiz de Sá...

LUZIA

Foi para o campo... Elle não falta ao seu dever; e procura-lo em casa, quando o rebate diz onde elle deve estar...

PORTUGAL

Tá... tá... tá... Até onde vai essa ladainha?... Responda só ao que eu lhe perguntar, Sra. freira... (*Maliciosamente*) sem olhos de santarrona... (*Vai ao candieiro, accende um cigarro, e apaga um dos bicos.*)

LUZIA

(*Caminhando para a meza, acompanhada por Thezeza*) O que é isto, Sr!... Quer deixar-nos ás escuras? *Os soldados cercam a meza, e por trás d'elles passa, sem ser visto pelas duas, um embuçado que penetra pelo interior da casa.*)

PORTUGAL

(*Sentando-se*) Como ellas têm medo do escuro!... Ora soceguem, sentem-se, raparigas: aqui estou para companhia, até que chegue o Sá... (*Aos soldados*) Alguns de vocês lá para dentro: nem por lá nem por cá entra ninguém... (*Entram alguns dos Algarves.*)

LUZIA

Mas, Sr. capitão, está lá dentro uma senhora...

PORTUGAL

(*Ironico*) Tanto melhor, está bem guardada... Ora sente-se, bella freira...

THEREZA

Então vou buscar Amelia para aqui...

PORTUGAL

Nada... minha aprendiz de freira, sente-se tambem...
E que tal o alferes! Duas, e mais uma lá dentro... O
homem gosta de flores... Pelas almas! é um jardim com-
pleto...

LUZIA

Ha de dar licença, Sr. capitão... (*Dirigindo-se
para o interior: os soldados tomam-lhe a passagem.*)

PORTUGAL

Nada, esqueça-se, nenhuma das duas... Deixem a
outra, que dorme a somno solto, e nem dá signal de vida...
(*Gritos abafados de Amelia—ACUDAM! ACUDAM!*)

THEREZA

Jesus!... (*Cobre o rosto com as mãos.*)

LUZIA

(*Estremece, estaca, fita o capitão, e encolerizada*)
Infame! quanto te pagou Luiz do Rego?...

PORTUGAL

(*Irado, e com gesto de descarregar uma bofetada*)
Atrevida!... Barregan de frade!...

LUZIA

(*Cobrindo o rosto com as mãos, e á meia voz*) Deus!
meu Deus! dai a João de Souto a funda de David e o bra-
ço de Sansão!...

THEREZA

(*Ajoelhando-se*) Virgem Maria! A minha vida pela honra d'esta casa... (*Entra um soldado, que faz signal a Portugal: sahe este com os seus*)

SCENA VIII

LUZIA—THEREZA

THEREZA

(*Indo fechar a porta*) Será um sonho?...

LUZIA

(*Descobrimdo o rosto, e volvendo os olhos em torno*) Creio que se foram... (*Olhando para o interior da casa*) Deixaram aberta a porta, saltaram o muro... Vamos ver Amelia... (*Quando vai a sahir, entra Amelia.—Durante esta scena vai moderando o rebato, e aqui cessa de todo.*)

SCENA IX

AS MESMAS—AMELIA

AMELIA

(*Entrando pé ante pé: cabellos desgrenhados: com uma mão prende as roupas para cobrir o scio: faces e espadoas ensanguentadas, e nodoas de sangue no vestido: olhar desvairado*) Estou ouvindo... (*Pausa, e como escutando*) E' toque de fogo, é... Luiz já se foi... (*Pitando as duas*) Pois não sabem?... (*Risada de louca*) Si não sabem, eu digo... Não era general, não... estava vestido de soldado... não era, não... Mas, não fallem!... psiu... olhem... não contem a ninguem... eram tres, um gigante, um anão, uma aranha... psiu!... (*As duas levam-na para uma cadeira.*)

LUZIA

O que foi, Amelia... Socegue, já passou o perigo... conte o que foi...

THEREZA

Somos nós, Amelia... não está vendo?...

AMELIA

(*Rindo-se*) Que pergunta! pois não estou vendo irmã Luzia e Thereza?... Sim, o perigo já passou... é verdade, já passou... Pois eu não vi a aranha subindo pela parede?... (*Rindo-se*) Subiu... subiu... foi-se... não voltou mais... ficou com medo de mim... (*De subito entra em convulsões, e agasalha-se nas roupas como si tivesse frio*). Mas, o soldado... o soldado... (*Apontando*) não vêem?... Ah!... (*Um grande grito de horrorisada*.)

LUZIA

(*Affagando-a*) Amelia, não tarda Luiz... e você assim ha de affligi-lo muito...

AMELIA

Eu... affligir o meu Luiz!... Sim, o meu Luiz... Elle é meu só, não é?... Eu tambem sou d'elle só, d'elle só... (*Levantando-se e batendo com o pé*) D'elle só!... pois não estou dizendo?... (*Sentando-se, e abaixando a cabeça*) Quando elle vier, digam que eu sou d'elle só... eu não digo... não posso... (*Pranto convulso*.)

LUZIA

Socegue, Amelia, não foi nada... Nós estamos aqui... Thereza, e sua irmã Luzia...

AMELIA

Não foi nada?... Pois eu vou contar... mas, nin-

guem conte a Luiz... Eu vou contar... tudo não... que não posso... nem sei bem como foi... Esperem, eu conto... Vejam si as portas estão bem fechadas... Escute, irmã Luzia... mas, ninguem ha de contar nada a Luiz, não é?...

LUZIA

Sim, havemos de guardar segredo...

AMELIA

Agora sim, vou contar... Ah! quer saber de uma cousa, irmã Luzia?... Eu não entro mais no meu quarto... (*Batendo com o pé*) não entro, não quero... Vá agora mesmo, vá proeurar uma casa... veja bem, eu quero que não tenha nem uma aranha!... a mudança hoje mesmo, agora mesmo... Eu quero esperar o meu Luiz n'outra casa... n'esta não! não!... (*Rendo-se*) Ah! como é bom mudar de casa... (*Estacando*) Escute, irmã Luzia... a cama não... e é a cama do meu casamento!... não leve a cama, toque-lhe fogo, e diga a Luiz que aconteceu... Vão, vá tambem, Thereza... não tenham medo da aranha, que ella foi-se pelo telhado... (*Gargalhada*) Que cousa engraçada!... gigante, depois anão, depois aranha... Que cousa engraçada! (*Ri-se*)

LUZIA

Soeque, Amélia... (*Abraçando-a*) Ainda não contou o que foi... Porque está ferida?... Foi correr, e cahiu?... Olhe, que não tarda o seu Luiz...

AMELIA

O meu Luiz, meu só?... E eu tambem sou a sua Amélia, sua só?... Sou, pois não sou?... Quando elle vier, digam que sou... eu não digo...

THEREZA

Tenha confiança em nós, minha amiga...

AMELIA

Eu conto... esperem... esperem... foi assim... vou contar... Segredo!... Estava no quarto, deitada, pensando no meu Luiz... no meu Luiz... O somno vinha, e eu enxotava o somno... queria esperar pelo meu Luiz... De repente... (*Olhar torvo e amedrontado*) batem na porta, e fallam no governador... (*Em delirio phrenetico*) Pois eu não ouvi?... Esperem... não falem... eu conto esta vez só, em segredo... (*Abaixando a voz*) Bateram na porta, fallaram no governador, eu ouvi... e não ouvi mais nada... creio que dormi... Depois, senti, e pensava que era sonho... senti que me beijavam as faces, os olhos, a bocca... Pois não era Luiz?... (*Enraivecida*) Quem podia ser sinão Luiz?... Eu chamava—Luiz! Luiz!... Não podia ser sinão elle... Si eu hei de ser sempre d'elle só!... Responderam-me—Amelia!... Esperem... (*Como escutando, pausa, grande grito d'espanto*) Ah! não é a voz de Luiz! Não é a voz de Luiz!... Que horror!... Pois eu estou viva?... (*Em voz baixa*) Não era Luiz, não... Virgem Maria! pois eu estou viva?... (*Soluçando.*)

THEREZA

Foi medo... foi sonho...

LUZIA

Quem podia ser, Amelia?

AMELIA

Quem podia ser?... Quem podia ser?... Ora! quem podia ser!... (*Com vivacidade febril*) Vou contar tudo de uma vez... Era um homem grande, muito grande, um gigante... eu quiz levantar-me, elle agarrou-me... mordi-lhe a mão, soltou-me o pulso... dei-lhe uma bofetada... (*Encolerizada*) feriu-me com as unhas... queria beijar-me, e eu cuspi-lhe na cara incendiada... (*Riso convulso e prolongado*) E dizem, que as mulheres são

fracas!... O gigante foi fugindo, e foi mingando...
(*Com volubildade*) Ah! eu só queria, que vocês estivessem alli... haviam de ver... foi mingando, mingando, até ficar um ridiculo anão... e eu a rir-me... (*Ri-se*)
Depois, não sei como foi... desapareceu o anão... procurei... procurei... e vi... ora, o que havia de ser? .. vi uma aranha subindo pela parede, e foi-se... foi-se...
(*Apontando*) Não vejo mais nada... (*Estaca em convulsões, conchegando as roupas*) Que cousas a gente sonha!... Pela Virgem Maria, não contem nada a Luiz...
(*Desfallece, e fica reclinada na cadeira.*)

THEREZA

(*Em pranto*) Deshonrada e louca! Maldito Luiz do Rego!... Onde está a justiça de Deus!?!...

LUZIA

(*Firme e severa*) A justiça de Deus está no céu, Thereza... A desgraça que Deus manda, é fogo que apura as almas... Seja feita a sua vontade! A Virgem Santissima defendeu a esposa casta... a loucura attesta a honra da victima!

SCENA X

AS MESMAS—LUIZ

LUIZ

(*Batendo*) Amelia! Amelia!

THEREZA

O que vai se passar, meu Jesus!

LUZIA

(*Resoluta, abrindo a porta*) O que Deus quizer!

LUIZ

(*Entrando*) Cada vez mais tarde, minha Amelia...
 (*Estaca, fita Amelia desfallecida, e empallidece: até o fim com uma calma pavorosa*) O que se passou, irmã Luzia?

LUZIA

Chegou-lhe a occasião de provar, que sabe ser homem!... Seja forte, si quer vencer...

LUIZ

O que se passou n'esta casa?

AMELIA

(*Voltando a si, em sobresalto*) Eu ouvi... é Luiz...
 (*Vendo-o*) Ah! já chegaste?... Louvado seja Deus!... Que cara essa tua, meu Luiz?!... Estás doudo?... Vem cá, senta-te aqui, bem junto de mim... não foi nada... Pois não vês, que estavamos todas tres á tua espera?...
 (*Luiz senta-se junto á Amelia, que lhe affaga o rosto*) Que ar o teu!... Estás espantado, porque eu estca ferida?... (*Ri-se*) Não foi nada, Luiz... Pois eu posso mentir ao meu marido?... eu que nunca menti!... Não foi nada... nem foi o gigante... nem foi o anão... nem foi a aranha... Não foi, Luiz... eu nunca menti!...
 (*Impaciente*) Não, eu não estou mentindo!... sempre fui, sempre hei de ser tua só, meu Luiz... Chega-te para junto de mim... bem junto... eu vou contar-te... Pois uma mulher não deve contar tudo a seu marido?... Escuta, vou contar... Sahiste... eu tinha somno e não queria dormir... estava á tua espera... bateram... pensei que eras tu... porque não vieste?... pois eu... a tua Amelia... não estás vendo?... a tua Amelia... tua só... (*Gargalhada*) E eu que nunca menti!... pois ha mulher, que minta ao seu marido?... não foi nada, Luiz... duvidas do que eu digo?... quem já viu general

vestido de soldado?... Luiz, eu nunca menti!... (Luiz passa a mão pela cabeça, como quem procura uma resolução: vai a beijar a face de Amelia, que o repelle horrorizada) Não, Luiz! não!... nem lavei ainda o rosto... as aranhas têm veneno... (Queda-se, abaixando a cabeça.)

LUIZ

(Levantando-se, e pausadamente) Bem vejo, irmã Luzia... não podia ser sinão elle... veio o general...

AMELIA

(Encolerizada) General! general! quem já viu general vestido de soldado?!... Pois eu não digo, que foi uma aranha?... (Com volubildade) Luiz, si eu tivesse um punhal!... porque não me deste um punhal!... (Rindo-se) Ora! esta minha!... matar uma aranha com um punhal!... (Fitando Luiz, e abatendo-se) E Luiz não pensa, que estou mentindo?!... (Cae em prostração: durante o resto da scena acompanha os movimentos de todos, como sem consciencia de si.)

LUIZ

Foi Luiz do Rego, irmã Luzia... não podia ser sinão elle... E' o epilogo de um rebate falso...

LUZIA

Não vi o governador... vi o ajudante d'ordens com oito a dez soldados...

LUIZ

Não podia ser sinão elle... só elle seria capaz d'aquillo... (Apontando para Amelia.)

THEREZA

Amelia estava lá dentro; mas, nós duas estavamos aqui.

LUIZ

Não viram... era o mesmo si vissem... mas, com certeza elle passou por aqui... Pois ella não está falando em general vestido de soldado?...

LUZIA

O golpe é immenso, Sr. Luiz de Sá, é immenso!... mas, por si e pela sua Amelia, tenha coragem!...

LUIZ

Por mim, um deshonrado... pela minha Amelia, uma louca, e louca sem remedio!... Não vê, irmã Luzia, que aquella mimosa sensitiva murchou para sempre ao toque de um bruto?... Para que viver?... Para enlouquecer tambem?... *(Pausa)* Como é leal o coração de uma casta mulher!... Porque não fiquei?... Era destino!... *(Pausa, fitando Amelia)* E' tarde... é irremediavel... para tanto negou-me Deus a força necessaria... *(Dá um beijo na face e na mão de Amelia, que parece insensivel)* Irmã Luzia... *(Aponta para Amelia, e vai para o interior da casa.)*

AMELIA

Luiz! meu Luiz! *(Levanta-se arrebatadamente, e cacha tentando correr: Luzia e Thereza tornam a senta-la: ouve-se um tiro.)*

THEREZA

A pistola de João de Souto!...

LUZIA

O que teria feito o infeliz?

AMELIA

(Em gargalhadas) Foi Luiz... Ora esta!... deu

um tiro na aranha!... Agora sim, não tenho mais medo... Vem cá, Luiz... meu Luiz... (*Rindo-se desfallente.*)

SCENA ULTIMA

JOÃO DE SOUTO—LUZIA—THEREZA—AMELIA

JOÃO DE SOUTO

(*Batendo*) Luzia, minha irmã...

LUZIA

(*Abrindo*) A mão de Deus pesa sobre nós, meu irmão!...

JOÃO DE SOUTO

(*Com vivacidade, fitando Amelia*) O que foi?... E Luiz?...

LUZIA

Luiz?... nem sei... (*Aponta para o interior, e João de Souto vai arrebatadamente.*)

THEREZA

O que será de nós?...

JOÃO DE SOUTO

(*Voltando, com a pistola em punho*) Assassinado, e com a minha pistola!...

LUZIA

Não! elle suicidou-se!...

JOÃO DE SOUTO

Porque viu... (*Apontando para Amelia.*)

LUZIA

Sim... Veio o ajudante d'ordens com soldados... ella estava no quarto... não nos deixaram sahir d'aquí... E foram-se, e ella ficou como vês... Depois chegou o marido...

JOÃO DE SOUTO

Basta, irmã Luzia, basta, (*Immensa raiva concentrada*) A mão de Deus!... não!... a mão do diabo... a mão de Luiz do Rego pesa sobre nós!... (*Luzia quer fallar (42), e João de Souto a interrompe em maximo transporte*) Basta! basta! nem mais uma palavra, que não quero estalar de raiva!... Luiz do Rego, eu te conheço, assassino de mulheres... Não pode ser em Goyanna, foi aqui... (*Fitando em desvario*) De que te ris, miseravel!... (*Erecto e soberbo*) Aqui estou eu João de Souto-Maior, que tardei para a defeza, mas não hei de tardar para a vingança!... (*Chegando-se a Amelia*) Estendo sobre a cabeça d'esta louca martyr a mão, que estendi sobre o cadaver do padre Antonio, e tórno a jurar!... Por aqui... (*Mencando a pistola*) sahiu a bala, que matou-me o amigo em desespero... tambem por aqui, Luiz do Rego... (*Luzia intenta fallar*) Silencio! silencio!... Aqui só eu posso fallar, que tenho resolvido o sacrificio da minha vida! Silencio!... Respeito á magestade d'elle, que morreu pela affronta... á magestade d'ella, que enlouqueceu pela honra! Silencio!... (*Embuçando-se para sahir*) Luiz do Rego! Luiz do Rego! breve ninguem dira, que não ha mais um pernambucano! Os dias de um de nós dois estão contados! (*Sahe: Amelia levanta-se e corre para a porta ás gargalhadas; Luzia e Thereza suspendem-na.*)

(42) Aqui, como em outro lugar d'esta falla, a actriz poderá dizer—*Mas*, ou *Meu irmão*, ou *Assim*, como quem enceta uma proposição,

Acto Tereeiro

Dies Iræ

1.º QUADRO—*A Rocha do patriotismo*

(20 de Julho de 1821—Recife)

JOÃO DE SOUTO
CANECA
RESENDE

FRANCISCO DO REGO
SEBASTIÃO DO REGO
1.º, 2.º e 3.º PATRIOTA

(Sala modesta, frouxamente allumiada: chove e troveja por todo o quadro.)

SCENA PRIMEIRA

RESENDE—CANECA

PADRE RESENDE

É como te digo, Caneca: insiste e insiste, que ninguém o tirará d'isso... Depois dos horrores da casa do Sá, não está em si: agora em furias, d'aqui a nada em gracejos..... João de Souto é um homem singular!

FREI CANECA

É o typo do verdadeiro patriota n'estas quadras de extremo perigo... Não entende esperar dia nem hora, quando o coração lhe ferve... Elle disse que vai, vai: conheço-o, melhor do que ninguém, da cadeia da Bahia—não é homem de torcer... E é fortuna, Resende, que não se acabe a raça dos homens assim.... Si todos morressem.... como eu pretendo morrer, até onde iria a audacia do despotismo!?!... resistencia em muitos casos é defeza, é direito, é sagrado dever do patriota,...

PADRE RESENDE

Então, és até capaz de dizer-lhe, que vá!...

FREI CANECA

Nem tanto, entendamo-nos... mas, tambem não sou dos innocentes que esperam o impossivel... Destaca-se uma pedra, vejo que ha de vir abaixo, não lhe tomo a frente, eis tudo!... Si faço isto com as pedras do despotismo, porque não com as do patriotismo? João de Souto é a pedra, que o proprio Luiz do Rego desprende do cabeça...

PADRE RESENDE .

Mas, talvez assim uma epoca melhor seja atrasada...

FREI CANECA

És um adorador do impossivel, de que acabo de fallar... Patriotas surrados nas grades da cadeia... trevas por toda a parte... Só o medo pode fazer com que os reis absolutos abram mão do seu poder; e emquanto a força d'elles é maior, ninguem espere... A ignorancia que gera o servilismo, o servilismo que é pai da fraqueza, eis todo o segredo do absolutismo... Fallam no decreto de 1808, nos portos abertos... e não foi cousa para o Brazil, foi cousa para os interesses do rei fugitivo, para resguardar o poder e o pão da mãe-patria...

PADRE RESENDE

És quasi como João de Souto, Caneca!

FREI CANECA

Pois serei... O maior crime do seis de Março foi a typographia de que sahiu o nosso *Preciso*... Hoje é, como em 1706, (43) quando se ordenou ao governador

(43) Ord. reg, de 8 de Julho.

de Pernambuco, que mandasse sequestrar a nossa primeira typographia, notificando aos donos e officiaes, que não imprimissem, nem consentissem imprimir, livros nem papeis avulsos... Hoje é como em 1785 (44), quando diziam de lá, que era de absoluta necessidade acabar com as fabricas e manufacturas do Brazil, para que não ficassem independentes da metropole... Ha de ser sempre assim, si não chegar a hora do medo... Contemos com as nossas irmãs do norte, de cujos fundadores é Pernambuco a patria commun (45)...

PADRE RESENDE

Só falta a assignatura: está completo o teu manifesto revolucionario; e eu posso repetir, que és capaz de dizer a João de Souto, que vá...

FREI CANECA

Não... porque si dissesse, havia de ir com elle... Mas, digo-te que irá, e has de ver...

PADRE RESENDE

Pois d'aqui a pouco... (*Batem.*)

FREI CANECA

Aposto que é elle... Onde ha perigo, anda sempre na frente...

PADRE RESENDE

(*Índo á porta*) Hoje?...

(44) Instrucções secretas para execução do Alv. 5 de Janeiro. Veja-se A. Joaquim de Mello, *Biog.* tom. 2.º pag. 255.

(45) Gama, *Mem. hist.* tom. 1.º pag. 178.

JOÃO DE SOUTO

(*De fóra*) E amanhã... João de Souto... (*Rescende dá entrada, e torna a fechar a porta.*)

SCENA II

OS MESMOS—JOÃO DE SOUTO

JOÃO DE SOUTO

(*Descalmado e jovial*) Só os dous!... Entre um padre e um frade, estou bem aviado... (*Offerece a mão aos dois.*)

PADRE RESENDE

(*Rindo-se*) Apenas preparavamos o pão...

JOÃO DE SOUTO

Porque fallavam no máo, que sou eu, bem entendo...

FREI CANECA

E eu que gósto muito dos bons entendedores, porque poupam-se as palavras... e principalmente quando os minutos são horas, como agora...

JOÃO DE SOUTO

O que não estariam a dizer das minhas doudices!... Pois vá lá... estou de veia para ouvir padres e frades do mundo inteiro... (*De repente mudando de tom e de aspecto*) São capazes de tomar-me a frente... pois eu juro que hei d'ir, ainda que vá só... Si não fui hoje... (*Tornando á jovialidade*) foi para que não ficasse peso na consciencia de ninguem... Queriam fallar-me, queriam fazer-me os seus sermões, aqui estou... (*Exaltando-se*) Ora vamos! todos de uma vez! machados na raiz! derru-

bem João de Souto!... Que desgraça! Acabou-se a geração de 1817? Serei eu o ultimo de tantos?!...

FREI CANECA

Não é n'esse teu tom, que os amigos conversam, João... Assim, todos podem fallar muito, nada se demonstra, e cada um fica na mesma... ou então, si alguém toma partido, é por instinto, por arrastamento da paixão... Quasi sempre, afinal, em vez de um tiro no alvo, dois... um palmo abaixo e um palmo acima... É preciso ser prudente um dia, João de Souto!

JOÃO DE SOUTO

(*Calmo, desembuçando-se e sentando-se*) Seja tudo pelo amor de Deus... Já estou desenganado: não passo de um doudo, para todos... Fallem, aqui estou, venham as demonstrações..... (*Ironico*) É a segunda escola esta noite: venho da casa do Serpa. Vamos lá, demonstrem... demonstrem que Luiz de Sá não suicidou-se, que Amelia não está deshonorada e louca, que Luiz do Rego não é capaz de outras cem infamias como aquella... Vamos, estou curioso...

PADRE RESENDE

(*Constrangido*) Não ha meio de chama-lo á razão...

FREI CANECA

Elle ha de attender-nos...

JOÃO DE SOUTO

(*Jovial*) E eu que ás vezes chego a pensar, que isto em vocês é fingimento!... Mal fallam em escorvar, vou logo disparando, e tiro-lhes o trabalho... Faço o que os amigos querem, e os amigos vão dizendo: foi João de Souto que é um doudo... A cousa é commoda, não ha duvida... (*Exaltando-se*) Palavra de goyannista! que-

ro crer, que vocês todos são uns hypocritas... Quem pode ver Luiz do Rego, com bons olhos?!... Luiz do Rego presidente da commissão militar, que enforcou tanta gente, que decepou mãos e cabeças, até de cadaveres já sepultados, para expo-las em postes... que mandou arrastar corpos pelas ruas, atados a caudas de cavallos... Luiz do Rego, que estabeleceu aqui no Recife uma policia militar, para surrar homens livres, e até mata-los no açoite, e pôr o ferro ao pé por motivos de vida privada e até de casamento... Luiz do Rego, o chefe de uma quadrilha de atrevidos e velhaços (46)... pois esse Luiz do Rego merece contemplações?!... não é um cão damnado?!...

FREI CANECA

Mas, João de Souto...

JOÃO DE SOUTO

(*Com volubildade*) Mas... mas... mas, já me vai faltando a paciencia... Para que abrem essa luta comigo?... Pois não viram na cadeia da Bahia?... Nem Antonio Carlos, nem ninguem... quebrei a cabeça do carcereiro... que ainda hoje, (*Mostrando raivoso os punhos*) si me apparecesse...

FREI CANECA

(*Sorrindo-se*) Fiquemos aqui, Resende, esperemos pelos outros... que, na falta do carcereiro, elle era capaz de quebrar a cabeça de um de nós dois... (*Batem*)

PADRE RESENDE

(*Indo á porta*) Amanhã?

FRANCISCO DO REGO

(*De fóra*) E hoje... Francisco, Sebastião, e mais tres. (*Entram, e Resende fecha cuidadosamente a porta.*)

(46) Veja-se A. J. de Mello, *Biog.* tom. 3.º pag. 35.

SCENA III

OS MESMOS—FRANCISCO DO REGO—SEBASTIÃO DO REGO—
1.º, 2.º, 3.º PATRIOTA

FRANCISCO DO REGO

(*Alegre e voluvel*) Já por aqui, João de Souto?... Eis-ahi uma pontualidade, que não me agrada muito?... Que boa noite apanhámos nós, que a policia está recolhida da chuva!... Bemdito o medo, que os marinheiros têm do trovão! (*Desembuçados todos, trocam apertos de mão.*)

JOÃO DE SOUTO

(*Jovialmente*) É o Benjamim dos patriotas este Francisco, não ha duvida... Ninguem dirá, que aquelle Sebastião é mais moço... quem o vê com os seus ares de decurião d'escola régia, espera com certeza um fidalgo de sola e vira... O Francisco é outra cousa... si o não cstragarem com fidalguias, ha de ser um homem para o povo, isto é, um homem para a forea...

SEBASTIÃO

É rixa velha, João... porque não deixo que Francisco, com as suas facilidades, aggrave as tuas doudices.

JOÃO DE SOUTO

(*Galhofeando*) Á melhor... á melhor... Padre Resende, Frei Caneca, ahi está o acolyto (*Indicando Sebastião*), não falta nada... Ora! ponho o coração á larga... antes de entrar eu bem sabia... Aqui está o novillo de Tejucupapo, como vocês me chamam... vamos! vaqueiros a cavallo!...

PADRE RESENDE

A occasião não é para gracejos...

FREI CANECA

Sim, fallemos serio, que a noite anda... Meus amigos, João de Souto quer fazer uma loucura, quer matar o governador... isto é, quer perder-se a si, e perder-nos a todos nós... Impressionado pela tragedia de hontem—horrible tragedia, com effeito!... diz e repete, que a sua resolução é inabalavel... Quem o tirará d'isto? Quem poderá salva-lo e salvar-nos?

JOÃO DE SOUTO

(*Serio*) Fallem franco, eu fallarei no fim.

FRANCISCO DO REGO

A affronta é grande... pode-se dizer mesmo que o caso toca a todos, e é de defeza propria... mas, parece-me arriscado o que João de Souto quer fazer... Embora o sangue da commissão militar, embora tudo, eu tremo á idéa do assassinato...

SEBASTIÃO

Só ha uma cousa certa: si morre um Luiz do Rego, vem outro Luiz do Rego, atrasa-se a causa da Liberdade, e pagamos dobrado nós todos...

1.º PATRIOTA

A gente do governador deve andar muito prevenida... Corre por ahi, que João de Souto quiz atirar no governador, frente á frente, na mexeriqueira...

2.º PATRIOTA

E o Merme anda mais violento do que nunca... dizem que até manda espiar e escutar pelas portas... Não se falla sinão na desgraça da casa do Sá...

3.º PATRIOTA

O governador passou hoje para o Mondego côm ordenanças dobradas...

PADRE RESENDE

Tudo diz, que Luiz do Rego está de sobreaviso... É impossivel! É loucura!

FREI CANECA

Todos temos razão, menos João de Souto... E devemos ainda considerar, que aos patriotas pernambucanos cumpre desmentir o conde dos Arcos, o sanguinario Marcos de Noronha, que nos chamou infames e bandidos (47)... Sim! (*Transportando-se*) uns infames e bandidos, que arriscaram as cabeças, com uma probabilidade a favor e noventa e nove contra... uns infames que não metteram as mãos nos cofres publicos, e os restituiram intactos... Infames e bandidos!... Com certeza, laçaios de rei não podem comprehender umas tamanhas grandezas... E fallam em Liberdade, os vendidos!... uma liberdade á portugueza, Luiz do Rego disfarçado em liberal para continuar a pisar-nos (48)... Nunca! (*Pausa, como reapossando-se de si*) Seja como for, João de Souto, o certo é que um verdadeiro patriota não mata, morre! (*Momentos de silencio.*)

JOÃO DE SOUTO

(*Levantando-se, dá alguns passos pela sala, e começa moderadamente.*) Não será egoismo... será amor de mim e de todos, isso que vocês estão a dizer... Não será medo, será prudencia... Mas, por Deus! (*Exaltando-se*) não me chamem louco, que enlouqueço de véras!... Assassino! assassino!... e os reis não assassinam?... Ah!

(47) Em uma proclamação.

(48) Veja-se a *Hist.* cit.

vocês não viram o que eu vi hontem... o marido morto, o meu melhor amigo!... e a mulher, tão bella e tão casta, tão amante e tão amada, deshonorada e louca!... Ah! vocês não receberam, no fundo de um carcere, o ultimo suspiro de um irmão venerado... não viram um irmão varado cobardemente por uma bala!... Ah! vocês não sentiram o frio da morte que eu senti, quando de volta da Bahia achei vasia a cadeira de meu pai, o genio da Liberdade em Tejucupapo!... (*A custo reprimindo as lagrimas, puzando os cabellos em desespero*) Não! não! vocês não sabem o que é soffrer!... (*Accento de raiva, levando a mão ao coração*) e sentir no peito o fogo vivo da vingança!... (*Senta-se, moderando o impeto*) Aqui... (*Mostrando a cicatriz da testa*) foi o baptismo... hei de morrer lutando... Cada um com seu destino! (*Descança a cabeça nas mãos.*)

PADRE RESENDE

(*A Francisco do Rego*) A ocasião parece boa... A presença de muitos exalta-o... Deixa-o comigo e Caneca...

FRANCISCO DO REGO

(*Depois de acenar aos companheiros, e batendo no hombro de João de Souto*) É tarde, João, até amanhã... Confiamos em teus instinctos de patriota... Até amanhã!... (*Aperta-lhe a mão, e o mesmo fazem os outros: João de Souto parece indifferente: sahem.*)

SCENA ULTIMA

JOÃO DE SOUTO—RESENDE—CANECA

JOÃO DE SOUTO

(*Levanta-se*) Até amanhã... (*Pausa, e depois vivamente.*) Dizei-me, padres, o que é a Eternidade?

FREI CANECA

Enigma, que só se decifra depois da morte (49) ...
 Acalma-te, João... Dizia um sabio da antiguidade, que
 não pode dominar os outros, quem não sabe dominar-se
 a si...

JOÃO DE SOUTO

Meu Deus! que duvida infernal!... Quem foi que
 disse, que o verdadeiro patriota não mata, morre?...
 Quero a prova!... Esperem... a minha unica ambição
 é que me chamem verdadeiro patriota, e para isto...
 (*Sacudindo a cabeça, e arfando como suffocado*) sacrifi-
 caria o meu filhinho, o meu Hortensio, e Belisario que é
 legado do padre Antonio... (*Arrebatado*) Esperem!...
 dizem que são meus amigos, e fazem tudo por enlouquecer-
 me!... (*Assobia forte o vento pelas fisgas das portas,*
cstoura o trovão) O sangue ferve-me na cabeça e no co-
 ração, mais do que ferve no céu a tempestade de Deus!

FREI CANECA

Comprehendo o teu desespero, meu amigo... "Que
 Liberdade é a nossa, si temos a lingua escrava! Que pe-
 rigo! Como escapar, si o Bryareo do despotismo tem cem
 mãos, armadas de ferro, fogo, veneno, e dos instrumentos
 da morte (50) ?!!.. Mas, repito: o verdadeiro patriota
 morre e não mata, porque Jesus, o patriota divino, mor-
 reu, e morte affrontosa...

JOÃO DE SOUTO

(*Meio calmo, sentando-se*) Morreu, sim... mas, de-

(49) « Carlos, amanhã decifrarei o enigma da Eterni-
 dade ». Palavras de Caneca, na vespera da execução, ao
 seu irmão de habito e confessor, Frei Carlos de S. José,
 depois Bispo do Maranhão, e por este repetidas aos disci-
 pulos e amigos.

(50) Frei Caneca, *Cartas da Pitia a Damão*.

pois toda a madeira da Judéa converteu-se em cruzeiros para os judeus...

PADRE RESENDE

Para um patriota a vida de qualquer homem é inviolável...

JOÃO DE SOUTO

E por isso mesmo o patriota deve defender a sua vida, que pertence á patria... Quando um patriota derriba um tyranno, defende a vida...

FREI CANECA

Não ha tal... é causa da morte de muitos, porque vem depois a vingança, a cruel vingança dos despotas...

JOÃO DE SOUTO

Mas, si o momento é decisivo... si chegou a hora d'aquelle valente do tempo dos hollandezes, em que "a honra e a salvação de todos está no braço e no coração de cada um." (51)

PADRE RESENDE

Não... não é o caso de agora, João... A honra e a salvação de todos nós está na prudencia, na paciencia de esperar o dia...

JOÃO DE SOUTO

(*Extremamente insoffrido*) Deus! porque nasci?... Que estão vocês apostados em atormentar-me de balde!... Padres, eu tambem li a Biblia... Judith cortou a cabeça

(51) Palavras de D. Luiz das Rochas e Borja.—Veja-se Gama, Mem. hist. tom. 2.^o.

de um homem que dormia... Simeão e Levi, porque violaram uma Dina que não era mais casta do que Amelia, levaram homens à espada, captivaram mulheres e crianças... Moysés matou o egypcio, e foi capitão do povo de Deus... Houve um propheta, que fez em postas o rei seu prisioneiro; e um general rebelde, que deu a beber aos cães o sangue de uma rainha... Padres, eu tambem li a Biblia!... Olho por olho, pé por pé... Sansão matou-se para matar comsigo innocentes e culpados... Jahel asyloou Sisara, deu-lhe um pote de leite, e enterrou-lhe depois um prego na cabeça... E a Biblia diz; que foi Deus pelas mãos de Judith, de Simeão e Levi, de Sansão, de Jahel, de todos... Deixem-me, padres, deixem-me... eu tambem li a Biblia...

FREI CANECA

Novo tempo, nova lei...

JOÃO DE SOUTO

(*Acenando como quem não quer ouvir*) Deixem-me... Não temo o juizo de Deus... creio na voz do meu coração...

PADRE RESENDE

Então é inevitavel a desgraça?...

JOÃO DE SOUTO

(*Resoluto*) Seja desgraça, embora... hei de ir... Si os outros se arrependem, vou só... Não percam mais suas palavras... (*Embuçando-se para sahir.*) Morra eu ou morra elle, será sempre uma lição ao despotismo... Sinto que Deus quer assim, vou... desenganem-se! Ha de contar-se que de Tejucupapo, sem duvida uma especie de Galiléa para Luiz do Rego, veio um patriota, que escreveu com sangue um protesto contra o rei de Portugal... um rei que não quer só a moeda, quer tambem o sangue

e a honra!... Jesus não quer que se dê a Cesar, o que não é de Cesar...

FREI CANECA

Jesus morreu para vencer...

JOÃO DE SOUTO

Porque era Deus... eu quero vencer matando, porque sou homem... Rei que tome os nossos filhos para estribeiros... as nossas filhas para cosinheiras... Digam o que quizerem, Samuel fallou claro, e a Biblia fez-se para todos os homens e para todos os tempos... Hei de ir... Adeus! (*Dirige-se para a porta.*)

PADRE RESENDE

Espera, João... Não tens pena do nosso Pernambuco?

JOÃO DE SOUTO

(*Firme*) É por isso mesmo... é porque tenho pena!... Luiz do Rego não matará outro Sá, não enlouquecerá outra Amélia... não mandará surrar mais ninguem, não presidirá outra commissão militar...

PADRE RESENDE

Resistes como uma rocha!...

FREI CANECA

É a rocha do patriotismo... Deus te falle ao coração, João de Souto!

JOÃO DE SOUTO

Tem fallado, e está fallando... (*Troveja forte*) A trovoadá que vai por aqui (*Leva a mão ao peito*) é mais forte... cem vezes mais forte!... Olhem! (*Delirante*)

Alli está o padre Antonio, morto!... Deus não me tirou a vida, Deus quer!... (*Fita o chão, como se visse o cadáver do padre Antonio*) Estás ouvindo, meu irmão?... (*Estende a dextra como na cadeia da Bahia*) Até que enfim!... vou desempenhar a palavra! (*Estoura o trovão, desce o panno.*)

2.º QUADRO—*Desempenho da palavra*

(21 de Julho de 1821—Recife)

JOÃO DE SOUTO	RESENDE..
MONTENEGRO	PORTUGAL
CANECA	SEQUITO DE LUIZ DO REGO

(*Espaço entre a ponte da Boa Vista e a rua do Aterro, hoje da Imperatriz: vê-se o principio da ponte: noite fechada.—Todas as scenas á meia voz, menos a ultima.*)

SCENA PRIMEIRA

JOÃO DE SOUTO—MONTENEGRO

JOÃO DE SOUTO

(*Embuçado, botas de montaria e esporas: chapeo de palha: faca e duas pistolas á cinta*) Os outros ficaram nos pontos?

MONTENEGRO

Ficaram.

JOÃO DE SOUTO

O meu cavallo?

MONTENEGRO

No Casimiro (52)... Mas, já é tarde, e com certeza o homem não passará hoje... Vamos...

JOÃO DE SOUTO

Não vou, vai tu si quizeres... D'aqui não arrede pé até amanhecer... Vê que na occasião cheguem o cavallo...

MONTENEGRO

És muito imprudente!...

JOÃO DE SOUTO

(*Severo*) Parece que tens medo!... Não eras para marido de irmã minha (53)...

MONTENEGRO

Cumpra-se o destino! (*Sahe.*)

SCENA II

JOÃO DE SOUTO—RESENDE

PADRE RESENDE

(*A secular*) João!... (*Fallando e andando cautelosamente.*)

JOÃO DE SOUTO

Por aqui, padre Resende!...

(52) Descampado onde é hoje o templo dos protestantes e visinhanças.

(53) Historico.

PADRE RESENDE

Ainda chego a tempo, graças a Deus!... Salva-te e salva-nos, João de Souto!

JOÃO DE SOUTO

(*Decidido*) Não estou aqui para outra cousa... Ha de ser hoje!... Si tivesse cumprido antes o juramento ao padre Antonio, não o teria renovado ao estrepito das gargalhadas de uma louca... Hoje fica desempenhada a palavra... Ha de ser hoje!

SCENA III

OS MESMOS—CANECA

FREI CANECA

(*A secular, embuçado, passa pelos dois, e volta*) Resende... João de Souto...

JOÃO DE SOUTO

(*Impaciente*) Ainda a luta de hontem!... Bem te conheço, Frei Caneca... bem sei, que te lavra no peito o fogo do patriota... Não fosse o escapulario, e estarias aqui comigo, seriam dois tiros...

FREI CANECA

Pela ultima vez te peço...

PADRE RESENDE

É inutil!...

JOÃO DE SOUTO

Inutil, sim, inutil... que eu obedeco a ordem de um morto, escripta com o sangue de um suicida, e lida em gargalhadas por uma louca, ao clarão da fogueira da minha raiva... Inutil, sim! não me peçam nada!... (*Moderando-se*) Ouçam... eu sim, tenho um pedido a fazer-lhes... e quem sabe si será o ultimo!... (*Procurando vencer uma grande commoção*) Ficam ahi uns restos da familia Souto-Maior... uma freira, uma louca, uma mulher que adorei de longe como um calceta da Liberdade... Luzia, Amelia que é tambem minha irmã pela desgraça, e Thereza... Amparem as fracas mulheres, ajudem o solitario José de Souto... E Belisario, uma reliquia do padre Antonio... E fica tambem... (*Sacudindo a cabeça, e como suffocado*) fica tambem Hortensio, meu filho... estais ouvindo?... meu filho! meu filhinho!... (*Dois passos incertos, e volta*) Padres, si eu morrer, amparem a todos... roguem a Deus pelo povo de Tejuapapo! Adeus! (*Estende as mãos, que ambos apertam.*)

PADRE RESENDE E FREI CANECA

João de Souto!...

JOÃO DE SOUTO

(*Soberanamente resolutto*) Adeus! Adeus!... O homem já disse o que tinha a dizer... o patriota vai fazer o que já devia ter feito!... Adeus!

PADRE RESENDE E FREI CANECA

(*Tristemente*) Adeus! (*Sahem: João de Souto acompanha-os com a vista: vai á entrada da ponte e observa: volta, examina as pistolas, que torna a recolher á cinta.*)

SCENA IV

JOÃO DE SOUTO, SÓ

JOÃO DE SOUTO

Não sei o que sinto... (*Allivo*) Medo, não... que eu hei de morrer, sem saber o que isso é... (*Alguns passos em silencio*) Não passará hoje?... Tenho fé, que ha de passar... e o primeiro tiro ha de ser meu... Como acreditaram os que lá estão, (*Apontando para a rua do Aterro*), que eu o deixaria passar, e ficaria á espera?... E dizem que conhecem João de Souto!... Ou eu, ou niuguem! A sua vida me pertence... (*Volta-se de subito para a ponte, como que escuta por momentos, e desaparece na rua do Aterro: scena vazia: apparecem na ponte, e passam em direcção á rua, officiaes militares, dous a tres paisanos, e algarves: de novo scena vazia, e momentos depois um tiro, seguido de gritos—ASSASSINO! PEGA O ASSASSINO!*)

SCENA ULTIMA

JOÃO DE SOUTO — PORTUGAL — ALGARVES — DEPOIS FREI CANECA

JOÃO DE SOUTO

(*Entra de cabeça descoberta, capote enrolado no braço esquerdo, na direita a pistola, na esquerda a faca: perseguido por todos, que repetem os gritos, vem como um Hercules, ora recuando, ora fazendo recuar*) Cobardes! Tantos contra um!...

PORTUGAL

Atira n'esse cabra... (*Um tiro.*)

JOÃO DE SOUTO

(*Avançando para Portugal*) Marinheiro! Quanto paga Luiz do Rego por tua mulher e tua filha?...

ALGARVE

(*Entrando precipitadamente*) Capitão, não foi nada, foi um ferimento leve...

JOÃO DE SOUTO

(*Recuando e estrondosamente*) Patria infeliz! Pela primeira vez João de Souto errou a pontaria!... (*Dispara a pistola, e cahe ferido um algarve: abre caminho para a ponte com a faca em punho, e da grade arremessa o capote e a faca ao grupo meio attonito, bradando—VIVA A LIBERDADE! DIGAM A SEU SENHOR, QUE AINDA HAVEMOS D'ENCONTRAR-NOS! Atira-se ao rio, correm todos para a ponte, e ouve-se a voz de Portugal—PEGA O ASSASSINO! ASSASSINO DO GOVERNADOR! Silencio por momentos, e a mesma voz—CANOEIRO É ASSASSINO DO GOVERNADOR, MATA-O! Outra voz ao longe—NÃO VEIO MAIS ACIMA, MORREU! Todos—VIVA O GOVERNADOR! Retrocedem correndo, e desaparecem na rua do Aterro.*)

FREI CANECA

(*Embuçado: tem entrado, quando João de Souto se atira ao rio, e permanece de olhar fito para o grupo, até que este desaparece*) Paz ao patriota, que lutou até morrer!... Avante! nós que ficámos... Por mim, saberei encarar a minha vez, espero em Deus... A posteridade saberá honrar-te a memoria, João de Souto-Maior!... Si foi um delirio esse teu... sublime delirio!... mal que só ataca as almas grandes!... Homraste o teu nome e a tua terra!... Adeus!... Quem sabe si até breve!?... (*Sahe: desce o panno.*)

Acto Quarto

O cedro no chão

(23 de Julho de 1821—Recife)

MONTENEGRO	1.º, 2.º, 3.º	HOMEM DO POVO
LUZIA		SARGENTO
COITINHO		ALGARVES

(*Vista da rua Nova, hoje do Barão da Victoria, calçada do oitão da matriz.—Sentado em uma cadeira, o cadaver de João de Souto, como foi achado no rio, tendo-se lhe accrescentado o capote e o chapeo, as pistolas e a faca.—Guarda de algarves com um sargento.—Um edital affixado, tendo em lettras grandes, no alto, 1:000\$000.—Cinco e meia para seis horas da tarde.*)

SCENA PRIMEIRA

SARGENTO—ALGARVES

SARGENTO

Louvado seja o Senhor Bom Jesus do Monte... Beu é esta!... quasi noite, e nós ainda de guarda a este cabra faquista...

ALGARVE

E não era para graças... Até os siris, pelos modos, tiveram medo... mal tocaram no defuncto...

OUTRO

Mas, foi varada mestra!... que benta mão de cano-eiro!...

OUTRO

Valeu mais, Deus louvado, a tal varada, do que o tiro de balas e quartos, que levou o governador...

SARGENTO

Pelas almas! é de jurar que se apostaram para não passar por aqui... Ha duas horas, nem viva alma... Estou em jurar, que não apanhamos quem conheça o cabra...

ALGARVE

Ora vamos e venhamos, sôr sargento, era um cabra valente...

SARGENTO

Valente, ora é boa!... si estava bebado...

ALGARVE

Santa Cruz de Ourique! o que seria si não estivesse?...

OUTRO

Não val negar o que está á vista... vinte cabras d'aquelles, espalhados por esta grande terra a dentro, haviam dar o que fazer á gente...

SARGENTO

E como irá o governador?

ALGARVE

Ora historias! qualquer de nós já estava pelo menos na fachma...

OUTRO

Lá isso é... Também elle já anda na sua fachuca d'elle, como si dissesse boa carne, bom vinho, boa moça... Viva Deus! não ha nada como a gente ser grande...

SARGENTO

E por fallar em moça... vocês sabem alguma coisa? Dizem que houve uma noite d'estas uma historia na casa de um alferes miliciano...

ALGARVE

A fallar a verdade, si é como dizem, a cousa é feia... A moça endoudeceu; e o moço, quando veio do rebate, zás... uma corda, um tiro, não sei cá o que foi, mas fez viagem para o outro mundo...

SARGENTO

Aqui para nós que ninguem nos ouve... o homem perde a cabeça em negocio de moças e de jogo... é um nunca acabar... *(Interrompendo-se)* Olé... rapazes, lá vem um... aproveitemos, que pode ser o derradeiro...

SCENA II

OS MESMOS—MONTENEGRO

MONTENEGRO

(Disfarçado em pescador do Cap baribe: rede ao hombro, e mais ptrechos do officio: entra e fita de longe a cadaver) Parece-me impossivel!... Um nadador como elle era, e a maré vasia... Desejei tanto ver com os meus olhos, e estou arrependido... mas, já agora, vou passar... *(Segue na direcção do cadaver.)*

SARGENTO

Faça alto, amigo, que temos negocio... Chegue-se, e venha dizer-nos, si conhece este heróe...

MONTENEGRO

(*Approxima-se, e ao encarar o cadaver deixa cahir o que tem nas mãos, e leva-as ao rosto*) Que desgraça, meu Deus!

SARGENTO

(*Vivamente*) O nome d'este homem? Já e já! venha lá isso...

MONTENEGRO

(*Recapossado de si*) Não sei, nunca o vi...

SARGENTO

Ora, vá contar a outro... E porque teve tanta pena?... Estava até em jurar, que o defuncto é coisa sua...

MONTENEGRO

Tive pena, porque é um pernambucano, e eu sou um pernambucano...

SARGENTO

Olé... que pomba sem fel!... Diga-me cá, sôr garoto, quantas mortes tem lá no matto?... Então, não sabe o nome do homem?... Ora falle, tenha pena da sua pelle... O asno já é morto, e não val essa sua cevada... Olhe cá o edital (*Apontando*): a occasião é boa de ganhar muito dinheiro com pouco trabalho.

MONTENEGRO

Si já disse, que não conheço o homem...

SARGENTO

(*Desabrido*) Olá um... Vá para o commandante, sôr patriota das duzias, que elle tambem faz milagres, dá vista aos cegos, falla aos mudos, e ouvido aos surdos...

MONTENEGRO

Mas, o que fiz eu?

SARGENTO

Não quero séccas... rua! (*Sahe Montenegro com o algarve, que o segura pelo cós.*)

SCENA III

SARGENTO—ALGARVES—1.º, 2.º, 3.º HOMEM DO POVO, *um após outro.*

1.º HOMEM

(*Olhando*) Que pena! tão valente!...

SARGENTO

Por aqui, amigo, veja cá si conhece este homem...

1.º HOMEM

(*Encarando*) Não.

SARGENTO

Olhe bem... nunca o viu?

1.º HOMEM

Nunca.

SARGENTO

(*A' parte*) Este não dá pretexto para a surra do Merme... (*Alto*) Pois não quer ganhar um conto de réis, homem de Deus!?!...

1.º HOMEM

(*Disfarçando a raiva*) Já lhe disse, que não conheço... (*Affasta-se, e pára ao largo: vem chegando outro.*)

SARGENTO

Alto! rapaz... faça caminho por aqui... venha ver este seu patricio...

2.º HOMEM

Ha lei nova de olhar para os defunctos?...

SARGENTO

(*A' parte*) Como vai esta canalha de patriotas!...
(*Alto*) Ha, sim, para este defuncto... quem o conhecer, é obrigado a dizer-lhe o nome, e paga-se em cima... O negocio é bom...

2.º HOMEM

Pois eu nunca o vi, não o conheço...

SARGENTO

E não leste o edital? (54)

(54) Luiz do Régio offereceu um conto de réis ao homem livre, e a alforria ao escravo, que dêsse noticia certa a respeito do cadaver. Officio de 23 de Julho ao Ouvidor Maia.

2.º HOMEM

Lá na sua terra mente-se por um conto de réis? (*Afasta-se, pára junto ao primeiro, vem chegando o terceiro.*)

SARGENTO

A cabralhada está toda apalavrada... (*Vendo o 3.º Homem*) Por aqui, meu fidalgo, venha dizer-me o nome d'este defuncto...

3.º HOMEM

(*Modos ainda peiores do que o segundo*) Não sou sacristão, nem coveiro... não tenho nada com defunctos...

SARGENTO

(*A' parte*) De melhor a melhor... Si o governador não toma uma medida, elles querem ser donos da terra... (*Alto*) Ora, falle a verdade... si conhece quem lhe pagou, para fazer o que fez, diga tambem...

3.º HOMEM

(*Vivamente*) Si elle fosse vivo, havia de responder-lhe... Não sei quem é, não conheço... (*Vai a encontrar os dois.*)

SARGENTO

Está bonito!... vai anoitecer, e não se arranja nada...

OS TRES HOMENS

(*Entre si, a um tempo*) João de Souto... (*Sahem.*)

SCENA IV

COITINHO—SARGENTO—ALGARVES

COITINHO

Então?... ainda nada?...

SARGENTO

Nada, sôr commandante... e eu era capaz de jurar, pelo Santo Christo milagroso lá da minha terra, que elles todos o conhecem...

COITINHO

Cambada!... Logo que anoiteça, tira-lhe tudo, e manda para o estado-maior... O corpo... (*Falla ao ouvido do Sargento, e continúa alto*) Todo o cuidado... que ninguem saiba...

SCENA V

Os MESMOS—LUZIA

LUZIA

(*Disfarçada com o timão preto das mulheres do tempo*) Quero ver com os meus olhos... Virgem Santissima! ajudai-me a correr toda a minha via sacra... (*Vai para o grupo.*)

COITINHO

Uma mulher!... Ha de fallar...

SARGENTO

Faça alto, barata (55)... Chegue-se, e venha di-

(55) Alcinha das mulheres de timão.

zer o nome d'este innocente, que morreu afogado... Mulher de timão conhece a terra toda...

LUZIA

(*Approxima-se, e em vão quer firmar a voz*) Não... não conheço... não sei quem é...

COITINHO

Está tão tremula!... O que tem?...

LUZIA

(*Já senhora de si*) As mulheres da sua terra olham indifferentes para espectaculos d'estes?... Si assim é, são dignas dos portuguezes... ao menos dos que têm vindo por cá...

COITINHO

Palavra de honra, minha patriota de corpo de igreja, essas suas fallas não me parecem de mulher de timão...

LUZIA

Pois as suas não enganam... bem se vê que são de corpo de guarda...

COITINHO

(*Arrebatado*) A palmatoria é tambem para as saias, está ouvindo?... (*Puxando-a pelo braço*) Ora, venha cá... já agora, com mil diabos, hei de achar o segredo d'essa sua rhetorica... Veja si conhece, n'esta nova posição... (*Descarrega uma bofetada no cadaver (56), que se desalinha, e Luzia recua horrorisada.*)

(56) E' de tradição, que o cadaver foi esbofeteado.

LUZIA

Deus! oh Deus! quando chegará a tua justiça?!...

COITINHO

(*Imperioso*) Mulher, o nome d'este assassino?

LUZIA

Assassino?... Deus conhece os assassinos... Não sei quem é... Sei sim, que os turcos de Mafoma descobrem-se quando passam por um morto, e os portuguezes de Christo dão bofetadas em cadaveres...

COITINHO

Tamanha insolencia!... nem que fosse irmã d'este atrevido... (*Apontando para o cadaver*) Olá! (*Para os Algarves*) com ella para o Merme... Já!.. (*Os Algarves se approximam, Luzia mostra-se em seu habito de freiras, e elles estacam*).

LUZIA

O que hei de fazer, si sou uma fraca mulher!...

COITINHO

(*Estupefacto*) Uma freira!... Sempre foi uma imprudencia a sua, que não sei explicar... Vá-se em paz, que aqui não é o seu lugar... (*Ao Sargento, apontando para o cadaver*) Para o corpo da igreja, e não esqueças nada... (*Os Algarves retiram o corpo: Coitinho sahe em outra direcção.*)

SCENA ULTIMA

LUZIA, só

LUZIA

Meu pobre irmão!... minha pobre terra!... Quando pensei, que os meus olhos haviam de ver o que vi?... (*Vivamente*) Irmão da minha alma! só depois de morto elles podiam injuriar-te... (*Pausa*) Uma bofetada em homem morto!... (*Indignada*) Almas vis! ou a insolencia do lacaio, ou a superstição do idiota!... (*Dolorida*) Virgem Maria, que dor na minha alma! (*Transição: delirio*) Não tenham medo, descendentes dos valentes cavalleiros portuguezes, não tenham medo... Não vêm?... o cedro está no chão... Tambem os judeus deram bofetadas em Jesus... não tenham medo, outra... quem já viu o cedro no chão tornar a levantar-se?... (*Reapossando-se de si*) Coragem, Luzia de Souto-Maior! não te pertences... torna a tomar a tua cruz... pertences aos restos da familia... (*Exaltando-se*) Querem a luta?... Hei de lutar, juro!... Suba até o céu a voz dos opprimidos, e caia sobre os oppressores a mald... (*Estacando, ajoelhando-se, e levantando os olhos e as mãos*) Virgem Mãi de Deus, perdoai-me, e rogai por elle ao vosso Filho!... (*Quadro: desce o panno.*)



Aeto Quinto

A voz de Deus

(Agosto de 1821—Tejucupapo)

CANECA
LUZIA
MARIANA
AMELIA

HORTENSIO
BELISARIO
COITINHO
ALGARVES

POVO DE TEJUCUPAPO

(Frente da propriedade dos Soutos: largo alpendre sobre columnas de tijolo, guarnecido com bancos de páo, e dando para um pateo.—Sete horas da manhã.)

SCENA PRIMEIRA

LUZIA—CANECA

LUZIA

(Do alpendre fallando para o campo). Vocês não têm trabalhado como devem... Estão sempre a fallar no Sr. João de Souto, a jurar que fazem tudo pelo Sr. João de Souto, e não se lembram que elle pode chegar de um momento para outro... Elle é muito bom, mas é muito zangado, quando não se faz o que elle manda... Trabalhem, eu peço... Quero vê-lo contente, quando chegar... quero que seja dia de festa, e só de festa...

FREI CANECA

(Fechando o livro em que lia) Que tarefa, irmã Luzia!...

LUZIA

Ah! meu padre, só eu sei quanto me custa este fingimento... Parece-me até um peccado... Uma casa que devia estar de luto...

FREI CANECA

Tambem me custa, mas é preciso...

LUZIA

(*Tirando do bolso uma carta*) Sempre comigo... bem vê que sou prevenida... E seremos capazes de illudir com esta carta, meu padre?

FREI CANECA

Tentemos, e com animo... Si chegam a suspeitar, varrem a familia Souto-Maior...

LUZIA

(*Varonilmente*) Isso não, ainda que me seja preciso armar o braço!... Padre, não me abandone, ajude-me a salvar os restos de um immenso naufragio...

FREI CANECA

Esteja descansada, que eu não sahrei d'aqui...

LUZIA

(*Transição: em tom de magoa*) Mas, é muito, meu padre, é muito, não sei si posso resistir!... Sacrifiquei sonhos de donzella, tomei estes habitos, fui á Bahia, voltei sem o padre Antonio, fui visitar a cova de meu pai... e depois Manoel... e agora João, a melhor esperanza... E' muito! é muito!... não posso...

FREI CANECA

Assim, com estas constantes recordações... si fizesse por ir esquecendo...

LUZIA

(*Com a mão sobre o coração*) Esquecer-me!... quando tudo me está gritando aqui, a todo o instante... Só na cova!... D'aqui até lá, deixem-me desafogar, deixem-me fallar... (*Pausa*) Já estávamos resignados, meu padre... vivíamos trabalhando, João e todos... Veio um padre... um padre, meu Deus!... e foi-se tudo, que a tempestade rolou pela alma de João de Souto, até que o raio o derrubou quasi aos pés de Luiz do Rego!... (*Chorando*) Padre, eu adoro a vontade de Deus, e creio na sua justiça... mas, é muito!... é demais!...

FREI CANECA

(*Severo*) Desconheço a irmã Luzia... parece que foi-se a mulher forte!... “Si Deus sustenta os peixes no mar, as aves no ar, e os animaes nas mattas, como não ha de sustentar aquelles que fez á sua semelhança? Confie na Providencia, que não será enganada”... (57)

LUZIA

(*Humilde, beijando a mão do padre*) Não me falte com a sua benção, e verá que não ha de faltar-me a coragem nos momentos de perigo... Mas, quando estamos assim... no silencio d'estas paredes que choram, deixe-me tambem chorar, deixe-me regar a alma queimada pelo fogo de uma longa série de immensas desgraças... (*Cobrindo o rosto com as mãos, em soluços*) Pois ha quem soffra como eu, e não chore muito, e não morra!?

(57) Palavras de Caneca, em carta á sua afilhada Carlota.

FREI CANECA

(*Brandamente*) Deus a abençõe, como eu de todo o coração a desculpo... Si lembro-lhe a calma, que é irmã da verdadeira firmeza d'animo, é por nós todos que aqui estamos... Quem sabe, si não será hoje?... Acho impossivel, que afinal não se lembrem de Tejucupapo...

LUZIA

(*Acalmando-se*) Tem razão, meu padre, tem razão... E' preciso que nos achem com todas as nossas forças, da alma e do corpo... E mesmo assim... (*Volta a observar o trabalho: Caneca senta-se, e abre um livro.—Amelia canta no interior da casa:*)

Amor, si fordes levai-me,
Si ficardes ficarei,
Sinão, meu amor, matai-me,
Que viver sem vós não sei.

Esta noite á meia-noite
Vi cantar e vi chorar,
Eram dois corações juntos,
Que queriam se apartar. (58)

(*Fallando, depois de uma risada*) Ora esta!... que susto eu tive!... Onde estava escondido no seio o botão de rosa que o meu Luiz me deu!... foi no dia do casamento... pensei que tinha perdido... Não dou a ninguem... que lindo botão de rosa!... (*Canta, em outra toada:*)

Que lindo botão de rosa
Aquella roseira tem!
Acima ninguem lhe chega,
Abaixo não vai ninguem. (59)

(58) Quadrinhas populares. Vid. not. á pag. 242.

(59) Môte glosado pelo Padre Manoel de Souza Magalhães. Vid. Biog. de A. J. de Mello.

LUZIA

Sempre cantando... a pobre louca... tão infeliz!...

FREI CANECA

Quem sabe, si não é a pessoa mais feliz d'esta casa!...

LUZIA

E' verdade, quem sabe!... A loucura é como o esquecimento... (*Ouve-se a risada destemperada de Amelia, que entra.*)

SCENA II

OS MESMOS—AMELIA

AMELIA

Não era general... Pois não estou dizendo sempre?... (*Batendo com o pé*) Fallam... fallam... e si Luiz chegar de repente?... Não era general, já disse... Pois assim vestido de soldado?... (*Phrenetica*) Ah! hei de matar todas as aranhas... logo ninguem falla mais em general...

LUZIA

Amelia... Amelia, o que é isso? Não toma a benção ao Sr. padre?...

AMELIA

(*Humilde*). Perdôe-me, Sr. padre... (*Beija-lhe a mão, e depois a de Luzia*) Bom dia, irmã Luzia... como está?

LUZIA

Estou zangada com você, porque não me ouve...

FREI CANECA

E tambem eu...

AMELIA

(*Supplicante*) Não briguem comigo, não... eu fico socegada... Tenho tanto medo das aranhas... Hei de mata-las todas... Olhe, Sr. padre, si não... pode voltar o anão, depois o gigante... Ah!... (*Horrorizada*) Luiz! meu Luiz!... não entres! (*Batendo com o pé*) Não quero ouvir o tiro... Quem me dá um punhal?...

FREI CANECA

(*Asperamente*) D. Amelia!...

AMELIA

(*Contendo-se*) Sim... sim... eu fico socegada... Brigam tanto comigo, e não me dizem o que eu quero... E o meu Luiz?... E o Sr. João de Souto?... Todos os dias estão chegando, e não chegam nunca... Você, irmã Luzia, está me enganando... e o Sr. padre tambem... Eu rezo todas as noites á Virgem Maria... como é bonita a Virgem do nosso oratorio!... peço-lhe que falle, e ella não falla...

LUZIA

E' que a Virgem Maria tambem está zangada com você, e tambem o seu Luiz, e tambem João de Souto...

AMELIA

(*Afflicta*) Tambem o meu Luiz?... E' impossivel!...

LUZIA

Todos, todos... porque Amelia não tem modo, parece uma menina... Si você quizer, que Maria Santissima lhe traga o seu Luiz, ande socegada...

AMELIA

(*Humilde*) Sim, muito socegada... muito socegada... não me levanto mais... (*Vai de mansinho sentar-se em um banco.*)

LUZIA

Tambem assim, não, Amelia... Passeie, vá ver Thereza que está doente... ella gosta tanto de você...

AMELIA

(*Levantando-se*) Thereza?... eu tambem sou muito amiga de Thereza... E' verdade, irmã Luzia, eu queria perguntar... porque é que Thereza, quando tem febre, falla sempre no Sr. João de Souto?...

LUZIA

Por nada... Quando uma pessoa tem febre, falla sempre n'uma cousa só, uma cousa qualquer...

AMELIA

(*Scismando*) Eu sei, irmã Luzia... você não estará enganada?... Eu cá, penso outra cousa, que hei de dizer a ella só... Pois eu não tenho febre, e fallo sempre no meu Luiz... Escute aqui, irmã Luzia... Em chegando os dous amigos, faça-se o casamento... entende o que eu estou dizendo?... Thereza fica logo boa... Luiz o padrinho, e eu a madrinha...

LUZIA

(*A' parte*) Que supplicio!... (*Alto*) Sim, Amelia, quando elles chegarem, tudo será alegria n'esta casa...

AMELIA

(*Rindo-se e batendo palmas*) Oh! como ha de ser bonito!... que festa grande!... Vou dizer a Thereza, e fica logo sem febre. Já volto. (*Sahe correndo.*)

SCENA III

LUZIA—CANECA—HORTENSIO—BELISARIO

HORTENSIO E BELISARIO

(*Entram correndo*) A benção, mamã Luzia...

LUZIA

(*Reprchendendo*) E o Sr. padre?... (*Os meninos não beijar a mão de Caneca, que os affaga: voltam e beijam a mão de Luzia.*)

HORTENSIO

E papai?... Mamã Luzia não me disse, que elle chegava hoje, si eu dormisse logo?... Pois dormi toda a noite...

LUZIA

Logo vem... E' porque anda procurando dois carneiros muito bonitos, um para cada um...

BELISARIO

(*Para Hortensio*) Eu te ensino a montar...

HORTENSIO

(*Triste*) Ha tanto tempo!... Olhe, mamãe Luzia, todos os dias, quando eu acordo de noite, vou logo olhando para ver si a rede de papai está armada junto da minha... e nada... e fico com vontade de chorar...

BELISARIO

Eu tenho pena d'elle, mamãe Luzia, e digo que torne a dormir...

LUZIA

Pois quando acordar, Hortensio, reze por papai á Nossa Senhora...

HORTENSIO

Eu rezo sempre o que elle me ensinou...

BELISARIO

Mamãe Luzia... Hortensio, eu conto...

HORTENSIO

Belisario...

LUZIA

Conta, Belisario, o que foi?

BELISARIO

Elle diz que está como eu, que tambem não tem pai, que tio João morreu no Recife...

LUZIA

(*Com vivacidade*) Quem foi que andou te enganando, Hortensio...

HORTENSIO

Não foi ninguém não, mãe Luzia, fui eu mesmo...
(*Amuado*) Eu contei a Belisario, e elle foi contar...
(*Chorando*) Eu vi de noite, não sei qual foi o dia... vi
papai morrendo afogado, e dizendo-me adeus...

LUZIA

Si nunca viste o Recife...

HORTENSIO

Só lá... no rio d'aquí papai não se afogava...

LUZIA

(*Beijando-o*) Não chores... foi sonho, Hortensio...
O sonho não é nada... Vão os dous... vão brincar...
vão ver os pombos e os passarinhos...

BELISARIO

Vamos, Hortensio. (*Sahem os dois.*)

FREI CANECA

(*Levantando-se*) Oh Natureza! Como a força de
Deus se ostenta na fraqueza das crianças!

SCENA IV

LUZIA—MARIANA—CANECA

MARIANA

Bom dia, Sr. padre. (*Beija-lhe a mão.*)

FREI CANECA

Então, D. Mariana, está melhor de suas apprehensões?

MARIANA

Sempre na mesma, Sr. padre... Só hei de crer quando vir... Não ar, nas fallas de Luzia, estou vendo... sim! grande desgraça aconteceu a João de Souto!...

LUZIA

Pois eu não sei mais o que te diga...

FREI CANECA

E por nada, vive a affligir-nos...

MARIANA

Não está em mim... Vejo que Luzia esconde a verdade com pena de mim... e para não desanimar este povo de que tanto precisamos...

FREI CANECA

Parece que viu e ouviu, tudo isso que está dizendo!...

MARIANA

(*Chorando*) Si vejo!... Sim, João de Souto morreu, morreu!...

LUZIA

Varre essas idéas, Mariana, ajuda me a cuidar de nossa casa... Os trabalhos do campo... os meninos... Amelia douda... Thereza morrendo aos poucos com a febre...

MARIANA

Ellas são mais felizes do que eu...

FREI CANECA

Mas, diga, D. Mariana, si fosse como pensa, era para perder a coragem, e aggravar a má sorte de toda a familia?...

MARIANA

Não sou como Luzia... a coragem não está em nossas mãos...

FREI CANECA

Engana-se, até certo ponto está... A vontade, a reflexão, diminue muito o medo... A desgraça é inimigo cobarde, que só devasta, onde acha medo...

MARIANA

Essas suas palavras, Sr. padre... si eu tivesse alguma duvida... Será o que Deus quizer... (*Ouve-se a gargalhada de Amelia.*)

SCENA V

OS MESMOS—AMELIA

AMELIA

(*Correndo*) Eu vi... longe, muito longe... todos são generaes, e todos vestidos de soldado!... (*Ri-se destemperadamente*) Quem já viu isto?... Pois eu vi... (*Com raiva*) E dizem que estou douda!... Haviam de ver, si eu fosse um homem... qual homem!... si eu tivesse um punhal o meu Luiz havia de ver... O gigan-

te não teria tempo... Ah!... (*Faz menção de ferir, abre a mão como deixando cair a arma, e recúa espavorida.*)

LUZIA

Amelia!... o que é isto?...

FREI CANECA

Deixe... deixe fallar...

AMELIA

(*Em pleno desvario*) Elle ahi vem... Jesus!... agarra-me... aperta-me... ai!... (*Um grande grito*) Que homem tão infame!... (*Pausa, em convulsões: cobre e descobre o rosto, fita o chão, e desprega uma risada*) Ora!... ora!... não foi nada, Luiz... venham ver... ora isto!... pois não era uma aranha!... Já viram?... Esperem... vou mata-la... não quero que suba pela parede... (*Corre, e esfrega o pé no chão.*) Agora sim, meu Luiz... (*Como desencalmada*) agora sim, podes vir... P'siu!... os sinos já não tocam... elle não tarda... (*Tirando do seio um botão de rosa*) Foi do dia do nosso casamento... Si eu me lembro sempre do dia do nosso casamento...

FREI CANECA

Sim, D. Amelia, Luiz tambem se lembra... Mas, o que foi que viu lá longe?...

AMELIA

Thereza me disse que não via nada... mas, eu vi... vi, que não estou douda... vi muitos generaes... não!... quem já viu general vestido de soldado!?... (*Com volubildade*) Não sabem?... João de Souto... o Sr. João de Souto... o amigo do meu Luiz... pois não sabem?

(*Afflicta*) mataram o Sr. João de Souto!... E Luiz... o meu Luiz... (*Grito de horror, e serenando*) Não... não pode ser... elle ha de vir... aquelle tiro que eu ouvi... (*Afflictiva indecisão*) sim... não... sim... pois não entendem o que eu quero dizer?... aquelle tiro foi na aranha... foi... foi... o meu Luiz vem hoje com certeza... quero vestir o meu vestido de casamento... elle vem hoje... tragam-me flores, muitas... vem... e si não vier... vou eu... ah! quem déra que fosse já!... (*Tem-se chegado a um dos bancos, e senta-se em prostração*) E dizem nos livros, que se morre de saudade!...

MARIANA

Sr. padre, até a douda!... (*Afflicta*) Porque não me desengana... porque não me diz, que João de Souto morreu?...

FREI CANECA

(*Austero*) Digo-lhe, que é preciso reflexão e coragem...

LUZIA

(*Alongando a vista pelo campo, e chamando*) Padre... Sr. padre...

FREI CANECA

(*Approxima-se, e olha na direcção do dedo de Luzia*) Vejo um grupo... é talvez gente do povo que vem saber novas de João de Souto... ha dois dias que vieram...

LUZIA

Prouvéra a Deus, padre!... Repare... os olhos da louca adivinharam... são algarves...

FREI CANECA

(Observando, depois á meia voz) E' o momento decisivo... ajude-me... conte comigo...

LUZIA

(A' meia voz) Sabe o subterraneo?

FREI CANECA

Sei.

LUZIA

Pois é por alli... para a matta... não ha outro caminho de salvação... Si for preciso que eu fique, não importa...

FREI CANECA

Ficaremos çois...

MARIANA

(Que tem chado para o campo, enquanto os dous fallam) Luzia, que gente é aquella?... são soldados?...

LUZIA

(Com decisão) Sim, são... Coragem! ou estamos todos perdidos!...

MARIANA

Meu Deus!... bem me dizia o coração!...

AMELIA

(Tem se levantado, quando Mariana começa a fallar: observa o campo, e volta socegradamente para o banco)

Já estão perto... Que me importa o barulho d'essa gente?... Socegada... elles chegam, e eu bem socegada... quando vir o meu Luiz, corro... abraço me com elle... ninguem é capaz de tomar-me o meu Luiz... Estão perto...

SCENA VI

OS MESMOS—COITINHO—ALGERVES

COITINHO

(*Sem descobrir-se e arrogante*) E' esta a casa de uns Soutos?

LUZIA

(*Com segurança*) Sim, Sr. commar dante...

COITINHO

Quero fallar com um afamado João de Souto.

LUZIA

Anda em viagem pelo centro...

COITINHO

(*A' parte*) Ter-se-hia enganado o governador?
(*Alto*) Pois não é o que dizem lá pelo Recife...

LUZIA

(*A' Mariana*) Toda a coragem! (*A Coitinho*) De lá quasi nada sabemos... aqui tão longe ..

COITINHO

(*Ironico*) Pois parece impossivel... falla-se tanto... a cousa foi tão estrondosa... Pois vá lá... Dizem, que foi João de Souto que deu o tiro no governador, e que um canoeiro matou-o quando atirou-se ao rio...

FREI CANECA

Com sua licença, Sr. commandante... São apenas conjecturas... venho de lá, e ninguém conheceu o cada-ver... São suspeitas sem fundamento...

LUZIA

(*Mostrando uma carta*) Sem fundamento, são, Sr. commandante... Aqui está uma carta d'elle, que ha poucos dias recebi do rio S. Francisco... Si o Sr. commandante quer ler...

COITINHO

Não... pode guardar a sua carta... não conheço a letra do homem... (*Tomando de um dos algarves um embrulho, abre-o, arremessa ao chão armas e roupas de João de Souto*) Sabem me dizer, quem é o dono d'isto? (*Luzia e Caneca olham com indifferença: Mariana dá um grito e chora.*)

LUZIA

Que idéa, Sr. commandante!...

COITINHO

(*Com satisfação*) Ora, que idéa!... Muito boa idéa... não podia haver melhor... Tão boa, que já não tenho duvida...

FREI CANECA

Porque uma mulher chora, á vista das roupas de um morto...

COITINHO

Sermões não valem agora... Estão todos presos á ordem do governador...

AMELIA

(*Levantando-se de arrebate, e vindo ao meio da scena ás gargalhadas*) Governador... governador... ora vejam!... si é governador, é general... (*Risada, apontando para os Algarves*) Vejam... vejam... quem já viu?... estão vendo?... ora esta!... general vestido de soldado! (*Apavorada*) Luiz, meu Luiz, agora não... espera... não venhas... espera... eu vou... eu vou... (*Sahe correndo e rindo-se.*)

COITINHO

Mais esta!... Hei de carregar um frade e uma dou-da...

LUZIA

(*Firme*) E tambem uma thysica, que talvez tenha d'enterra-la no caminho, e mais duas crianças... Mas, veja que eu sou uma freira, e preciso de algumas horas para mandar a Goyanna...

COITINHO

Pois vá lá... só partiremos amanhã... (*Ironico*) Tenho alguma cousa que fazer por aqui, e os meus rapazes (*Indicando os algarves*) precisam de tomar folego... Mas, vejam bem... está tudo cercado, e a ordem é de leva-los a tiro...

FREI CANECA

Não tenha receio, Sr. commandante... não ha de gastar connosco as suas balas... (*Sahem todos, menos Coitinho e Algarves: estes vão encostando as armas, e tomando uns machados que traziam.*)

COITINHO

Isso mesmo... toca a desmanchar este coito de assassinos...

ALGARVES

Viva o governador! (*Começam a tarefa, entrando e sahindo, e vociferando a trechos:*) Viva o governador! (*De repente ouvem-se tiros, e muitos brados—VIVAM OS PATRIOTAS!*)

COITINHO

Resistem?... Que desaforo!... Carreguem á bayoneta... matem, não prendam, matem... arrasem... toquem fogo... (*Os Algarves tomam as armas, sahem por aqui e por alli, e muitos entram na casa: tiros e brados—VIVA O GOVERNADOR! VIVAM OS PATRIOTAS! Começa o clarão do incendio, que vai crescendo, até que no fim do acto illumina toda a scena.*)

UM ALGARVE

(*Correndo*) São muitos, Sr. commandante... (*Sahe em outra direcção.*)

COITINHO

Que canalha atrevida! (*Fallando para fóra*) Fogo! fogo! arrasem tudo... são ordens do governador...

FREI CANECA

Porque uma mulher chora, á vista das roupas de um morto...

COTTINHO

Sermões não valem agora... Estão todos presos á ordem do governador...

AMELIA

(*Levantando-se de arrebate, e vindo ao meio da scena ás gargalhadas*) Governador... governador... ora vejam!... si é governador, é general... (*Risada, apontando para os Algarves*) Vejam... vejam... quem já viu?... estão vendo?... ora esta!... general vestido de soldado! (*Apavorada*) Luiz, meu Luiz, agora não... espera... não venhas... espera... eu vou... eu vou... (*Sahe correndo e rindo-se.*)

COITINHO

Mais esta!... Hei de carregar um frade e uma dou-da...

LUZIA

(*Firme*) E tambem uma thysica, que talvez tenha c'enterra-la no caminho, e mais duas crianças... Mas, veja que eu sou uma freira, e preciso de algumas horas para mandar a Goyanna...

COITINHO

Pois vá lá... só partiremos amanhã... (*Ironico*) Tenho alguma cousa que fazer por aqui, e os meus rapazes (*Indicando os algarves*) precisam de tomar folego... Mas, vejam bem... está tudo cercado, e a ordem é de leva-los a tiro...

de si os Algarves, e bradando—VIVAM OS PATRIOTAS! VIVA JOÃO DE SOUTO!—Coitinho tambem vai d'envolta na debandada.—Pleno clarão d'incendio.—Scena vasia por momentos, ouvindo-se tiros, e brados—VIVA JOÃO DE SOUTO!)

SCENA ULTIMA

CANECA—DEPOIS LUZIA—DEPOIS AMELIA

FREI CANECA

(Entrando por onde entraram os patriotas) Lacaio de rei!... Como fogem cobardemente!... (Vivas e tiros vão sendo mais e mais ao longe, e cessam antes do fim da scena.)

LUZIA

(Correndo de casa em grande afflicção, com signaes de fogo nas roupas) Padre!... Meu padre!...

FREI CANECA

Todos salvos?

LUZIA

Não! não!... Viu Amelia?... os meninos?... (Vai a sahir na direcção em que arrastaram os meninos, e recúa espavorida) Virgem Santissima! que horror! ambos mortos!... (Apontando)

FREI CANECA

(Olhando) Deus poderoso! malditos os despotas!... mil vezes malditos!

AMELIA

(*Cambaleando, ensanguentada, e rindo-se*) Ainda bem... já se foram, e Luiz não veio... graças a Deus, o meu Luiz não veio... (*Ri-se*) Como foi bonito, elles todos correndo... (*Estaca por momentos levando as mãos ao peito*) Sim?... queres que eu vá?... não tive culpa... sou tua... tua só... Sim?... vou?... que felicidade! elle diz que sim... (*Enfraquecendo-se-lhe a voz*) Eu vou... que felicidade... Adeus, padre!... Irmã Luzia!... eu vou... eu vou, Luiz... (*Cahe morta sobre uma das peças da roupa de João de Souto, que tem sido revolvida e espalhada por toda a scena.*)

FREI CANECA

E tambem ella, assassinada!... Malditos sejam todos os reis!...

LUZIA

Jesus!... oh meu Jesus!... não posso, não posso mais!... (*Ajoelha-se em prostração junto ao cadaver de Amelia.*)

FREI CANECA

(*Erecto e altivo, depois de pausa, olhando em torno de si*) Lavra, incendio, lavra... que estás illuminando as glorias do patriotismo pernambucano!... No calvario da Liberdade ha sempre sangue e fogo... Lavra, incendio, lavra... que o sopro de Deus te aviventa nas ex-halações do sangue dos patriotas!... O Brazil ha de ser livre... Lavra, incendio, lavra... que ao teu clarão a deusa Liberdade está dictando um decreto... O que mais podia eu fazer, João de Souto?... Eis ahí um protesto eterno, estampado com o sangue de dois innocentes e de uma santa martyr... Lavra, incendio, lavra... que a cinza dos patriotas ha de fecundar a terra da patria!... Felizes os martyres da Liberdade!... As almas no céu de Deus... os nomes no céu da Historia! (*Ajoelha-se, erguendo os olhos e as mãos: desce o panno.*)

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XV

Setembro de 1910

N.º 81

APPENDICES

AO DRAMA

JOÃO DE SOUTO MAIOR

I

Suiz do Rego e a Posteridade

Os homens não são tão maus como parecem. E' a posteridade quem melhor os julga; e felizes aquelles que deixam documentos, que desfaçam a calunnia dos contemporaneos, e os apresentem taes quaes foram.

PALAVRAS ATTRIBUIDAS AO SR. D. PEDRO II

O meu drama *João de Souto-Maior* foi escripto com toda a possivel attenção aos elementos historicos dos archivos, e ás tradições que ainda são muito vivas em terras de Pernambuco.

Elementos historicos, disse eu... Não é aqui o lugar para dizer, ponto por ponto, como se me afigura o papel de historiador; mas, cabe um protesto symbolico, e profundamente meditado, contra a *historia imperial*, como vai sendo escripta.



O vulto de Luiz do Rego, e a sua epocha em Pernambuco, apparecem no meu drama longe, bem longe, do que comprehendem historiadores imperialistas, que até pretendem agitar á honra e proveito da monarchia do Sr. D. Pedro II os traços da monarchia d'El-Rei Nosso Senhor—duplo attentado, contra a monarchia constitucional representativa, e contra a soberania nacional. Si todos os brazileiros liberaes devemos erguer-nos contra isto, a nós de Pernambuco toca o perigo e a honra da vanguarda, pois é sobre os nossos movimentos liberaes, que os aulicos batem a sua mais pesada moeda de despotismo, de safado coreundismo.

Correu mundo brazileiro com todas as honras de obra cortezã, melhor ainda, de obra do Instituto Historico, uma *Memoria* do Rv. Sr. conego dr. Fernandes Pinheiro, intitulada—LUIZ DO REGO E A POSTERIDADE.

E' uma prova de respeito ao illustrado escriptor dar eu aqui razão de mim: explicar porque, apezar da *Memoria*, Luiz do Rego continúa para mim o que era d'antes; e entro em materia sem mais preambulos.

Alargando-se no que respeita á revolução de 1817, estreita-se o Sr. conego no que respeita a Luiz do Rego (objectivo annuciado no titulo da *Memoria*) estreita-se a refutar, *com a sua auctoridade, a tradição* ainda muito viva, e a *Historia* do padre Muniz Tavares: digo—com a sua áuctoridade, porque os fundamentos do trabalho do Sr. conego, em meu fraco parecer, só tem a força que o proprio Sr. conego lhes dá.

Custa a crêr, mas é assim... os elementos do Sr. conego, as suas armas, são:

1.º—Um manuscrito communicado pelo Sr. dr. Mello Moraes, sem que se saiba d'onde este o houve, nem o nome do autor;

2.º—As proprias peças do punho de Luiz do Rego!

E eis a historia, qual se a comprehende no Instituto do Rio de Janeiro!

Como seriamente comparece um historiador no tribunal do bom senso publico, dizendo-se defensor de um vulto historico, e trazendo uma pasta vazia, sem uma peça de convieção? Que prova podem fazer os escriptos *interessados* do proprio Luiz do Rego? Que fé pode fazer

um manuscripto *sibyllino*, que se não sabe d'onde veio, de quem é, com que direitos reclama o assentimento ou a fé de terceiros?

E attenda-se.

Monsenhor Muniz Tavares ainda é do numero dos vivos (1). Si a sua *Historia da revolução de 1817* fosse inquinada de paixão ou precipitação de momento, esse conspicuo ancião, principalmente depois da *Memoria* do Sr. conego, não teria rectificado as suas asserções?

Mas, nunca o fez, firmou de novo quanto disse com o seu silencio, e deixou que passasse mais d'uma dezena d'annos por sobre o trabalho do Rev. Sr. F. Pinheiro, com a sua replica por negação (2).

Ainda mais.

Em 1867, querendo eu transcrever na *Opinião Nacional*, como transcrevi, o livro do Sr. Muniz Tavares, de edição esgotada desde muito, e pedindo venia ao illustre autor, escreveu elle a seguinte carta, que consta d'aquella folha, n. 10 de 28 de Julho de 1867.

“Ha tempos, um distincto cearense, attendendo a
 “ achar-se esgotada a primeira edição da *Historia* de
 “ 1817, teve a bondade de pedir-me licença para publi-
 “ car uma segunda, com biographias de benemeritos pa-
 “ triotas d'aquella provincia, offerecendo-me reciprocas
 “ vantagens: julguei não dever annuir. Aquelle livro foi
 “ o pagamento de uma divida, que eu havia contrahido
 “ com o paiz, onde ufano-me de haver nascido: paguei,
 “ o livro é do meu credor. Agora que V., impellido pelo
 “ seu... patriotismo, deseja transcrevel-o em seu jornal
 “ *Opinião Nacional*, órgão... do mesmo paiz, de bom gra-
 “ do permitto, e dou-lhe os devidos louvores. Interessa
 “ que a nossa brilhante mocidade, que por mercê de
 “ Deos cresce e multiplica-se, conheça um dos mais im-
 “ portantes factos de Pernambuco, e a lealdade do velho
 “ devedor.”

(1) Era, quando foi lido este trabalho.

(2) O finado commendador A. J. de Mello não guardou silencio: apresentou no Instituto Archeologico Pernambucano, em 1873, uma patriótica refutação, que não ouvi nem li, e consta-me estar annexa á biographia de Gervasio Pires Ferreira. Deve ser uma repulsa cabal.

Eis aqui: mais de meia duzia d'annos depois da *Memoria* vem o auctor da *Historia*, affirma e confirma o que escreveu, protesta a sua lealdade. Não será cousa de mais valôr, do que o manuscripto anonymo do Sr. dr. Mello Moraes? Pois a testemunha de vista, o pernambucano illustre que tambem, involto na onda revolucionaria, foi parar á cadeia da Bahia, poderia ter sido assim posto á margem pelo Sr. conego Pinheiro, por conta de mysterios eleusinos dos archivos cortezãos?

Isto quanto ao primeiro elemento; quanto ao segundo pouco basta.

Desde quando, por que regra, os personagens historicos devem ser os pintores dos seus proprios retratos? Onde já se vio, que os réos perante a historia devessem ser absolvidos sob sua propria palavra?—Pois é isto, nada mais, nada menos, o que pretende o Sr. conego com relação a Luiz do Rego: a posteridade para Luiz do Rego é Luiz do Rego mesmo!

No escripto do Sr. conego Pinheiro não ha chronica, nem historia.

O chronista deve examinar escrupulosamente os materiaes, trabalhando-os depois para a historia; e o manuscripto do Sr. dr. Mello Moraes não é madeira de lei, como tambem não o é a defeza propria de Luiz do Rego.

O historiador junta as peças preparadas peio chronista, e levanta o monumento; e o Sr. conego, assim como não trabalhou, não juntou, nem levantou alguma cousa: amontoou peças a esmo, e discretamente deixou a ambos a sua tarefa, ao chronista e ao historiador.

Sempre assim a historia patria!

Tambem o padre Martins, (3), tratando de João de Souto-Maior, chama-o incoherentemente *desgraçado, coberto de crimes, etc.*; mas, na biographia do Padre Resende appellida o mesmo Souto-Maior de—*novo Curio que pretendeu salvar a patria!* Será esse Curio, grande pelo seu desinteresse, companheiro de Fabricio, de que falla Bossuet (4)? Si não é, não sei qual seja... Funestos

(3) Com quem se escudaram no *Diario de Pernambuco* os amigos de Luiz do Rego, inimigos de João de Souto-Maior. Vem de molde a digressão para o assumpto dominante,

(4) *Disc. sobre a hist. univ.* part. 3.^a cap. VI.

historiadores, os que não sabem o que dizem, como os que não dizem o que sabem!

Voltemos ao assumpto.

O illustre Sr. conego não desdenha precauções rhetoricas, pelo que devemos ser-lhe gratos, nós os Pernambucanos.

Por exemplo.

O Sr. Varnhagem, que nunca esconde as suas profundas antipathias pelas revoluções e revolucionarios de todos os tempos e lugares, havidos e por haver, disse da peça inicial do governo provisorio de 1817 em Pernambuco, que era—*uma peça incongruente, desconchavada e ridicula*... Manes de José Luiz e Miguelinho!

Oh! vós todos revolucionarios do Brazil, curvai contritos a cabeça á *sancta rabies* dos padres conscriptos do Instituto de S. Christovão!... Mas, suspendei, tomai coragem, que ahí vem o Snr. conego Pinheiro em defeza da peça revolucionaria, contra o Snr. Varnhagem...

Ouçamol-o reverentes e agradecidos:

“Peço venia: ahí (na alludida peça) respira-se uma atmosphera de paz e concordia: não ha insulto contra a transacta administração, nem diatribe contra a realeza: solemnemente proclama-se a fraternidade entre todas as classes da população.

“PARECE O PROGRAMMA DA REPUBLICA DE PLATÃO, QUE ALGUNS UTOPISTAS PRETENDIAM TRANSPLANTAR PARA AS MARGENS DO BEBERIBE.”

E então?... Como é bom saber cada um o seu Quintiliano!... Bem se vê, que não é pouco... Moderação extrema, atmosphera de paz e concordia, fraternidade antes de tudo: somma total, pela arithmetica do Instituto do Rio—republica de Platão, leia-se Utopia (5)!...

(5) E o Rev. Sr. F. Pinheiro teria lido Platão? Será audácia minha... mas, pela negativa, apostaria eu mil por um...

“A republica de Platão, como exemplo frisante de uma sonhada perfeição, tornou-se proverbial; melhor fôra, porém, acompanhar o pensamento, do ponto em que o excellento genio deixou-nos sem auxilio, do que regcital-o por inutil, sob o pretexto muito miseravel e muito vergonhoso da impossibilidade de realisar-o. Nada mais vergonhoso e mais indigno de um philosopho, do que o

E o Evangelho (poder-se-hia perguntar ao Sr. conego) não fica sendo tambem para S. S. uma utopia? Christo não fica a par de Platão?

Como quer que seja, vê-se que o Sr. conego poderia ter tido muito bons desejos de discordar do Sr. Varnhagen; mas, não discordou: peça que conclue em utopia, como diz o Snr. conego, é peça incongruente e desconchavada e ridicula, como diz o Sr. Varnhagen. A medalha é a mesma: apenas um é a cruz e outro é o cunho, fallando com o tropo do povo.

O Sr. Varnhagen, no entanto, sempre ha de sahir-se melhor que o Sr. conego; porque fere, porque ataca de frente, porque mostra á luz do sol o seu desprezo pelas turbas, pelos infames revolucionarios, e por todos os historiadores que não se parecem com elle Sr. Varnhagen...

Faça-se justiça: o Sr. Varnhagen nunca ha de ser incongruente, nem desconchavado, nem ridiculo... ha de ser sempre o que tem sido—historiador do Instituto do Rio de Janeiro.

Mas, vós, Sr. conego... quereis assumir uns ares de imparcialidade, a catadura severa de homem do seu a cada um, e só conseguis... sabeis o que? Dar uma triste e robusta prova, de quanto custa escrever a historia cor-tezã, quando se não tem a coragem de ser verdadeiro cor-tezão...

Continuemos a ver: é trabalho que ficará feito, para quando chegarmos a Luiz do Rego, que aliás tem minima parte na *Memoria* do Sr. conego, a qual vai-se quasi toda em divagações, como vai indo este escripto, que ao menos terá o merito do *cujus est hac oratio*.

O Conde dos Arcos assignou a 19 de Março de 1817, uma proclamação, onde se lê:

“Todo o habitante de Pernambuco que não os seguir

“ appello vulgar e grosseiro para uma pretensa experiencia
 “ contraria, que aliás nunca se teria ostentado, si outras
 “ instituições, tivessem existido em tempo opportuno, si
 “ idéas grosseiras, porque eram filhas da experiencia, não
 “ tivessem tornado inutil todo o bom designio.”

Com licença do Sr. conego: offereço, a todos os ho-mens que têm vontade de pensar bem, estas palavras de Kant, na sua *Critica da Razão Pura*.

“rapidamente (*os soldados da Bahia*), e não marchar junto d’ellas (*bandeiras portuguezas*) SERÁ FUZILADO...

“As forças navaes têm ordem para ARRASAR A CIDADE E PASSAR TUDO Á ESPADA, si immediatamente não forem instauradas as leis d’El-Rei Nosso Senhor... Nenhuma negociação, sem a preliminar da entrega dos chefes da revolta, ou a CERTESA DE SUA MORTE: ficando na intelligencia, de que A TODOS É LICITO ATIRAR-LHES COMO A LOBOS.”

Evidente é, que o Sr. conego não poderia achar bom um tal papel... Elle o disse, é *um insano documento*: o que já é demasia de muito louvavel coragem para historiador imperial...

Mas, com aquellas precauções rhetoricas, que nunca faltam nos Institutos imperiaes, e menos ao Sr. conego que é professor da materia, o autor da *Memoria*, amedrontado por sua propria coragem, passa a penna ao redactor do *Correio Braziliense*, e por conta d’este ahi vem uma refutação á tal insania, que escapou ao Sr. conego sobre a peça do Conde dos Arcos... A que gymnastica arriscada é obrigado, a todo o momento, um secretario perpetuo fallando na casa do rei...

E quer saber o leitor, qual é afinal o juizo definitivo do Rev. Sr. Fernandes Pinheiro sobre o Conde dos Arcos e a sua peça?

—Ouça:

“Louvando-lhe os sentimentos de ADHESÃO MONARCHICA, que por essa occasião evidenciou, não podemos deixar de *censurar-lhe* pelos excessos commettidos em prol d’esse principio, que nenhum brasileiro deixa de venerar como penhor da prosperidade nacional.”

Eis em que tudo se resolveu!

Eis a força do Sr. conego Fernandes Pinheiro!

Os liberaes pernambucanos de 1817 são utopistas da republica de Platão, não merecem louvores, e sim, quando muito, piedade por sua pobreza de espirito... O Conde dos Arcos, o *insano*, ao cabo de tudo é louvado por sua adhesão monarchica... Não é só o dedo, é o gigante de corpo inteiro...

O principio liberal, si atira a barra um pouco mais

longe, embora com o moto de paz e fraternidade, é utopia e nada mais...

O principio monarchico, ainda quando é como o do Conde dos Arcos, fuzilador e arrasador, é sempre cousa para louvar-se...

Em summa, o Sr. conego não distingue entre monarchia e monarchia: é rei, prostremo-nos...

O principio do Conde dos Arcos, o seu rei *divino*, é o principio, é o rei do Sr. conego... é o principio, é o rei venerado pelo brazileiro do tempo do Sr. conego, segundo elle diz...

Sombras de Tacito e Juvenal! o que dirieis vós, si tivessesis a palavra sobre os institutos regios de hoje!?. . .

E agora o ultimo quarto da *Memoria* do Sr. conego: vejamos Luiz do Rego, tal como o creou a fecunda imaginação do Sr. conego, sob as inspirações do santo espirito imperial, como elle proprio confessa, e adiante leremos; vejamos o memorista, narcisando-se ante o seu quadro, e tomando para si, com uma candura angelical, o modesto papel de POSTERIDADE...

Sim, no trabalho do Sr. conego ha sem duvida a sua illustrada personalidade; mas, Posteridade? isso é que não!... Aquelle titulo—LUIZ DO REGO E A POSTERIDADE é uma *liberdade historica*, expressão que diz muito mais nos annaes imperialistas, do que *liberdade poetica*.

O objectivo do Sr. conego foi a *Historia* de mosenhor Muniz Tavares; e isto impõe-me o geito da refutação.

Disse mosenhor Muniz:

“Luiz do Rego fazia parte da chusma de pretendentes, que vinham continuamente de Portugal solicitar emprego na côrte: era um militar, que na guerra peninsular havia mostrado *coragem sem discernimento*, tendo sido elevado ao posto de brigadeiro *no tropel das promoções*. Casado com a filha de um valido de D. João VI, foi por este adoptado para *exterminar os pernambucanos*; e como *alter ego* foi nomeado governador e capitão general de Pernambuco, posto á testa da expedição já

“prompta, e encartado *para commetter impune todos os attentados.*”

Reportando-me ás considerações já feitas sobre o autor da *Historia da revolução de 1817*, insistirei que mais de um terço de seculo se tem passado, sem que elle haja retirado uma palavra do seu livro.

A este conspicuo brasileiro, unguido pelo patriotismo e pela ancianidade, o que oppõe o historiador do Instituto do Rio de Janeiro?—Uma chamada biographia, publicada no *Diario do Governo*, de Lisbôa, sem nome do autor... Que immensa autoridade!

O que pretendeu provar o Sr. conego com a tal biographia? Elle diz:—Que Luiz do Rego, no seu porte e maneiras tinha a franqueza do militar e a urbanidade do fino cortezão; bem como, que não fôra elevado ao posto de brigadeiro no tropel das promoções.

Deixemos o porte e maneiras, que para o caso não dão nem tiram; e tratemos das promoções do herôe do Sr. conego.

O que diz o biographo anonymo? Ouçamol-o:

“Feita a paz, voltou o exereito portuguez á patria, cheio de gloria.

“Luiz do Rego tinha adquirido a estima e o amor (6) dos seus camaradas. Os soldados de todos os corpos o conheciam: (7) era ainda coronel (e os postos não se vendiam então dentro de mezes, apezar da mortalidade das batalhas,) e não obstante isto, o nome de general Rego lhe era dado por toda a parte.”

O que val esta louvaminheira tirada biographica, sem nome de autor? Responderá o proprio sr. conego, com a sua propria *Memoria*.

Nas peças annexas, o Rev. Sr. conego Fernandes

(6) Vejam que biographo abundante! Estima só, era pouco: estima e amor... e si mais mundo houvera...

(7) Isto com effeito, é cousa de admirar! Era preciso que Luiz do Rego fosse um Luiz do Rego muito grande, para que o conhecessem os cinco milhões de soldados de Portugal... Para mim não era de admirar, que o biographo dissesse:—Luiz do Rego nasceu trazendo pintadas nos braços e peitos as insignias de capitão-general.. Admira, sim, que o illustrado sr. conego faça estribo de taes biographeiros...

Pinheiro, sempre acastellado n'uns archivos sibyllinos do Sr. dr. Mello Moraes, gratifica os seus leitores, para que tenham completo o retrato do seu heróe, com umas certas informações transmittidas por *um antigo servidor do Estado* (sempre o anonymo, como é de bôa pratica nas mui verdadeiras memorias historico-politicas dos institutos imperiaes) que militou sob o commando de Luiz do Rego.

Ora, o que diz o tal servidor, informante officioso que só é conhecido pelo Sr. dr. Mello Moraes, e pelo Sr. conego Pinheiro?

—Ouçamos:

“O general Luiz do Rego era cadete porta-bandeira quando começou a guerra peninsular; e, havendo-se distinguido em todos os combates em que se achou, mostrando do bravura não vulgar, foi successivamente promovido aos postos, até o de brigadeiro.”

E eis-aqui!... Pois não foi tropel de promoções, como diz monsenhor Muniz?

O biographo do *Diario do Governo* diz: *Os postos não se venciam em mezes...* O biographo do archivo do Sr. dr. Mello Moraes diz: *Era cadete porta-bandeira ao começo da guerra peninsular, e ao cabo d'ella era brigadeiro...*

Trata-se, pois, de uma simples operação arithmetica. —De cadete a brigadeiro sete postos: a guerra peninsular não durou sete annos: logo, os postos foram vencidos em mezes: logo, houve *tropel de promoções*.

Passemos a outro ponto: ouçamos até o fim a Posteridade, consubstanciada no Instituto do Rio, sentenciando o heróe Luiz do Rego, isto é, tecendo-lhe corôas, *a mandado de quem tem poder até sobre a Posteridade...*

Monsenhor Muniz relata com indignação os açoites applicados na grade da cadeia aos mesquinhos patriotas de côr, e outras infamias do despotismo do governador.

Vejam os leitores a sahida do Sr. conego, e com ares de triumphador:

“Quereis saber a que se reduz todo esse calculo e fe-roz systema de perseguições, com tão vivas côres descripto pelo Sr. Muniz Tavares?—A alguns abusos da autoridade, altamente reprovados pelo governador.”

E a prova?... está inquirindo o leitor. Isto de prova,

para concluir no *santo principio* do Conde dos Arcos, é cousa facil em certos Institutos. O Sr. conego diz:

“Interroguemos o nosso cicerone, e creiamos em sua *“provada fidelidade.”* Pois isto é cousa seria? E’ sempre d’esta força o Sr. conego!... O tal *cicerone* é aquelle *venerando servidor*, que só o Sr. conego e o Sr. dr. Mello Moraes sabem quem é: e a tal *fidelidade provada* é a mesma menos provada d’este mundo. O Sr. conego, fallando assim, como que associa ao seu *imperado* historico (o termo *imperado* é do Sr. conego) o archivista e o archivo do Sr. dr. Mello Moraes... Por outra, é como si dissesse a nós beocios:—Digo eu e diz elle, Fernandes Pinheiro e Mello Moraes, cesse tudo, que fallou a Posteridade... de Luiz do Rego!...

No entanto o tal cicerone (8) confessa que o major Merme, encarregado da policia, era homem um tanto grosseiro; confessa, que as mulheres levavam palmatoadas; não nega, que os patriotas de côr fossem surrados na grade da cadeia; e, quanto ao official de milicias que foi açoitado, o cicerone do Sr. conego confessa o facto das *sipoadas*, com a attenuante de que o Merme não sabia da patente do homem.

Et dixit. E eis-aqui, segundo a propria *Memoria* do Sr. conego, como eram as cousas no tempo de Luiz do Rego, como era o *principio* do tempo do Conde dos Arcos, *principio adoravel*, que ainda hoje é *adorado* pelo illustre historiador o Sr. Fernandes Pinheiro, o fecundo Jacob da posteridade de Luiz do Rego!...

E a prova de que Luiz do Rego reprovava os actos do major Merme?... O Sr. conego não eourou d’isto, e fez muito bem. Si já nos havia imposto plena confiança no seu cicerone anonymo, guardado e bem guardado no sanctuario historico do Sr. dr. Mello Moraes, o que mais accrescentar? Pois as historias *institutescas* não são todas assim, *sob palavra de rei?*

Sempre d’esta força o Sr. conego Fernandes Pinheiro!... E demos uma ultima prova.

A rivalidade entre Luiz do Rego e o presidente da alçada Bernardo Teixeira é patente, das proprias peças

(8) Vid., tom XXIV da *Rev. do Inst. Histor.*, 1861.

do Sr. conego adduzidas á sua *Memoria*; e de mais, quem não sabe, que o colleguismo no *imperado* sempre foi causa de fundas disputas?

Lutavam os dous carniceiros, e as rezes descansavam... Pois o Sr. conego não terá lido tanto d'isto na historia?

Monsenhor Muniz escreveu:

"A autoridade de Bernardo Teixeira rivalisava com o poder de Luiz do Rego; a tyrannia estava dividida entre os dous e cada um apetezia o exercicio absoluto e exclusivo. D'este conflicto *proveio uma sombra de bem.*"

O Sr. conego nega isto. E quer o leitor saber com que prova?—Com as palavras do proprio Luiz do Rego, na sua *Memoria justificativa*!...

Já se viu historia assim a não ser nos institutos imperiaes (9)?

.....

Depois de tudo isto fica-se perplexo..... O que teria levado o Sr. conego a esta serie de incoherencias e arbitrariedades historicas?

(9) E com estas e quejandas pretendem o Sr. conego rasgar para todo o sempre a *Historia* de Monsenhor Muniz; bem como atirar ao esquecimento, por uma vez, o discurso d'este illustre pernambucano nas côrtes portuguezas, discurso em que se lê:

"Luiz do Rego Barretto, avesado a exercitar com furor o regimen despotico, havendo no inteiro curso de sua vida, e em particular no governo que ainda occupa, dado evidentes provas de seu aferro á abominada monarchia absoluta, era quasi impossivel que cordialmente abraçasse o systema liberal, que prostrava o seu orgulho insensato, e destruia os ambiciosos planos, que em sua ligeira cabeça havia concebido. Um desesperado, que talvez teria motivo de desaffrontar-se de injuria privada (*João de Souto-Maior*) tenta assassinal-o; e eis que toda a provincia é indistinctamente calumniada e perseguida, os melhores pernambucanos garroteados sem nenhuma forma de processo; e não é tudo, são forçados a abandonar suas propriedades, a deixar na miseria suas familias, e a atravessar o oceano em algemas, sem que se lhes aponte legalmente o delicto!"

A razão da santidade do fim está no imperialismo do princípio... da *Memoria*. O Sr. conego sabe a sua rhetorica; e por figura confessou no exordio, que o drama (?) de 1817 impressionou-o desde a sua puericia, sendo envolvidos no anathema da sua indignação Luiz do Rego, Rodrigo Lobo, Conde dos Arcos e Bernardo Teixeira. Aconteceu, porém, que o Sr. conego foi crescendo e fez-se homem, até que um dia (elle é quem conta) encontrou com o seu amigo e confrade dr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, o qual havia habilmente manuseado os documentos da secretaria do imperio, deparando ali com *a mais completa justificação de Luiz do Rego*.(11)

E não ficou aqui o caso; antes vem agora o mais fino do mesmo caso.

O Sr. dr. Joaquim Norberto alcançou de QUEM PARA ISSO TINHA PODER, permissão para que o Sr. conego se servisse de taes documentos; e emprasou o illustre historiador do Instituto, para que fizesse a defeza de Luiz do Rego,

vado, essa força de imaginação que faz ver o sangue de um rei com differente côr da do sangue de um filho do povo... O direito com que Robespierre, Saint-Just e a Gironda, todos aquelles gigantes da Revolução, cortaram a cabeça de Luiz XVI, severos e graves como a voz vingadora das iniquidades de seculos, foi melhor, muito melhor, do que aquelle com que D. Pedro I, n'um intervallo das volupias do largo do Rocío, mandou fuzilar e enforcar Frei Caneca, Rattcliff, Nicolau, Agostinho, e outros...

Mais caridade, almas damnadas de aulicos!

(11) Nem a todos, mesmo na côrte, aproveitou a lição-mestra da *Memoria* do Sr. conego. Hoje mesmo (28 de Julho de 1876), pouco antes de reler estas linhas, li as seguintes do *Globo*, transcriptas no *Diario de Pernambuco* :

" Luiz do Rego, apenas chegado á Pernambuco, orde-
 " nou o sequestro de todos os bens dos revolucionarios de
 " 6 de Março, creou uma commissão militar permanente
 " para julgar os presos, dos quaes quatro de Pernambuco e
 " cinco de Parahyba, todos homens distinctos, foram en-
 " forçados; activou as prisões e prolongou os tormentos
 " de muitos... *Sua unica defeza consiste na obediencia ás or-*
 " *dens do rei*; mas... nenhum homem de coração generoso
 " e nobre se sujeita a ser algoz de miseros vencidos.. A al-
 " cada não pode fazer que se esqueçam os horrores de Luiz
 " do Rego, que chegou ao Recife (aos 29 de Junho 1817)
 " um mez e nove dias depois de vencida e esmagada a
 " revolução ".

animando-o com as seguintes palavras por elle Sr. Joaquim Norberto ouvidas no recinto do mesmo Instituto, ao dar conta de tão importante descoberta:

“ OS HOMENS NÃO SÃO TÃO MAUS COMO PARECEM. E’ A POSTERIDADE QUE MELHOR OS JULGA; E FELIZES D’AQUELLES QUE DEIXAM DOCUMENTOS, QUE DESFAÇAM A CALUMNIA DOS CONTEMPORANEOS, E OS APRESENTEM TAES QUAES FORAM.”

Quem para isso tinha poder... Dar conta... Estes *mysterios transparentes*, alli pela côrte, principalmente em materias de Instituto, bem se sabe o que significam... Demais, porque encobrir tão discretamente o nome de um simples ministro do imperio?... E ainda: na Memoria as taes palavras são impressas com *typos e espaços diferentes*; foram ditas no recinto do Instituto, onde nunca falta a presença de S. M. o Imperador, e por occasião de dar-se conta dos importantes documentos.

E’ claro como bom dia do equador: o Imperador disse taes palavras, logo é intuito *santo* defender Luiz do Rego. Este o raciocinio do Sr. conego, esta a razão de levantar elle o anathema de sua puericia ao mesmo Luiz do Rego... Porque o Sr. conego não havia de estar ainda na sua puericia, por bem da verdade historica e dos brios nacionaes?! Faz pena tanto latim perdido.

.

Mas, foi sonho: Sr. conego... Não pode deixar de ter sido sonho, ou vosso ou do Sr. Joaquim Norberto, vosso confrade e amigo...

E’ impossivel que o Imperador, liberal e patriota como de lá mesmo nos dizem, principalmente os membros do Instituto de S. Christovão... é impossivel que o Imperador quizesse malbaratar com Luiz do Rego o tempo do illustre historiador do Instituto... E’ impossivel que o Imperador, talentoso e illustrado como dizem, achasse procedencia n’essas têas de aranha, com que o Sr. conego e o Sr. dr. Mello Moraes, *em segrêdo*, quizeram metter a Posteridade em carcere privado... E’ impossivel que ao Imperador faltasse tanto a caridade e o bom senso, que

assim *às carreiras* fosse chamando de CALUMNIADORES os pernambucanos patriotas do tempo de Luiz do Rego, horriavelmente perseguidos uns, e assassinados outros... E' impossivel! foi a emoção... O Sr. Joaquim Norberto ouviu mal... E' impossivel!

Enchotai-os do templo, Snr. D. Pedro II, que de tudo, mesmo do vosso Instituto, elles fazem, espelunca de ladrões!



II

OS MEUS

Ensaaios dramaticos

Recte facti, fecisse merces est.

Seneca.

Um inventario de incidentes e factos de imprensa, a proposito de *Nunes Machado e Souto-Maior*.

Não será completa a descripção; mas, não haverá so-negados, porque ha bôa fé.

Faltarã o nexo, a ordem logica, porque no inventario dos pobres, como na sua vida, a soluçã de continuidade é a cada passo: irei escrevendo isto ou aquillo, conforme as notas e tiras de jornaes que me forem ficando mais á mão; isto é, *deixarei trotar a minha penna*, como dizia a Sra. de Sevigné.

Para os meus ensaios dramaticos instigou-me uma idéa patriotica; e agora, parecendo-me que não devo tornar a identicas peregrinações pela Terra Santa da Imprensa, por muitas razões, sendo a principal a falta de competencia para a empreza, sinto que é meu dever, antes do ponto final, fazer as minhas despedidas, articulando, explicita e implicitamente, os meus agradecimentos aos collegas do jornalismo; bem como a todos aquelles que de qualquer modo me alentaram, amenisando a arduidade d'uma tarefa tão fóra dos meus habitos de trabalho, e do meu genero de estudos.

Como aconteceu, que NUNES MACHADO fosse resultado da surpresa, da benevola astucia de dous amigos, já ficou dito nos preliminares do impresso; o que ali, porém, foi um antecedente, *causa das causas*: a collocação de uma lapida, aos 2 de Fevereiro de 1874, commemorativa do primeiro deposito do cadaver d'esse grandioso tribuno, que sabe Deus quando terá successor!...

Foi a saudosa festa na capella de Belem; e, ao coração de quem a promoveu, será sempre grata a lembrança de que a velha paralytica, a guardadora heroica dos venerandos restos, recebeu n'esse dia um premio relativamente abundante, que lhe suavizou o resto dos cançados dias.

Eis a inscripção da pedra, e o discurso que proferi na occasião:

Joaquim Nunes Machado

NO CHÃO QUE DEFRONTA COM ESTA LAPIDA
FOI DEPOSITADO
AOS 2 DE FEVEREIRO DE 1849
O CADAVER DO GRANDE PERNAMBUCANO
QUE NÃO PODEU TER SEPULTURA
POR MÃO AMIGA
E NO DIA SEGUINTE VIOLENTADAS AS PORTAS
DESTA CAPELLA
FOI CONDUZIDO COMO TROPHEO DE VICTORIA
PARA A CIDADE DO RECIFE
E DEPOIS DE OSTENTOSA VICTORIA
ENTREGUE AOS RELIGIOSOS FRANCISCANOS

ADMIRADORES DO GRANDE CIDADÃO
COLLOCARAM ESTA LAPIDA
AOS 2 DE FEVEREIRO DE 1874

HONRA AO HEROICO PERNAMBUCANO

Minhas senhoras e meus senhores,

Ha um quarto de seculo hoje!..

Talvez n'este mesmo instante que passamos...

Como que vejo pelas lueidas intuições do sagrado sentimento liberal, que me ferve no peito...

Entravam por aquella porta, silenciosos e tristes, como patriotas feridos no coração, na hora das angustias da patria que lhes pede os serviços... entravam por aquella porta dez a doze homens, pé ante-pé, coitados! como uns ladrões... Sim, gloriosos ladrões que vinham esconder um glorioso thesouro!

Traziam elles... curvemos a cabeça! traziam o cadaver de JOAQUIM NUNES MACHADO, que jurou morrer por uma causa santa, e morreu!

Aqui, no chão que pisamos, depositaram a preciosa carga, e voltaram a vencer ou morrer, e fiaram do Anjo da Liberdade, que resguardaria os venerandos restos...

No outro dia chegou o vencedor feroz farejando a carniça.

A Capella era muda e cerrada. As chaves tinha-as em deposito uma mulher, essa velhinha heroica que para ahí vive acurvada ao peso dos annos, e a quem, minhas Senhoras, ao sahirdes d'aqui, ireis em piedosa romaria, eu o espero, levar uma palavra e um óbolo de conforto, porque é ella um anel da cadeia de gloria das Pernambucanas.

Mulher heroica, disse eu e repito; porque o heroismo cifra-se muita vez n'um lampejo da Divindade, que passa rapido, e deixa rasto eterno, como tudo o que é divino (*).

(*) Anna Aurora de Jesus Ribeiro, viuva de Ignacio Ribeiro de Mendonça, que era o zelador da Capella.—Tem setenta annos de idade, e ha dous que está paralytica sobre a cama.—Tendo-se occultado o marido, e não querendo ella entregar a chave, foi sevicada e presa, chegando a ser levada até o quartel do corpo de policia no Recife, *sem duvida pelo crime de guardar o cadaver de Nunes Machado!!!*—Estas informações nos foram ministradas pela propria Anna Aurora, que indicou o lugar onde esteve depositado, na Capella, o cadaver do patriota pernambucano,

Oh! figuremos:

A estrada é deserta. Os janisaros do poder ahi estão armados até os dentes, e cobardemente ufanos, porque o cedro tombou... "Dá-nos a chave!" bradaram á pobre mulher. "Não a tenho, não a dou!" respondia ella com a tranquillidade d'uma martyr. Foi sublime! Levantaram contra ella mãos violentas, prenderam-n'a, e não tiveram a chave! Foi sublime!

Para guardar os preciosos restos de NUNES MACHADO, uma humilde filha do povo, uma d'essas heroínas, que dizem um dia quatro palavras, e nunca mais fallam.

Sabia a pobre mulher, que nada podia; mas, como que lhe fallava á alma a energia do patriotismo pernambucano.

"Ao menos obriga-los-has ao vandalismo do arrombamento! Ao menos não se dirá, que esse cadaver não teve uma guarda fiel, uma guarda que não se rendeu, a guarda de uma mulher!" Eis o que lhe segredava o Anjo da Liberdade.

Ide beijar a mão d'essa velhinha, minhas Senhoras, que só com isso fez-se ella uma honra do vosso sexo, um symbolo do patriotismo pernambucano!...

Depois, meus Senhores, levaram-n'o, expuseram-n'o pelas ruas do Recife, e até... Não proseguirei: o Anjo da Liberdade quiz assim, e elle sabe o que fez.

Sinto que hoje só me cumpre registrar o nome do ultimo rei da dynastia dos patriotas d'esta terra, e devo afogar no gelo do despreso o ferro quente, que sempre me acompanha contra os inimigos da Liberdade.

Já era tempo de começar o pagamento de uma divida sagrada.

Fique-nos a honra da primeira prestação, embora diminuta; e outros mais opulentos que paguem o resto, si é que pode ser saldado o immenso debito...

Em nome dos generosos peitos femininos, e dos corações varonis que aqui estão, concluo dizendo:

HONRA

A JOAQUIM NUNES MACHADO

O producto de uma das recitas do drama foi por mim offerecido ao Club Popular da Cidade do Recife,

para ser applicado ao ultimo jazigo do patriota pernambucano.

Da Bahia applaudiu o acto da collocação da lapida o Sr. Romualdo A. de Seixas Filho, patriota bahiano que nunca falta com as suas saudações ao heróe pernambucano.

A *Republica*, da Corte, escreveu:

“ No coração da valente provincia de Pernambuco ainda a fibra patriotica vibra e desfere alentados sons que enchem de esperanças os bons Brasileiros.

Tratou-se no Recife de assentar uma lapida sobre o primeiro lugar em que esteve depositado o cadaver do grande cidadão.

Nessa solemnidade, proferio o illustrado Dr. Aprigio Guimarães uma breve allocução, tão sobria de palavras como abundante de elevados sentimentos.”

Na *Reforma*, da Corte, honraram-me com as seguintes linhas, a proposito dos meus tenues commettimentos litterario-patrioticos, e particularmente do meu primeiro ensaio dramatico:

“ Ha muito tempo que Aprigio Guimarães constituiu-se sentinella fiel ao lado do tumulo do heroe praeiro.

“ Entre as muitas manifestações de apreço que Aprigio tem dado á memoria do grande democrata, nenhuma vale tanto como esse ensaio dramatico, que a platéa do Recife ouviu em delirio, e que, lendo-a, n'este momento, produz em mim as mais vivas emoções.

“ Talento que se abalança a todos os commettimentos, o autor do drama *Nunes Machado* começou por onde muitos acabam.

“ Abstrahindo do merito politico que encerra esse ardente pamphleto dramatico, a musa do theatro inspirou e acarinhou o bello trabalho.

“ Os caracteres são desenhados com perfeição e verdade. Movem-se na tela aquelles vultos, e nós, que convivemos com alguns d'elles, applaudimos a ressurreição.

“Que scintillante dialogo aquelle entre o protagonista do drama e o general das massas!

“Quando Abreu Lima prophetisa que lhe disputarão até os nove palmos de terra no cemiterio, sente-se um calafrio medonho.

“Ouvimos em torno o alarido levantado por essa questão religiosa, que estourou após a negativa de sepultura para o velho general.

“E que lindos conceitos, que ironicas observações em todas as scenas do drama!

“Quando Nunes Machado é arguido de ser o idolo da população tumultuaria, diz elle palavras como estas:

—“Um povo que não se agita é um povo que não vive.

“Ou então:

—“Não é a população agaloada e corrompida, a população do orçamento.

“Quando lamentam a loucura do patriota, que se sacrifica por uma causa perdida, diz elle esta phrase que é uma photographia:

—“Um doudo que ha de abrir as veias para regar a arvore da liberdade!

“E mais uma centena de palavras tão profundas como verdadeiras.

“No livro de Aprigio Guimarães o que ha sobretudo para louvar é a intenção patriótica que o ditou.

“O autor, democrata convencido, quiz agitar o coração d'aquelles que ainda idolatram a liberdade.

“Pode-se dizer que o seu programma, escrevendo aquella obra, foi o mesmo que diz um personagem da peça: nullificar esse sophisma que desde 1840 se ensaia contra o partido liberal.

“Abençoado esforço, louvavel preocupação!”

.....

Em homenagem á memoria do meu querido e malgrado amigo, Demetrio Acacio de Albuquerque Mello, joven infeliz, e talento de que eu tanto esperava, aqui transcrevo o seu discurso na noite da primeira representação:

“*Meus Senhores*—E' temeridade, bem sei.

“ Conservar-me em silencio, na presente occasião, fôra tentar o impossivel; fôra preciso ordenar á cabeça: não penses; ao coração: não pulses.

“ A cabeça e o coração são dous mundos, cujas enormes areas são povoadas uma pelo pensamento a outra pelo sentimento.

“ Tentar extinguir a chamma das lampadas que illuminam esses dous templos, o da razão e do amor; seria como o insensato rei persa pretender agrilhoar as ondas do oceano.

“ E neste momento o meu espirito exalta-se, o meu coração pulsa. . . .

“ Bem vêdes, senhores, que, embora o quizesse, não podia conservar-me em silencio.

“ O dia d’hoje, Sr. Dr. Aprigio, passará como uma data auspiciosa nos fastos litterarios de Pernambuco.

“ Auspiciosa, sim, que nelle se nos mostra bella, promettedora e brilhante mais uma phase de vossa intelligencia.

“ Até aqui admiravamos os vôs altissimos de vosso espirito: na imprensa, ferindo os mais renhidos combates em nome da liberdade, recolhendo sempre a palma do triumpho; na tribuna, fascinando pela magia e encanto de vosso verbo unguido pelo oleo divino da eloquencia e na cadeira de mestre, dando a beber a mocidade a taça da sciencia.

“ Publicista, orador e abalisado mestre, tres glorias, a que se junta hoje a de dramaturgo.

“ Este acontecimento, Sr. Dr., importa para vós um triumpho, como os que sabeis alcançar nos torneios das letras; para os vossos amigos e admiradores um motivo de jubilo, e para a terra, em que vimos todos o primeiro despontar da aurora, um feliz presagio de futuros commettimentos litterarios.

“ A abundancia de seiva intellectual de que haveis dado exuberantes provas, vossa tenacidade no trabalho e esclarecido patriotismo constituem uma promessa, cuja realisacão começaes.

“ A sciencia e as letras muito esperam de vós. Vêde: a arte, a poesia, o bello, o sublime acoitados pelo tu-fão esterilizador da indifferença.

“ Vêde o nosso Pernambuco; como pai estremoso lamenta a ausencia perpetua dos filhos, que lhe embalsamavam a athmosfera da vida, com os suavissimos perfumes da poesia, e soffre a affronta de pretenderem até illiminal-o da communhão litteraria do Imperio.

“ Eil-o acurvado, erguendo-se maquinalmente, quando lhe ferem os tympanos as notas sublimes do hymno da liberdade ou os sons harmoniosissimos da lyra d'ouro de seus poetas; sons e notas que se casam, se harmonisam, se confundem em um grito desesperado—desperta Pernambuco!

“ E diante delle desfila um batalhão de sombras illustres.

“ Oh! eu tambem as vejo!... Maciel Monteiro, o rival de Petrarca, Barretto, Saldanha, Bandeira, Mello, Abreu e Lima, Nunes Machado e tantos... Oh! vultos venerandos não renegueis a patria!...

“ Foram-se; já os não vejo... E aos meus ouvidos sôa um hymno; dir-se-hia que Deus dedilha as cordas d'harpa da creação. Como é bello! E' Pernambuco que afinal desperta, despe o manto da tristeza, sorri, e canta: sublime mutação!

“ A bruma transforma-se em aurora.

“ A natureza accorda, o sol assoma no horisonte.

“ A aguia fita o condor: ha um attrito nesse olhar, irrompe uma scentelha; é o sello da gloria em uma fronte de homem.

“ Essa aguia é a poesia, esse condor é a liberdade, e esse homem sois vós.

“ Saúdo em vossa pessoa, Sr. Dr. Aprigio, o legitimo propugnador das glorias de Pernambuco e o futuro litterario do norte do imperio.—*Demetrio d'Albuquerque.*”

A proposito da recita destinada ao jazigo de Nunes Machado, escreveu o *Brazil Illustrado*:

“ Ha na vida dos povos instantes, que valem por eternidades.

“ Esses solemnissimos momentos, não podem ser outros se não aquelles em que honram-nos glorificando os seus martyres. Queremos fallar do drama *Nunes Machado* do Sr. Dr. Aprigio, representado no theatro de Santo

Antonio, na noite de terça feira ultima, em favor de um monumento ao heróe de 1848. Foi uma festa solemne: musica e flores, risos e lagrimas casaram-se, fazendo estremecer as fibras do coração do povo. Para honrar a memoria d'um homem eminentemente grande só um grande verbo ou uma grande penna. O Sr. Dr. Aprigio possui a palavra que é scentelha, a penna que é uma clava. Victor Hugo, aguia atrevida, pairando sempre nas alturas, banhando-se na luz do sol, não se dedignaria de ouvir-lhe a palavra arrojada, osculada pelo genio da eloquencia; ao contrario dir-lhe-hia: vem comigo, emparelhemos o vôo.

“ O drama *Nunes Machado* é um grande serviço prestado a causa liberal, um generoso brado em prol das glorias de Pernambuco. Já se tornava criminoso o silencio: um povo deshonra-se, olvidando os seus heróes. *Nunes Machado* foi um heróe, tombou para reclinar-se radiante no seio da immortalidade.

“ O Dr. Aprigio resuscitou-o, ainda uma vez o povo admirou-o.

“ Foi immensa a concorrência.

.....

“ Ergueram-se vivas ao povo pernambucano e ao Dr. Aprigio, sendo calorosamente correspondidos.

“ O espectaculo de terça feira foi uma festa solemnissima, cuja lembrança será eterna na memoria dos que não se conservam indifferentes ante as grandezas da patria.”

A mocidade academica, no *Culto ás Lettras*, brindou-me com as seguintes linhas:

“ Quando, embalados nesses sons phantasticos, cerravamos os olhos á toda especie de bulicio social, um brado altisonante desperta-nos, legatarios do futuro. Era o vulto homerico de—Nunes Machado—redivivo em um drama, que no seio da mocidade vinha depositar a semente da felicidade da patria.

“ Espectaculo novo em nosso paiz, em que os martyres de uma idea, tombados no pó pela fatalidade, sobem depois ao Capitolio das Artes, na frente irradiando-lhes a aureola da immortalidade!

“ O Sr. Dr. Aprigio Guimarães estendeu mão possante ao grande patriota, e chamou-o á memoria eterna dos contemporaneos, abrindo-lhe tambem luminosa entráda para as gerações futuras.”

Da *America Illustrada* traslado as seguintes linhas, cujas observações criticas ponderei, quando tive de mandar o drama á imprensa :

.....

“ Seja tambem o theatro um comicio em que o povo possa ir uma vez por outra aprender a soletrar as severas lições civicas de seus Brutos e Catões.

“ O Sr. Dr. Aprigio Guimarães, conscio d’essa verdade, acaba de prestar um relevante serviço ás lettras patrias e á causa da liberdade.

“ Nunes Machado é um malfadado sublime, que impõe-se aos posteros salpicado das gotas do sangue que espadanavam de suas veias de Leonidas.

“ E’ uma vergonteia illustre d’essas victimas consagradas no poste das angustias, de cujos degrãos resvalam envoltas na mortalha esfarrapada das instituições livres, para dormir seu somno derradeiro nos ignotos tumulos dos Cincinatus.

“ N’essa pagina, bellissimamente triste, do martyrologio pernambucano, inspirou-se o atrevido propugnador da causa democratica.

“ Vulto homerico nas pugnas do talento, o Sr. Dr. Aprigio Guimarães houve-se vantajosamente em um objecto de tanta magnitude.

“ Compoz um bonito livro, que estudado sob o prisma litterario, é indiscutivelmente uma peça de valioso merito; é mais uma aureola para a sua corôa de escriptor: sentimos, porém, que encarado pela sua feição plastica d’elle resaltem algumas incongruencias.

“ Conhece isso o illustrado autor d’esse episodio dramatico, tanto que modestamente classificou-o de *ensaio*.

“ As *convenções* não permitem, nem mesmo aos mais arrojados espiritos, dizer tudo.

“ *Nunes Machado*, como o drama *Calabar*, origina-se de uma estrenua convulsão social.

“ N’esse ponto é elle um protesto solemne, vehemente, energico e brilhante, vingando a memoria de um grande cidadão em cujo cerebro fervêra a cratera de uma idéa maior ainda.

“ E’ um eloquente apostolo do progresso, que ergue do chão o lábaro de suas crenças maculado ao contacto polluto de labios de profanos, que mercadejam até com a propria consciencia.

“ Refundido esse *ensaio* um dia occupará lugar distincto no archivo do theatro nacional.

“ Ao Sr. Dr. Aprigio Guimarães tributamos n’essas palavras obscuras, nosso preito humilde de sincera admiração e devida homenagem pela excellencia de sua producção.”

José Mariano, Pelino Guedes, muitos outros que recitaram discursos e poesias, que não tenham duvida de minha gratidão: si não incluo as peças, é que falta o espaço.

E o mesmo a respeito de muitas folhas do norte e do sul, notadamente, porque me estão á frente, as palavras que me dirigiram o *Diario de Pelotas* e o *Jornal do Comercio*, do Rio Grande do Sul.

Rematarei esta parte do inventario, exarando uma chronica litteraria publicada no *Diario de Pernambuco*:

“ *Nunes Machado* é um drama historico e compõe-se de 1 prologo, 3 actos, e 1 quadro final.

“ Bastava o nome laureado do autor, reputado por todo paiz uma gloria de sua imprensa; um dos ornamentos do magisterio superior do imperio; e um dos mais robustos talentos da actual geração brasileira, para que avaliassemos bem do *Nunes Machado*.

“ A sua apparição é um acontecimento, um desses successos que, deixam um traço luminoso na litteratura de um povo symbolisando para o mesmo o raiar de esplendida aurora, depois de tenebrosa noite.

“ Em um paiz, como o nosso, que não vive litterariamente, pois, é quanto importa não ter uma litteratura propria, cujas obras não possuem o eunho nacional, essa linha que no mundo das lettras divide os povos, como o estão geographicamente pela natureza, é um acontecimen-

to, repetimos, a apparição de uma obra litteraria, signal evidente de que se dá a elaboração do pensamento, que o bom senso esthetico não está de todo obliterado, ao menos em certas almas privilegiadas, para as quaes as deslumbradoras magnificencias do progresso material, na razão inversa do adiantamento intellectual e litterario, é antes, motivo de sérias cogitações para o pensador philosopho, do que de jubilo e contentamento.

“ E mais notavel ainda se torna qualquer commettimento litterario, quando o seu autor não é um moço, para o qual o culto das lettras (presupposto nosso atrazo litterario e scientifico), é mero passatempo dos primeiros annos, logo abandonado pela necessidade de satisfazer as exigencias da vida.

“ Ao contrario, é um espirito depurado no crysol da experiencia, despretençioso e modesto, ao mesmo tempo resolutivo e altivo, que não se apavora e impavido caminha, lavrando aqui e alli um protesto contra o quietismo do espirito, que é a morte moral do individuo, como a ausencia do sentimento patriotico é o maior prenuncio do esphacelamento de um paiz.

“ Roma antiga comprova a asserção.

“ Quando se tem, pela intelligencia e pelo trabalho, conquistado a eminente posição do autor do *Nunes Machado* não são mais algumas paginas embora escriptas no ardor de patriotica inspiração e febris exaltações de uma alma eminentemente livre, que augmentam ou diminuem o brilho de uma reputação firmada em bases tão solidas.

“ Alexandre Herculano, atirando ao prelo os seus *Opusculos*, pretenderá illustrar mais o seu nome, elle, o autor da *Historia de Portugal*?

“ Castilho, o cégo, que vê mais com os olhos d'alma, do que milharés de homens com os de corpo, vertendo para a lingua portugueza o *Fausto* de Gæthe almejará mais gloria, depois de reputado um dos mais luminosos planetas do céo portuguez? Victor Hugo, na França, publicando o *Noventa e tres*, espera maior nomeada quando, para ser o primeiro romancista e poeta do seculo, bastam-lhe os *Miseraveis* e as *Orientaes*?

“ E entre nós: Abreu e Lima, que podia estar seguro do juizo da posteridade amortalhandó-se no manto das

glorias, de general, que ao lado do immortal Bolivar assistio ao ultimo combate que assegurou a independencia da Bolivia, de profundo philosopho e severo historiador; ei-lo, nos ultimos dias manejando a penna, espada valentissima em sua mão, em prol da razão e da liberdade de consciencia; Antonio Joaquim de Mello, já paralytico, dictando para sua digna filha escrever quando, amaldiçoando a ingratição dos homens, podia rever-se no espelho de suas glorias, quer politicas quer litterarias; o vigario Barreto aproveitando os intervallos da enfermidade que o matou, para retocar o *Poema da Virgem*, elle, um principe da tribuna sagrada?

“ Todos esses vultos, praticando assim, o que pretenderam, e o que pretendem?

“ Augmentar a nomeada de saber? Não! A’ uma idéa geral obedecem, o aperfeiçoamento moral da humanidade e em particular—illustrar o torrão em que nasceram revivendo as suas glorias.

“ Eis, o alvo que tambem visa o autor do *Nunes Machado*.

“ A maledicencia pôde dizer o contrario, pois, na phrase de Pelletan, a intelligencia tem os imbecis por inimigos, por isso que é ella que, precisamente, os faz serem imbecis.”

“ Os homens bem intencionados, qualquer que seja a bandeira politica, a cuja sombra militem, verão no drama *Nunes Machado* uma bôa acção, um nobre intuito.

“ Pensamos que, quando se trata das glorias da patria, deve calar-se a voz da politica, para ouvir-se sómente as generosas pancadas da pendula do sentimento.

“ Nunes Machado, não pôde ser considerado pela posteridade o homem de um partido, mas, o martyr de uma idéa.

“ E os martyres de qualquer idéa são sempre dignos das bençãos da patria.

“ O facto de 1848, o resvalamento de um partido para o campo da revolução, o desenho dos caracteres historicos, sahiram perfectos das esmeradas palhetas do Sr. Dr. Aprigio.

“ O fundo historico é de extraordinaria exactidão, e, quando parece que o autor della se aparta, é que, quiz evitar, quanto possivel, allusões directas a pessoas que ainda vivem e que tomaram parte na revolta de 1848.

“ O grito—fóra marinheiro! havido no arco da Conceição, a 8 de dezembro de 47, em que se dá o prologo, ahi não está.

“ A critica, (fallamos da critica sensata, que a outra não merece menção) achará talvez, que é ainda cedo para escrever-se o drama de que nos occupamos, pela impossibilidade de figurarem personagens que foram *magna pars* na revolução.

“ Assim seria, se o autor tivesse escripto o drama da revolução, mas o que se conhece vendo-se o *Nunes Machado* é: que o seu fim, aproveitando-se da forma dramatica, foi apotheosar o grande cidadão, apresentando a sociedade em que elle nasceu, viveu, e morreu, o seu vulto perfeitamente desenhado, como está.

“ A’ contemporaneos de Nunes Machado temos ouvido: que não podia o Sr. Dr. Aprigio descrevel-o melhor; por nossa vez, dizemos tambem que, o seu pincel resuscitou-o e iguahmente o velho general Abreu e Lima.

“ Os typos d’um e d’outro são perfeitos.

“ Jeronymo de Athayde, Laura, Freitas, Bento Bitencourt, Manoel Caetano são bem contornados.

“ O de Lucinda é um bello specimen de imaginação: é o typo da mulher de espirito culto, que por elevar-se acima do nivel commum, não ultrapassa as raias da verosimilhança.

“ Não é impossivel que existisse em 1847 uma mulher como Lucinda, quando existio em Olinda, no começo do seculo passado, uma que sem sahir de Pernambuco, morreu em 1719, tendo-se celebrisado na pintura, deixando diversos tratados sobre philosophia natural.

“ Ora, a não se regeitar o juizo da historia, não se poderá concluir pela impossibilidade d’uma Lucinda em 1847.

“ Fascinada pela palavra facil e eloquente de Nunes Machado, sente-se attrahida para elle, caminham um para o outro, encontram-se, e nenhum dos dous transpõe, ser-

vindo-nos da phrase do autor, a muralha da mutua admiração.

“ A engeitada, que ella o era, aquece-se pela vez primeira aos raios do sol do amor, mas, de um amor que possuia todo brilho do astro rei e nenhuma de suas manchas.

“ O platonismo é impossivel nas regiões do ideal? O Raphael de Lamartine responde.

“ Em frente de um facto historico, por sua natureza arido, a imaginação devia intervir para dar-lhe o colorido dramatico.

“ Quantos episodios historicos estão por si mesmos dramatisados, como o que serve de assumpto a bellissima tragedia de Garret, *Frei Luiz de Souza*?

“ O Sr. Dr. Aprigio, em nosso entender, sahio-se muito bem desta emergencia: Lucinda é digna da admiração de seu sexo e do respeito e consideração do opposto.

“ E’ a mulher, como ella deve ser, com a cabeça dominando o coração, o contrario são as Margarida Gouthier, Lucia Didier; typos ambiguos e sem valor aos olhos do simples bom senso.

“ Possui o *Nunes Machado* scenas bellas e de effeito.

“ Todo o prologo é cheio e onde se mostra o desembargador, tal como elle foi, o tribuno, o filho da liberdade.

“ O dialogo de Laura e Lucinda é interessante e o de Abreu e Lima com Nunes Machado, no 1.º acto, é de altissimo valor; prima pela philosophia que encerra e profundez das idéas, que eram as suas.

“ Se porventura o drama *Nunes Machado*, não possuísse uma só belleza, sómente esse dialogo couvidaria a vê-lo, e quando impresso, á lê-lo, á medita-lo.

“ Sob o ponto de vista do estylo é um primor; um modelo de eloquencia.

“ Sempre consideramos o Sr. Dr. Aprigio como estylista, depois do *Nunes Machado*, achamos que lhe competem as honras de chefe de escola.

“ Remata o drama com um quadro final que se passa na capella de Belém; é de muito effeito.

“ Nunes Machado entra morto, em uma rêde, carregado pelos soldados da revolução, e Lucinda, que reside junto a capella, vê passar o glorioso fardo, sahe e pergun-

ta: quem é? e ouve em resposta: é elle, o grande Nunes Machado.

“ A dor, como que a petrifica, a vista daquelle astro tombado e que inundara a sua alma de luz; mas, recuperando as forças, recita com exaltação uma linda poesia patriótica.

“ O Sr. Dr. Aprigio terminou muito bem o seu drama: não ha alma e coração sensiveis que não se commovam, muitas lagrimas vimos sulcar mais de uma face.

“ Era mister que a ultima palavra sobre o martyr, fosse dita pela liberdade, fallando por uns labios de mulher.

“ O chronista congratula-se com o eminente pernambucano autor do *Nunes Machado*, pelo seu generoso e nobre empenho de honrar a memoria dos que bem mereceram da patria.”

Si fui atrahido ao primeiro ensaio dramatico por seducção de amigos, ao segundo arrojou-me duro impulso de inimigos. . . . inimigos, não, que não os tenho. . . de gratuitos desaffectedos politicos, que no seu intimo, estou certo (porque tenho fé n'uma certa bondade congenita da natureza humana), hão de fazer justiça ao meu cansado esforço, em prol de uma causa commum.

Já contei na imprensa como isso foi, e não será aqui, nem em parte alguma, que eu vá minuciar uma triste emergencia da deleteria politica pernambucana n'estes ultimos tempos.

O caso era, que uma resposta digna de mim só podia ser dada com um trabalho de mais folego; e emprehendi o drama.

Aos 6 de Março de 1875, como uma modesta solemnição do generoso movimento de 1817, li a biographia de João de Souto-Maior, e o prologo do drama, no salão do Directorio Liberal.

Quatro mezes depois, em sessão solemne do Club Popular, commemorando o anniversario da morte do meu protagonista (20 de Julho, quando devêra ser 21) li o esboço de todo o drama.

Si o meu pobre verbo ainda tem de alcançar triumphos, sou contente que nunca os tenha superiores aos d'esses dous dias, cuja memoria morrerá comigo.

Ao immenso auditorio do Club Popular pedi venia com as seguintes linhas:

“*Minhas Senhoras.*—A sciencia é o jardim, e a litteratura a flor... E eu, jardineiro que mal sei alinhar canteiros, aqui com pretensão de offerecer-vos uma flor cultivada por mim!... Desculpai-me, pela parte que vos toca mais de perto: o intuito de retratar a brazileira de coração, nas pugnas do Amor e da Liberdade. A mãe dos Graecos, a mulher de Plinio, Sapho e Heloisa, Maria de Souza e Clara Felippa, eis uma dynastia que não cahe, que impera por toda a parte, que se tem brillantemente affirmado nas terras americanas. Haveis d'entender, minhas Senhoras (digo em homenagem a vós) haveis de entender Luzia, Thereza e Amelia; haveis de mirar e remirar as estatuas femininas do amor e do patriotismo, embora os defeitos do tremulo cinzel do estatuario; e é quanto me basta. A suavidade d'esses vossos olhos tranquillisa-me: soffrei-me pacientes, que depois saberei humilde beijar-vos as mãos.

“*Meus Senhores.*—Um tributo como os outros, mais um pobre tributo do cidadão, que sente em fogo o coração pelas glorias e felicidades da patria, e confuso estaca pelas fraquezas da intelligencia... Perdão para a minha cabeça, peço com toda a contricção! Lugar para o meu coração, reclamo com toda a altivez, de quem ama verdadeiramente a Patria! Descanço em vossa generosidade.

“Ha cincoenta e quatro annos hoje... ha mais de meio seculo... talvez a esta mesma hora... João de Souto embuçava-se, e partia... Para onde?... Partia, em santo delirio do amor da Patria que elle via escravizada, do nosso Pernambuco que elle estremecia... Venham outros saudá-lo dignamente, que é dever, é justiça; e no entanto deixai que eu hoje o faça, em nome de todos os pernambucanos patriotas...

Como que vejo a sua sombra, assomando no topo d'esta sala, com um sorriso de profunda gratidão, porque vamos protestar, que elle não foi um assassino, e sim um Gui-

lherme Tell do Novo Mundo, buscando castigar a tyrannia... Mais infeliz, porém, do que o outro, meus Senhores!... Elle partiu, chegou, não venceu: d'esta vez a setta não deu na maçan, o tyranno passou, e o patriota, o cedro altivo, tombou!... Cabeças descobertas, nós todos que adoramos um passado de glorias! Honremos o liberal pernambucano, um grande vulto d'essa dynastia, de que foi Nunes Machado o ultimo representante... gravemos bem fundo, no altar da Patria, o nome de João de Souto-Maior!"

Rematarei com um juizo litterario publicado na *Provincia*; cabendo aqui a grata obrigação de agradecer ao illustrado critico a sua muito honrosa animação.

Attenda o leitor, a que o artigo foi baseado nas impressões de uma simples leitura; e que a leitura foi de um simples esboço. O trabalho de hoje não é o que foi lido, no que respeita aos detalhes e dialogos: apenas o plano, em geral, é o mesmo. No entanto, os reparos e criticas, que ainda hoje poderiam ter applicação, tiveram longa resposta em discurso academico, que corre impresso, e do qual uma boa parte está reproduzida n'uma das peças preliminares d'este livro.

Eis o artigo da *Provincia*:

"E' cedo ainda. Assim respondia a gente provecta e illustrada á mocidade enthusiasmada e inexperiente. Era á proposito de trabalhos intellectuaes de um pernambucano.

"Ha muito tempo que o Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães fez-se escriptor publico. As prelecções academicas, o estudo do direito, os triumphos advocaticios na tribuna judiciaria, seus torneios politicos, e sua assiduidade na imprensa, recommendavam seu nome que sobresahia na actual sociedade, e faziam exhibir-se em sua frente essa auréola luminosa, inseparavel das intelligencias que primam.

"Na carreira litteraria atirara-se, tambem affeito, o nosso amigo.

"E a mocidade inspirada pelo conjuncto de taes locubrações, os moços da escola e os amigos, apregoavam

ressurosos a fama do escriptor, e pediam a palma da preferencia para o seu idolo predilecto.

“Ao ardor descupavel da juventude audaciosa, á indefectivel cegueira ou prevenção da amizade, resistia a cautelosa e esclarecida imparcialidade dos homens doutos e provecos, bradando: *é cedo ainda*.

“Proseguia o Dr. Aprigio Guimarães, em sua faina litteraria, e offereceu-nos o seu drama—*Nunes Machado*. A luta entre aquelles dois lados de apreciadores, ou criticos, recrudesceu. A insistencia de uns para leval-o depressa ao Capitolio, encontrava a severa recusa dos outros. Echoava sempre o brado: *é cedo ainda*.

“*Nunes Machado* era drama historico que punha em jôgo factos muito caracterizados pelas paixões politicas contemporaneas. As chagas da terrivel crise de 1848 ainda estavam vivas. O juizo que se proferia sobre o drama do héroe que morrera no combate da Soledade, resentia-se da influencia daquellas paixões não amortecidas.

“A exageração dos adhesos á revolução praieira, não triumphou. Os adversarios deste movimento que se bromara, profligaram o trabalho do nosso amigo, qualificaram-n’o de especulação, ridicularisaram-n’o, e assim concorreram para que a calma e a justiça da critica litteraria não apparecesse. O resentimento, ou odio contemporaneo foi mais longe: por meios directos ou indirectos, por ambições de gloria, ou por inveja e proposito mesquinho, um outro drama—*Nunes Machado*—surgio á publicidade, e foi tambem representado nos theatros. Houve até quem dissesse que este segundo producto da musa dramatica era superior ao primeiro.

“Não desanimou o nosso amigo; deixou passar a onda. Não desanimam os que teem consciencia do que valem, e do que podem fazer. Ao vendaval dos juizos prevenidos e exagerados, respondeu com o silencio eloquente, symptoma da segurança e da certeza que se tem de triumphar.

“Nova gestação, novo parto. *João de Souto-Maior*, ou o *Delirio do Patriota*, surgio á luz do dia.

“Na presença de numeroso e illustrado auditorio, foi esse drama lido no *Club Popular*, na noite de hontem, vinte, pelo seu autor.

“ Completo triumpho obteve o nosso amigo Dr. Apri-
gio Guimarães.

“ As vezes uma só pagina, uma bella phrase, um pen-
samento magnifico, tornam inabalavel a reputação do lit-
terato. No drama—*João de Souto-Maior*—, ha mais de
uma pagina admiravel, ha muitas phrases soberbas, bellas,
eloquentes; ha diversos pensamentos sabiímes, magníficos.

“ O litterato fez-se: seu pedestal é seguro, forte. Não
se ouvirá mais o triste e desanimador estribilho: *é cedo
ainda!*

“ Na noite de vinte (devera ser de vinte e um) con-
graçaram-se os dois lados belligerantes: os provecos, os
severos, e imparciaes deram as mãos aos moços e aos ami-
gos dizendo-lhes: é tempo, tendes razão, podeis proclamar
o merito do illustrado pernambucano. Este merito re-
conhecemol-o. *João de Souto-Maior*, firmou nossa con-
vicção, affastou todas as nossas duvidas.

“ Tal a linguagem geral.

“ Póde ainda a critica encontrar defeitos na forma;
póde encontrar senões, desvios aqui, frouxidão ali, os pri-
meiros quadros muito carregados, os ultimos muito vãos.

Podem achar algum anachronismo em certas phrases
collocadas na bocca dos personagens daquella epocha, um
pouco extensa ou demorada a scena do attentado ao puñor,
frieza nos sentimentos de Luiz de Sá, inverosimilhança
na loucura de Amelia. Outras muitas censuras, o espiri-
to investigador é insaciavel, e as lições dos mestres podem
descobrir.

“ Nós seguimos outro rumo. Somos dos que appli-
cam o principio da liberdade ás letras; nem a veneração
supersticiosa á escola classica, nem o culto cégo ou preci-
pitado á sua contraria. A liberdade da forma, respeitan-
do a moral, e os principios fundamentaes da natureza hu-
mana, é uma bandeira acceitavel em litteratura.

“ *João de Souto-Maior*, como producto historico, é ina-
tacavel no seu todo. Se alguma circumstancia corre por
conta do dramaturgo, o fundo do drama é verdadeiro.

“ Considerado commettimento patriótico, provoca
applausos, excita louvores.

“ Como trabalho politico, encontra parallellos e pre-
cedentes que o collocam á par de outras glorias nacionaes.

“ Como estudo philosophico do caracter do individuo prototypo, e dos factos da epocha, vai buscar sem difficuldade, com a razão, e consciencia humanas, a attenuante ou a justificativa, e por tanto a absolvição da posteridade.

“ Já dissemos nosso juizo encarando-o como obra de litteratura patria. Ha infindos trabalhos, no genero dramatico, que lhe são inferiores, ha por ventura alguns que o excedam. . . poucos talvez, mas não os conhecemos. Hajam embora muitos dramas, *por autores brasileiros*, que mereçam preferença; nem por isso *João de Souto-Maior*, deixa de ser um ensaio, um esforço litterario, um tributo ás lettras, que honra á estas, e que dá creditos ao seu autor.

“ O Dr. Aprigio Guimarães, com o seu pincel amestrado, e com a riquissima palheta de tintas finissimas que possui, soube descrever o quadro negro, a situação abominavel que o despotismo de Luiz do Rego creara nesta provincia. Soube fazer sobresahir as sympathias que merecem em todos os tempos os paladinos da liberdade. A scena da cadêa da Bahia, a morte do padre Antonio de Souto, no carcere, é pathetica. Faz ainda hoje arripiar a cruzada do Conde dos Arcos. A *Freira* recorda a tempera de caracter da mãe dos Grachos. A pintura de todos os caracteres do drama, segundo as tradições que temos ouvido, e que temos lido, aproxima-se dos originaes.

“ Occupemo-nos do ponto principal, do protogonista.

“ Os aulicos, os corcundas, os lisongeiros da autoridade, que tecem encomios á todos os seus actos, que justificam todos os seus excessos, que perdoam todos os seus crimes, despotismos e carnificinas; todos estes inimigos do povo, e da liberdade, sem duvida, no excesso de sua nefanda idolatria, hão de proclamar sempre: que Luiz do Rego, é um Lincoln, e Souto-Maior, um Booth.

“ Souto-Maior, repetia o echo desde 1817 até hoje,—foi um assassino. Algumas vozes timidas, apenas diziam baixinho—*foi instrumento, o mandatario de uma conspiração politica, victima que sacrificou-se pela liberdade.*

“ Tão baixo fallavam, que aquelles que mentiam aos factos, e calumniavam aos caracteres, camparam ufanos do seu conceito.

“ O Dr. Aprigio Guimarães organisou por tal forma o seu drama, que vingou a memoria dos patriotas de 1821,



e apresentou-nos Souto-Maior, sob face mais agradável, mais sympathica, mais real.

“ Foi o nosso amigo feliz, á força de ser fiel á historia, de investigar com critica os factos da tyrannia de então, de não falsificar os caracteres que figuraram na tremenda luta do temerario governador-general contra os patriotas pernambucanos.

“ Quem ouvir, ou lêr o segundo drama do Dr. Apri-gio Guimarães, perde o juizo prevenido que por ventura formava dessa epocha que já vai longe.

“ O enredo do drama, os factos de compressão e tyrannia de um lado, e a tenacidade do outro em defender a liberdade, á par do dever de resguardar o pudor das familias, e vingar a honra ultrajada das senhoras, os precedentes da familia Souto-Maior que soffreu em 1817 todas as perseguições, e vio definhar e morrer na masmorra bahianna um dos seus mais distinctos membros, cobrem o protogonista do drama de uma auréola diversa, que faz com que elle surja na posteridade sem feições hediondas.

“ E’ uma necessidade urgente vir o drama para a imprensa. A opinião publica proferirá o seu ultimo verdictum. Temos para nós que a opinião publica não aceitará o paralelo de *Booth*.

“ Ella irá a historia mais remota buscar o equivalente.

“ Ella dirá, que na Suissa tambem foi assassinado o governador *Gessler*.

“ Se, pelo drama do nosso amigo, se precisa de algum paralelo para *Souto-Maior*, o modelo está em Guilherme Tell!

“ Se algum simile se busca para Luiz do Rego, ahi está o original no governador *Gessler*.

“ A posteridade não tem tido louvores para este; a posteridade não achou ainda censuras para aquelle.

“ Tell, pelo contrario, passou para a historia como um heróe.

“ Diga a opinião publica a sua ultima palavra. Se Guilherme Tell não foi um assassino, Souto-Maior tem igualmente na historia do seu tempo fundamentos para repellir o epitheto.

“ Nós esperamos o juizo postero, nós esperamos que será de accordo com o que resalta do drama.

“ E tú, Pantheon dos brasileiros illustres, abre-te;

recebe em teu seio o Dr. Aprigio Justiniano da Silva
Guimarães. Abre-te; recolhe soberbo, mais este litterato,
mais esta gloria patria. Assim o manda a verdade, as-
sim o impõe a justiça.”



Licções de Historia

Sob o titulo acima, afim de serem archivados nesta REVISTA, resolvemos enfeixar, como estudos continuados, os seguintes trabalhos, todos da historia pernambucana:

I—Correcção a um artigo da NOTICIA (vespertino da Capital Federal), em que naquelle jornal se disse que o dia 24 de Julho de 1912 recordava mais um anniversario da morte de Fr. Caneca.

II—Artigo publicado em 31 d'Agosto de 1912 no mesmo vespertino *A Noticia*, em resposta á *Gazeta de Noticias*, ao *Paiz*, á *Imprensa*, *A' Noite*, ao *Correio da Manhã* e a outros jornaes do Rio de Janeiro que, ignorando as razões porque a ilha *Fernando Noronha* pertence a Pernambuco, todavia durante muitos dias os mesmos fizeram extensas e repetidas publicações aconselhando o Governo Federal a incorporal-a ao territorio da União. Felizmente o seguinte artigo que condensava toda a questão convenceu de modo que nem mais uma linha se escreveu e publicou sobre o assumpto.

III—Artigo commemorativo da data—DEZ DE NOVEMBRO DE 1710—em que Bernardo Vieira de Mello deu n'America o primeiro brado em pról da ideia republicana. Foi publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio, edicção da manhã, em 10 de Novembro de 1912.

IV—Commemoração da libertação do Brazil do dominio hollandez, é uma synthese de toda essa historia feita no discurso pronunciado na sessão magna do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, de 27 de Janeiro de 1913.

V—Outra synthese historica da Revolução republicana de 1817, feita em discurso pronunciado em sessão magna commemorativa do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, em 6 de Março de 1913.

I

REVOLUÇÃO DE 1824

CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Escreve-nos o Sr. Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, do Instituto Historico (disse o mesmo *jornal*):

“ Illustre redactor d’A *Noticia*—Em vosso conceituado jornal de hontem, na secção *O Dia e a Vespera*, destes a data de 24 de julho, como anniversaria da morte do famoso frei Caneca. Pernambucano que sou e dado a estudos de historia patria, tomo a liberdade de vir dizer-vos que houve engano em tal indicação, pelo que venho rogar-vos a bondade de a rectificardes. Frei Caneca foi fuzilado a 13 de janeiro de 1825, summariamente julgado e condemnado por uma commissão militar.

O facto de 24 de julho de 1824 é a proclamação da Republica, no Recife, sob a denominação de *Confederação do Equador*, por Manuel de Carvalho Paes de Andrade, o que foi feito com as seguintes palavras: “*Brazileiros, pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas: o momento é este; salvemos a honra, a Patria e a Liberdade, sollando o grito festivo—VIVA A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR.*” Na mesma occasião foi aceita provisoriamente a constituição da Columbia e se deu a respectiva bandeira

ra que não poudeser hasteada na fortaleza do Brum, porque a isso se oppoz o commandante Ildefonso da Veiga.

Essa proclamação fora precedida da publicação de um manifesto, com a data de 2 de julho, em que convidava os habitantes do norte do Brazil a ligarem-se num pacto com aquella denominação. Ephemera, pois, essa republica, a 12 de setembro, dois mezes e pouco, estava jugulada pelas armas imperiaes. E Frei Caneca, que já tinha feito parte da anterior e mallograda revolução de 1817 e um dos incendiarios prégadores das idéas republicanas, foi a primeira victima immolada.

Depois seguiram-se, em diversos dias, as seguintes:— Lazaro de Sousa Fontes, Antonio Macario de Moraes, major Agostinho Bezerra, Antonio do Monte, Nicolau Martins Pereira, James Rodgers, Francisco Antonio Fragoso, o commandante da escuna *Maria da Gloria*, Joaquim Loureiro; o piloto João Mitroviek e o commandante do brigade *Constituição ou Morte*, João Guilherme Ratelif.

Isto que aqui fica é asseverado pelos historiadores, testemunhas dos factos, o general Abreu e Lima e Antonio Joaquim de Mello.

Em homenagem ao restabelecimento da verdade do facto, espero que aceiteis esta rectificação e lhe deis a devida publicação.

Com isso muito obrigareis o vosso constante leitor, etc.”

(Da *Noticia*, vespertino do Rio, de 25 de Julho de 1912).

II

FERNANDO DE NORONHA

“ Illmo. Sr. redactor d’A *Noticia*—Não só como pernambucano, mas sobretudo como brasileiro, desejando ver bem resolvida essa momentosa questão que se agita, a respeito do archipelago Fernando de Noronha, venho aqui

offerecer-vos meu contingente neste assumpto. Para isso, porém, tomo a liberdade de rogar-vos que me concedaes acolhimento em vossas columnas, dando publicidade ás lhiças que seguem, onde me parece se conciliam os interesses reciprocos da União e de Pernambuco. Sobre a mesma ilha, que aliás a conheço em seus menores detalhes, pois lá já estive em passeio de uns dois mezes, tenho publicado extensa e desenvolvida *Noticia historica e topographica*, a qual, certamente, conhecem os que se dão a leituras e estudos de tal natureza. Com esses elementos, pois, é que vim, entre outros, dizer alguma coisa que agora é precisamente opportuno.

Entremos no objecto:

A ilha, descoberta em 1503 por Fernando de Noronha, começou a pertencer a Pernambuco, por carta regia d'el-rei D. Pedro II, de Portugal, datada de 24 de setembro de 1700, e em virtude do acto do Conselho do Governo, de 2 de setembro de 1833, foi declarado fazer parte da freguezia de S. Pedro Gonçalves do Recife. Ella é, portanto, desde os tempos coloniaes, parte integrante do territorio de Pernambuco. Durante os dias da monarchia o governo geral ali sempre exerceu sua acção, tomando conta de suas fortalezas e guarnecendo-a sempre com força do Exercito. A ilha era pernambucana sómente porque estava em seu territorio, pois até o presidio tinha character geral e commum a todas as provincias, sendo as despesas dos cofres geraes, porque a justiça egualmente o era. Nos governos de D. Thomaz de Mello e do general Luiz do Rego houve tentativas de se fazer ali uma colonia agricola, mas não foi levada a effeito. De 1824 até 1877, a ilha foi dirigida pelo ministro da Guerra, e tanto que seus commandantes eram patentes militares. Mas a lei n.º 2.992, de 20 de outubro de 1877, transferiu a administração para o Ministerio da Justiça.

Proclamada a Republica, o decreto do governo provisório n.º 854, de 13 de junho de 1890, desannexou-a do Estado de Pernambuco, creando na ilha uma comarca especial e directamente subordinada ao governo da União; mas outro decreto do mesmo governo, n.º 1.371, de 14 de fevereiro de 1891, restituiu-lhe o mesmo archipelago. Essa restituição, é preciso que se diga, foi devida ao dis-

tineto brasileiro Exmo. Sr., Barão de Lucena, que, ao ser convidado pelo marechal Deodoro para fazer parte de seu governo, declarou-lhe que uma das condições de sua entrada para a administração era a restituição a Pernambuco daquela ilha, que sempre lhe pertencera ao territorio. E o Marechal aceitou as razões do venerando e sincero homem de Estado, desinteressado sempre, mal comprehendido e algumas vezes injustamente accusado.

Elle, defendendo a amputação que, mais uma vez, se fazia do territorio secular de Pernambuco, quando outros cresceram por annexações, livrava a Republica de praticar a indignidade que a monarchia em mais de uma occasião commettera, relativamente ao que já estava tão aparado e reduzido. A monarchia, para matar ali o velho ideal que vinha de 1710, tirou-lhe, no governo de D. João VI, como castigo da revolução republicana de 1817, a melhor parte de seu territorio—a comarca de Alagoas—onde a propria natureza nem favorecia a uma separação; e ainda, no governo do despota D. Pedro I, pela outra revolução republicana—a Confederação do Equador—foi-lhe desmembrada a comarca de S. Francisco, incorporando-se em 1824 a Minas Geraes, depois, em 1827, á Bahia, mas em ambos os casos *provisoriamente*, e neste character até hoje. A monarchia póde ser que se justificasse, mas a Republica não, que a Pernambuco até deve reivindicações. Entretanto, sabemos que a idéa primacial, lembrada e preferida pelo mesmo Barão de Lucena era uma nova divisão nos Estados da nascente Republica, tornando-os mais approximados uns dos outros, quanto fosse possivel, pela população, extensão, e com limites bem demarcados por linhas naturaes. Essa idéa não teve tempo de ser posta em pratica, porque a Constituição logo após foi promulgada.

Feita rapidamente essa exposição completemol-a tratando do objecto principal da questão. O que presentemente se discute com bastante interesse na imprensa é: Si o governo federal deve chamar a si a ilha de Fernando de Noronha, isto é, desligal-a do territorio de Pernambuco.

De accôrdo com a Constituição Federal não pode fazer-o, porque os Estados se organisaram das antigas provincias, e Pernambuco, a 24 de fevereiro de 1891, data da

promulgação daquella nossa magna carta, tinha Fernando Noronha incorporado a seu territorio e com elle se constituiu. E, como em virtude da lei ordinaria, a União não pôde desmembrar qualquer pedaço do territorio dos Estados, Fernando que é uma parte do Estado de Pernambuco não pôde delle ser separado.

Do mesmo modo que isso é verdade, egualmente é que em qualquer parte do territorio brasileiro seja um porto, um ponto do littoral, uma ilha, uma fronteira, exerce o governo federal sua acção, em tudo aquillo que comprehende o interesse nacional, o que se refere á existencia commum dos 20 Estados que constituem a grandeza da patria. Elle representa o elo da unificação de toda a collectividade, mas não um poder conquistado de territorio dos mesmos Estados. Com uma tal theoria poderia até fazer desaparecer algum, conforme o processo. Fernando de Noronha, por sua posição geographica, no meio do oceano, na linha obliqua da navegação, entre Lisboa e Pernambuco (porto mais oriental e o primeiro que surge no continente sul americano), é a passagem forçada da mesma navegação da Europa e por isso deve o governo federal fortificá-lo como ponto strategico.

Mas Fernando continua a pertencer a Pernambuco como lhe pertence a 212 annos, e seu desmembramento é uma tão criminosa violação de nosso pacto fundamental, como qualquer transacção do governo federal com o Estadoal. A União serve-se da ilha do mesmo modo que se serviria de qualquer parte do territorio do Paiz; é um direito seu, como ali já collocou uma estação radiographica, consentiu duas estações telegraphicas submarinas, e ia collocar o lazareto de isolamento, fazendo-o, porém, em Tamandaré, por falta d'agua abundante em Fernando.

E não esqueça tambem que Tamandaré não precisa menos de ser fortificado, talvez mesmo ser um porto naval, pois é uma immensa bahia, de entrada bastante larga, com uma desmoronada fortaleza na entrada, porto muito profundo, o maior e melhor do norte do Brazil, capaz de abrigar grande esquadra, mas num ponto pouco habitado da Costa. Em occasião de guerra o inimigo teria commodo e facil desembarque. Mas é assim mesmo, em tudo ha sempre de nosso governo o desvio do ponto principal; ain-

da hontem por economia supprimiu os arsenaes da Mari-
nha e guerra de Pernambuco, verdadeira atalaia do mar,
hoje quer negociar a ilha, quando seu caminho é outro.

S. de V. Galvão.

(Publicado em *A Noticia* do Rio, de 31 de Agosto de 1912)

DECRETOS SOBRE FERNANDO DE NORONHA A QUE O ANTERIOR ARTIGO ALLUDE

O decreto n. 854 de 13 de Outubro de 1890, do Go-
verno Provisorio da Republica, que considerou Fernando
de Noronha territorio pertencente á União Brasileira, foi
revogado pelo de n. 1371 de 14 de Fevereiro de 1891 nos
seguintes termos:

O generalissimo Manuel Deodoro da Fonseca, chefe
do Governo Provisorio, tendo ouvido o Ministro da Justi-
ça, e considerando:

Que o archipelago de Fernando de Noronha recebeu
de Pernambuco seus primeiros povoadores nos primeiros
annos do seculo 17;

Que o governo da capitania de Pernambuco por duas
vezes, em 1630 e 1654, expulsou os hollandezes que se ha-
viam apossado da principal das mesmas ilhas, primitiva-
mente denominada S. João por seu descobridor Fernando
de Noronha;

Que foi por iniciativa do governador e capitão gene-
ral de Pernambuco, Caetano de Mello e Castro e com au-
xilio da Camara Municipal do Recife, que a carta regia de
7 de Setembro de 1696 tomou as primeiras providencias
para o povoamento e fortificação da ilha principal;

Que a carta regia de 24 de Setembro de 1700 deter-
minou que a ilha Fernando de Noronha ficaria pertenc-
endo á capitania de Pernambuco;

Que foi o governador d'essa capitania Henrique
Luiz Pereira Freire quem defendeu o mesmo archipelago
contra a invasão da companhia oriental franceza, que se

havia apoderado em 1736 da ilha de Fernando de Noronha, a qual déra o nome de—*Isle Delphine*—, sendo desalojados os francezes e construidos os fortes dos Remedios, Santo Antonio e Conceição, além de iniciados os trabalhos agricolas pela expedição que o dito governador mandou em 1737, sob o commando do tenente coronel João Lobo de Lacerda;

Que pelo mesmo governador foi organizado em 1739 o governo militar e economico da ilha, desde então designado—Presidio de Fernando de Noronha;

Que durante todo o regimen colonial o archipelago de Fernando de Noronha continuou sujeito ao governo de Pernambuco;

Que, proclamada a independencia do Brazil, foi o presidente de Pernambuco quem nomeou o commandante do presidio e expediu as instrucções de 5 de Fevereiro de 1824 para a administração local;

Que a unica lei patria que autorizou cumprimento de pena na ilha de Fernando de Noronha, a de 3 de Outubro de 1833, arts. 8.º e 9.º, designando-a para degredo dos fabricadores e introductores de moeda falsa e falsificadores de notas, cautelas, cedulas e mais papeis fiduciarios da Nação ou de banco, assim como os decretos n.º 196 de 1 de Fevereiro e 802 A de 4 de Outubro de 1890, na parte em que mandam alli recolher, alem de moedeiros falsos, os contrabandistas, já estão implicitamente revogados pelo artigo 43 do novo codigo penal que não admittiu pena de degredo, e pelas disposições do Titulo VI, capitulos 1.º e 2.º e Titulo VII do livro 2.º do mesmo codigo, que punem taes criminosos com a prisão cellular;

Que, em virtude do art. 3.º, paragrapho unico, n.º 2 da lei n.º 2792 de 20 de Outubro de 1877 deixou de ser a ilha de Fernando de Noronha um presidio militar, reconhecendo o legislador a desnecessidade de continuar a pratica, aliás não autorizada por lei, de mandar para alli réos de crimes militares, condemnados á galés ou trabalhos forçados, visto não proseguirem as obras de fortificação em que dantes eram empregados, e já está revogado o decreto n.º 3413 de 11 de Fevereiro de 1865;

Que, abolidas as penas de galés e de grêdo, e não havendo lei alguma vigente que designe Fernando de Noro-

na para cumprimento de penas, cessaram os motivos pelos quaes em 1877 fôï posto esse estabelecimento sob a administração do Ministerio da Justiça, não podendo prevalecer os decretos do poder executivo, que, por conveniencias transitorias, autorisaram a transferencia para aquelle presidio de outras classes de criminosos, mencionados nos decretos n.º 2375 de 5 de Março de 1859 e n.º 9356 de 10 de Janeiro de 1885 em varios avisos e ordens provisórias;

Que com o systema federativo e posto em execução o codigo penal, nenhum estado ou o Districto Federal pode ter o direito ou a obrigação de condemnar os criminosos a degredo em territorio de outro Estado, só ao Congresso competindo designar uma certa parte do territorio para estabelecimentos da União;

Que o archipelago de Fernando de Noronha pertence a Pernambuco desde 1700, e sempre esteve sob a jurisdicção das autoridades do Recife; (*)

Que o decreto n.º 854 de 13 de Outubro de 1890, cuja exposicção de motivos, na parte em que affirma ser o archipelago pertencente a União Brasileira, só significa que elle constitue territorio do Brazil, como o de todos os Estados, não estando descriminado por lei qualquer fracção territorial que deva pertencer á União, e na parte que suggeria a conveniencia de ficar o archipelago sujeito á autoridade e justiça federal, se fundava na legislação, actualmente revogada, que impunha pena de degredo para a ilha de Fernando de Noronha, deve ser entendido e executado, de accordo com o disposto no art. 224 do de-

(*) Faz parte da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves da cidade do Recife por acto do Conselho do Governo, de 2 de Setembro de 1833.

N. B.—Este decreto do governo provisório foi redigido pelo Dr. Lucio de Mendonça, então director Geral da Secretaria do Ministerio da Justiça, e mais tarde Ministro do Supremo Tribunal Federal cargo em que se aposentou. Esta informação me foi dada pelo Barão de Lucena, que era o Ministro da Justiça naquella epoca, e incumbira ao mesmo Dr. Lucio de Mendonça de estudar o caso da reversão de Fernando de Noronha á Pernambuco e redigir tambem o decreto respectivo.

Recife, 10 de Abril de 1913

S. de V. Galvão,

creto n.º 1030 de 14 de Novembro de 1890, que declarou pertencer á justiça alli constituida ao Estado de Pernambuco, reconhecendo assim o seu direito e jurisdicção no territorio do archipelago;

Decreta:

Art. 1.º—O territorio do Archipelago de Fernando de Noronha continúa a pertencer ao Estado de Pernambuco.

Art. 2.º—As attribuições conferidas ao Ministerio da Justiça, em relação ao mesmo archipelago, passarão a ser exercidas pelo governador do Estado de Pernambuco, desde que este se organizar, e enquanto de outra forma não determinar o seu poder legislativo, guardadas as disposições da Constituição Federal e leis do Congresso Nacional.

Art. 3.º—Revogam-se as disposições em contrario.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça assim o faça executar.

Sala das Sessões do Governo Provisorio, 14 de Fevereiro de 1891, 3.º da Republica.

MANUEL DEODORO DA FONSECA

Barão de Lucena

DEZ DE NOVEMBRO

O dia de hoje recorda uma pagina brilhante da historia patria, onde a idéa de independencia começa a apparecer.

Nesta data, em 1710, quando o violento e arbitrario Governador Sebastião de Castro e Caldas foge para a Bahia, espavorido com a revolução nascida de seus excessos, na qual uns 2.000 pernambucanos entram triumphantes no Recife, lançando por terra o pelourinho e esbordando os *Mascates* do Senado e da Camara recém-creado alli, —o intemerato sargento-mór Bernardo Vieira de Mello, outr'ora o commandante em chefe da expedição que vencera os *celebres Palmares*, propôz,—com inaudita coragem

e desassombro, no Senado da Camara da velha Capital de Pernambuco, a legendaria Olinda, o qual se reunira ás 10 horas da manhã daquelle dia, uma segunda-feira, para resolver sobre o governo acephalo da Capitania,—*que esta fosse constituida, uma Republica ad instar de Veneza.*

A idéa foi julgada temeraria e audaciosa, sómente achando éo em alguns patriotas; a maioria foi dominada pelo medo da consequencia.

Bernardo Vieira seguidamente procurou demonstrar “que a Capitania tinha recursos para sua independencia; recordou o valor pernambucano na luta hollandeza, lamentando que após tão famosa guerra fosse restituida á corôa portugueza a porção do territorio brasileiro que se havia então desmembrado; e disse tambem se naquella occasião resistissem teriam conseguido a libertação e não chegariam á oppressão de que eram victimas. Tivessem confiança, pois, no exito de sua proposta. E, finalmente, lembrou aos duvidosos e vacillantes que nas maiores difficuldades havia o reducto dos *Palmares*, onde seriam invenciveis, porque 41 annos e 25 expedições varios governos gastaram para vencer negros desarmados.”

Mas a solução vencedora foi entregar o poder ao bispo D. Manoel Alvares da Costa. Os partidarios da proposta de Vieira protestaram contra a deliberação, declarando que em ultimo caso era preferivel sujeitar-se ao dominio francez, mais polido e militar, do que á dominação portugueza, mais grosseira e estúpida.

O prelado que se achava ausente, na Parahyba, chamado, chegou a 15, quando assumiu a administração. Seu primeiro acto foi, em nome de seu soberano, conceder perdão a todos que de qualquer modo estivessem comprometidos no movimento, confirmando semelhante perdão a carta régia de 2 de Junho de 1711.

Nove mezes apenas tinham decorrido e os *Mascates* ou *marinheiros*, como lhes chamavam os Pernambucanos, provocaram uma reacção, adquirindo mantimentos, e, ricos como eram bastante, comprando alliados entre a tropa regular, os corpos de indios e de negros, nas quadrilhas de salteadores e em toda a parte onde encontrassem venaes e mercenarios. A 18 de Julho de 1711 nova guerra civil se manifestou capitaneada por D. Francisco de

Souza, pelo Capitão João da Motta e outros chefes, entre os quaes alguns recolectos da Madre de Deus.

Achava-se o Bispo no Collegio dos Jesuitas, quando os revoltosos oprehenderam, pretextando queixas contra Bernardo Vieira, de querer se proclamar governador e fazer *republica*.

Este escapou de ser assassinado no levante pela intervenção do tombador Dr. José Ignacio Arouche, que aparentemente o prendeu e o conduziu á prisão, até aonde em altos brados os desordeiros pediam sua morte, e lhe dispararam dous tiros que não o attingiram.

Nesse interim o Bispo foi guardado no Recife, entre os *mascates*, sob o pretexto de decôr á sua pessoa, por 150 soldados, e o forçaram a assignar varias circulares de ordens, que noutra situação elle não o faria. Mas a 21, sob o pretexto de um passeio marítimo, em companhia do Dr. Arouche, poudo fugir para Olinda, de onde em circulares fez sciente ás diversas Camaras, do modo como assignára muitos papeis.

Immediatamente dalli, D. Manoel Alvares intimou os do Recife á obediencia de sua autoridade; mas quatro vezes consecutivas não o attenderam, e por fim proclamaram o Capitão João da Motta como governador a quem obedeciam sómente.

Chegaram assim os acontecimentos ao ponto de ser preciso o emprego das armas. Em vista disso o prelado deixou o governo e entregou-o ao ouvidor Dr. Valenzuela Ortiz, ao mestre de campo Christovam de Mendonça Araez, e ao Senado da Camara de Olinda, composto de Domingos Bezerra Monteiro, Antonio Bezerra Monteiro e do procurador Estevam Soares de Aragão. Durou este estado de cousas até a chegada do novo Governador Felix José Machado, em 6 de Outubro.

Não decorreu, entretanto, muito tempo que elle não estivesse inclinado e se alliasse a todos os desejos de seus compatriotas. Começou uma infrene perseguição contra a gente de Olinda. Assim foi que se tratou de tirar devassas relativas aos dous levantes,—de 1710—confirmado o perdão já por El-Rei de Portugal,—e de 1711—pelo governador geral da Bahia, D. Lourenço d'Almada.

As devassas abertas pelo novo Ouvidor José Marques

Bacalhão e o Juiz de Fóra Paulo de Carvalho foram verdadeiras monstruosidades em materia de justiça. Entretanto, antes de conhecidas, foram presos, como delinquentes e por segurança, os seguintes: coronel Leonardo Bezerra Cavalcanti, o alferes André Vieira de Mello, Cosme Bezerra Cavalcante, Manoel Bezerra Cavalcante e o capitão João de Barros Corrêa.

Ao mesmo tempo o Governador publicou um bando mencionando pronunciados: como inconfidentes—ao capitão André Dias, ao sargento-mór Bernardo Vieira, aos capitães-móres João de Barros Rego e Mathias Coelho Barbosa, capitão Cosme Bezerra Cavalcanti, Mathias Vidal de Negreiros, ao commissario geral Manoel de Barros Rego, José Tavares de Hollanda e ao sargento-mór Sebastião de Carvalho e Andrade. Offerecia-se naquelle um premio a quem os descobrisse, e ameaçava de severo castigo aos que déssem asylo ou acobertassem taes Pernambucanos.

A 27 de Março de 1712 chegou ao Recife preso o sargento-mór Bernardo Vieira, que foi recolhido á fortaleza do Brum, sendo algemado e mettido á ferros. Era elle, sem nenhuma duvida, o mais odiado e o mais temido daquelles homens, pelo enorme crime de amar demasiado á patria.

Para completar essa obra da mais infrene perseguição aos Pernambucanos, Felix Machado chamou ao Recife os ouvidores da Parahyba Jeronymo Corrêa do Amaral e de Alagôas José Soares da Cunha para que, juntos com o Ouvidor Bacalhau e o Juiz de Fóra Paulo de Carvalho, se constituissem em tribunal de justiça, e condemnassem á morte os presos.

A infamia do procedimento e o empenho desceram a tal ponto de ser offerecido ao Ouvidor de Alagôas 3.000 cruzados por seu voto, conforme posteriormente elle certificou com juramento. Mas, apesar de tantos esforços, nada foi conseguido daquellas autoridades. Retiraram-se ambas para suas jurisdicções, sustentando faltar-lhes competencia para comporem um tribunal de julgamento, e ainda que o Governador tambem não tinha attribuição para chamal-os.

O proprio bispo D. Manoel Alvarez, porque sempre

se mostrara inclinado pelos nacionaes, não escapou. Foi deportado para 60 leguas distante de sua Cathedral, lá para a margem do rio S. Francisco.

E, por fim, a 28 de Julho, o mesmo Governador fez partir para Lisboa numa frota, carregados de ferros, onze presos, entre os quaes ia Bernardo Vieira de Mello.

Esse patriota terminou seus dias amarguradamente na cadeia do Limoeiro, e de um modo extranho, que, ora parece suicidio, ora que o tivessem feito succumbir. O quarto em que estava detido, hermeticamente fechado, dentro um fogareiro em brazas que ardera durante a noite, e o heróe de 1710, morto! Fôra asphyxiado, portanto, como parece, pelo acido carbonico. Quem, porém, collocára alli semelhante fogareiro? Quem tapara com tanto cuidado todas as entradas do ar naquelle cubiculo?

Nada se sabe...

Honremos, pois, neste dia, aquelle patriota e martyr das idéas liberaes.

Sebastião de Vasconcellos Galvão

(Do *Jornal do Commercio*, de 10 de Novembro de 1912,
—do Rio de Janeiro.)

IV

DOMINIO HOLLANDEZ

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 27 DE JANEIRO DE 1913, 51.º ANIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO.

“*Exm. Sr. General Inspector da Região. Exm. Sr. Arcebispo de Olinda. Meus Senhores.*—Depois de quanto ouvistes do orador do Instituto, concedei-me tambem que vos dirija a palavra.

Volvendo meu espirito á solidão do passado accordam-se-me echos, sombras gloriosas e imagens venerandas desta minha terra, que é tambem vossa. Desta terra, sim, de meu coração, a quem dedico affecto immenso, e que mesmo em plaga extranha esse amor é maior ainda, toma a grandeza de um culto.

Cêdo e quasi com o povoamento da colonia os heróes aqui nasceram e continuaram a fulgurar sempre.

Cresei e eduquei-me no tempo em que floresceram alguns patriotas, alguns homens de talento. Vi-lhes a estatura moral, d'elles senti a intrepidez, admirei o prestigio que cercava a frente de taes apóstolos de idéas audazes, seguramente triumphantes. Tambem é verdade que, mais tarde, amargamente vi-os sumir na voragem eterna da morte!

E na téla de minha memoria visual, como uma via-sacra de saudades, ou como um quadro cinematographico, desfilam vivos e animados os factos, que se foram, as figuras illustres de contemporaneos queridos, taes como:

—Aprigio Guimarães, um dos installadores d'este Instituto, orador cheio de encantos e espirito democrata, que insufflava no coração da mocidade o liberalismo mais adiantado, as idéias mais elevadas, o patriotismo mais puro...

—José de Vasconcellos, o jornalista emerito, e o historiographo consciencioso.

—Victoriano Palhares, o cantor altiloquo de nossos triumphos com a mesma pompa que lembra Castro Alves.

—Epaninondas de Mello, o talento peregrino, o grande soldado das fileiras democratadas.

—José Hygino, una mentalidade superior sob varios aspectos e que aprendeu o hollandez somente para ir desentranhar nos archivos da Hollanda a parte obscura de nossa historia.

—Buarque de Macedo, o homem superior, dos que imprimem a uma nação o cunho immortal de suas idéias, mais do que uma gloria pernambucana um nome immortedouro do Paiz.

—Barros Sobrinho, o incansavel batalhador da campanha abolicionista.

—O major Codeceira, o fanatico das glorias de sua terra, e que não perdia occasião de doutrinar aos moços, e aos que queriam ouvil-o, a elle, o perfeito chronologo de nossa historia.

—Antonio Estevam, um espirito adiantado, culto e puro, tribuno popular, um talento da maior veneração e estima.

—Martins Junior, poeta e orador, talento genial, alma immaculada, sonhadora e sincera, propagandista da Republica e paladino da abolição.

—Phaelante da Camara, talento de escól, democrata, orador de merito, jornalista, fez a campanha da abolição e teve destaque entre nossos estylistas.

—João Teixeira, ardoroso tribuno popular batendo-se com denodada convicção em pról das principaes causas sociaes.

—Joaquim Nabuco, o typo mais completo de um immenso brasileiro. Emilio Faguet diz que a raça latina pode orgulhar-se de possuil-o entre seus mais distinctos representantes. A cidade do Recife guarda da campanha abolicionista a mais profunda impressão de sua admiravel individualidade.

E—José Mariano, uma resurreição do legendario Nunes Machado, foi abolicionista com Nabuco, tribuno popular seductor, a alma mais fascinadora que tenho conhecido, um ente que não tinha canções nem enfados para ouvir e attender a multidão que o procurava, e por isso, entre o povo, ninguem foi mais adorado.

Foi no ambiente desses pernambucanos que succederam á constellação luminosa a que pertenceu Nunes Machado, Pedro Yvo, Frei Caneca, Natividade Saldanha, Agostinho Bezerra, Domingos Theotônio, Padre Roma, José Luiz de Mendonça e, mais remotamente, Bernardo Vieira de Mello, que meu coração despertou e aprendeu a amar profundamente as tradições fulgentes de minha terra!

Oh! senhores, quanta alma, quanto espirito tinham elles, e o que conta a existencia de um povo é seu sentir que lhe attesta a opulencia patriótica!

E como estas expressões destoam das vistas estreitas dos degenerados e tyrannos que abusando do poder violaram o direito do fraco! A cincoenta annos ou meio seculo já existia o Instituto Archeologico, prestando ao Brazil e a Pernambuco, inestimaveis serviços. Um dia,—em 1911,—um governo despotico, porque este dizia ser esta Associação um ninho de opposicionistas, mandou derrubar sob pretexto de melhoramentos, o edificio de que ella era usufructuaria, em virtude de lei, fez sequestrar

ainda tudo o que a mesma possuia, atirar grande parte no quintal d'O Gymnasio Pernambucano, e outra, em montão, numa de suas salas, tudo destruindo e estragando. E apezar dos protestos de sua directoria, em documento official esse nefando governo decretou que o Instituto não existia! Deu de presente aos amigos que o apoiavam os bens de uma instituição patriótica e particular, onde nenhuma ingerencia tinha, nem podia ter senão a de violencia e da arbitrariedade de que usou!...

Tão execravel facto sob o titulo de —Um Instituto que desaba,— no *Jornal do Commercio*, do Rio, narrei; e em sessão do *Instituto Historico Brasileiro* fiz toda a negra e inacreditavel historia, conseguindo ser lançado na acta um protesto contra a extraordinaria prepotencia para a qual tudo era pregar no deserto.

Si um punhado de pernambucanos, com intenso affecto e admiração pelas tradições gloriosas de sua terra lembrou-se, cincoenta annos antes, de erigir um templo onde devota e carinhosamente se rendesse o culto devido a essas mesmas cousas santas da patria, mais tarde, noutra dia infausto, uns barbaros que não comprehendiam essas cousas, outros wandalos e indignos tudo destruíram, tudo profanaram...

Não prosigamos, entretanto, nesta pagina negra!

O Instituto cumpra seu dever tornando indelevel e perenne esse facto degradante, como um castigo aos que não respeitam o direito dos fracos.

VINTE E SETE DE JANEIRO, a data de hoje, symbolisa o patriotismo, a fé, a coragem de um povo, em passado longinquo, numa faixa luminosa de sua existencia. Recordação de episodios incompreensíveis pelo extraordinario que contém, figuras legendarias, gravitando no vasto campo da historia patria!

A restauração de Pernambuco do dominio hollandez representa que um povo, submettido ao governo intelligente, liberal e proveitoso do principe Mauricio de Nas-

sau, tornou-se indómito como um leão, no momento em que os successores d'elle nada respeitaram, tudo violaram, desde a santidade do lar, o conforto da crença religiosa até ao direito de propriedade.

E si os nossos fizeram bem em se libertar dos oppressores, muito mal fizeram em voltar ainda ao jugo portuguez.

Propicio era o instante de fazer a nossa independencia de Portugal. Depressa foi reconhecido o erro, mas já Portugal estava em condições de lutar, como provou em 1710 na revolução nativista em que Pernambuco teve idéas de Republica, mas succumbiu.

Commemorando esse dia recordemos, em traços ligeiros, as mais bellas paginas da historia de Pernambuco, — ellas mesmas que são as maiores da historia brasileira.

Na manhã de 15 de Fevereiro de 1530, uma armada hollandeza appareceu em frente do Recife e fundeou alguns navios, diante do forte da barra. Sem demora intimam os de terra para que se rendam, mas estes resistem.

No correr da noite, Weerdemboug, com 16 navios se desligando da frota, consegue desembarcar ao norte, no logar Pau Amarello e d'ahi seguindo para Olinda assenhorear-se dessa cidade.

No Recife, pela meia noite, foi atacado o forte de S. Jorge, que era no local da actual igreja do Pilar. Trinta e sete homens, sob o commando do capitão Antonio de Lima heroicamente o defenderam durante 4 dias. Diz o visconde de Porto Seguro: aquelles homens obraram prodigios de valor, e somente se entregaram na ultima extremidade, quando cahiram as muralhas e foram descalçadas as peças.

Assim ficaram os hollandezes senhores do Recife, de seu porto e de Olinda.

O general Mathias d'Albuquerque então cuidou de impedir que elles se estendessem para o interior da terra. Dividiu para isso a pouca gente que lhe restava em pequenas guerrilhas de emboscada, estabeleceu para seu quartel general o local em que hoje se vê a estação da Mangabeira de Cima.

Ao acampamento desde então chamaram *Arraial*, no-

me que perdurou até hoje, e ao forte ali estabelecido, denominou-se do—Bom Jesus.

Depois de ter resistido a um aturado assédio de trez mezes e trez dias, memoraveis pelo valor e constancia com que soffreram os sitiados, rendeu-se. Em todas as direcções cercados, mortos de fome e levados á extrema penuria de comerem até cavallos, cães, gatos e ratos, aos heroicos defensores do forte era humanamente impossivel se manterem, e d'este modo capitularam.

X—Em 1637 chega ao Recife o principe de Orange, o Conde João Mauricio de Nassau, com a autoridade e titulo de governador capitão-general e almirante de terra e mar do Brazil-Hollandez.

Em seu governo cessaram as violencias dos conquistadores. Elle ao lado de cuidar da parte administrativa fez reinar algum tanto de equidade, de serenidade, de tolerancia religiosa e sãois principios de uma politica assizada. A fundação da cidade Mauricia, (o actual bairro de Santo Antonio), a propriedade das terras sujeitas ao dominio hollandez, suas vistas largas durante toda sua administração fazem o elogio ao Principe, que chegou mesmo a ser considerado e respeitado pela colonia portugueza. Entretanto esse proceder de Mauricio não foi visto favoravelmente pelos compatriotas que lhe suspeitavam intentos de fazer do Brazil-Hollandez uma região independente, da qual tomaria a frente de seus destinos.

E assim successivas hostilidades o fizeram desgostoso demittir-se, embarcando para a Europa em 1644.

Com a retirada de Mauricio toda a sorte de oppressões, excessos e tyrannias começou de seus successores para com os habitantes de Pernambuco. Isso, desde logo fez accender no animo das victimas o desejo e projecto de se libertarem do jugo batavo.

A consequencia foi que, a 13 de Junho de 1645, dia de Santo Antonio, o grito de revolta foi dado, sendo aclamado chefe do exercito libertador a João Fernandes Vieira, rico e abastado portuguez.

Começou a lueta heroica pela batalha do monte *Talocas* a 3 de Agosto daquelle anno, a qual foi perdida pelos hollandezes. Ella foi o começo do triumpho pernambucano.

A antiga villa de Santo Antão a legua e meia a oeste do historico monte, como uma reminiscencia de similhante acontecimento, tomou em 1844 o nome de *Victoria*, e em 1905 sob a iniciativa de nosso venerando arcebispo d. Luiz de Britto, em uma das praças daquella cidade se erigiu um monumento commemorativo symbolisado no Anjo da *Victoria*.

O segundo facto de importancia foi, logo após, a 15 do mesmo mez, o outro triumpho do engenho de d. Anna Paz, que ficou sendo chamado *Casa Forte* pelo terrivel combate que ali se deu. Os inimigos como refens prenderam as principaes matronas pernambucanas e as expozeram ás janellas da casa do engenho, afim de serem victimas das balas de seus parentes e compatriotas, ou no caso contrario elles se renderem.

Mas no desespero das circumstancias os independentes preferiram atear fogo ao edificio, onde se entrincheiravam os hollandezes e estavam detidas as matronas. Em face de uma tão horrorosa morte que os aguardava capitularam os hollandezes, e foram salvas as prisioneiras.

O bravo Henrique Dias foi ferido nessa occasião.

—A 29 desse mez o Conselho Supremo ordenou o arrasamento da cidade *Mauricia*, concedendo aos moradores somente o praso de dez dias, para serem demolidas as respectivas casas. Foi cortada a ponte da Boa-Vista, arrasados os jardins e destruidas todas as obras exteriores do palacio construido pelo principe Mauricio de Nassau.

Os nossos, desde logo, para poderem investir aquella praça, levantaram ao redor varias estancias. Construiram ainda para o quartel-general um acampamento com um forte no logar hoje conhecido por *Sitio do Forte*, entre a estação nova do Caxangá e a povoação da Varzea, e naquelle tempo denominado *Arrayal Novo do Bom Jesus*.

—Feriu-se, a 19 d'Abril de 1648, nos montes Guararapes a primeira batalha.

Immensa foi a derrota dos flamengos, sendo destes ferido o prestigioso chefe o general Segismundo von Sekopp.

No anno seguinte, em 1649, no dia 19 de Fevereiro,—naquelles celebres montes que deram uma téla immortal ao genio de Victor Meirelles,—realisou-se outra cruenta

peleja em que morreu o commandante hollandez coronel Von den Brinke, á frente de 3.500 homens!

O assignalado triumpho da causa da liberdade ainda foi nosso, e profundissimo golpe deu nos arraiaes contrarios onde um desanimo indizivel se derramou. Tão estrepitosa derrota apressava o termino do dominio hollandez no Brazil!

Uma egreja que o general Francisco Barreto de Menezes mandou erigir em acção de graças, dedicada a N. S. dos Prazeres, commemora naquelle local o grandioso feito. Na mesma o viajante curioso e amante das nossas recordações gloriosas, encontra inscrições sobre o assumpto e quadros a oleo representativos dos combates heroicos que perpetuaram os louros immarcessiveis, que nos cabem. Tambem no forro da egreja Conceição dos Militares, desta cidade, ha um quadro da batalha dos Guararapes, mandado pintar em 1671 pelo governador José Cezar de Menezes.

Depois desses continuos desastres succederam-se outros. Foi batido o inimigo na Estancia do Mendonça e do Aguiar, rende-se o forte Altenar, a fortaleza Principe Guilherme nos Afogados, as do Brum, Buraco e Cinco Pontas, o forte das Salinas que, por ter sido a 15 de Janeiro quando a egreja commemora Santo Amaro, mais tarde, Francisco do Rego, em commemoração, construiu uma capella dedicada aquelle santo.

Inteiramente sitiados e batidos os hollandezes só lhes restava capitular. A 27 de Janeiro de 1654, pois—data que hoje commemoramos,—foi, na *Campina do Taborda*, —mais ou menos onde é a actual praça da fortaleza das Cinco Pontas,—assignada a capitulação. E terminou assim o dominio bätavo no Brazil.

Somente no dia 28, pela manhã, teve logar a entrada solemne do general Francisco Barreto de Menezes commandante em chefe do exercito pernambucano. Acompanhado de numeroso estado maior e de uma guarda de cavallaria, montados todos se dirigiram ás portas da cidade Mauricia. Ali o general Segismundo von Schkopp á pé o esperava com seus ajudantes. Barreto, desde que o viu apeou-se, dando-se então, ao troar dos canhões e da fuzilaria, a cerimonia da entrega das chaves, feita ao nos-

so general por João Fernandes Vieira, as quaes em numero de 73 recebera na vespera. Tal quadro, diz o visconde de Porto Seguro, "era por certo digno de immortalisar o pincel de algum artista brasileiro, de egual modo que o ãa rendição de Breda a Spindola immortalisou Vellasques."

Depois, a pé, seguidos de todos os officiaes que o acompanhavam proseguiu para o bairro do Recife, dando ao general vencido sua direita e tratando-o com a magnanimidade e deferencia proprias dos valentes.

Meus senhores, está findo meu objectivo. Vou concluir, mas antes quero vos recordar uma cousa e fazer-vos um pedido.

Eu vos recordo que a geração actual pouco sabe das brilhantes paginas de nossa historia, que é uma verdadeira epopéa que honraria a qualquer povo. Nossos antepassados nisso estiveram em superioridade.

Os nomes dos ultimos contemporaneos, que em principio relembrei, é uma demonstração. E' uma resultante de que estamos esquecendo a educação civica, deixando arrefecer em nosso coração o sentimento patriotico, nossas tradições e nossos homens tão valorosos e superiores em todos os tempos.

E pois meu pedido é:—Nós, que já sentimos amarellecer a folhagem da vida, que subimos o pincaro da montanha e que não tardaremos em descer a ladeira, olhem para esses homemsinhos em flor que hão de substituir-nos; ensinemo-lhes o amor da patria, a nossa gloriosa historia falemos-lhes de nossos homens, e seus feitos e heroismo. Nossos descendentes não desmintirão nossos ensinamentos, porque a vida e os homens estão eternamente presos aos élos das idéas e dos sentimentos.

V

REVOLUÇÃO REPUBLICANA DE 1817

Discurso pronunciado pelo dr. Sebastião Galvão, na sessão de 6 de Março de 1913 do "Instituto Archeologico Geographico Pernambucano."

Meus Senhores.—A minha presença nesta tribuna, só a justifica o desejo de mais uma vez fazer recordar a meus conterraneos quanto são admiraveis as paginas da historia pernambucana!

Que episodios, que lances, que factos extraordinarios, que homens exceptionaes se revelam em cada uma dellas!

Pasma a gente em vel-os tão grandes! Nenhum dos tempos heroicos tem maiores vultos!

O castigo severo, o desterro, a morte, os peiores e mais atrozes supplicios não os intimidam!

Parecia que o amor da patria os inebriava como os martyres do christianismo se incendiam com o amor da religião!

Como são ingentes os heróes do triumpho contra o hollandez invasor!

Quanta impavidez nos que em 1710 faziam uma revolução nativista, pensando na Independencia da Colonia, a qual Bernardo Vieira lembrava a forma de uma Republica AD INSTAR DE VENEZA.

E como nos deixa contemplativos e possuidos de um sentimento novo, lançar uma vista através das imagens que o espirito recompõe nesses heróes gigantes de 1817 e 1824.

Seis de Março de 1817 é uma epopéa nacional. E' uma iliada pernambucana cheia de figuras homericas.

A SEIS DE MARÇO de 1817 proclamou-se pela primeira vez, a forma republicana no Brazil. Teve a duração ephemera de menos de 3 mezes, porque foram fracos os elementos de resistencia que contavam contra a metrópole.

Abramos o livro do passado em que o patriotismo era a fé, e em que a virtude era estoica e não temiam a forea homens abnegados, que sonhavam felizes e esperançosos a liberdade da terra em que nasceram e onde davam o exemplo de coragem.

Governava Pernambuco, em 1817, o capitão general desembargador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, mais tarde—marquez da Praia Grande. Em 1 de Março d'aquelle anno o ouvidor da Comarca do sertão, José da Cruz Ferreira lhe faz a denuncia de uma conspiração de brazileiros officiaes e paizanos com o fim de tornar

o Brazil independente de Portugal, e adoptando a forma do governo republicano.

Antigas e fortes animosidades havia entre os portuguezes e os naturaes do paiz, dia a dia crescentes, e mais azedadas pela parcialidade e injustiça com que eram resolvidas as questões referentes a brasileiros.

Até sociedades secretas se crearam que tramavam contra o governo, e a 6 de Abril, que era o domingo de Paschoa, deveria rebentar a revolução combinada.

Uma ordem do dia, imprudente, do Governador, publicada a 4 e 5 do mez—recordando ás tropas seus deveres, com a manifestação ainda de opinião favoravel aos officiaes portuguezes, foi o incendio que se ateiou e tambem tudo precipitou. Outra circumstancia aggravante veio:—haver sido então excluido de um conselho de patentes generaes, o brigadeiro José Peres Campello, um character honrado e conciliador, somente porque era pernambucano, ou antes brasileiro.

Considerada veridica a denuncia, foi ordenada a prisão dos paizanos indiciados:—o padre João Ribeiro Pessoa, Domingos José Martins, Antonio Gonçalves da Cruz Cabugá, e a dos tres capitães de artilharia—Domingos Theotónio Jorge, José de Barros Lima, por alcunha o LEÃO COROADO e Pedro da Cunha Pedroso, a do tenente secretario do corpo José Mariano d'Albuquerque e a do ajudante de infantaria Manuel de Souza Teixeira.

Era no dia 6 de Março.

O brigadeiro Manuel Joaquim Barbosa, chefe da artilharia, portuguez orgulhoso e violento, em tom de insolente audacia, se dirigiu aos officiaes presentes, insultando aos brasileiros. O capitão Domingos Theotónio, offendido em seu amor proprio, repelliu as injurias e logo foi preso. Mas Barros Lima ou LEÃO COROADO, á intimação de sua prisão não se rendeu, e rematou embebendo a espada no peito do general Barbosa. Este debalde tentou defender-se, porque na mesma occasião o tenente José Marianno,, genro do aggressor, com successivas estocadas fel-o terminar a existencia.

Este acontecimento se deu no quartel que era na rua larga do Rosario, sitio fronteiro ao actual edificio da Santa Casa de Misericordia, demolido em 1872.

Um official portuguez, que d'alli fugira aterrado, foi ao palacio do governo,—então no velho edificio junto a igreja do Espirito Santo, e onde ha pouco tempo esteve a Faculdade de Direito,—e informou a Caetano Pinto, de todo o occorrido. O mesmo governador sem demora expediu seu ajudante de ordens, o coronel Alexandre Thomaz, para que reunida a tropa se apoderasse dos officiaes amotinados.

O capitão Pedroso, entretanto, fazendo tocar rebate, já tinha distribuido o armamento pelos soldados; e, apenas reconhece o ajudante de ordens, brada: “Eis o inimigo de Pernambuco, a causa de nossas desgraças... fogo...” E, o misero militar immediatamente cahiu morto trespassado de balas.

O levante foi tomando maiores proporções, e o povo fraternisou com a tropa.

O capitão general Caetano Pinto sentiu-se incapaz de jugular a revolta e encerrou-se com a familia na fortaleza do Brum, capitulando no seguinte dia, e partindo para o Rio de Janeiro.

Diz o monsenhor dr. Muniz Tavares:

“Era sem nome a desordem que reinava na villa, e augmentava a confusão o toque de rebate que proseguia... o soar dos sinos que das torres ainda mais alarmava o povo já cheio de pavor.”

Em meio de tudo isso foi vencido o marechal José Roberto, inspector das tropas, que, no CAMPO DO ERARIO, hoje praça da Republica, offerecia resistencia com uma porção de milicianos, e bem assim guardava os cofres reaes. Tambem foram dominados os portuguezes que, com artilharia assestada no Arco da Conceição procuravam destruir a ponte do Recife.

No dia 7 foi eleito um governo provisório composto dos seguintes membros:—Padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, encarregado dos negocios ecclesiasticos;—capitão Domingos Theotônio Jorge, Martins Pessoa, encarregado dos negocios da guerra;—José Luiz de Mendonça, dos negocios da Justiça;—Manuel Correia de Araújo, dos negocios da agricultura;—e Domingos José Martins, dos negocios do commercio.

Para aconselhar ao governo provisório formou-se

tambem um conselho de 5 membros:—Gervasio Pires Ferreira, o Dr. Antonio de Moraes e Silva, (o notavel autor do DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA), o dr. Antonio Carlos de Andrade Machado e Silva, o deão dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal e dr. Manuel José Pereira Caldas.

Foi chamado para secretario o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, conhecido pelo appellido de padre MIGUELINHO.

Adoptou-se a forma republicana plena com a respectiva bandeira, o tratamento de vós e ainda o governo provisório publicou uma proclamação ao povo.

O directorio tratou de estender o movimento republicano. E assim, para realisar a propaganda da idéia em outros logares, enviou emissarios a Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, sendo o deste ultimo logar o subdiacono José Martiniano de Alencar.

A missão da Bahia, muito melindrosa, foi confiada a José Ignacio de Abreu e Lima, conhecido pelo nome de PADRE ROMA. Apezar do titulo de secreta bem cedo divulgou-se.

De Pernambuco á Alagôas, elle foi por terra, mas, ao chegar á Maceió fretou uma balsa e seguiu para a Bahia, costeando.

O conde dos Arcos já sciente de tudo, no momento em que o Padre Roma ia descer á terra fel-o prender, mal tendo elle tempo de lançar ao mar a correspondencia trazida, compromettedora de muitas pessoas que o aguardavam.

Por conta propria, e sem esperar mesmo ordens do Rio de Janeiro, o Conde dos Arcos creou um tribunal para julgar summariamente o PADRE ROMA. Dentro de tres dias o julgamento foi pronunziado.

Sereno e tranquillo compareceu o heróe diante de seus algozes. Dando o raro exemplo de estoicismo e de desprendimento da vida por uma causa sagrada, ouviu a intimação de sua sentença de morte! Na tarde de 29 de Março, depois de confortado pela religião, marchou entre funebre acompanhamento para o CAMPO DA POLVORA, hoje PRAÇA DOS MARTYRES, conservando no semblante admiravel calma e nos labios lhe pairando placido sorriso de esperança.

No CAMPO DA POLVORA, assistido nos ultimos momentos por um franciscano, despediu-se dos circumstantes e do seu filho, mais tarde o general Abreu e Lima, tão conhecido pelo GENERAL DAS MASSAS. A perversidade dos homens obrigou-o a assistir o supplicio paterno!...

Ficando o heróe silencioso alguns instantes, collocou-se á frente das armas portuguezas e assim falou aos graneiros: "CAMARADAS, EU VOS PERDÔO MINHA MORTE... LEMBRAI-VOS NA PONTARIA QUE AQUI (pondo a mão no coração)... É A FONTE DA VIDA. ATIRAI..." Elles atiraram... e immediatamente o martyr de uma crença cessou de viver!

Aos Estados Unidos mandou o governo provisório Antonio Gonçalves da Cruz Cabugá comprar armas e munições para a guerra, assim como deu-lhe a missão de engajar alguns officiaes francezes banidos pela restauração do imperio.

Foi para a Inglaterra o negociante Henry Koster, no intuito de, por intermedio de Hypolito da Costa, alcançar este o apoio do governo britânico á causa revolucionaria.

Por esse tempo o governo provisório organisou a bandeira da nascente republica. Era dividida horisontalmente pelas cores branca e azul, em duas partes eguaes, contendo no centro da parte branca—uma cruz vermelha—e na outra parte—um sol rodeado de 3 arcos de alliança. sob uma estrella symbolisando a Republica, rodeada de 3 estrellas que representavam as provincias insurgidas.

Em solemne cerimonia realisou-se a benção d'essa bandeira, a 21 de Março, ás 8 horas da manhã, no CAMPO DA HONRA,—a mesma Praça da Republica de hoje,—desfilando toda a tropa da 1.^a linha e milicia, com musica á frente, tendo no centro do campo a allegoria do ALTAR DA PATRIA voltado para o poente, o sol reflectindo na occasião seus luminosos raios sobre elle. Diz o Monsenhor Muniz Tavares: "Parecia ensinar aos circumstantes recorrer ao verdadeiro Sol da Justiça."

Foi convidado para pontificar no acto o deão da Sé, dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal que, revestido dos paramentos ecclesiasticos e assistido pelo clero da parochia, pelos 5 membros do governo provisório, pela Camara Mu-

nicipal e multidão de povo, após a benção proferiu as seguintes palavras dignas de nota e de pasmoso effeito:

“ IN HOC SIGNO VINCES! DO ALTO GRITOU A VOZ DO CONSTANTINO IMPERADOR, E LHE FOI MOSTRADA A CRUZ RESPLANDESCENTE NOS CEOS, COMO UM DOCUMENTO DE VICTORIA! IN HOC SIGNO VINCES! EXCLAMO EU TAMBEM, APRESENTANDO-VOS ESTE SACROSANTO ESTANDARTE, E CONFIANDO-O ÁS VOSSAS MÃOS!... SEGUI-O... ELLE VOS CONDUZIRÁ AO CAMINHO DA HONRA, DA INDEPENDENCIA E DA LIBERDADE! NÃO VOS EXCITAREI A SER VALOROSOS, VÓS JÁ O SOIS, O MUNDO VOS CONHECE. DUAS COUSAS SOMENTE VOS RECOMMENDO: DISCIPLINA E UNIÃO. A DISCIPLINA É A ORIGEM DOS GRANDES FEITOS; A UNIÃO É A FONTE DE TODOS OS BENS, É O VEHICULO EXCLUSIVO DA FORÇA DOS ESTADOS, E CONCLUIU: PATRIOTAS: ESCUDADOS POR ESTA BANDEIRA, NÃO TENHAES MEDO NEM DOS ESCRAVOS DO NÓRTE, NEM DOS SERTANEJOS DO SUL! EU MESMO, SI VOS FALTAR CHEFE, SAHIREI A VOSSA FRENTE, TENDO-ME POR MAIS FELIZ MORRER COM HOMENS LIVRES DO QUE VIVER COM VIS ESCRAVOS.”

O Conde dos Arcos assim que teve noticia da revolução preparou contra a mesma alguns navios e mandou bloquear o porto do Recife, fazendo marchar por terra uma columna as ordens do marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda. Partiram tambem forças do Rio de Janeiro sob as ordens do vice-almirante Rodrigo José Ferreira Lobo.

A 17 de Maio os membros do governo provisório, conhecendo a impossibilidade de uma resistencia proveitosa, pediram a capitulação. Enviaram á bordo da fragata THETIS o desembargador José da Cruz Ferreira para negociá-la. O commandante da esquadra, Rodrigo Lobo, porém, não a acceitou, exigindo a entrega da praça sem condições. Em taes apuros o mesmo governo provisório nomeou a Domingos Theotonio Jorge dictador. Este, reunindo as tropas na SOLEDADE E CAMPO DO HOSPITAL na manhã de 19, ahí leu-lhes uma proclamação dizendo que pensara em capitular, entretanto que o commandante do bloqueio exigia a clausula de serem as tropas quintadas. Afim de evitar semelhante destino, o partido a ser tomado era o de se retirarem todos para o norte. Realmente

isso foi feito, mas somente ao anoitecer de 19, acompanhado de 2.000 homens que ainda attendiam.

No dia 20 as forças navaes de Rodrigo Lobo desembarcaram no Recife, as fortalezas arvoraram a bandeira portugueza e salvaram.

O Padre João Ribeiro desesperando da salvação da patria, no engenho Paulista, suicidou-se, enforcando-se. Mas, trez dias depois de enterrado, na capella d'alli, d'aquelle sagrado Asylo da morte, pelos abutres de Leite Cogominho e ordem deste, foi exhumado o cadaver do infeliz padre. Cortaram-lhe a cabeça, e levaram para o Recife onde a espetaram num poste junto do pelourinho, muitos dias.

Seguidamente começam as prisões dos cabeças do malaventurado movimento republicano. Depressa ficaram cheios de patriotas os carceres da fortaleza das Cinco Pontas. Então os realistas, afim de abrirem espaço a outros presos, passaram a embareal-os para a Bahía, a bordo da corveta CARRASCO.

Domingos José Martins tinha sido preso nos bosques pantanosos do Porto de Gallinhas; e o advogado dr. José Luiz de Mendonça, occulto em casa de um amigo, ao saber que havia um BANDO ou edital promettendo punição severa ao que dêsse Asylo a taes patriotas, apresentou-se á prisão, e como Martins, foi mandado para os immundos carceres da Bahía.

O padre MIGUELINHO, acompanhando seus amigos e tropas á Olinda, vac á sua casa despedir-se da muito amada irmã D. Clara d'Almeida Castro. Era noite, e o patriota natalense lhe disse: "MANA, NÃO CHORES, ESTÁS ORPHÃ: TENHO COMPLETADO MEUS DIAS, EM BREVE ME VÊM BUSCAR PARA A MORTE; ENTREGO-ME Á VONTADE DE DEUS, E NELLE TE DOU UM PAI QUE NÃO MORRE. MAS... APROVEITEMOS A NOITE: ÍMITA-ME, AJUFA-ME A SALVAR MILHARES DE DESGRAÇADOS." Ambos penetrando na sala em que estavam os autos e diversos papeis mais importantes da Secretaria do governo provisório, toda a noite de 20 de Maio apenas bastou para serem destruidos. Consumado o sublime heroísmo, esperou que seus algozes viessem arrancal-o dos braços da desolada irmã, para conduzil-o ao mesmo navio CARRASCO. Segunda vez enchem-se os CAR-

CERES e nova remessa de presos é feita para a cidade da Bahia no brigue MERCURIO; mas desta vez as victimas foram atadas com cordas, por determinação do almirante Rodrigo Lobo.

Silva Pedroso, José Marianno, o desembargador Antonio Carlos de Andrade e Silva e o Frei Caueca, em vez de cordas, tiveram pezada corrente de ferro ao pescoço e foram encerrados no fundo do porão, com grilhões aos pés, obrigando cada um a permanecer deitado nas alcatroadas taboas do mesmo porão. Trez sentinellas armadas de baionêtas e de chibatás velavam continuamente, impedindo-lhes qualquer comunicação e até também que dessem, siquer, gemidos em desafogo ao soffrimento.

“A sêde augmentada pelo alimento salgado, exclusivamente ministrado, não era saciada, sendo dada uma só medida d’agua para todo o dia. Não parecendo bastante a vigilancia das sentinellas, em cada hora um inspector vinha cuidadosamente examinar si os ferros estavam direitos, não concedendo os deshumanos algozes, como um refrigerio á afflicção, nem ao menos o somno sem vexames!” —Assim desenha tão inconcebivel quadro o monsenhor Muniz Tavares, que foi uma das 30 victimas do mesmo brigue “Mercurio.”

Na Bahia installou-se, de subito, no dia 10 de Junho, uma commissão militar que condemnou á morte, com infamia, a Domingos José Martins, a José Luiz de Mendonca, membros do governo provisorio, e ao padre Miguelinho secretario d’esse governo. O Conde dos Arcos, que presidia á feroz commissão, querendo salvar ao padre MIGUELINHO, vendo o silencio que o mesmo guardava aos artigos da accusação, em plena sessão, insinuou: “PADRE, NÃO CUIDE QUE SOMOS ALGUNS BARBAROS E SELVAGENS, QUE SOMENTE RESPIRAMOS SANGUE E VINGANÇA. ...FALE, DIGA ALGUMA COUSA EM SUA DAFESA.”

Como Miguelinho continuasse mudo, o Conde continuou, ajudando-o a uma evasiva:

O PADRE NÃO TEM INIMIGOS? NÃO SERIA POSSIVEL QUE E LHE TIVESSEM FALSIFICADO A FIRMA E COM ELA SUBSCREVESSEM TODOS OU PARTE DOS PAPEIS QUE ESTÃO PRESENTES?”

“NÃO SENHOR—fala pela primeira vez esse heróe tão

extraordinario,— Não são CONTRAFEITAS. AS MINHAS FIRMAS NESSES PAPEIS SÃO TODAS AUTHENTICAS, E POR SIGNAL QUE NUM D'ELLES O—O— DE MEU NOME CASTRO, FICOU METADE POR ACABAR PORQUE FALTOU PAPEL...

E logo calou-se, recusando-se dar outra qualquer resposta.

O adv. José Luiz ao ouvir a iniqua sentença de sua condemnação exclamou indignado: "JUIZES MALVADOS, CEGOS E VIS INSTRUMENTOS DA TYRANNIA, EU VOS CONJURO PARA OS INFERNOS. SEXTENTA RÉOS DE PENA ULTIMA TENHO LIVRADO DA FORÇA, SEM ALLEGAR UM SÓ FACTO QUE TIVESSE MEIO PEZO DE MEUS EMBARGOS. JUIZES..."

Ia continuar, quando o Padre Miguelinho volve os olhos para elle e pede-lhe enternecidamente: "QUERIDO AMIGO, FAÇAMOS E DIGAMOS UNICAMENTE AQUILLO PARA QUE TEMOS TEMPO..."

Introduzidos no oratorio os trez martyres passaram alli a amargurada noite.

Somente na religião, que lhes elevava o espirito ao céo, encontravam o conforto que os homens lhes recusavam...

Miguelinho, ajoelhado, diante da imagem do crucificado, recitava o psalmo MISERERE MEI DEUS. Mendonça, após haver se conservado em longo silencio, ajoelhou tambem, perdoou a seus inimigos e começou a alternar com o desditoso Miguelinho, os versos ao MISERERE enquanto durou aquella agonia...

Na manhã do seguinte dia revestidos de alva com uma corda ao pescoço, algemados, pés descalços, a cabeça descoberta, em meio de uma escolta de soldados, caminhavam tranquilllos, para o CAMPO DA POLVORA...

Ao sahir da cadeia Domingos Martins voltando-se para os soldados lhes disse:—"VINDE EXECUTAR AS ORDENS DE VOSSO SULTÃO... EU MORRO PELA LIBERDADE... E não continuou porque um dos frades que os acompanhavam lhe pôz a mão á bocca, impedindo assim a palavra do intrepido patriota.

Luiz do Rego Barretto capitão general e governador de Pernambuco chegando ao Recife a 29 de junho, não consentiu mais a sahida de presos para a Bahia. Imme-

diatamente mandou processar os chefes patriotas por commissões militares e executar as sentenças.

No CAMPO DA HONRA começa, a 5 de julho, o cruento drama:

A primeira victima immolada foi o denodado Antonio Henrique Rabello que, conduzido á presença da commissão militar, mostrou tanta intrepidez e desassombro que á mesma deixou pasmada.

Ao amanhecer d'aquelle dia, uma forca alli se viu levantada.

A's 9 horas da manhã, vestido de alva, acompanhando o sacerdote exortante e a irmandade da Misericordia com a respectiva bandeira, é conduzido o martyr ao supplicio infamante, entre apparatus guerreiro, e espantosa multidão de povo curioso. Este ia ver derramar-se em nome da lei, o primeiro sangue que nesta terra regava o campo da liberdade!...

Sóbe o heróe sereno e corajosamente ao patibulo! Declara perdoar seus inimigos, e a calma immensa que não o abandonou nem no extremo instante, enterneceu o proprio algôz, alma empedernida e cruel, a quem a victima abraçou. Depois... transfigurando-se e penetrado de entusiasmo, voltou-se para a multidão e como allucinado de uma idéa, bradou pela ultima vez, vibrantemente:— **viva a patria.** Em acto continuo lhe apertaram o laço ao pescoço, cessando de viver...

Na manhã de 10, trez outras victimas são conduzidas ao mesmo supplicio:—o padre Tenorio, vigario de Itamaracá, José de Barros Lima ou LEÃO COROADO, e Domingos Theotonio Jorge.

O vigario Tenorio, vestido com a alva dos padecentes, descendo da carreta dos condemnados, apenas poude dar alguns passos para a forca. Elle estava tão debilitado por uma enfermidade que foi preciso sustel-o um beneditino até a fatal escada.

Em segundo logar, sem desfallecimentos, e com a impavidez dos varões fortes, foi executado LEÃO COROADO.

E fez o epilogo da innominavel tragedia d'esse dia a morte do patriota Domingos Theotonio Jorge. Tambem vestido com alva dos condemnados, sóbe, intemerato, os

degrãos do cadafalso pronunciando do alto, com accento doloroso, estas memoraveis palavras:

“ MEUS PATRICIOS, A MORTE NÃO ME ATERRA, ATERRA-ME A INCERTEZA DO JUIZO DA POSTERIDADE. EU DEIXO UM FILHO EM TENRA EDADE, ELLE É VOSSO... NÃO O ABANDONEIS, ENSINAE-LHE O CAMINHO DA VIRTUDE E DA HONRA...”

Ia continuar a falar, quando o carrasco o asphixiou. No mesmo instante soava cantado e acompanhado, impiedosamente, pela musica marcial, o hymno que começava:

Valorosos lusitanos,
A victoria por vós chama,
A trombeta já da fama
Vosso nome vai cantar!

Vieram da Parahyba presos e foram ainda executados no Recife, a 21 de agosto, os patriotas, o coronel Amaro Gomes Coutinho, o joven José Xavier Peregrino de Carvalho, e o tenente coronel Francisco José da Silva.

E por fim a 6 de setembro cessaram de viver, soffrendo tão monstruosos supplicios—o padre Antonio Pereira d’Albuquerque e Leopoldo d’Albuquerque Maranhão, membros do governo provisório da Parahyba.

Como uns verdadeiros heróes se portaram esses martyres da patria, até o supremo momento!

Para cumprimento da sentença em todos os seus detalhes e demonstrar melhor a ferocidade, em todo o requinte da hediondez, eram decepadas as cabeças das victimas immoladas, e, espetadas em postes, expostas nos logares mais publicos da villa. E o resto dos cadaveres era arrastado pelas ruas em cauda de cavallo, até o cemiterio da matriz de Santo Antonio,—um quadro então existente e annexo a esse templo, votado exclusivamente a determinada ordem de inhumações consideradas, em tal epocha, degradantes, como as dos suicidas, escravos, condemnados, etc. Como se essa separação social não fôsse nivelada pela propria morte.

Com a subida ao throno de Portugal de d. João VI veio a amnistia do deer. de 18 de fevereiro de 1818 pôr termo aos successos da malograda revolução de 6 de março de 1817.

E, meus srs., encerrando esta pagina tão grandiosa e
cência de factos extraordinarios da historia de Pernambuco
que é conjuntamente historia do Brazil, honremos e glo-
rificuemos a memoria desses vultos que faziam honra a
qualquer povo do mundo antigo e moderno.

Elles foram precursores, martyres da Liberdade bra-
zileira, da nossa Independencia e da idea republicana.
Saudemos e recordemos esses Immortaes da patria.



REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XV

Dezembro de 1910

N.º 82



A Sociedade Pernambucana nos tempos coloniaes

A historia da sociedade brasileira ainda está por escrever. Para aquelles que pensam não ser a historia de um povo apenas relações de factos economicos e politicos, seria um espectaculo curioso, attrahente e seductor a evocação da nossa sociabilidade desde os tempos coloniaes até aos nossos dias. Tomando para exemplo o Brasil do meiado do seculo XVIII, facil seria demonstrar que nem a sua politica e nem a sua economia bastariam para o descrever com fidelidade. Nunca os historiadores suspeitariam o que foi a sociedade do primeiro imperio se tivessem de suppô-la concorde com a politica de Pedro I. Ha mister, sem duvida, procurar na historia dos costumes, das artes e das lettras a fonte de onde derivam as caracteristicas de um dado momento social. Por fim, não é facil a composição de uma tal obra pela quasi completa ausencia de informações em que nos deixaram historiadores e chronistas, quanto ao que Ferrero chama, pela equivalencia entre o theatro e a vida, a *misc-en-scene* e o scenario da historia. O historiador que pretenda descrever a vida social dos seculos preteritos, em quadros picturaes de interior e de costumes, terá de proceder muitas vezes por conjecturas. Comtudo, o

pouco que sabemos é bastante para affirmarmos que tivemos uma sociedade faustosa e fidalga, elegante e espi-rituosa.

A nossa existencia como sociedade, no sentido mais subtil da palavra, data do tempo em que nos encontravamos divididos em capitánias, tendo sido indiscutivelmente Pernambuco a primeira das terras "policiadas" do Brasil, quasi unica, como bem lembra Oliveira Lima, na expansão ultramarina de Portugal nos fins do seculo XVI pelo adiantamento espiritual e pelo esplendor mundano. Os escriptores que nos seculos XVI e XVII se occuparam do Brasil são concordes em affirmar que Pernambuco, quer no que significa aperfeiçoamento material e quer na polidez dos costumes, era a mais adiantada das capitánias. A gente e a sociabilidade, os costumes e os habitos, o luxo e o conforto não eram melhores na Côrte lusitana, e houve até quem escrevesse ser mais polida a nossa lingua e mais requintada a nossa cortezia. Frei Manoel Calado dizia haver mais vaidade em Pernambuco do que em Portugal. A acreditar em Fernão Cardim, as Olindenses, "tão senhoras e não mui devotas", trajavam com riqueza e elegancia iguaes ás da Côrte. O Inglez Henry Koster e o Francez Tollenare, os quaes deixaram pormenores curiosos da vida da capitania anterior á Independencia, em dous volumes de viagens pelo norte do paiz prestam homenagem á franqueza, á hospitalidade e á cortezia da familia pernambucana, em cujo seio foram recebidos, tendo encontrado, escrevem elles, da parte das senhoras uma conversação muito agradavel e notavel distincção e da parte dos homens uma expansiva amabilidade. E se a sociabilidade, esta sociabilidade que apparece como uma obra de arte, como a expressão mais alta e mais subtil na vida de um povo, tem por base a lingua, sendo esta que dá uma justa medida de seu valor, como quer Jacob Bhukardt, não se poderá contestar não fosse Pernambuco, na sua origem historica, um povo em elevado estado de civilização e de cultura. Bento Teixeira Pinto conta que "as filhas de Lisboa vinham aprender em Pernambuco os bons termos, com os quaes se faziam differencar na policia, que dantes lhes faltavam." Não ha absolutamente duvida: eramos gentes de preclara laia e de boa lei, sendo

apenas de lastimar que tivéssemos deixado morrer quasi tudo que nos prendia a esse passado cheio de esplendores, magnificencias e magnanimidades...

Apenas havia decorrido meio seculo da sua colonização, quando Pernambuco se tornou um grande emporio commercial e um ardente foco de sociabilidade. Sempre crescente, a sua prosperidade attrahia moradores de outras capitánias, colonos estrangeiros, familias do Reino com heraldias illuminadas no *Thesouro da Nobreza* e no *Livro do Armeiro-Mór* que fugiam á miseria progressiva da Côrte, gentes da aristocacia dos mosteiros lusitanos e até fidalgos de outros paizes europeus. Graças ao esclarecido governo de Duarte Coelho, que desde o inicio de sua benemerita administração se afastou do regimen despotico dos demais donatarios, a cultura do assucar, o commercio do algodão e a extracção das madeiras emprestaram um grande impulso á capitania. No porto do Recife havia embarcações sem conta, náos e galeões de grande tonelada, caravelias e caravellões, patachos, barcas e bergantins de remos. Os antepassados dos Cavalcanti e dos Albuquerque tinham o espectáculo vivo das frotas vindas do Oriente, abarrotadas de ouro e aljofares, pannos e tapeçarias, velludos e marfins, sedas da China, porcellanas do Japão e especiarias da India. Durante mais de um seculo a imaginação dos Pernambucanos foi alimentada pela narrativa dos navegadores, marinheiros e soldados, que se referiam ás maravilhas entrevistas em Ormuz, em Gôa, na Ethiopia, na Persia, no Ganges e no Nilo, em Kioto e em Shangai, nos dominios d'aquem e d'além mar. No caes da Lingueta entretinham relações com quasi todos os povos do mundo. Hollandezes, Francezes, Italianos, Bretões vinham commerciar com elles e trazer-lhes noticias de toda parte. No Brasil inculto e barbaro, eram elles, evidentemente os civilizados por excellencia e os civilizadores. Tanto andava espalhado o dinheiro de ouro e de prata que até os escravos traziam dobrões nas mãos. As lojas, tão mundanamente bem fornecidas, expuham fazendas do Reino, brocados de ouro e chamalote da India, lãs de Hespanha, pannos e estofos da Inglaterra, rendas da Irlanda, tapeçarias flamengas e italianas, joias de preço e de atavio, perfumes do Oriente e toda a sorte de lou-

çarias, que se gastavam em grande cópia. A caridade era praticada tão largamente que a misericórdia despendia annualmente perto de setenta mil cruzados. Ignorava-se a miseria, e a pobreza vivia feliz, amparada pelo trabalho e protegida pela generosidade dos ricos.

A despeito das disposições sumptuarias do regimento de Thomé de Souza, Pernambuco vivia num luxo desenfreado, numa louca prodigalidade e numa delirante ostentação. “Chegou esta provincia a um auge tal de opulencia e riqueza, esereve Fernandes Gama, que a não ser descripto por algum dos contemporaneos, muito custaria a crer. Olinda, sua Capital, contava setenta e duas ruas principaes e occupava quasi tres quartos de legua; um commercio opulento, mantido pelos riquissimos productos do nosso mui fertil solo, havia tornado Olinda a mais bella e a mais rica villa do Brasil. O luxo sem limites de tal sorte havia ensoberbecido os potentados que estes, para distinguirem-se da gente a quem a fortuna não tinha protegido tanto, apresentavam nas portas das suas casas fechaduras e pregos de prata.” O autor do *Valeroso Lucideno* conta que: “O ouro e a prata eram sem numero nas casas apparatusarias, e por mui pobre e miseravel se tinha o que não possuia um serviço de prata. As damas andavam tão louças e tão custosas que não se contentavam com os tafetás, chamalotes, velludos e outras sedas, senão que ostentavam finas télas e ricos brocados; e eram tantas as joias com que se adornavam que pareciam chovidas em suas cabeças. Os homens vestiam-se tambem com extremado luxo, não havendo adereços custosos de espadas e adagas, nem vestidos de novas invenções com que se não ornassem.” O luxo das grandes casas estava ainda na escravaria, no sequito de espadachins e lacaios, no padre capellão, nos cavallos de preço ricamente ajæzados, nos palanquins e liteiras e, finalmente, nos banquetes fabulosos. Com effeito, eram os banquetes o luxo preferido dos viandeiros e de uma incrível abundancia de iguarias e de vinhos. “Os Pernambucanos de ordinario comendo um dia dez ou doze senhores de engenho juntos, e revezando-se desta maneira, gastam quanto têm e bebem cada anno dez mil cruzados de vinhos de Portugal, e alguns annos

houve que beberam oitenta mil cruzados dados em ról", diz Fernão Cardim.

Sobretudo em luxos de equitação e picadeiro foram prodigos, timbrando sempre em ostentar nas paradas, nos torneios, nos sequitos de festa e nos cortejos de honra uma pompa notavel. Tão briosos eram que compravam ginetes de duzentos a tresentos cruzados e muitos tinham seis e mais cavallos de manejo e combate. As cavalladas, com outeiros poeticos e desafios de rimas, as corridas e as touradas andavam muito estimadas. Os moços fidalgos, com a sciencia do Marquez de Marialva, o donaire dos Nizas, a destreza e o garbo do Marquez de Tancos, a intrepidez marcial de Alorna e a serenidade imperturbavel de Asseca, enfim, com a galanteria volteira do seu tempo, exercitavam-se nos jogos do *carroussel*, das *alcancias*, das *cannas* e das *justas*, do *pato* e da *argolinha*, tão communs no Reino. O povo recebera de Jorge de Albuquerque, de Felippe Cavalcanti, de Duarte Coelho, do Marquez de Bastos, de Gonçalo Velho e do Conde do Alegrete as mais perigosas lições de intrepidez. O gentilissimo mestre de campo Mathias de Albuquerque, o heróe de Montijo, não desceria á praça de rojão em punho, como Affonso IV, mas, despendendo sumptuosamente alguns mil cruzados do seu bolso, era um digno parente desse illustre Conde de Tarouca, que, no dizer de um chronista, ao ver arder o seu grande palacio da Haya, em vez de se affligir e desesperar-se, escrevia placida e academicamente um soneto. O nobre Florentino estava longe de ser um perfeito cavalleiro de gineta, mas nem por isso deixava de ter pelos combates de touros e pelos jogos de equitação a decidida predilecção de todo o fidalgo Olindense. Dominador e arguto, José de Albuquerque era da escola de todos os nobres portuguezes: batia-se á espada, corria touros, fazia prodigios de gineta e de estardiota. Louro e alto, com um bello porte marcial e uns olhos infinitamente irrequietos, havia nelle esse ar superior das grandes raças dolico-louras. De uma graciosidade de movimentos e de attitudes fidalgas, com uma côr de pelle delicada e rosea, como certos typos classicos de Van Dick, mixto de delicadeza quasi morbida e de heroismo, a sua figura impressionava pro-

fundamente. Os descendentes de D. Brites de Albuquerque e de Duarte Coelho foram, a acreditar nas características somaticas apresentadas pelos chronistas, homens altos, fortes e louros, typos aryanos, naturalmente dolicocephalos. A grande paixão de Jorge de Albuquerque era a guerra, e, em Olinda, entre os fidalgos e os servidores de sua casa, comprazia-se em narrar as suas aventuras e façanhas militares da India. A Duarte Coelho, como cavalheiro, poucos o excediam: era temerario e forte. Tudo quanto havia de heroico encontrava-se naquella figura de rapaz, delicada e branca: a força, a bravura e a raça. No Brasil deram os dous irmãos sobejas provas de sua bravura, Duarte medindo-se vantajosamente com os calvinistas francezes companheiros de Villegaignon, expulsos do Rio de Janeiro, e Jorge commandando aquella famosa expedição aos sertões contra o gentio, de cujas peripecias nos dá summaria conta Bento Teixeira Pinto na relação do naufragio da náó *Santo Antonio*. Valentes e gentis cavalheiros, tendo deixado definitivamente o Brasil e não se sentindo bem na Côte tristonha e beata de D. Catharina, princeza da casa da Austria, filha de Joanna, a Doida, e viuva de D. João III, "onde, apezar do luxo desenfreado e boçal, as poucas distrações se cifravam em intrigas de palacio, visitas a meretrizes, touradas e autos de fé, entre cortezãos alardeando effeminação e vangloriando-se de servir de denunciantes e esbirros do Santo Officio", alistaram-se no batalhão da nobreza, com o qual pretendeu D. Sebastião suffocar o islamismo na conquista do Imperio de Marrocos e que se desfez tristemente na derrota de Alcacer-Kibir, em que ficaram ambos prisioneiros. Tal foi o renome de bravura do segundo filho de Duarte Coelho (escreve Oliveira Lima), escolhido para enfermeiro-mór do Exercito, que a imaginação dos chronistas fixou nelle a lenda do fidalgo que, tendo por vezes recusado ao seu soberano um soberbo ginete, lh'o offerrece na batalha, na occasião do maior perigo. Bento Teixeira Pinto, que antes de cobrar dizimos em Olinda, cultivar o trigo como senhor de engenho e descobrir a malagueta, imitava Camões e escrevera os *Dialogos das Grandezas da Brasil*, foi o cantor, em

prosa e verso, de tão denodado gentilhomen, guerreiro e letrado.

Que eu canto um Albuquerque soberano
 Da fé, da cara patria firme muro,
 Cujõ valor e ser que o Céõ lhe inspira,
 Póde estancar a lacia e grega lyra...

A nobreza não deixou de sua soberania no Brasil os castellos romanescos da Escossia e os palacios fabulosos da Bretanha. Faltaram aqui os Medicis, os Malatesta e os Sforza, principes esbanjadores e magnificos, que semearam a Italia de maravilhas, e os poderosos senhores de pendão e caldeira que levantaram as torres palatinas dos castellos theatraes do Rheno. Sem proporções decorativas e sem bellezas architectonicas, os solares dos Rego Barros, dos Cavaleanti e dos Wanderley, na sua generalidade, eram casarões solidos, com varandas de ferro, por completo destituídos de harmonia no conjunto. Era de certo a mesma monotonia devota dos velhos paços joanninos, azulejados e symetricos, amplos e somnolentos, sem imprevisto e sem encanto, infallivelmente banaes, sem cousa alguma que evocasse a elegancia ao mesmo tempo sumptuosa e requintada do seculo XVI. O proprio palacio de Duarte Coelho, solemne e triste, com a sua symetria inflexivel, as suas paredes espessas, violentas e pesadas, as suas janellas solarengas, seus silhares de azulejo, seus telhados enormes e esverdeados, seu chão de tijolo, seus salões amplos e longos corredores sombrios, era o typo classico do solar portuguez do meiado do seculo XV, atarracado e monotono, mas grave e senhorial. Por toda aquella architectura robusta e simples havia um ar inconfundivel de nobreza e uma affirmação prestigiosa de poderio e mando alliados a algo de profundamente religioso. A' mingua de grandes architectos e sem o espirito de ostentação do italiano, a nobreza pernambucana edificou palacios sem belleza, mas sob aspectos humildes, pareciam elles disfarçar um orgulho de nababos. A formosura das nossas casas foi supprida pela abundancia, pois eramos um povo que fazia servir as merendas por muitos criados, em baixellas de prata dourada e louças da India,

alimentavamos nas estrebarias cavallos de sella e varáos, tinhamos no picadeiro sejes e liteiras. O nosso interior era adornado com aquella noção do conforto que inventara o homem eminentemente intellectual e profundamente sybarita do seculo XV. As galerias, as salas e os salões, severos nos seus fraldelhins de azulejo, tinham seus altos muros forrados com pannos de Genova e tapeçarias flamengas, colchas da India e amplos Anazes picados de ouro oscillando na sombra, eram guarneccidos de ricos mobiliarios, cadeiras de espaldar, sofás entalhados no gosto da Renascença italiana, poltronas de preciosos brocados e divans de estofos antigos, e do tecto de tumba pendiam candelabros venezianos e lustres de bronze cinzelado. As alcovas e as camaras, com leitos de bilros sumptuosos e vastos, com seus alparavazes brancos aflorando o chão e seus enormes doceis de damasco vermelho tapetando o tecto, ostentavam um luxo entre sensual e lithurgico que lembrava as alcovas de um principe florentino do tempo de Lourenço de Medicis. O Padre Fernão Cardim conta que elle e seus companheiros até nas fazendas do interior de Pernambuco foram agasalhados, não em rédes indigenas, mas em leitos de damasco carmezim franjados de ouro e ornados de ricas colchas da India. Os pesados contadores hispano-arabes, os armarios, os aparadores e os buffets do refeitório guardavam varios serviços em finissimas porcellanas da China e do Japão, crystaes da Bohemia e de Veneza e riquissimas baixellas, ostentando nos flancos, nas bordas e nos rebordos das peças os braços da familia, algumas dellas magnificas de belleza e de fartura e que são ainda hoje as preciosas reliquias que nos restam da grandeza extincta. Prodigos e requintados, fomos desvairadamente ostentosos como ninguem. Viviamos como principes, na liberalidade e no luxo.

O esplendor da sociedade pernambucana mantem-se por muito tempo. O dominio hollandez, sob o influxo de Mauricio de Nassau, é um dos momentos mais curiosos da nossa historia.

Fallar em Nassau, é evocar a soberana grandeza, o fausto glorioso e a pompa decorativa de um governo sabio, prudente e nobre. A João Mauricio, Conde de Nassau, devem a civilização e a cultura brasileira homena-

gens que nunca foram tributadas a sua preclara memoria. Oliveira Lima, em paginas de uma grande belleza evocadora, e Alves Nogueira, numa monographia preciosa, levantaram no conceito da historia, procurando rehabilital-a perante as modernas gerações, essa magnifica figura de principe esclarecido que tão superiormente soube governar a nossa terra, que tanto enobrecceu e sobremaneira amava nos ultimos annos, de sua gloriosa existencia, em Wesel ou em Cléves, sendo Pernambuco o assumpto favorito de sua conversação—aquillo, diz um de seus chronistas, que se revelava como a grande affeição de sua vida. Filho de Guilherme de Nassau, o Taciturno, chamado Principe de Orange, oriundo de uma velha nobreza flamenga alliada ás celebres casas dos Stuarts e dos Hohenzollern, Mauricio de Nassau era um principe perfeito, representante de uma civilização superior e dotado de uma cultura refinadissima, verdadeiro sybarita no amor pelo luxu, nas inclinações estheticas e na concepção epicurista da vida, prodigo e correcto.

Nobre e bravo, ambicioso e sabio, tolerante e liberal, aceitando a soberania que lhe era confiada num paiz d'além mar, pretendeu elle fundar em Pernambuco um centro politico, social e intellectual, poderoso—um vasto e forte imperio. Para o Brasil trouxe então, na sua *entourage*, muita gente fidalga e culta, guerreiros e sabios, artistas e letrados, como o Conde João Ernesto de Nassau, seu irmão, fallecido em 1635, no Recife, com 21 annos de idade; Artichofsky, reputado pela sua coragem militar e pela sua cultura intellectual, “um bom latino, assevera frei Manoel Calado, fallando a lingua de Cicero, discreta e eloquentemente”; Guilherme de Piso, medico e naturalista, e o botanico Maregraf, autores de uma *Historia Natural do Brasil*, obra classica, e aos quaes coube a missão de realizar um dos mais importantes commettimentos scientificos do seculo XVII; Cralitz mathematico e geographo; Franz Post, latinista e poeta, depois professor de theologia em Breda; os irmãos Post, pintor e architecto; e Barbæus, seu erudito biographo.

A edificação da cidade, dividida em tres bairros, ligados por pontes, foi confiada á direcção esthetica dos irmãos Post, que abriram avenidas immensas e ruas for-

mosas, levantaram pontes e diques, traçaram parques soberbos e jardins elegantes, construíram castellos e fortalezas, palacios e templos, como a rua Imperial, que se prolonga desde a Igreja do Sacramento até á Ponte dos Afogados, o Paço do Governo e a fortaleza das Cinco Pontas, que fôra primitivamenté o castello de Frederico Henrique. Foi construído um observatorio astronomico, o unico que existio no Brasil durante o periodo colonial, e o primeiro da America, lançaram-se os alicerces de uma grande typographia, etc. A architectura civil hollandeza fez assim, como lembra o historiador de *Dom João VI no Brasil*, a sua entrada num paiz onde a arte, dirigida pelos jesuitas, sempre obedecera á preocupação religiosa e testemunhava nos templos regulares e banaes, e nos pezados ornamentos dourados, a falta de senso esthetico da Ordem.

Os dous palacios construídos para servir de residencia ao governador batavo, eram verdadeiros paços reaes. Grandes e confortaveis, ladeados de torres e fôssos, cercados de parques vastissimos, com collecções zoologicas, aquarios e viveiros de um valor inestimavel, banhados por uma suave claridade e contornados pelas aguas do Capibaribe, *Vryburg* (Sem cuidado) e *Schoonsigt* (Boa Vista), ostentando harmoniosas linhas estheticas que affirmavam a supremacia hierarchica e heraldica de seu edificador poderoso, obedeciam á architectura flamenga, severa e imponente. Sabe-se que por um offereceram os judeos 600.000 libras para o transformarem em synagoga. O aspecto interno do palacio, um labyrintho de salões encantados, era dos que feriam a imaginação, sumptuosissimo, principesco. Do alto dos claros muros dos salões forrados com pannos bordados de Genova e tapeçarias flamengas, sobre os portaes, cahem resplandecentes cortinas e opulentos reposteiros de damasco vermelho e ouro. O mobiliario com que a ostentação do príncipe sybarita adornára a sua mansão de delicias, era composto de riquissimas peças, ostentando as armas e os braços da illustre casa de Nassau, cadeiras de espaldar e sophás, divans estofados de seda e cochins de preciosos brocados, arcas flamengas e elegantissimas commodas semi-circulares floreadas de embutes. As galerias de pintura possuíam telas de alguns dos principaes mestres da renascença

italiana e da escola flamenga, por mais de um titulo notaveis, e quadros dos seis pintores que o acompanharam, representando assumptos brasileiros, e muitos dos quaes se encontram ainda hoje no castello de Frederiksborg, na Dinamarca, e no Museu de Berlim. Nos *dressoirs* artisticos, nos contadores de ebano e bronze cinzelado, nos aparadores e nos *buffets*, encontravam-se crystaes finissimos, faianças de Delft e das mais afamadas fabricas, e riquissimas baixellas de prata, uma dellas presente do Rei do Congo, obra italiana de delicadissimo lavor, que trazia a data de 1586 e a qual Nassau offereceu á igreja protestante de Siegen, cidade onde passara os primeiros annos de infancia e se sepultou.

O gabinete de estudo de Nassau era todo elle decorado com mobílias feitas de marfim africano e madeiras brasileiras. Por fim, nas suas cocheiras de marmore de Olinda, relinchavam cavallos arabes, andaluzes e flamengos, escolhidos um a um, como modelos de plastica. Tudo nessa morada encantada era digno de sua magnificencia e do seu supremo bom gosto. Por fim, o vasto parque, á acreditar na descripção que delle faz Frei Manoel Calado, com seus jardins estylizados e seus salões de jogos, tão predilecto da Côte e procurado pela nobreza que alli se dava *rendez-vous* galantes, organizava festas e merendas, entretinha paradas elegantes, com seus corsos e seus torneios, era um eloquentissimo documento da vida social pernambucana. Quasi que involuntariamente se evoca o esplendor magestoso de Versailles e se reconhece em Nassau um emulo do Rei-Sol... perdido no meio da barbaria de uma civilização que mal despontava...

Sybarita e mundano, com ser um sabio avisado e um administrador emerito, Mauricio de Nassau amava sobremaneira os prazeres e as festas. Não perdia occasião para festejos que delectassem seu character alegre, satisfizessem as inclinações naturaes do povo e servissem aos interesses da sua politica. Sem conta eram as festas nestes tempos. Depois da derrota do Conde da Torre, e querendo elle, homem de idéas pacificas e esla-recidas que era, congraçar conquistados e conquistadores, convoca uma assembléa politica, composta de Brasileiros, Portuguezes e Hollandezes, com o fim de discutir e resol-

ver problemas administrativos mais concernentes ao progresso da colonia. Durante essa reunião de notaveis, que durou de 27 de Agosto a 4 de Setembro de 1640, e inaugurada com um jantar classico no Palacio das Torres, servido em China antiga, com leitões enormes em bandejas de prata lavrada, doces dos conventos e vinhos portuguezes, realizaram varias folganças. As festas em honra do Rei do Congo, em 1643, foram brilhantes. Nenhuma, porém, excedeu em brilho aos folguedos realizados quando da aclamação de D. João IV. Tendo recebido do Vice-Rei, Marquez de Montalvão, a nova de tão notavel acontecimento, Nassau tratou de solemnizar do melhor modo possivel o advento do monarcha que então estipulava um accôrdo definitivo com a Hollanda.

De facto, as festas foram feitas com um esplendor que deixaram perder de vista as cavalladas de Jorge de Albuquerque, em Olinda, alguns annos antes. Ao annunciarem-lhe as festas a cidade inteira perdeu a cabeça e delirou. Todos corriam ao Paço, nobres e plebeus, para assistir á construcção dos palanques e picadeiros. Nas palestras das lojas como nos serões da nobreza, nos arcos das pontes, como nas galerias do Palacio, o assumpto obrigado eram as funcções de 24 de Abril de 1641. As donzellas do bairro de Santo Antonio vendiam os vestidos de seda e os adereços, de atavio, as toucas e as rendas de bilro para arranjar dinheiro para as cavalladas. Os pelintras recifenses, perseguidos pelas amantes, empenhavam os espádins, os estoques de côrte, os jaczes e os capotes. Nos proprios môsteiros, os frades e as freiras viviam numa grande azafama com as encomendas de doces e de costura.

As festas duraram tres dias e nellas tomaram parte, convidados pelo Principe, todos os fidalgos e grandes damas residentes em Recife, em Olinda e nos arredores da Capital. Nassau as inaugurou com um formidavel banquete em que se encontraram, diz Frei Manoel Calado, "as mais lindas damas e as mais graves mulheres, hollandezas, francezas e inglezas que havia em Pernambuco", e se fez representar tambem uma comedia em lingua franceza, levada a effeito com muita ostentação e gallardia. O torneio teve lugar no terreiro do Paço, que com os seus torreões de madeira pintada, ladeando a entrada da pra-

ca, os seus palanques destinados á nobreza, cobertos de grandes velarios vermelhos, e as suas archibancadas reservadas á burguezia, todo erigido de mastros e bandeiras, galhardetes e pendões, dava a impressão de um arraial enorme, orde a multidão inquieta, delirando de enthusiasmo, berrava e gesticulava, indo e vindo, como num formigueiro, á luz dourada daquella tarde abrazadora. "As damas estrangeiras, de todas as partes do Norte, postas por as janellas, e a mais gente grave subida nos palanques e theatros, e a outra gente commum repartida cada um por onde pôde, e o rio cheio de batéis e barcas, carregados de homens e mulheres" (Frei Manoel Calado). Havia alli de tudo: gentes da côrte batava e militares, nobres e senhores, magistrados com ares desembargatorios, traficantes de escravos e milicianos, peralvilhos e janotas olindenses, marialvas e turinas, damas circumspectas, escrupulosamente riçadas e empoadas, faceiras, polvilhadas e dengosas, e, para além das varandas armadas de colchas riquissimas da India e pannos bordados, "como uma enorme janella em dia de procissão", e dos palanques da sombra, no fundo da praça, ao sol, numa vozeria de ensurdecer, acotovelando-se, gesticulando e praguejando, rugindo, toda a ralé—ciganos e marujos, eguariços, mascates, meirinhos, negros e frades goliardos, soldados e moços de estribeira, patifes da viola e faquistas, foreados e potreiros, troquilhas e vadios, galdranas, fregonas e regateiras. Viam-se as mais lindas e as mais fidalgas damas do lugar, cheias de sedas e joias reluzentes, arfando leques e movendo as cabeças empoadas, chilreando em falsete e com os accentos mais diversos, sob o olhar dos maridos, dos irmãos e dos noivos, encasacados, chapéo alto e punhos e golas de renda, luvas de manopla, o espadim de punho dourado entre as côxas, os quaes as escudeiravam e as cortejavam, dizendo tolices e fazendo mesuras. Fóra da praça, agglomeravam-se os côches, os estufins, as séges de arruar e as cadeirinhas de mão, entre tilintar de guiseira, rinchos de cavallo e vozerios de pregoeiros.

No dia da justa, tão cheio de magnificencia e de imprevisto, antes de darem entrada na liça, os dous bandos, num cortejo immenso e sumptuoso, cortado de danças e

extravagancias, entre o clangor das trombetas e os applausos da multidão, percorreram as principaes ruas da cidade. João Fernandes Vieira, o *Valoroso Lucideno*, appareceu á frente de uma luzida quadrilha de bons cavalleiros da terra, luxuosamente vestidos e montando cavallos de raça ricamente ajaezados, uns de velludo negro á castelhana, sobre bellos alazões tostados, e outros á flamenga, em lindos baios rodados e em ruços tordilhos, enquanto o proprio Nassau, montado num soberbo cavallo arabe de combate, chefiava uma outra composta de estrangeiros, todos vestidos á character e á gineta, em excellentes animaes de picaria, fidalgos de coudellaria castigos e de bons rins, cada um acompanhado de dous lacaios a pé. “Alguns houve, escreve Frei Manoel Calado, que appareceram ricamente adornados, se prepararam de custosas librés e ricos jaezes, empenhando-se mais do que suas posses e cabedal alcançavam, e outros, pediram emprestado a seus amigos e parentes joias de preço e de valor.”

O torneio compoz-se de carreiras, cannas, jogos de argolinha, patos á mão e á espada, tendo os Portuguezes levado a melhor parte dos applausos e alcançado custosos premios, não só porque se fizeram admirar pela harmonia do conjuncto, como por terem executado prodigios de equitação. “Todos cavalgavam á gineta, escreve Frei Manoel Calado, e corriam tão fechados nas sellas, e tão compostos e airosos, que levavam após si os olhos de todos, e principalmente os olhos das damas.” Algumas dellas, inglezas e francezas, impressionadas com o ar e bizzaria dos Portuguezes, tiraram os anneis dos dedos e mandaram offerecer por premios, *só por os ver correr*. E disseram as más linguas, que, nessa mesma tarde, no palanque da nobreza, a linda viannense Anna Paes, viuva de Pedro Corrêa da Silva, e senhora do engenho da *Casa Forte*, estremezia tomada de enthusiasmo a cada curveta do cavallo de Carlos Tournalon, commandante da guarda palaciana de Nassau. Muito galante e singularmente querido das mulheres, entrou na liça lindamente montado num ruço tordilho agil e fino, um bello animal cheio de fidalguia e de raça, vestido á flamenga, o chapéo castorenho a tres paucadas, gola bordada e punhos de rendas, os arreios de prata luzindo ao sol, e florindo em manejos altos e curve-

teando em upas, numa precisão de movimentos que era um assombro de picaria. Não foi pequena a surpresa do bello mancebo diante do prestigio da sua apparição. Num travado curto vai até defronte da varanda da nobreza, forrada de damasco carmezim, derruba o sombreiro galantemente, tal qual ordena a muito nobre arte da cavallaria, olhou num sorriso a dama e partio a galope levantado pelo terreiro fóra. D. Anna Paes colhe as ilhargas da saia, como o teria feito uma *dueña* de Velasquez, e num movimento gracioso, curva-se, sorrindo-se, ao gesto de cortezia do garboso cavalleiro. Tempos depois estavam casados... Assim terminaram as festas da aclamação, um desses soberbos torneios de destreza e de graça, de intrepidez e de espirito, tão caracteristicos no seculo XVI.

Nassau era um amator exigente e entendido, conhecedor de pintura como o sabiam ser os grandes diplomatas e os grandes senhores do seculo XVI, e um scientista cheio de curiosidades, levando a sua paixão pela arte e pela sciencia ao ponto de manter uma multidão de artistas, pintores, architectos, mecanicos, etc., e ordenar excavações e missões especiaes ao interior do paiz, mandar organizar estudos de alta monta que abrangeram a fauna, a flora, a estrutura geognostica, e o proprio firmamento do continente austral. "Mauricio, diz Oliveira Lima, de resto tinha uma affeição pelas artes. As tradições da terra natal haviam-no educado neste culto respeitoso, e elle proprio era dotado de uma intelligencia brilhante, de uma imaginação viva, de um temperamento expansivo. Adorava os edificios, os quadros, as esculpturas, não desamparando comtudo o recato hollandez pela exuberancia flamenga. Quando partio da Hollanda, deixou levantando-se, sob a direcção do architecto Pieter Post, irmão do seu pintor, o elegante palacete de Haya, onde está installado o museu de pintura, debruçado sobre o risonho Vjvier, delicioso lago, situado no centro da cidade, e ao qual uma ilhota que é um massiço de verdura e um bando de cysnes augmentam a graça e a frescura."

Nos sumptuosos paços da Boa Vista, viveu elle cercado de discipulos reverentes e mestres muito amados, lúsidos fidalgos e bellos mancebos, entre festas e estudos, juntando ás grandezas sumptuarias outras opulencias de

cultura, e todos empenhados em realçar o esplendor daquella Côrte de sabios e gentishomens, que evocava Lourenço de Medicis, o Magnifico, e a sumptuosa Florença. As artes, as lettras e os bons costumes floresceram sob seu governo num prodigio incomparavel.

Foi de curta duração o governo benemerito do principe illustrissimo. Aos 11 de Maio de 1664, deixava elle o Brasil, e tocantes foram as homenagens tributadas ao inelyto batavo, que tanto ennobreceu e cumulou de beneficios a terra conquistada. "A época do Brasil hollandez foi realmente grande e sumptuosa, escreve João Ribeiro. Não só foi grande por serem os nossos mares, pela primeira e ultima vez o theatro da luta de esquadras gigantescas e das grandes acções navaes que nesse seculo fizeram a primeira distribuição do mundo, como principalmente pelo exemplo de cultura liberal e de civilização que a nossa terra jámais conhecera... Vindo governar o Brasil, o Conde de Nassau trazia o proposito de crear além do oceano uma patria livre. O paiz pareceu-lhe "um dos mais bellos do mundo", assim o disse na primeira carta que daqui escreveu. Soldado glorioso da guerra dos trinta annos e espiritô esclarecido, filho espiritual das Universidades de Herborn, Bâsiléa e Genebra, onde se selava a tradição do humanismo, elle considerava seu primeiro cuidado manter a mais larga tolerancia religiosa. Os catholicos brasileiros têm plena liberdade do culto; as procissões, como no outro tempo, com exquesito esplendor percorrem as ruas do Recife. E com igual pompa, celebram os judeus o *sabbath*. Muitos desses judeus eram portuguezes que, a inquisição tendo varrido do solo nativo, se refugiaram na Hollanda; e agora passavam os mares em busca da terra onde, sob um céu livre, soava a lingua amada que não esqueceram no exilio. A aversão dos Brasileiros foi desaparecendo e mudando-se afinal em agradecida sympathia. Os homens mais eminentes da terra e os mais humildes chegaram-se ao Principe que os protegia a todos, reparando os males e as injustiças da guerra... Ninguem se lembrou de reagir contra o invasor, e ficava já longe, no olvido, a retirada de Mathias de Albuquerque com todos os que "seguiram a patria e a religião dos maiores"; antes já o ouvido se havia affeito

ao hymno patriótico *Wilhelmus van Nassaussen*, que nas grandes occasiões estrugia nos ares. Tambem sorrio a liberdade para aquelles negros que se abandonavam a resistencia portugueza, eram logo recebidos na Nova Hollanda como homens livres... Com igual fulgor brilhava o regimen de liberdade que implantara. Pela primeira vez sob o nosso céo reúnem-se assembléas deliberativas, onde cidadãos eminentes têm a palavra e a iniciativa do conselho. Muitos dos Brasileiros tomam nella parte conspicua. A lingua hollandeza, como a nossa, tornava-se então familiar e commum e era ouvida na cidade e nos campos. Casamentos, não raros, apesar da differença de religião, se faziam entre Brasileiras e Hollandezes. E a concordia parecia abençoar a união dos dous povos. Dentro em pouco, porém, esse periodo de ouro sumiu-se... “O conselho politico, como testemunho solemne de reconhecimento, conferio á cidade que fundara o nome de *Mauricáa*, hoje esquecido mas que os vindouros reivindicarão como tardia, mas nobre homenagem á memoria do grande guerreiro e incomparavel gentilhomen, que, em sua patria, mas longe da terra que habituara a amar e que lhe andava no fundo do peito como uma grande saudade que tratava de evocar, vem a fallecer coberto de honras, cantado em prosa e em verso...

Se Duarte Coelho deu ao seu condado um cunho de distincção e aristocracia, sob o Governo de Mauricio de Nassau Pernambuco era como os pequenos ducados da Europa—uma Weimar—com um principe perfeito, com paços sumptuosos, com uma côrte magnifica de poetas e artistas, sabios e letrados, gentishomens e galanteadores, com uma sociedade com habitos de cortezia, elegancia e conforto, que os tempos posteriores á restauração fixaram com feição adquirida e propria. Dahi por diante, o sentimento do luxo refinou-se com o augmento da sociabilidade e com o desenvolvimento litterario do paiz. Os senhores de engenhos, vivendo com magnificencia e prodigalidade, assimilavam facilmente todas as innovações sociaes que provocavam o contacto dos estrangeiros e a crescente importação das idéas europeas, e as senhoras procuravam dar maior relevo á sua formosura, á sua graça e á sua galanteria. A vida assumira no seculo XVIII uma feição de inteira sociabilidade, caracteristica

dessa capitania, e era toda ella aventuras, festas e voluptuosidades magnificas: só muito mais tarde, com a desvalorisação do assucar, a sua principal fonte de riqueza, ella entrou em decadencia. O luxo era um habito natural que lhe vinha da fortuna, da situação mundana e do bom gosto innato. A força, a belleza, o prazer, a satisfação do corpo, a alegria de viver, a galanteria, a poidez, eram distinctivos da raça, e isto explica, sem duvida, o motivo essencial por que Pernambuco, preponderante na marcha da civilização brasileira, produziu os mais perfectos exemplares do homem contemporaneo. A accumulção hereditaria de culturas intellectuaes e de habitos ininterruptos de opulencia, produziram requintes de sensibilidade agudissimos, que são apanagio de raças fortes em pleno apogeu de dominio. Depois da Independencia, ainda esta prioridade era incontestavel, Recife sendo, na primeira metade do seculo XIX, o centro intellectual mais forte do Brasil, com uma mocidade academica entusiasta e uma pleiade notavel de poetas lyricos.

Refinados na intelligencia e no sentimento, os Pernambucanos, em todos os tempos, representaram essa fidalguia esclarecida dos Barões florentinos e esse heroismo indomito dos Cesares lusitanos, desenrolando o seu nome, como um estandarte, nas maiores paginas da nossa historia. No vasto saber, no soberano orgulho e na fama universal, essa figura grandiosa de principe da mitra e da purpura, que é o Cardeal Arcoverde, parece symbolizar as maiores virtudes da raça privilegiada, cujo sangue correu em innumeradas pelejas e cujo espirito brilhou em concilios e pulpitos, em parlamentos e academias, em assembleas e protocollos. E a natureza, querendo ainda mais realçar a distincção da raça victoriosa, imprime-lhe, por ultimo, a feição romana na varonil e seductora effigie.

Elysio de Carvalho.

(Do *Jornal do Commercio*, do Rio, de 25 de Dezembro de 1910)

Discurso

pronunciado na sessão solemne do Instituto Archeologico, a 27 de Janeiro de 1913, pelo seu Presidente, Dezembargador Francisco Luiz Correia de Andrade

Senhores.

Em cumprimento aos respectivos estatutos duas grandiosas datas festejamos no dia de hoje: a restauração de Pernambuco do dominio hollandez em 27 de Janeiro de 1654 e a installação deste Instituto em 27 de Janeiro de 1862.

A commemoração da restauração de Pernambuco do dominio hollandez tem por fim não deixar cahir no olvido os heroicos feitos dos grandes e insignes patriotas que sacrificaram seus haveres, sua saúde e sua vida para reivindicação desta terra que era nossa e nos haviam usurpado. Não ha para os pernambucanos data que mereça ser mais festejada que a de 27 de Janeiro de 1654.

Quantas acções heroicas para a restauração de Pernambuco do dominio hollandez! Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Felipe Camarão, Henrique Dias, Barreto de Menezes, Mathias de Albuquerque, Maria de Souza, Maria Cezar, Clara Camarão, as heroínas de Tejucupapo, os heroes do Forte de S. Jorge, de Tabocas, Casa Forte e Guararapes, revelam grande e espartano heroismo nos feitos emprehendidos para reivindicação de nossa bella e fertilissima terra!

A data da installação deste Instituto attesta os louváveis intuitos dos doutores Joaquim Portella, Antonio Vitruvio e Torres Bandeira, dos professores Soares de Azevedo e Salvador de Albuquerque, fundadores deste templo, onde ha mais de meio seculo temos vindo pagar o tributo de nossa gratidão e fé civica glorificando os que se sacrificaram e morreram pela reivindicacão de Pernambuco do dominio hollandez.

Pondo de parte as discordias que, infelizmente, em época bem recente, surgiram no seio deste Instituto, onde sempre reinou e deve reinar a maxima paz, toda harmonia, unamo-nos, prosigamos, continuemos a nos congregar annualmente para festejar essas gloriosas datas, enchamós os nossos corações de affectos e dedicacões por ellas, illuminemos as nossas cabeças com as ideias de bem entendido e nobre patriotismo, laureemol-as com as glorias que ellas recordam, attestando o grande valor dos pernambucanos.

Presidindo a 27 de janeiro de 1902 a respectiva sessão magna, já tive occasião de dizer e repito hoje, que a Revista do Instituto, sua bibliotheca, seu museu, sua collecção numismatica, sua galeria de retratos, entre os quaes se encontram os dos heróes da restauração, os dos fundadores do Instituto, o do inolvidavel desembargador Nunes Machado, os dos distinctos monsenhor Muniz Tavares, doutores Joaquim Nabuco, Martins Junior, José Marianno, desembargador Adelino de Luna Freire, nosso primeiro presidente de honra, do doutor João Baptista Regueira Costa, que por muitos annos presidiu este Instituto, concorrendo para seu engrandecimento e renome, e muitos outros que fora longo enumerar, são provas exuberantes dos serviços prestados pelo Instituto, que tem salvado do abandono e esquecimento documentos preciosos e curiosas tradições, mostrando-se digno da proteccão dos poderes publicos e da sociedade pernambucana.

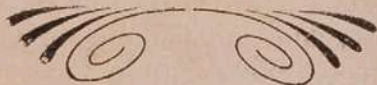
Preceituam os respectivos estatutos que o 1.º secretario apresente nesta sessão magna o relatorio de todo movimento litterario, economico e administrativo do Instituto no anno social; e faça o orador o elogio historico dos socios fallecidos.

Achando-se ausente o distincto 1.º secretario dr. Mario Mello, coube ao 2.º, não menos distincto, dr. Enéas

Pereira de Lucena, cumprindo os estatutos, confeccionar o relatorio.

Depois da respectiva leitura, seguir-se-ão com a palavra o orador official e todos que com seus discursos quizerem conèrrer para a solemnidade e magnitude desta festa civica, que não é somente nossa, mas de todos os brasileiros.

Está aberta a sessão.



Carta de doação feita por S. M. Fidelissima á Igreja Cathedral de Pernambuco

EXTRAHIDA DO LIVRO DE TOMBO DO SEMINARIO DE
OLINDA, PELO CONSOCIO PADRE HELIODORO
PIRES.

Dona Maria por graça de Deus Raynha de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'alem Mar em Africa Senhora de Guiné, e da Conquista, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India & &a. Faço saber aos que esta Minha Carta de Doação, e perpetua servidão virem; Que sendo-Me presente a requerimento e por parte do Reverendo Bispo de Pernambuco Dom Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, que na Cidade de Olinda, Capital d'aquelle Bispado existe ainda a Caza, que foi Collegio, e habitação dos extinctos Jezuitas com a sua respectiva Igreja, Alfaias a ella pertencentes, e cerca, que he anexa á referida Caza, e Collegio, e tudo conservado debaixo da apprehensão, e sequestro que nos bens dos sobreditos Regulares se fez pelo Meu Real Fisco: E que achando-se o mencionado Collegio, Igrejas, Alfaias, e Cerca sem que se lhe houvesse dado até ao presente destino, ou applicação alguma, e não se lhe podendo dar outra millhor, e mais propria, que a de ser applicado para hum Seminario de educação da mocidade sem a qual se não podem crear sujeitos habeis para dezempenharem os Ministerios, e obrigaçoens do Sacerdocio e do Imperio: Me pedia o mesmo Reverendo Bispo fosse Eu servida fazer Doação de dito Collegio, Igreja

com todas as suas Alfaias, e Cerca á Igreja Cathedral do Bispado de Pernambuco, para nelle se estabelecer o referido Seminario, na forma que se acha determinado pelo Sancto Concilio de Trento recommendado pelas Bullas da Creação do mesmo Bispado, e lembrado nas da confirmação d'elle Reverendo Bispo: Ao que tendo concediração, e desejando com toda a efficacia concorrer para o bem e augmento espiritual da Igreja, e para a utilidade publica dos Meus fieis Vassallos, conformando-me com as mencionadas Bullas Apostolicas: Hei por bem e Me praz fazer pura, livre, perpetua, e irrevogavel Doação á Santa Igreja Cathedral de Pernambuco, do Colegio, Igreja com todas as suas Alfaias e cercas que forão dos referidos extinctos Jesuitas, e se achão no Meu Real Fisco para que no mesmo Collegio se estabeleça o Seminario Episcopal, na forma Supplicada pelo sobredito Reverendo Bispo, ao qual, e aos seus successores no Bispado Encommendo, e Encarrego muito, a direcção, inspecção, e administração d'elle pela mesma norma, e modo que se acha determinado pelo dito Santo Concilio de Trento, para que aos seus prudentes e zellosos cuidados e dos de seus Successores se devão os pios, e virtuosos progressos de tão digna, e tão Santa Instituição —Pelo que Mando ao Conselho Ultramarino, Marquez Meu Mordomo Mor, Presidente do Real Erario do Concelho da Fazenda e da Real Junta do Commercio, Meza do Dezembargo do Paço, Conselho da Minha Fazenda, Meza da Consciencia e Ordens, Vice Rey, e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brazil, Governadores, e Capitans Generaes dos Meus Dominios Ultramarinos, Dezembargadores, Magistrados, e mais Juizes; Justiças, e Officiaes aos quaes o conhecimento desta Minha Carta deva, e possa pertencer, que a cumprão guardem, fação cumprir, e guardar tão inviolavelmente como nella se contem, e não obstantes quaesquer Leys, Alvarás, Provimentos, Provizoens, Decretos, Rezoluções e Estillos contrarios porque todas, e todos Hey por expressamente derogados para este effeito somente;

e como se de cada huma dellas, e delles fizesse expressa, e especial menção: É ao Douctor Jozé Alberto Leitão do Meu Conselho, Dezembargador do Paço, e Chanceller Mor destes Reinos, e seus Dominios Ordeno que a faça publicar na Chancellaria, passar por ella e Registrar em todos os lugares onde se costumão Registrar semelhantes Doações, remetendo-se o Original desta para o Meu Real Archivo da Torre do Tombo. Dada no Palacio de Queluz aos vinte e dous dias do Mez de Março do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos noventa e seis—O Principe com Guarda—Carta pela qual Vossa Magestade Ha por bem fazer perpetua, firme, e livre, e irrevogavel Doação a Santa Igreja Cathedral de Pernambuco a Requerimento do seu actual Bispo Dom Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, do Collegio, Igreja com todas as Alaias della, e Cerca anexa ao mesmo Colegio que existe na Cidade de Olinda Capital do referido Bispado para nelle se erigir o Seminario Episcopal na forma determinada pelo Santo Concilio de Trento: Encarregando ao mesmo Prelado, e a seus successores no Bispado a Inspeccão, Direcção e Governo do mesmo Seminario. Tudo na forma assima declarada.

Para Vossa Magestade ver—Marquez Mordomo Mor—Registada nesta Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda no Livro terceiro que nella serve de Registo das Cartas e Alvarás a folhas dezoito verso. Lisbôa quatorze de Julho de mil sette centos noventa e seis—Lourenço José da Motta Manso—José Alberto Leitão—Foi publicada esta Carta na Chancellaria Mor da Corte e Reyno, pela qual passou sem embargo do lapso de tempo por assim o ordenar Sua Magestade. Lisboa dezaseis de Julho de mil sette centos noventa e seis. Geronimo José Corrêa de Moura—Registada na Chancellaria Mor da Corte e Reyno no Livro das Leys a folhas sessenta e nove verso—Lisboa dezaseis de Julho de mil sette centos noventa e seis.—Manoel Antonio Pereira da Silva—Lourenço José da Motta Manso a fez—Numero oitenta e dous.

Discurso

proferido na sessão magna com que o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano commemorou a passagem da data anniversaria do primeiro grito de republica no Brazil, em 10 de Novembro de 1913.

Exm. Snr. General Governador do Estado!

Exm. Snr. Arcebispo de Olinda e Presidente desta Associação!

Meus Senhores!

Ao dirigir-vos a palavra em nome do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, nesta commemoração civica de uma das mais refulgentes datas com que Pernambuco vem desde os tempos coloniaes constellando o céu da nossa historia patria, acalenta-me a convicção de que a eloquencia dos feitos heroicos basta-se a si mesma, podendo aqui ser invocado o judicioso conceito de que «a belleza é mais bella desornada.»

Por outra parte, ampara-me a confiança de que não tenho diante de mim uma assembléa de espectadores ávida de recreiar-se em um torneio de jogos malabares do espirito, e, sim, fervorosos compartes ou correligionarios, enlevados numa consagração que a todos igualmente interessa e empolga, não deixando margem para sentimento algum que se não confunda com o da mais extreme solidariedade patriotica,

E' irmanado convosco nesse amor a terra patria e ás suas honrosas tradições, que venho repetir hoje neste recinto augusto, em linguagem desataviada e chã, a historia do primeiro grito de republica no Brazil.

Após a queda do dominio hollandez, em 1654, o elemento genuinamente pernambucano, o mesmo que quasi desajudado, numa lucta digna dos heróes de Homero, expulsara o invasor bátavo; era representado pela cidade de Olinda, com o seu clero, nobreza e povo.

Era bem natural que a lição da guerra hollandeza houvesse fructificado no espirito dos vencedores, despertando-lhes a consciencia de suas energias tão duramente postas em prova, e robustecendo-lhes esse desejo ou ancia de liberdade que é o mais bello apanagio da natureza humana.

A obra da expulsão hollandeza pareceria incompleta sem a autonomia e preponderancia de seus factores.

Para o Recife, que fôra impulsionado pela proveitosa administração de Mauricio de Nassau, começou a convergir o elemento genuinamente portuguez, de par com o representativo dos sentimentos de fidelidade á metropole.

A rivalidade das duas populações não tardou a se accentuar; o epitheto depreciativo de *mascates* lançado aos Recifenses bem denota que era o commercio, em sua quasi totalidade portuguez, o objecto principal da animadversão dos Olindenses.

A elevação do Recife a categoria de villa foi o signal da deflagração.

O nosso inolvidavel consocio, indefeso paladino da prioridade de Pernambuco na gestação da ideia republicana, o venerando Major José Domingues Co-deceira, resume os acontecimentos que então se desenvolveram nas seguintes palavras, que peço venia para reproduzir, em homenagem ao seu esforço benemerito na pesquisa da verdade historica:

« Cansados os pernambucanos de supportar o governo despotico e tyranno de Sebastião de Castro

e Caldas, que na maior convivencia com os mascates do Recife, procurava desmoralisar os nobres e briosos pernambucanos, descendentes dos heróes illustres que se haviam immortalisado na expulsão dos hollandezes, orgulhosos e arrogantes como elle dizia por esse facto,—consequira esse governador no reinado de D. João V, aquillo que os mascates nunca poderam conseguir no reinado de D. Pedro II, — a erecção do Recife em villa. Opondo-se fortemente ás reclamações que, por parte do Senado de Olinda, lhe foram feitas, e durante uma noite, fez levantar o pelourinho, nomeando logo o capitão mór, vereadores e justiça, e para que a sua obra ficasse completa, ordenou a prisão daquelles que se haviam mais pronunciado contra a creação da Villa.

A consequencia foi fatal para elle e para os distinctos pernambucanos, porque travou-se renhida lucta, sendo o governador ferido por um tiro, disparado na occasião em que passava pela rua das Aguas-Verdes, tendo sahido da egreja da Penha acompanhado de vinte cinco individuos de sua privança, facto que teve lugar no dia 17 de Outubro de 1710.»

As medidas de repressão tiveram como resultado a resistencia victoriosa dos pernambucanos sublevados: em Santo Antão Pedro Ribeiro derrota o Capitão João da Motta, a quem aprisiona; em S. Lourenço, após um combate que durou toda a noite, foi o Capitão Placido obrigado a render se, sendo-lhe permittido retirar-se desacompanhado para o Recife; marchando então sobre esta cidade, os revoltosos, aos quaes se reuniram Pedro Ribeiro, Bernardo Vieira de Mello e outros, tudo levaram de vencida, fugindo para a Bahía o governador Castro e Caldas nesse memoravel dia 9 de Novembro de 1710.

No dia seguinte, n'uma Segunda-feira como hoje, reunidos o Senado e a Nobreza «toma a palavra Bernardo Vieira de Mello e propõe que se declare a forma do governo republicana *ad instar* dos venezianos.»

Além do Capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva,

tambem votaram pela proposta de Bernardo Vieira de Mello os seguintes patriotas: Antonio de Lima Barbosa, Manoel de Mello Bezerra, Antonio Bezerra Cavalcanti, o Capitão André Dias de Figueiredo e seu irmão o Dr. José Tavares de Hollanda e João de Barros Rego.

Eis, senhores, em sua magestosa simplicidade o facto cuja commemoração hoje aqui nos congrega.

Que importa que o arrojado projecto encontrasse resistencias insuperaveis, não tendo sido adoptado pela maioria do Congresso, que preferio aguardar a palavra de ordem do Bispo D. Manoel Alves da Costa?

Que importa que em 1711 o predominio portuguez se viesse affirmar definitivamente com a revolta triumphante dos Mascates e o morticinario dos defensores da autonomia pernambucana?

Tambem a Inconfidencia Mineira foi esmagada ainda no nascedouro; mas nem por isso se pôde recusar a Tiradentes a gloria do martyrio pela idéa republicana.

Bernardo Vieira de Mello remettido preso para Lisbôa com o seu filho e mais nove companheiros, alli terminou «os seus dias amargurados, consumido de desgostos, tormentos e opprobrios.»

.....

.....

.....

A estatua do proto-martyr da idéa republicana no continente americano, está ainda por ser erigida, e a Pernambuco corre o dever de levantá-la em primeiro lugar.

E' verdade que para amesquinhar o gesto patriotico do heróe pernambucano, se diz que a republica que elle queria implantar era uma republica aristocratica, como se essa forma de governo não fosse naquelles remotos tempos e nas condições sociaes existentes a natural transição para a democracia republicana.

Ainda mesmo que se julgue que o malogro daquella tentativa contribuiu para que mais tarde se podesse proclamar uma republica sem desmembra-

mento de territorio, nem por isso decresce o merito daquelle que sacrificou a sua liberdade e vida regando com o seu sangue a semente beinfazeja.

Bernardo Vieira de Mello revoltou-se contra a oppressão e a tyrannia, desfraldou o estandarte de um governo autonomo, tão conscio da ingencia da tarefa, que certamente não podia deixar de ante-ver o seu insuccesso, mas ainda assim a queria e desejava, indo até ao extremo de preferir mudar de senhor, a continuar mudo e inactivo ante o jugo ferrenho portuguez.

Eu que penso que o amor da patria não é o simples amor á terra onde nascemos, mas tambem o amor ás tradições de familia e de raça, na continuidade do passado, atravez de todas as vicissitudes, sem renegação de faltas e defeitos, não posso deixar de lamentar esse atroz massacre da nobreza de Olinda, levado a effeito para gaudio do elemento portuguez, — ainda mesmo considerando que grande parte deste elemento veio depois se amalgamar em nossa nacionalidade.

O que eu vejo e o que eu sei é que dessa nobreza antiga, rude, ignorante e cavalheiresca descendem os que fizeram a independencia, fundaram a republica e trabalham ainda hoje pela verdade dos principios democraticos.

Ou não é sincero, ou é inteiramente baldo de patriotismo, em minha opinião, aquelle que lamenta não ter perdurado o dominio hollandez, destinado a estabelecer o imperio de outra raça, outros costumes, outra civilisação.

Tanto vale appellar de nossos mãos governos para a dominação estrangeira.

Para mim o unico bem da dominação hollandeza em Pernambuco foi justamente o haver dado causa a assombrosa epopeia de heroicidades que constitue a nossa historia daquelle periodo.

Desses feitos verdadeiramente epicos é que devemos derivar o alento para o esforço constante e tenaz de elevar a nossa patria ao nivel das civilisações mais adiantadas e esplendorosas.

E' da contemplação desse passado glorioso que nos cumpre fazer surgir o enthusiasmo necessario aos grandiosos commettimentos que por ventura nos estejam reservados.

Vem aqui muito de molde as palavras de Gœthe; Das Beste, was wir von der Geschichte haben, ist der Enthusiasmus, den si erregt:— «A melhor cousa que nós derivamos da historia é o enthusiasmo que ella nos excita.»

De facto, não merece o nome de historia o amontoado de factos e de datas, incapazes de despertar nobres e fecundas emoções: o historiador deve ter algo do hierophante, que, celebrando, suggestiona e commove.

Procurando attrahir a attenção do povo para os feitos dos heróes brasileiros (e em particular pernambucanos) que após si deixaram memorias gloriosas, o Instituto Archeologico Geographico Pernambucano é animado do alevantado intuito de fazer vibrar na alma popular o sagrado enthusiasmo pelos ideiaes de liberdade e justiça, sem as quaes é fementido e aviltante o proprio progresso.

A galeria de vultos historicos, que vêdes em torno, os symbolos e tropheus que reverentes cultuamos aqui, os documentos de nossas glorias passadas, preciosos objectos de nosso zelo e carinho,— tudo se destina a manter perenne e viva a chamma do amôr patrio, luz reconfortante na paz, incendio de abnegação nas pugnas em prol da liberdade.

Será, porventura, o patriotismo, como o amor da familia, ou os demais sentimentos affectivos que nos dominam, taes a piedade, a honra, o pundonor, simples manifestação de um sentimentalismo que a razão, esclarecida pela sciencia, explica pela educação e herança, e condemna como signal de fraqueza no homem culto? Não creio, meus senhores, na sciencia que tenta substituir toda essa gamma de sentimentos effectivos pelo frio e imperturbavel raciocinio, que aconselha eliminação, sem piedade (como a eugenica, no empenho de aperfeiçoar a especie), que

combate as religiões, como meros productos doentios da imaginação; que sotopõe á gymnastica a moral, que finalmente tudo pretende explicar e nada explica em suas oscillações de pendulo entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno!

Conta-se que o atheniense Trasiláo enlouquecera, convencendo-se de que todos os navios no Pireu lhe pertenciam.

Curado depois por Crito, em vez de agradecer-lhe, queixava-se amargamente de que havia sido roubado.

Pois, do mesmo modo, se a sciencia trouxesse ao meu espirito a convicção de que todas essas chamadas ficções: Deus, amor patrio, justiça, honra e piedade não passavam de palavras vãs, e deviam ser banidas como elementos perturbadores, ficae certos de que muito amargamente me havia de queixar da espoliação desse thesouro!

Inda bem, meus senhores, que tal ainda se não deu, e eu posso officiar comvosco neste preito de amor e veneração a um illuminado do amôr patrio, que soffreu o martyrio, em holocausto a um ideal intangivel, a uma aspiração que elle sabia irrealisavel naquella afastada epocha.

«Aquelle que procura na liberdade outra cousa que não a propria liberdade, foi feito para servir,» diz Tocqueville; e Bernardo Vieira de Mello amou a liberdade pela liberdade.

Urge concluir; pois quero evitar, se ainda é tempo, que se estenda esta oração *usque ad nauseam*.

Meus senhores! A republica, sonhada e entrevista por Bernardo Vieira de Mello em 1710, é uma realidade em 1913! Tal qual nós a temos, porém, corresponderá ella ao ideal de progresso e liberdade dos que por seu amor se sacrificaram?

Certamente que não. O regimen olygarchico cedo nella se implantou; os estados logo se reduziram a feitorias; e se o movimento reaccionario veio por fim,—não é menos certo que nos achamos ameaçados dos horrores do caudilhismo.

Agora que Pernambuco entra num regimen de

franca prosperidade financeira, sob a escrupulosa administração de um pernambucano ás direitas, em que é de justiça confiar, os votos que a contemplação desta data me suggere, são pela victoria dos principios de hegemonia e honra pernambucana que nelle actualmente se encarnam.

Diffundida a instrucção em larga escala, prestigiado na magistratura o principio da autoridade, Pernambuco não tardará a occupar no seio da federação brasileira a posição de destaque, a que o chamam as suas gloriosas tradições republicanas.

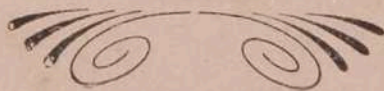
E assim se cumprirão os destinos para elle sonhados pelo grande patriota pernambucano Bernardo Vieira de Mello cuja memoria nest'hora invoco como uma benção de fecundidade para a obra meritoria de defeza e propaganda patriotica, em que nós, do Instituto Archeologico nos empenhamos, sob a sabia direcção do illustrado e piedoso Arcebispo de Olinda, D. Luiz de Brito, que irrefragaveis titulos de benemerencias mais e mais vae accumulando, á gratidão dos Pernambucanos.

Oxalá pudesse eu, novo Stentor, fazer vibrar até as ultimas quebradas dos nossos mais longinquos sertões a «saudação ungida de patriotismo.»

Salve, glorioso proto-martyr da idéa republicana no Brazil!

Salve—Bernardo Vieira de Mello!

Pedro Celso.



Viagens no Brazil

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba, Maranhão, etc.

Usos e costumes dos habitantes desse paiz

por *Henry Koster*

Publicação em Pariz em 1846—1.º Volume

Traduzidas para o francez por M. A. Jay e do francez para o portuguez por Antonio C. de A. Pimentel, amanuense do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

CAPITULO X

O auctor faz se á vela de Gravesende e chega a Pernambuco—Estado do Recife—Viagem á Bom Jardim com um capitão-mór e volta ao Recife

(CONTINUAÇÃO DO N.º 79)

A 28 de Janeiro de 1812, o *Capitão-mór* mandou um de seus creados para acompanhar-nos á sua casa e servir-nos de guia. No dia immediato bem cedo, á cavallo, partimos satisfeitissimos, eu e o meu amigo, porque esperavamos ver qualquer cousa nova e interessante. Conforme já disse, tinha eu visitado antes os lugares menos povoações do paiz; mas com os habitantes bem poucas communições tivera; nessa epoca viajava eu com grande rapidez para que sufficientemente podesse informar-me, como desejava, dos usos e costumes delles.

Tomamos o caminho de Olinda onde com a maior precaução atravessamos as ruas mal calçadas, e descendo o monte em cima do qual está ella edificada do lado da terra, observamos um immenso espaço paludoso coberto de mandioca plantada em *matumbos* (monticulos de forma circular), afim de evitar que a agua alcançasse a raiz da

planta. O resto do terreno ainda não estava secco e nada produzia. O verde escuro das plantas que nascem nos lugares pantanosos, fal-as conhecer á primeira vista. A região que se divisa ao longe é coberta de mattas. Atravessamos o riosinho que communica com a maré de cada lado da estrada, e proseguindo na viagem por um terreno elevado, avistamos diversas cabanas esparsas até quasi uma legua de Olinda; depois as terras baixas, que cercam a ladeira em que se acha o engenho Fragoso. Desde aquelle ponto até Paulista o solo é humido e offerece uma superficie lisa. Em toda a extensão da região, veêm-se numerosos e lindos sitios, e encontram-se as vezes, entre arvores e palmeiras, cabanas construidas de barro e cobertas de palha de côco. Em geral tem ellas um largo alpendre e em frente a este uma esplanada acieadamente conservada. Por baixo do para-peito arma-se a rêde em que o proprietario, de côr trigueira, indolentemente se embala, levantando a cabeça apenas ouve passos de cavallos; o cão estirado ao sol ou deitado na sombra, está sempre prompto a atirar-se aos desconhecidos; as rêdes de pescar e os cabazes acham-se suspensos, aqui e ali, ás hastes de folhas de coqueiro de que se cobre a humilde choupana. As vezes a presença de uma mulher, que foge e se esconde mal o viajante deita os olhos para o estreito caminho que conduz á cabana, alegre o aspecto d'aquellas selvagens habitações. A propria estrada é estreita (por não ser por ella que transitam os animaes). A vista é limitadissima pelos mattos que dos dous lados guarnecem a estrada; os ramos com frequencia ferem as pernas do cavalleiro, que é obrigado a metter o cavallo na capoeira, quando encontra um almocreve conduzindo carga de cassuaes ou de fardos de algodão, ou mesmo algum dos carros usados nas fazendas. A gravura (no original) representa um conductor de algodão. Adeante vê-se a palmeira chamada tecum (1) e atraz o mamoeiro, cujo fructo nasce na haste é grosso e a pôlpa doce; bastante se assemelha, no sabôr e na consistencia a um mellão bem maduro e a forma é a de uma pequena *cantaloupe*.

(1) Vid o appendice.

Os que não estão habituados a um paiz coberto de mattos, onde, por consequencia, a vista não pode estender-se ao longe sobre os objectos circumvisinhos e onde o ar não gira livremente, não podem fazer idéa das deliciosas sensações que experimenta o viajor, quando um ameno campo de verdura, brandamente agitado pela fresca brisa, lhe fere de repente a vista. O engenho Paulista proporciona esse prazer; as edificações ali são numerosas, porem baixas e a mór parte em estado de ruinas. Comprehendem ellas a casa do proprietario, que é espaçosa e tem um andar sobre o terreo, a capella com sua grande cruz de madeira, plantada no alto da fachada; o engenho, edificio quadrado e sem paredes, cujo tecto é sustido por pilares de tijollos; a senzalla dos escravos, a casa do administrador e outras construcções de menor importancia; todos esses edificios, acham-se em vasto campo povoado de innumerous animaes domesticos. Na extremidade do campo, na frente, mas um tanto afastado da casa de vivenda, ha um grande açude d'onde sae agua que moe o engenho. Do lado opposto vê-se a cabana do capellão ao pé da qual ha outra ordem de casinhas menores para escravos, uma horta e por detraz della largos bosquezinhos de mangueiras.

Para lá da casa principal existe dilatado espaço de terrenos baixos, em campinas ou plantações de canna de assucar circumscripitas, de um lado pelas construcções, de outro engenho, e, muito ao longe, por mattas situadas nos flancos e no cume de uma colina.

Tão rica e magnifica fazenda pertencia a um proximo parente do nosso *capitão-mór*, o qual tinha um filho a quem conheciamos e era o capellão; convidando-nos a demorar-nos acuecemos ao seu pedido e elle achava-se preparado para receber-nos. Depois do almoço fomos visitar o velho dono da—casa grande—, assim se chamam as casas de residencias dos proprietarios. Estava elle doente e por isso não podemos vê-lo, sendo porem recebidos pela senhora e duas filhas, que nos fizeram muitas perguntas a respeito da Inglaterra e conversaram sobre outros assumptos, que suppunham nos ser agradaveis; naquella fazenda pouco se trabalhava e os escravos levavam vida folgada, sendo a casa cheia de meninos, muitos

dos quaes correram a mostrar-se na sala; andavam todos nús e brincavam com grandes cães estendidos no chão. Aquelles *Amores*, de côr eburnea, eram evidentemente, os favoritos das boas senhoras, das quaes a mais moça já passára dos cincoenta. O proprio padre divertia-se com as pernadas dos pequenos. Elle e as senhoras dispõem de grande numero de escravos, que são de sua exclusiva propriedade, e projectam deixal-os um dia livres, e afim de os predispor para isso, mandam ensinar, aos machos, diferentes officios e as femeas, a cozer, bordar e cosinhar. Assim, com a morte de quatro individuos, que se approximam da velhice, sessenta pessoas, homens, mulheres e creanças, serão restituídos á liberdade. Como conhecem as intenções das senhoras á seu respeito, não admira que muitos se mostrem humildes e respeitosos. Em favor de alguns já foram passadas cartas de liberdade, mediante condições, que os obrigam a continuar a servir como escravos até a morte d'aquelle á quem pertencem; as cartas não podem ser revogadas e não obstante não receiam a ingratição. Penso, entretanto, que não é possível, que entre tanta gente, já não se tenham dado exemplos della. Diziam aquelles proprietarios que sendo seus pais ricos, não havia necessidade de augmentar a fortuna, e que, pondo de parte outras causas que se referem ao systema geral de escravidão, não era justo que os seus escravos, que viam como a filhos, trabalhassem para outros. Mui poucos africanos se achavam entre os captivos em questão, que, em grande parte constavam de mulatos e negros creólos.

Voltamos á casinha do capellão afim de jantarmos, e á tarde tornamos a pôr-nos á caminho para a fazenda *Aguiar*, que fica a cincoenta leguas de Paulista e pertence ao *capitão-mór*; lá chegamos fatigadissimos ás dez horas da noite. Logo depois de Paulista, acha-se o estreito, porem rapido rio Paratibe, que, junto á embocadura muda o nome para *Rio Doce*. Na estação invernosa transborda e não dá váo. A sua largura ordinaria é de quasi vinte varas, e antes de entrar no mar atravessa grandes pantanos. Naquella tarde passamos por quatro engenhos de fazer assucar. O que se denomina *Utinga de Baixo* é situado em amphitheatro em cima de um monte coberto

de formosas mattas pouco frequentadas e por isso abrigo de prodigiosa quantidade de caça, entre cujas differentes especies tem sido notado o *porco do matto*, assáz commum (2). Nunca vi semelhante animal, pelo que não posso ter a pretensão de o descrever; ouvi, porem, fallar muito a respeito d'elle como prejudicial aos roçados de mandioca; a carne é bôa. Esse animalzinho pouco differe do *porco commum*.

Muitos criminosos e escravos fugidos se refugiam naquellas mattas. Os moradores de Utinga parecem segregados do resto do mundo; nem o caminho que lá conduz se distingue bem. As tres ultimas leguas, que fizemos no escuro, foram por terrenos cobertos de mattas onde o resoar do machado do lenhador nunca se fez ouvir. A vereda que as atravessa é estreita e os ramos das arvores cruzam-se em todas as direcções.

A casa do *capitão-mór* é um grande edificio com um andar sobre o pavimento terreo, servindo este ultimo de armazem de assucar e de outros productos do paiz. Subimos por uma escada de madeira, construida por fora da casa e della passamos á uma antecamara, onde fomos recebidos pelo nosso hospedeiro e por um de seus filhos que nos guiaram a espaçosa sala. Uma comprida mesa, outra menor, dous bancos, algumas cadeiras quebradas, que nunca tinham visto verniz, constituíam a mobilia d'aquelles aposentos. Quatro ou cinco espertos moleques, muito attentos aos nossos movimentos, grupavam-se de diversos modos expressando na physionomia a surpresa que a vista de extranhos os fazia experimentar; em todas as portas

(2) Bolingbroke diz que muitas vezes succede fugirem para os mattos porcas que por lá ficam e se tornam selvagens, e accrescenta que o numero dellas tem augmentado de modo consideravel. N'outra passagem falla n'uma especie desses animaes, que é particular a America dos Tropicos, chamada—Warrée, e diz ser quasi do tamanho de um porco da Europa com o qual, na forma, bastante se parece. O *porco montez* não é o *sus tajassu* que, supponho, é o que Bolingbroke chama porco *Picarée*. Viagem a Demarara, etc., por Henrique Bolingbroke, na collecção das Viagens modernas de Felippe. Vol. X pags. 57 e 129.

O *tajassu* existe no Maranhão, mas não é conhecido em Pernambuco.

appareciam figuras de mulher que nos vinham examinar. A noite, segundo o uso, serviram-nos copiosa ceia composta de differentes especies de carnes collocadas na mesa sem ordem.

As cinco da manhã partimos, o capitão-mór, o meu amigo, eu e os nossos creados e andamos tres leguas sem ver um unico habitante; mas depois vieram ao nosso encontro o ajudante do districto e varios outros officiaes, todos uniformisados de azul-escuro, botas de canhões amarellos de monstruosa largura e bordados que subiam até quasi a metade do ante-braco, trazendo chapéos redondos com plumas curtas, espadões de assombroso comprimento, calções de ganga muito amplos mettidos nas botas o que ainda mais as alargava. Apeamo-nos n'um engenho onde nos convidaram a jantar, e como recusassemos, regalaram-nos de ananáz e laranjas. O proprietario bastante cuidado empregara na sua horta em que cultivava differentes qualidades de arvores fructiferas, tanto exoticas como indigenas. E' de estranhar que havendo tão grande variedade de arvores de fructos, até laranjeiras não existam na mór parte das propriedades agricolas. Bem sei que a formiga é um terrivel flagélo para essa planta; mas havendo cuidado e regando-a no verão, durante dous ou tres annos, não precisa mais. Asseveram que na fazenda á que me refiro, tem sido praticadas monstruosas crueldades, citando-se com o horror a conducta d'aquelle proprietario para com os seus escravos. Entretanto é elle visitado e tratado com a mesma consideração com que é tratado qualquer homem de illibada reputação! Devo porem dizel-o, foi este o unico exemplo de crueldade systematica e continua de que tive noticia. Mas enfim existe e sobre o seu autor nunca cahiu a mais pequenina punição, e só este exemplo deveria bastar para fazer encarar como atrocidade que precisa ser extirpada o exerando principio da escravidão. Na herança que recebeu o individuo de quem se trata, estavam incluídos sessenta bons escravos. Nos quinze annos porem decorridos d'aquelle tempo até a epoca á que me refiro apenas quatro ou cinco existiam ainda em condições de prestar serviços, porque os demais uns tinham fugido, outros morrido,

Deus sabe como, e outros finalmente se suicidado quasi á vista do senhor.

Chegamos á Santa Cruz por volta de meio dia; estavam pois na região onde é cultivado o algodão. A parte que acabavamos de atravessar é, em geral, bem fertilisada e abundante de madeiras. Achamol-a menos entrecortada de terrenos paludosos do que na vespera. As plantas de cannas eram muitas e pela manhã passamos por cinco engenhos. O solo é desigual e atravessamos escarpados montes; as terras no lugar onde havíamos chegado e mais para dentro, são menos baixas; a herva estava queimada pelo sol porque as primeiras chuvas não tinham apparecido ainda e havia menos humidade do que na parte d'onde sahiramos e isso as tornava mais rebeldes á cultura.

A nossa comitiva augmentara muito e a tarde chegamos a *Pindoba*, fazenda agricola de plantar algodão consideravelmente extensa. A pessoa a quem pertence é riquissima e possui immensa quantidade de eservas. Recebeu-nos de chambre, sob o qual usava camiza, seroulas e meias. Depois dos cumprimentos do estylo, foi buscar uma garrafinha de licôr fabricado no paiz, que offereceo aos convivas. Havia apenas um copo pelo qual foi obrigada a beber toda a companhia. Fimdo o jantar apresentou-se o musico da casa com sua guitarra, que se pôz a tocar, continuando até hora adeantada, em quanto que o proprietario sentado em cima de uma mesa fumava n'um cachimbo de seis pés de comprido. Varias rês se achavam armadas nos aposentos e cada qual, sem cerimonia, conversava ou ia deitar-se. Trez companhias de *ordenanças* deviam ser passadas em revista e por isso, no dia seguinte pela manhã cedo, começaram os paysanos a reunir-se. Eram os primeiros submettidos a inspecção porque o capitão-mór se propunha voltar pelos lugares por onde tinhamos ido e por lá exercer as suas funções. Os homens trasiam a sua roupa do costume, isto é, camisa e seroulas alguns entretanto acrescentavam a isso collete e calça de ganga; quasi todos estavam armados de espingardas. O capitão-mór apresentou-se de uniforme escarlate e sentou-se ao pé de uma mesa, conservando-se de pé ao lado d'elle o capitão da companhia, que, segurando o registro das revistas, chamava os soldados. A proporção

que cada nome era repetido pelo sargento, postado na porta, o individuo chamado entrava e apresentava armas ao capitão-mór e fazendo meia volta retirava-se. Era na verdade engraçado, mas ao mesmo tempo fazia pena ver o susto pintado na physionomia de muitos d'aquelles pobres homens e o seu desaso quando se apresentavam; outros porem mostravam-se arrogantes, vinham bem trajados e executavam as manobras com toda a precisão e presesa de que eram capazes querendo mostrar com isso superioridade em conhecimentos e fazerem-se admirar. As excusas de ausencias eram accitas como justificadas sem que se procurassem outras informações. A ausencia porem de um dos capitães não passou tão tranquillamente; um official foi enviado em busca d'elle com ordens de conduzil-o preso á Pindoba. Se tal severidade provinha de alguma causa particular ou de zêlo pelo bem publico, não me pertence decidil-o, o certo é porem que o homem chegou logo escoltado e o metteram n'um dos quartos da casa occupados por nós, sendo um sargento collocado na entrada para fazer sentinella. Todavia o capitão-mór abrandou um pouco e o refractario foi posto em liberdade tendo licença para voltar á casa. Ao jantar o inspector occupou a cabeceira da mesa e o dono da casa a seu lado para servil-o. A mesa cobriu-se com profusão não só por ser a sociedade numerosa, como por que era aquelle o costume. Nenhuma symetria foi observada; cada qual servia-se do prato que mais lhe agradava e ninguem podia considerar seguro mesmo no proprio prato, um bom boeado, porque muitas vezes ou o tiravam ou o substituiam por outro. Bebeu-se vinho copiosamente no correr do jantar, mas os copos eram communs. Logo que sahimos da meza a companhia foi dormir á *sesta* conforme o uso nos paizes quentes; eu e o meu amigo fomos dar um giro, mas nada vimos capaz de excitar a curiosidade; a visinhança nenhuma belleza natural offrecia; o tempo secco queimara a relva, tornando excessivamente triste o aspecto da região.

Na seguinte manhã muito cedo, quasi quarenta pessoas pozeram-se á caminho, com destino á villa de Bom Jardim, legua e meia distante de Pindoba, onde chegamos as sete horas. A villa é edificada em forma de quadrado;

as casas são baixas, mas a igreja é grande e bonita. Como as do Agú e as de varias outras povoações, as casas de Bom Jardim não são caiadas e o barro de que eram construidas conservava a côr primitiva; lá chegamos por uma escarpada ladeira defronte da qual existe outra da mesma altura, que é necessario egualmente franquear para penetrar-se no interior da povoação. O solo é composto na quasi totalidade de barro vermelho, que em certos lugares se approxima do escarlate mesclado de veias amarellas. Aquella especie de terra, dizem, é a melhor para o cultivo do algodão. Bom Jardim é centro de reunião dos mascates que se dirigem ao *Sertão*. Está a cento e tres kilometros ao nordéste do Recife.

Saindo á passeio, eu e o meu amigo, descemos a ladeira por um trilho que nos levou ao leito do rio então secco. Em Bom Jardim muitas vezes ha falta d'agua, mas acredito que se abrissem poços de certa profundidade haviam de conseguil-a (3). Voltando á povoação, soube-mos que ia ser celebrada a missa, e , acompanhados de alguns dos da nossa sociedade, dirigimo-nos á igreja, onde havia affluencia de fieis. Uma observação tive occasião de fazer por varias vezes, e vem a ser que o numero de camponezes que se reúnem aos domingos e dias santos, deve admirar ás pessôas que apenas atravessam o paiz sem fazer idéa de sua população. As casinhas que se vêm á beira da estrada não permittem que se possa imaginar a enorme quantidade que se observa nas igrejas por occasião das solemnidades; a espessura, porem, dos mattos e a pouca altura dos casebres, mesmo quando accidentalmente se pode, de cima de uma ladeira, avistar bem qualquer localidade, impedem que se vejam as moradas das classes pobres da população, espalhadas aqui e além em toda a região. As estreitas sendas, que parecem impraticaveis e que mal se distinguem, levam constantemente a quatro ou cinco cabanas, construidas no meio de uma capoeira em qualquer terreno apropriado ao cultivo da mandioca ou do milho.

Em Bom Jardim passou-se revista á uma companhia

(3) O capitão-mor ordenou a construcção de um reservatorio de aguas de chuva, e a ordem foi cumprida.

e foi designado um capitão para ir inspeccionar no interior. A tarde, montando á cavallo, fomos á casa do capitão Anselmo, que obsequiosamente nos convidara a ir até lá. No caminho vimos uma capoeira pegando fogo. No verão a relva e o matto seccam por tal modo que a mais insignificante fagulha é bastante para fazer abraçar-se grande extensão de um districto: o fogo estende-se, as vezes a uma legua e até mais; as chammas sobem com maior violencia, alcançam os galhos das grandes arvores e exceedem mesmo a altura dellas, penetra nos buracos de velhos troncos ou em montões de folhas que ainda conservam humidade e um sopro de vento basta para rearimal-o e de novo com furor estender-se. Quasi sempre, quando viajam, os sertanejos fumam e constantemente detem-se na primeira casa que encontram para pedir fogo, e admira o indifferentismo com que atiram uma brasa para longe de si, sabendo, como sabem, quaes tem sido, em muitas occasiões, as consequencias de semelhante imprudencia. A lei castiga com rigor os incendiarios, provada a intenção ou mesmo a negligencia. As plantações de cannas de muitos engenhos têm por vezes soffrido tambem iguaes acci-dentes.

O capitão Anselmo mora n'uma fazenda sua de plantar algodão, que é manobrada por quasi quarenta escravos. A casa fica no declive de uma ladeira íngreme, tendo em baixo soberba planicie e perto della um vasto açude atravessado, no inverno, por um riosinho; o proprietario cercara ultimamente um pedaço de terreno e traçava nelle um jardim nas margens do açude. A casa é nova e de dous andares; é a moradia mais agradavelmente situada e a mais bem arranjada das que visitamos durante aquella viagem; as choupanas dos escravos são bem construidas e commodas. Fizeram-se ouvir a musica da terra, trez negros com gaitas ensaiaram algumas canções em quanto jantava-mos pareceu-me que o faziam em tons differentes e as veses que cada um tócala musica particular de sua propria composição. Não creio que de todas as tentativas que vi fazer, com o fim de produzir sons harmoniosos tivesse havido alguma com tão pouco successo como as d'aquelles *charamelleiros*. Os moradores que tem a seu ser-

viço uma banda de musica, tomam ares de superioridade; pelo que sempre notei arrogancia em quem a possuia.

A nossa sociedade não podia deixar escapar tão boa occasião para brincar, *entrudo* (4) embora ainda faltasse uma semana para o tempo proprio. No dia que se seguio ao de nossa chegada, mal se acabava de jantar, entraram a sacudir uns nos outros farinhas, bananas, arroz e outras golodices da sobremesa. Immediatamente os brilhantes uniformes foram postos de parte e cada um, arregaçando as mangas da camisa, meteu-se activamente no singular folguedo. Passou-se tudo com a maior graça do mundo, até que por fim fatigados e sujos fomos deitar-nos nas rêdes que nos tinham preparado. Quiz porem, a nossa má sorte que um bravo capitão, tendo cuidadosamente fechad. todas as janellas, por causa da claridade da lua, se collocasse ao pé de uma grande jarra d'agua que estava a um canto da casa e pegando n'um vaso entrou a ensopar-nos com liberalidade, acordando-nos com as suas reiteradas aspersiones e obrigando-nos assim a procurar abrigo debaixo das mesas e das cadeiras; essa loucura e muitas outras que se seguiram como consequencia della, duraram até o amanhecer, quando nos preparamos para seguir viagem. Aqui passou-se revista n'uma companhia.

Dirigimo-nos a casa do capitão Paulo Travassos, d'ali a uma legua, e conforme costumavamos, eu e o meu amigo, logo que chegamos, sahimos a pé; na volta, em lugar de seguirmos pelo trilho, que fazia muitos circuitos, tentamos galgar um escarpado outeiro afim de mais depressa alcançarmos a casa. O meu amigo ia na frente e como subia com difficuldade, falseou-lhe o pé o que o obrigou a agarrar-se a haste de uma plantasinha que brotara n'um dos lados do outeiro. Abandonando a ideia de proseguir no caminho voltou para junto de mim, conservando na mão a planta com a raiz e a terra que á ella adherira. Indo ati-

(4) A segunda e a terça-feira do carnaval é que são os dias propriamente de *entrudo*; constantemente porem succede, como na actual circumstancia que o brinquedo começa uma semana antes. Agua e pó é o que, conforme o costume, sacodem uns nos outros: mas quasi sempre, ninguem se contem e atiram-se mutuamente tudo o que podem haver ás mãos.

nos fez voltar ao lugar d'onde elle a arrancára; ali juntamos outra terra, e o meu companheiro, que por longo tempo residira n'Africa, julgou que a substancia de que aquella terra se achava impregnada, era ouro em po.

Depois da nossa volta, continuou o *entrudo* com mais furor do que d'antes, recorreram até ás marmitas e frigideiras, para tisnarem uns aos outros. Tivemos a satisfação de ver as mulheres da casa. Por toda parte tinham-se ellas mostrado esquivas para se juntar á nossa sociedade. Os rapazes porem, que conheciam a familia acharam pretextos para attrahil-as á nós e tanto ellas como as escravas, com muita graça tomaram parte no brinquedo do *entrudo*. Uma circumstancia que nos divertio e que é peculiar ao character portuguez, sobreveio. Certo personagem que viamos pela primeira vez pedio aos que brincavam que o não molhassem porque se achava indisposto. Notou-se entretanto que elle não tinha para com os outros a indulgencia que para si reclamava; então um dos companheiros, munido de uma grande vasilha de prata cheia d'agua o attaca, e fugindo elle para fora da casa, o outro persegue-o. Chegando a certa distancia, volta-se o Portuguez e puchando a faca ameaça ferir com ella ao seu alegre aggressor. Este, levando mão ao lugar onde costumava trazer faca tambem, por sua vez o ameaça e cae sobre elle armado de um páo que apanhara no caminho. O adversario julgando prudente não realisar a ameaça e voltando sobre os mesmos passos, correu com toda a ligeireza das pernas e penetrou em casa pela porta de detraz, conservando sempre a faca em punho; em quanto que aquelle que o perseguia entrava pela da frente. Encontrando-se no quarto d'onde haviam sahido, o do vaso de prata mostrou que não tinha faca, provando por esse modo, em presença de toda a companhia, que um homem armado correra de outro desarmado, e tanto bastou para que todas as senhoras ao mesmo tempo atacassem o poltrão. Apressando-se elle a ganhar a estribaria, montou a cavallo e partio. Não chegara porem ainda o fim de suas tribulações, porque passando o caminho por onde devia seguir, por baixo das janellas, apenas chegou ao alcance, atiravam-lhe dous baldes d'agua que o ensoparam á elle e ao cavallo, ao qual chegando as esporas foi-se perseguido pelos apupos da companhia.

À tarde nos pozemos novamente a caminho afim de visitarmos o engenho do capitão João Soares, onde ficamos até o outro dia. Alguns de nós começavam a aborrecer-se do entrudo, pelo que logo que o vimos recommear refugiamos-nos no engenho e nas casinhas afastadas da casa grande.

Lá nos foram procurar, mas escondemo-nos nos telhados e não nos poderam desalojar.

Eu vira muitas vezes o *saboeiro* ou arvore do sabão, que nasce, principalmente naquelles cantões. É um grande arbusto do qual brotam numerosos ramos em todas as direcções; quando em pleno desenvolvimento, parece-se com essas arvores de alamedas que se tem aparado; e o que augmenta a semelhança é serem as folhas tambem miudinhas e unidas. A capsula que envolve a semente é quasi do tamanho de uma ameixa pequena. Quando metida n'agua e esfregada com força, produz o mesmo effeito que o sabão tendo igual propriedade na lavagem da roupa. (5) O *páo d'alho* ou arvore do *alho* é tambem encontrada com abundancia n'aquellas regiões, e é assim chamada pela semelhança que há no cheiro da madeira e das folhas com o do alho. Nascendo no paiz em grande quantidade, attrahio agradavelmente a attenção dos primitivos colonos por lhes lembrar o seu tempêro predilecto e foi isso, supponho, o que fez dar o mesmo nome a uma villa e a uma freguesia inteira.

As cinco horas da tarde seguimos para Limoeiro, grande villa que muito prospéra (6); tem apenas uma rua de

(5) A descripção que faz Sabat da *arvore de sabonetes*, não se combina com a minha em todos os pontos. A differença pode ser proveniente de circumstancias que se poderão descobrir, se si tivesse fixado á este respeito a attenção nas localidades; diz elle que as folhas tem de comprimento tres pollegadas e que — *Essa arvore é uma das mais grossas, maiores e melhores das que nascem nas ilhas.* Nova Viagem, etc. tom. VII, pag. 383.

Dutertre diz que ella cresce com abundancia ao *longo das costas, nos lugares mais seccos e aridos.* Hist. das Antilhas, etc. tom. II pag. 165. Nunca ouvi fallar do saboeiro senão a alguma distancia da costa.

(6) Limoeiro foi elevado a cathegoria de villa, por alvará publicado no Rio de Janeiro em 27 de Julho de 1811, o qual, nessa epoca, não era ainda conhecido ali; agora

quasi tres quartos de milha de extensão, terminada n'um dos extremos pela matriz e pelo presbyterio. Aquelle edificio pertencia outr'ora aos jesuitas. O commercio de Limoeiro com o interior é grande. Todas as semanas, nos dias de feira, concorrem numerosos habitantes e nesses dias raramente deixa de haver assassinatos, ou pelo menos ferimentos ou pancadas. As feiras de Nasareth ou *Lagôa d'Anta* são particularmente afamadas pelas desordens que nellas se praticam ordinariamente, as quaes se tornaram tão serias em certa epoca, que o governo julgou conveniente mandar força armada para manter a ordem.

Limoeiro conta quasi seiscentos habitantes e é situada á margem do rio Capibaribe que n'aquella epoca estava completamente secco. Dista do Recife quatorze leguas. A casa do Vigario, onde nos apeamos, não indica nada que tenha havido da parte do proprietario o mais ligeiro esforço no sentido de tornal-a decente e commoda e mostra tambem que elle deve ter a vida em bem pouca conta, porque cada degráo por onde se ia aos seus aposentos, ameaçava faltar-nos debaixo dos pés a cada momento; os soalhos, como alsapões, pareciam armadilhas destinadas a agarrar á quem não caminhasse com precaução. Algumas taboas estavam partidas e outras mal se sustinham, emfim nunca vi casa em tão pessimo estado de ruinas sendo tão facil ao inquilino concertal-a; não devo porem lastimar-me porque em compensação tivemos chaleira, assucareiro e outras peças de prata para um serviço de chá.

O capitão-mór tinha que visitar ainda muitos postos no que devia demorar-se bastante tempo, e como o meu amigo desejasse vivamente voltar ao Recife, deixamos com bastante pesar a nossa sociedade e no outro dia de manhã partimos acompanhados pelo ajudante que voltava á sua casa. Eu me divertira e bem desejava ir até o fim. Em Limoeiro diversas companhias iam ser passadas em revista, devendo o capitão-mór dirigir-se depois a Pau d'Alho (7) e a Nazareth ou Lagôa d'Anta (8),

existe lá um juiz ordinario, uma municipalidade e um capitão mor.

(7) Este lugar foi elevado a cathegoria de villa por força do alvará concernente a Limoeiro, e pelo mesmo acto

duas povoações assáz consideraveis. Ficam ambas a algumas leguas do local em que nos separamos dos companheiros. Voltamos a Santa Cruz que atravessamos, indo apejar-nos á casa do ajudante. A tarde seguimos para Aguiar onde nos recebeu um dos filhos do capitão-mor, rapaz de desoito annos. Vimos tambem a joven senhora do primeiro, que é sua sobrinha e contava quasi quinze annos de idade, tendo o marido quarenta e seis; ahi dormimos. No dia seguinte fomos a Paulista e de lá ao Recife, na tarde de seis de Fevereiro.

Ouvi um agricultor lastimar-se amargamente da pobreza e da falta de braços para moer o seu engenho o que o forçava á abandonar o cultivo de bôa parte dos melhores terrenos que possuia. Depois desses queixumes, recahiu a conversação sobre cavallos de sella e sobre arreios; disse-nos elle que comprara recentemente uma sella e um freio novos que ia mostrar-nos. Os arreios eram com effeito esplendidos; a sella de marroquim e velludo verde, os cravos de cabeça e as placas, todos de prata, ornavam com profusão tanto a sella como o freio. Garantio-nos elle que custára tudo *quatrocentos mil réis*, isto é, quasi cento e dez libras sterlinas ou cento e dez luizes, somma sufficiente para comprar quatro escravos; mas não foi tudo, abrindo uma gavêta, mostrou-nos varias colheres, esporas quebradas e outros objectos de prata dizendo que juntava uma quantia afim de que o cavallo de seu pagem se apresentasse igual ao seu.

As pessoas livres que habitam a extenção dos districtos que atravessamos são em maior quantidade do que a principio eu imaginara. As companhias de *ordenanças* variam com relação ao numero; umas constam de cento e cincoenta homens, outras não tem mais de cincoenta. Os

as povoações do Cabo de Santo Agostinho e de Santo Antão, foram egualmente elevadas á villas

(8) Esta povoação é mais geralmente conhecida pelo nome de Lagoa d'Anta do que pelo de Nazareth, mas o ultimo é o que figura nos instrumentos publicos. O primeiro destes nomes, que significa—lago de Anta, parece indicar que esse animal era outr'ora ali conhecido; não pude porem encontrar camponez que lhe conhecesse a significação.

paysanos do mato, isto é, da região que se estende entre as localidades fertes da costa e os sertões, em geral não gosam de bôa reputação. A vida miseravel a que estão sujeitos pela falta d'agua e de alimentação, parece influir de maneira pernicioso sobre a moralidade delles, que são apontados como mais vingativos, desordeiros e menos hospitaleiros do que os visinhos. Dizer que um homem é *matuto*, não é recommendação que o abone.

Durante a viagem ouvi contar o seguinte: e como conheci aquelle com quem o facto se deu, posso garantir-lhe a veracidade: Um brasileiro, que fora rico; mas que por imprudencias ou acções merecedoras de mais severo qualificativo, se reduzira a um estado de penuria, que nenhuma compaixão excitava; residia na parte do paiz que eu atravessara: aquelle individuo era de costumes depravados e de character feróz, apparentando porem modos affaveis. Em certa occasião, descobrindo-se, portou-se indignamente, mostrando-se o contrario do que fingia ser. Na epoca em que se deu o acontecimento de que vou tratar, só lhe restavam tres ou quatro escravos dos quaes um em bôas condições de saude. Receiando ser assassinado por algum dos que contra si tinham motivos de queixa, conservava sempre fechadas as portas e as janellas da casa, com excepção da porta principal, que no entanto era cuidadosamente trancada ao cahir da noite. Uma occasião tres homens batendo á aquella porta, pediram licença para dormir em qualquer casebre da fazenda; sem abrir, o dono da casa respondeu de dentro que fossem dormir no engenho.

Quasi uma hora depois, batendo de novo, alguém pediu que lhe dessem ou vendessem umas fructas e o homem, inconsideradamente e sem receio abriu a porta para satisfazer o pedido; no momento porem em que ia entregar as fructas, um dos desconhecidos fez-lhe fogo, penetrando-lhe no corpo a maior parte da carga. A reputação da valentia de que gosava o ferido, fez com que aquelles homens hesitassem em se approximar d'elle, o que deu-lhe tempo a pegar na espada, que estava proxima do logar em que se achava, podendo tambem fechar a porta e correr os ferrolhos. Feito isto, com a maior difficuldade alcançou a cana, esperando á cada instante exalar o derradeiro suspiro; os inimigos ainda tentaram entrar por alguma outra porta

ou janella, mas não podendo conseguil-o, foram-se. Logo que o escravo que gosava saude, ouviu o tiro e vio o senhor ferido, sahio de casa, o que é um tanto admiravel, tendo o cuidado de fechar a porta a chave, e apressadamente encaminhou-se para uma casa que estava d'ali meia legua e cujo dono, informado do succedido, fez logo preparar uma rêde e accompanhado por dezeseis escravos e pelo capellão, levando uma lanterna e todo o necessario para ajudar um catholico a bem morrer, seguio para a casa do enfermo. Alli chegando, aquelles bons visinhos encontraram-no em estado que os fez suppor que poucas horas lhe restava de vida. Então o capellão confessou-o e, para tudo prever, administrou-lhe o sacramento da extrema unção, depois do que, accomodado na rede, o visinho fê-lo transportar á sua casa. A pessoa que me contava esta historia não se esquecia de acrescentar que a véla fora posta na lanterna, para não expôr o ferido a morrer sem ter na mão uma vela acceza, como é de costume. Mandaram á Igua-rassú, que dista algumas leguas d'ali em busca de um cirurgião, o qual conseguiu extrahir o chumbo das feridas.

Apesar da demora dos socorros e de outras circumstancias desfavoraveis, vi, em 1813, aquelle homem de perfeita saude. Durante a sua permanencia na casa do amigo e quando ainda em perigo de vida, um Indio sertanejo, bem armado, passando por lá indagou dos escravos se elle ainda vivia. Diziam geralmente que seria forçado a mudar-se para longe, porque a não fazer isso expunha-se todos os dias á novos ataques, tanto mais por serem sertanejos os seus inimigos. Os individuos que tentaram assassinal-o, na occasião trajavam á moda dos Indios e na manhã seguinte foram vistos em caminho com direcção ao interior, e, em algumas choupanas onde pararam, disseram, que suppunham ter privado um homem para sempre *de comer farinha*. Aquelle á quem haviam atacado, ao certo nunca pode saber d'onde partira o golpe, tantos eram os inimigos que tinha. No Brasil o homem que for insultado ou victima de crime, deve despresal-o ou decidir-se a fazer justiça por suas proprias mãos. Este abuso é devido á enorme vastidão do paiz e á negligencia do governo na manutenção das leis e da ordem.

Fim do 1.º volume

Actas das sessões

SESSÃO ORDINARIA DE 8 DE JANEIRO DE 1903

Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, Aprigio Garcia, 1.º e 2.º Secretarios, Celso de Souza, Pereira da Costa, Bianor de Medeiros, Pedro Celso, Arthur Muniz, Barros Rego, Eudoxio de Brito e o Senr. Augusto Cezar, abrio-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Consocio Dr. Cunha Barbosa, de 13 de Dezembro, communicando que a commissão nomeada para felicitar e cumprimentar, na Capital Federal, por parte do Instituto, os consocios Drs. José Joaquim Seabra, Lauro Muller e Barão do Rio Branco, desempenhou-se de sua incumbencia. Inteirado.

Offertas:

Pela Commissão Permanente da Obra dos Congressos Catholicos, um volume de seus Annaes.

Pelas respectivas Redacções um exemplar de cada uma das seguintes Revistas: *Militar*, *A Escola Pernambucana*, e mais diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas:

Passando-se á ordem do dia, o Senr. Presidente communica ao Instituto estar terminado o ultimo prazo concedido ao ex-thesoureiro para indemnizal-o das quantias que desviou quando no exercicio daquelle cargo, e pede que o Instituto tome deliberações a tal respeito.

O Senr. Dr. Celso de Souza, pedindo a palavra, justificou e enviou á meza a seguinte proposta:

Propomos que, seja constituido um advogado, para por parte do Instituto intentar contra o ex-thesoureiro, Dr. Gaudino Eudoxio de Brito, a competente acção para haver do mesmo as quantias que deixou de restituir ao Instituto ao ser destituído do cargo de thesoureiro. *Celso de Souza, Alfredo de Carvalho, Aprigio Garcia.*

Approvada e submettida á discussão, oraram os Senrs. Eudoxio de Brito, Celso de Souza, Barros Rego e Pedro Celso, que enviou á meza a seguinte emenda:

“Acrescente-se á proposta, depois das palavras—competente acção—o seguinte: quando a meza julgar conveniente.”

Encerrada a discussão foi approvada a proposta com a respectiva emenda.

Em seguida, depois de ter o Instituto deliberado realizar a sessão magna anniversaria no dia 27 do corrente, foi levantada a sessão, por nada mais haver a tratar-se.

João Baptista Regueira Costa—3.º Vice-presidente,
Alfredo de Carvalho—1.º Secretario, *Aprigio Garcia*—2.º Secretario.

SESSÃO SOLEMNE DE ASSEMBLÉA GERAL EM 27 DE JANEIRO
DE 1903

Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa

A uma hora da tarde, presentes o Dr. Chefe de Policia, Coronel Commandante do 2.º Corpo de Policia, representantes dos Exmos. Senrs. Conselheiro Dr. Governador do Estado, General Commandante do districto militar e do Coronel Commandante da Brigada Policial, Desembargador Lisbôa, Juiz de Direito Dr. Rocha Carvalho, Deputados Estaduaes e Cidadãos de todas as classes, ve-

rificou-se igualmente a presença dos seguintes socios do Instituto: Dr. Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, Aprigio Garcia 1.º e 2.º Secretarios, Arthur Muniz, Carlos Porto Carreiro, oradores, Pedro Celso, Pereira da Costa, Gonçalves de Mello, Alfredo Freire, Vitalino Cordeiro, Sebastião Galvão e os Senrs. Commendador Barboza Vianna, Augusto Cezar e professor Rocha Pereira.

O Senr. Presidente, depois de uma allocução analogá á solemnidade, declarou aberta a sessão e deu a palavra ao Dr. 1.º Secretario que leu um minucioso relatorio do movimento litterario, economico e administrativo do Instituto durante o anno de 1901.

Por ultimo occupou a tribuna o Dr. Carlos Porto Carreiro que proferio longo discurso fazendo o elogio dos socios fallecidos no correr do anno e enaltecendo o valor da dupla data, que se commemorava.

Não havendo mais quem quizesse usar da palavra, o Senr. Presidente, depois de agradecer aos cavalheiros presentes o seu comparecimento, encerrou a sessão.

João Baptista Regueira Costa—3.º Vice-presidente, *Alfredo de Carvalho*—1.º Secretario, *Aprigio Garcia*—2.º Secretario.

SESSÃO EM ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÃO EM 5 DE FEVEREIRO DE 1903

Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Alfredo de Carvalho, Aprigio Garcia, 1.º e 2.º Secretarios, Pereira da Costa, Arthur Muniz, orador, Bianor de Medeiros, Rocha Carvalho, Gervasio Fioravante, Coelho Leite, Alfredo Freire, e os Senrs. Coronel Paula Mafra, Augusto Cezar e professor Rocha Pereira, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario mencionou as seguintes offertas:

Pela Academia Pernambucana de Lettras um numero da sua Revista.

Pela Irmandade do S.S. Sacramento da matriz de

Santo Antonio, um exemplar do seu relatorio do anno compromissal de 1901 a 1902.

Pelas redacções um numero de cada uma das seguintes Revistas:

Juridica, Pernambucana, A Escola e Official de Ensino.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa dous exemplares do seu Boletim.

Pelo consocio Padre Raphael Galante, o 2.º e o 3.º volumes de sua obra—Historia do Brazil e um compendio de Grammatica Ingleza.

Pelo autor, o Senr. Agenor de Noronha Santos, um volume—Apontamentos para o Indicador do Districto Federal.

Pela Academia Cearense, um volume de sua Revista.

Pelo Dr. Coelho Leite uma colleção de cartas authographas do finado Imperador D. Pedro II dirigidas ao Conselheiro Sá e Albuquerque, quando Ministro dos Negocios Estrangeiros; pedindo o offertante que fossem publicadas na Revista do Instituto as mais importantes, o Senr. Presidente mandou remettel-as á commissão competente para aquelle fim.

Pelo Museu Paulista um volume de sua Revista.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Em seguida, tendo o Senr. Presidente declarado que, na forma dos Estatutos, ia proceder-se á eleição da meza administrativa do anno social de 1903 a 1904, o Senr Dr. 1.º Secretario, pedindo a palavra, apresentou e leu o seguinte officio:

Illustrissimo Senr. Dr. Alfredo de Carvalho, 1.º Secretario do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

Sabendo que, de conformidade com os nossos Estatutos, se deve proceder hoje a eleição da nova meza administrativa, rogo-vos a fineza de declarar á essa patriotica associação que, em razão de minha avangada idade, de perto de 74 annos, e dos achaques que ultimamente tanto se me tem aggravado, não me é possivel permanecer no honroso cargo de presidente, a que fui elevado em sessão

de 9 de março de 1899 por excessiva condescendencia dos meus dignos collegas.

Assim procedendo por tão ponderoso motivo, não é meu proposito desligar-me do Instituto, de que faço parte desde 5 de Janeiro de 1880; asseguro-vos, pelo contrario, que, continuarei á comparecer ás suas sessões sempre que o meu estado de saude o permittir, e que em seu serviço consagrarei os derradeiros annos de minha longa vida publica.

Aproveito-me da oportunidade, Senr. Dr. Alfredo de Carvalho, para apresentar-vos os meus protestos de alta estima e consideração.

Olinda; 31 de Janeiro de 1903.

Adelino Antonio de Luna Freire.

Passando-se depois ao objecto principal da reunião, o Senr. Presidente declarou que, á vista do officio que acabava de ser lido, propunha, em nome da meza, o Exmo. Socio benemerito, Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, para o lugar de presidente honorario, ultimamente creado na reforma dos Estatutos, em attenção aos relevantes serviços por S. Ex.^a prestados ao Instituto; e procedendo-se a eleição foi o mesmo Desembargador unanimemente eleito para o referido cargo, e o Senr. Presidente da sessão nomeou os consocios: Drs. Arthur Muniz, Pereira da Costa e Alfredo de Carvalho, para irem levar-lhe o respectivo diploma.

Em seguida procedendo-se á eleição dos membros da directoria para o anno social de 1903-1904, deu o seguinte resultado:

Presidente—Dr. João Baptista Regueira Costa.

1.^o Vice-presidente—Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques.

2.^o dito—Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3.^o dito—Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

1.^o Secretario—Dr. Alfredo de Carvalho.

2.^o dito—Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

Supplentes dos Secretarios:

Augusto Cezar da Cunha.

Dr. Vitalino Cordeiro Lins.

Oradores:

Dr. Carlos Porto Carreiro, Dr. Manoel Arthur Muniz. Thezoureiro—João Walfredo de Medeiros.

Commissão de Fundos e orçamentos—Dr. Bianor de Medeiros—Fernando Barroca—Professor Joaquim Pedro da Rocha Pereira.

Commissão de Estatutos e Redacção da Revista:

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa—Dr. Alfredo de Carvalho—Dr. Manoel Arthur Muniz.

Finda a eleição foram immediatamente empossados todos socios eleitos e pelo Senr. Presidente nomeadas as seguintes commissões:

De admissão de socios, os Drs. Aprigio Garcia, Alfredo Freire e o Senr. Augusto Cezar.

De Revisão de manuscritos e pesquisas de documentos, os Senrs. Drs. Gervasio Fioravante, Coelho Leite, Pereira da Costa e Coronel Paula Mafra.

De trabalhos de historia e geographia do Brasil, os Senrs. Drs. Rocha Carvalho, Desembargador Domingos Pinto, Julio Pires, Pedro Celso, Desembargador Teixeira de Sá e Celso de Souza.

Concluida a eleição o Senr. Dr. Regueira Costa agradeceu ao Instituto a prova de distincção com que acabava de ser honrado pelos seus dignos consocios.

Foi lida e remettida á respectiva commissão para dar parecer uma proposta para socio honorario.

E por nada mais haver a tratar-se foi levantada a sessão.

João B. Regueira Costa—Presidente, *Alfredo de Carvalho*—1.º Secretario, *Aprigio Garcia*—2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA DE 19 DE FEVEREIRO DE 1903

Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Alfredo de Carvalho, Aprigio Garcia, 1.º e 2.º Secretarios, Pereira da Costa, Bianor de Medeiros, Arthur Muniz, Alfredo Freire, Commendador Barboza Vianna e professor Rocha Pereira, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario mencionou as seguintes offertas:

Pelo Exmo. Consocio Dr. Joaquim Portella, tres volumes encadernados de—Publicações do Archivo Publico do Imperio.

Pela Academia Cearense um volume de sua Revista.

Pelas respectivas Redacções um numero da Revista a Escola e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Passando-se á ordem do dia foi lido um parecer da Commissão de admissão de socios opinando pela acceitação da proposta apresentada na sessão anterior, e correndo o eserutinio secreto, foi eleito unanimemente socio honorario do Instituto o Exmo. Senr. Conselheiro Dr. Francisco de Assis Roza e Silva.

Proclamado este resultado o Senr. Dr. Alfredo de Carvalho requereu que fosse nomeada uma commissão para levar ao Dr. Roza e Silva o respectivo diploma, e sendo este requerimento approvado o Senr. Presidente designou para fazerem parte da referida commissão os Senrs. Drs. Alfredo de Carvalho, Pereira da Costa e Aprigio Garcia.

Depois disto o Dr. Aprigio Garcia, tomando a palavra propoz e foi approvado, que se officiasse ao Senr. Dr. Henrique Raphael, 1.º Secretario do Instituto Historico Brasileiro, solicitando copia da estampa existente no mesmo Instituto, desenhada em 1830, pelo padre Francisco Carren, relativa aos acontecimentos da Pedra Bonita na Villa Bella, deste Estado.

O Senr Dr. Alfredo de Carvalho, usando tambem da palavra, disse que tendo sido protestado o saque comprado pelo Instituto ao Banco de Pernambuco, para pagamento das copias mandadas executar na Bibliotheca Real de Berlim, devido á cessação de pagamento do mesmo Banco, propunha que se autorisasse o thezoureiro a comprar novo saque, para aquelle saque, na importancia de 85 marcos.

Submettida á discussão esta proposta foi approvada, depois do que foi ainda, pelo Dr. Alfredo de Carvalho, proposta e approvada a nomeação de uma commissão para examinar os jornaes não encadernados, existentes no

Instituto, afim de se aproveitarem os que se achassem em condições de ser devidamente archivados.

Vieram á meza trez propostas, sendo duas para socios effectivos e uma para socio correspondente.

Por ultimo o Instituto deliberou que a sessão solemne de 6 de março fosse celebrada á noite, e o Senr Presidente nomeou as commissões que tem de fazer os convites ás autoridades e pessoas gradas levantando depois a sessão.

João B. Regueira Costa—Presidente, *Alfredo de Carvalho*—1.º Secretario, *Aprigio Garcia*—2.º Secretario.

SESSÃO EXTRAORDINARIA DE 26 DE FEVEREIRO DE 1903

Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa

A' uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Alfredo de Carvalho, Aprigio Garcia, 1.º e 2.º Secretarios, Arthur Muniz, Bianor de Medeiros, Eudoxio de Brito, Alfredo Freire, Gervasio Fioravante e os Senrs. Comendador Barboza Vianna e Soares Brandão, abriu-se a sessão.

Lida a acta antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1º Secretario mencionou as seguintes offertas:

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes.

Mandou-se archivar.

Vindo á meza uma proposta da commissão de admisión de socios, opinando pela approvação das propostas apresentadas na sessão anterior para socios correspondentes os Drs. Egas Muniz Barreto de Aragão e Augusto de Lima, e effectivos o Dr. Braz Florentino Henrique de Souza, foi a mesma lida pelo Senr. Dr. 1º Secretario, e correndo o escrutinio secreto, aquelles cidadãos foram por unanimidade approvados socios do Instituto.

Em seguida o Senr. Presidente propoz que se dirigisse, ao Senr. Barão do Rio Branco, distincto socio honorario do Instituto, uma moção congratulatoria pela brilhante attitude por S. Ex.^a assumida na questão do Acre.

Sendo approvada por unanimidade esta proposta, o Senr. Presidente designou o Dr. Arthur Muniz para redigir a alludida moção.

Por ultimo o Senr. Dr. Alfredo de Carvalho propoz

que a meza providenciasse no sentido do Instituto se constituir pessoa juridica, ficando autorizado a fazer as despesas que para tal fim sejam necessarias.

Submettida á discussão esta proposta foi sem debate approvada.

E por nada mais haver a tratar-se foi levantada a sessão.

João B. Regueira Costa—Presidente, *Alfredo de Carvalho*—1.º Secretario, *Aprigio Garcia*—2.º Secretario.

SESSÃO SOLEMNE EM 6 DE MARÇO DE 1903

Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa

As 7 horas da noite presentes os Senrs. Major Peregrino de Farias, Alferes Maia e Silva, representantes dos Exmos. Senrs. Conselheiro Governador do Estado e Coronel Commandante da Brigada Policial, Commissão do Lyceu de Artes e Officios, alumnos do Collegio Pestalozzi, senadores, deputados, magistrados, diversas senhoras e muitos cidadãos de todas as classes da Sociedade, verificou-se igualmente a presença dos seguintes socios do Instituto:

Drs. Regueira Costa, presidente, Alfredo de Carvalho, Aprigio Garcia, 1.º e 2.º Secretarios, Pereira da Costa, 3.º Vice-presidente, Arthur Muniz, orador, Bianor de Medeiros, Monsenhor Estanslau de Carvalho, Braz Florentino, Silva Leal, Sebastião Galvão, e os Senrs. Comendador Barboza Vianna, Soares Brandão e Professor Rocha Pereira.

O Senr. Presidente depois de proferir um discurso analogo ao acto declarou aberta a sessão.

Occupou depois a tribuna o orador Dr. Arthur Muniz o qual fallou largamente sobre o assumpto da solemni-
dade.

Em seguida, não havendo mais oradores inscriptos, nem pessoas que quizessem usar da palavra, o Senr. Presidente agradecendo ás pessôas presentes o seu comparecimento encerrou a sessão.

A musica do 2.º Corpo de Policia, antes e durante o acto, tocou diversas peças do seu repertorio.

João B. Regueira Costa—Presidente, *Alfredo de Carvalho*—1.º Secretario, *Aprigio Garcia*—2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA DE 20 DE MARÇO DE 1903

Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Alfredo de Carvalho, 1.º Secretario, Pereira da Costa, Braz Florentino, Arthur Muniz, Bianor de Medeiros e os Senrs. Commendador Barboza Vianna e Augusto Cezar substituindo o 2.º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi aprovada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio da Sociedade Litteraria "Bernardo Vieira de Mello," convidando o Instituto para se fazer representar em sua festa anniversaria, a realizar-se em 14 do corrente.

Tiveram conhecimento do convite todos os Senrs. socios que compareceram na sede do Instituto.

Um dito do Centro director dos Operarios de Pernambuco, remettendo a lista dos membros de sua directoria no anno social de 1903-1904. Mandou-se agradecer.

Um dito do Gremio Litterario "Manoel Xavier" de 24 de Fevereiro, communicando a sua inauguração solemne em Palmares, ás 7 horas da noite d'aquelle dia. Mandou-se agradecer.

Um dito do Senr. Alberto F. Rodrigues, 1.º Secretario da bibliotheca publica pelotense, pedindo para a mesma bibliotheca uma colleção da Revista e outras publicações do Instituto. Mandou-se satisfazer.

Um dito do Dr. Director da Escola de Engenharia do Estado, communicando ter nomeado uma comissão para representar a mesma Escola na sessão solemne do Instituto de 6 de Março. Inteirado.

Um dito do Exmo. Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques, presidente do Senado, de 5 do corrente, convidando o Instituto a se fazer representar na abertura do Congresso do Estado no dia 6.

Deixou de ser nomeada a Commissão por ter chegado tarde o convite.

Um dito da Sociedade Monte Pio Popular Pernambucano e outro da directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, desculpando-se por não terem podido se fazer representar na sessão solemne de 6 de Março. Inteirado.

Um dito do Dr. Director da Secretaria do Senado do Estado, offertando um exemplar dos Annaes dos trabalhos do mesmo Senado, no anno p. passado. Mandou-se agradecer.

Um dito do 1.º Secretario da Camara dos Senrs. deputados do Estado offertando dous exemplares dos Annaes e da Synopse dos trabalhos da mesma Camara, relativos á sessão do anno findo. Mandou-se agradecer.

Offertas:

Pelo Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, um boletim mensal do Observatorio do Rio de Janeiro.

Pelo Ministerio de Fomento um boletim mensal do Corpo de Engenheiros de minas.

Pelas respectivas Redacções um numero de cada uma das seguintes Revistas: Militar, Escola, Vida Moderna e Pernambucana, bem como diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Senr. Dr. Braz Florentino obtendo a palavra, declarou que a commissão, de que fez parte, incumbida de representar o Instituto nas missas de 7.º dia, pelo socio benemerito e ex-presidente Dr. João José Pinto Junior, desempenhou-se de sua incumbencia.

O Senr. Presidente communica o fallecimento do Consocio Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, e o Dr. Arthur Muniz propoz, e foi approvedo, que se consignasse na acta um voto de pesar por esse infausto acontecimento.

Por ultimo o Senr. Presidente propoz ao Instituto que se levantasse a sessão em signal de condolencia pelo passamento do Conselheiro Dr. João José Pinto Junior, presidente que foi do Instituto, o que sendo unanimemente approvedo, levantou-se a sessão.

João B. Regueira Costa—Presidente, *Alfredo de Carvalho*—1.º Secretario, *Augusto Cezar da Cunha*—2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA DE 16 DE ABRIL DE 1903

Presidencia do Exmo. Presidente honorario Desembargador Luna Freire

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Desembargador Luna Freire, presidente honorario, Regueira Costa, presidente effectivo, Alfredo de Carvalho 1.º Secretario, Pereira da Costa, Arthur Muniz, Braz Florentino, Guedes Alcoforado, e os Senrs. Soares Brandão e Augusto Cezar, substituindo o 2º Secretario, o Senr Desembargador Luna Freire, convidado pelo Dr. Regueira Costa, occupando a cadeira da presidencia, abriu a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada e o Dr. 1.º Secretario mencionou as seguintes offertas que se mandou archivar:

Pelo Archivo Publico Mineiro um volume de sua Revista.

Pela livraria "Antigo Bazar Catholico" um catalogo de livros.

Pelo Senr. J. A. Silveira dous folhetos O Brinquedo da Peste.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa dous numeros do seu Boletim.

Pelo Senr. Carls Hiersemann um catalogo de livros.

Pelas Redacções um numero da Revista Militar, outro da Escola e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Foi lida e remettida á Commissão de admissão de socios uma proposta para socio correspondente.

Foi approvada uma proposta apresentada pelo Dr. Pereira da Costa para que o Instituto se dirigisse ao Senr. Prefeito do Municipio de Olinda solicitando-lhe uma pedra que foi retirada da demolida fachada do predio fronteiro á igreja do Corpo Santo e pertencente ao Conselho d'aquelle municipio, em cuja pedra se vê em relevo as armas do mesmo, e em baixo a inscripção "Casa do Senado de Olinda" 16...

Foi igualmente approvada outra proposta do Dr. Alfredo de Carvalho, afim de que o Instituto procure obter uma copia do manuscripto—"Notas Dominicæes" tomadas durante os annos de 1816, 1817 e 1819, em Per-

nambuco, por F. Tolenare, cujo manuscrito existe na bibliotheca de Santa Geneveva, em Pariz, e que para isso fosse o thezoureiro autorizado a comprar um cheque de 200 frs.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

João Baptista Regueira Costa—Presidente, *Alfredo de Carvalho*—1.º Secretario, *Augusto Cezar da Cunha*—2.º Secretario.

SESSÃO ORDINARIA DE 30 DE ABRIL DE 1903

Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Alfredo de Carvalho, 1.º Secretario, Pereira da Costa, Guedes Alcororado, Sebastião Galvão, Braz Florentino, e os Senrs. Commendador Barboza Vianna e Augusto Cezar, substituindo o 2º Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Senr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um convite do Conselho Superior da Sociedade Propagadora da Instrucção Publica, para o Instituto se fazer representar na sessão solemne de inauguração da Escola de Pharmacia fundada pelo mesmo Conselho, cuja sessão terá lugar as 7 horas da noite do dia 10 de Maio p. vindouro.

Para corresponder ao convite o Senr. Presidente nomeou uma commissão composta dos Drs. Arthur Muniz, Alfredo de Carvalho e Pereira da Costa.

Offertas:

Pelo Observatorio do Rio de Janeiro um volume do seu Anuario.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa, dous numeros do seu Boletim.

Pelas respectivas Redacções um exemplar da Revista a Escola e diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram lidas e remetidas á commissão de admissão

de socios, para dar parecer, duas propostas para socios effectivos e tres para socios correspondentes.

O Senr. Dr. Sebastião Galvão propoz e o Instituto approvou, a impressão da obra inedita do Dr. Pereira da Costa, intitlada—Estudos para a historia de Pernambuco.

Por fim o Senr. Presidente communica ao Instituto o fallecimento do Socio Correspondente Dr. Alfredo Moreira Pinto e resolveu-se que fosse lançado na acta um voto de pezar por esse infausto acontecimento.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

João B. Regueira Costa—Presidente, *Alfredo de Carvalho*—1.º Secretario, *Augusto Cezar da Cunha*—2.º Secretario.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 28 DE MAIO DE 1903

Presidencia do Senr. Dr. Regueira Costa

A uma hora da tarde presentes os Senrs. Drs. Desembargadores Francisco Luiz e Domingos Pinto, Alfredo de Carvalho, 1.º Secretario, Sebastião Galvão, substituindo o 2.º Secretario, que não compareceu, Carlos Porto Carreiro, Julio Pires, Guedes Alcoforado, Pereira da Costa, Braz Florentino, Carneiro Villela, e os Senrs. Comendador Barboza Vianna e Soares Brandão, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio da meza administrativa do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, de 9 do corrente, pedindo para o seu archivo, os livros manuscriptos relativos á passagem e lutas dos hollandezes pela antiga comarca, hoje Estado de Alagoas, livros pertencentes á este Instituto de Pernambuco.

Mandou-se responder não ser possivel ceder-se os referidos livros por a isto opporem-se os Estatutos que regem esta Associação, mas que ficavam á disposição do Instituto de Alagoas para, na séde deste de Pernambuco, mandar extrahir as copias de que precisasse.

Offertas:

Pelo Exmo. Provedor da Santa Caza de Mizericordia do Recife um volume do relatorio que apresentou á Junta da mesma Santa Caza de Mizericordia, relativo ao anno de 1901.

Pelo Museu Paraense um volume do seu Boletim.

Pelo Ministerio da Justiça e Negocios Interiores um exemplar do Relatorio que apresentou ao Presidente da Republica em 1902.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa dous volumes de seu Boletim.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e approvedo o parecer da commissão de contas sobre os balancetes da receita e despesa do Instituto, nos cinco trimestres de janeiro á março, abril á junho, julho á setembro, outubro á dezembro de 1902 e janeiro á março do corrente anno.

O Senr. Dr. Regueira Costa declarou que tendo concedido o salão de honra do Instituto para nelle ser solememente installada a Escola de Pharmacia, autorisara as despesas necessarias, que devem ser feitas por conta do Instituto, cuja approvação pede, o que foi unanimemente approvedo, dando-se disso conhecimento ao Senr. Thezoureiro.

O Senr. Dr. Pereira da Costa leu um extenso trabalho de sua lavra sobre a data em que, foi proclamada a *Confederação do Equador*, em 1824, concluindo por affirmar que esta data, foi 2 e não 24 de julho, como até hoje se tem pensado.

Tratando-se de um assumpto importante, o Senr. Presidente nomeou uma commissão composta dos Drs. Alfredo de Carvalho, Carlos Porto Carreiro e Sebastião Galvão, para estudar a questão e emittir o seu parecer a respeito.

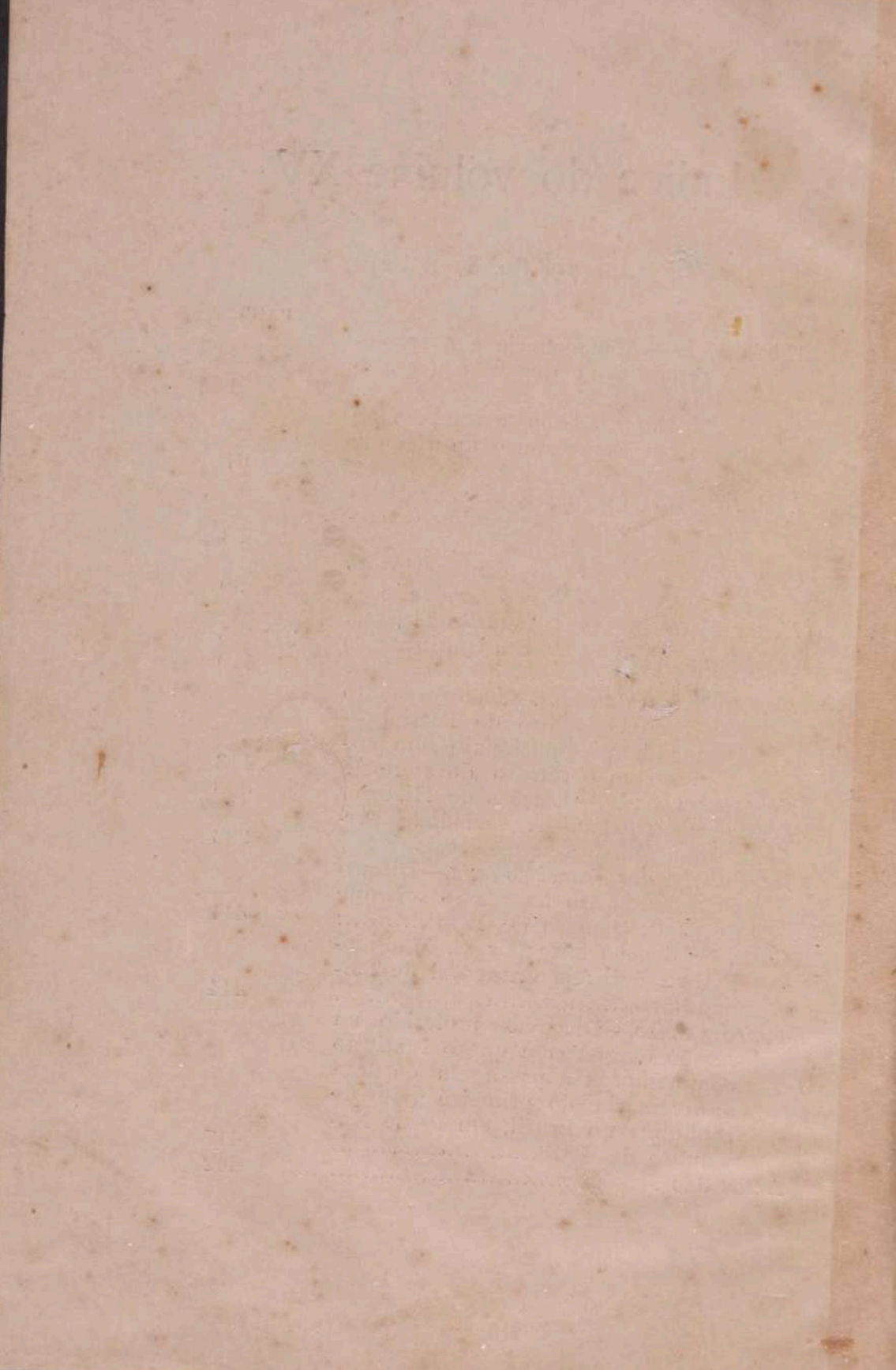
Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

João B. Regueira Costa—Presidente, *Alfredo de Carvalho*—1.º Secretario, *Augusto Cezar da Cunha*—2.º Secretario,

Indice do volume XV

(NS. 79, 80, 81 E 82)

	PAGS.
<i>Mário Melo.</i> —A maçonaria e a revolução republicana de 1817 (com 5 estampas)	1
<i>Dr. Souto Maior.</i> —Uma assembléa de índios em Pernambuco no anno de 1645	61
<i>J. B. Regueira Costa.</i> ...Recifes de pedra do Estado de Pernambuco (traducção).....	78
Commemoração ao 1.º centenario do nascimento de Nunes Machado....	90
<i>Henry Koster.</i> —Viagens no Brazil (trad. de A. Pimentel. Em continuação)	103-425
Declaração.....	110
<i>Dr. Aprigio Guimarães.</i> —João de Souto Maior ou O Delirio do Patriota—Drama historico-nacional. (Obra posthuma, com o retrato do auctor).	113
<i>Sebastião Galvão.</i> —Licções de Historia	358 ;
<i>Elysio de Carvalho.</i> —A sociedade pernambucana nos tempos coloniaes..	393
<i>Desembargador Francisco Luiz.</i> —Discurso pronunciado na sessão solemne de 27 de Janeiro de 1913.....	411
Carta de doação feita por S. M. Fidelissima á Igreja Cathedral de Pernambuco.....	414
<i>Pedro Celso.</i> —Discurso proferido na sessão magna com que o Instituto commemorou a passagem da data anniversaria do primeiro grito de republica no Brazil, em 10 de Novembro de 1913.....	417
Actas das sessões	442



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)